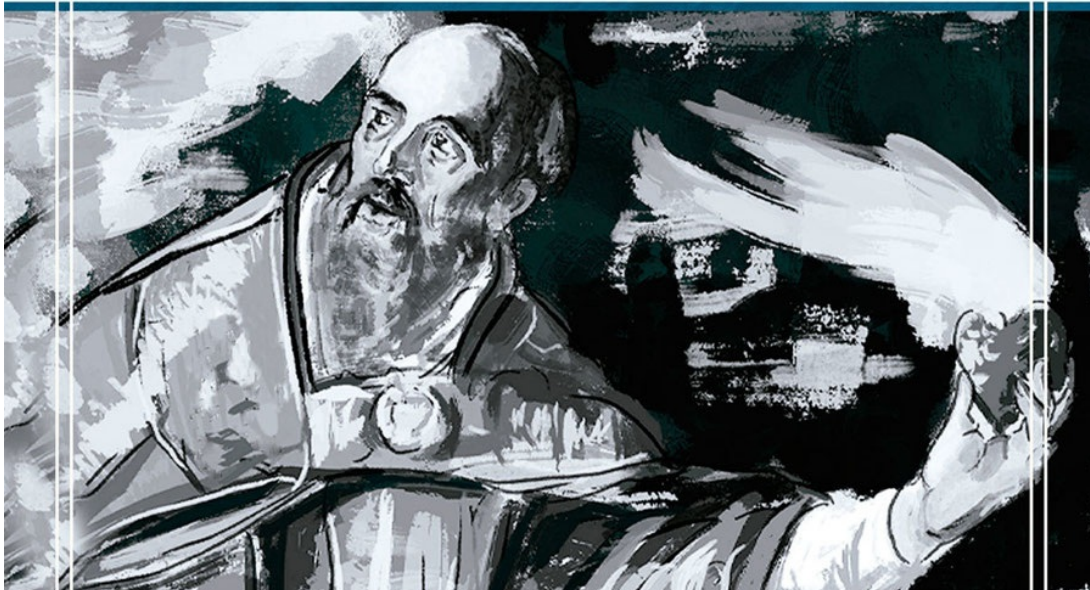




ROGER E. OLSON

CRISTIANISMO FALSIFICADO

A Persistência de Erros Históricos na Igreja

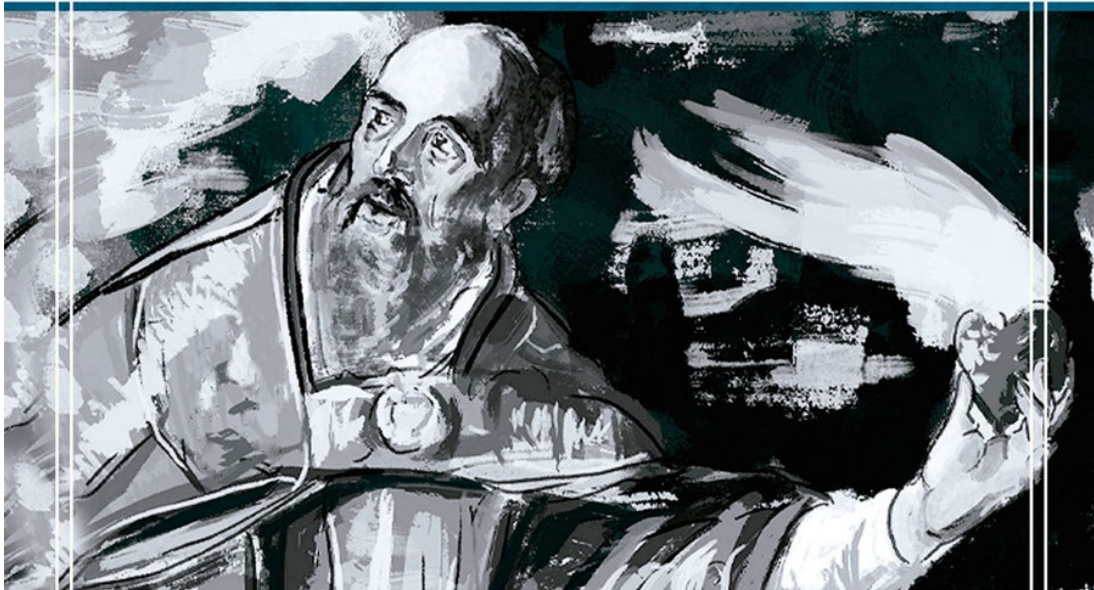




ROGER E. OLSON

CRISTIANISMO FALSIFICADO

A Persistência de Erros Históricos na Igreja



ROGER E. OLSON

CRISTIANISMO
FALSIFICADO

A Persistência de Erros Históricos na Igreja



Traduzido por Luís Aron de Macedo

1ª Edição



Rio de Janeiro
2021

Todos os direitos reservados. Copyright © 2021 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: Counterfeit Christianity: The Persistence of Errors in the Church

Abingdon Press, Nashville, EUA

Primeira edição em inglês: 2015

Tradução: Luís Aron de Macedo

Preparação dos originais: Cristiane Alves

Revisão: Miquéias Nascimento

Capa: Elisangela Santos

Projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos

Conversão para ebook: Cumbuca Studio

CDD: 201- Filosofia e Cristianismo

e-ISBN: 978-65-5968-065-8

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2021

Dedicado aos meus amigos cristãos

Paul Frye e Greg Hildebrandt

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Rosto](#)

[Sumário](#)

[1. Entendendo a Heresia](#)

[2. Entendendo a Ortodoxia](#)

[3. O Pai de todas as Heresias: o Gnosticismo](#)

[4. Causando Problemas para a Revelação Divina: O Montanismo e o Marcionismo](#)

[5. Duvidando da Divindade de Jesus Cristo: O Adocionismo, o Arianismo e o](#)

[Nestorianismo](#)

[6. Contestando a Trindade: O Subordinacionismo, o Modalismo e o Triteísmo](#)

[7. Pondo de Lado a Graça: O Pelagianismo e o Semipelagianismo](#)

[8. Fazendo de Deus um Monstro: O Determinismo Divino](#)

[9. Reduzindo Deus a um Tamanho Gerenciável: O Deísmo Terapêutico Moralista](#)

[10. Usando Deus para Ganho Pessoal: O Evangelho da Prosperidade](#)

[Notas](#)

Landmarks

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Página de Créditos](#)

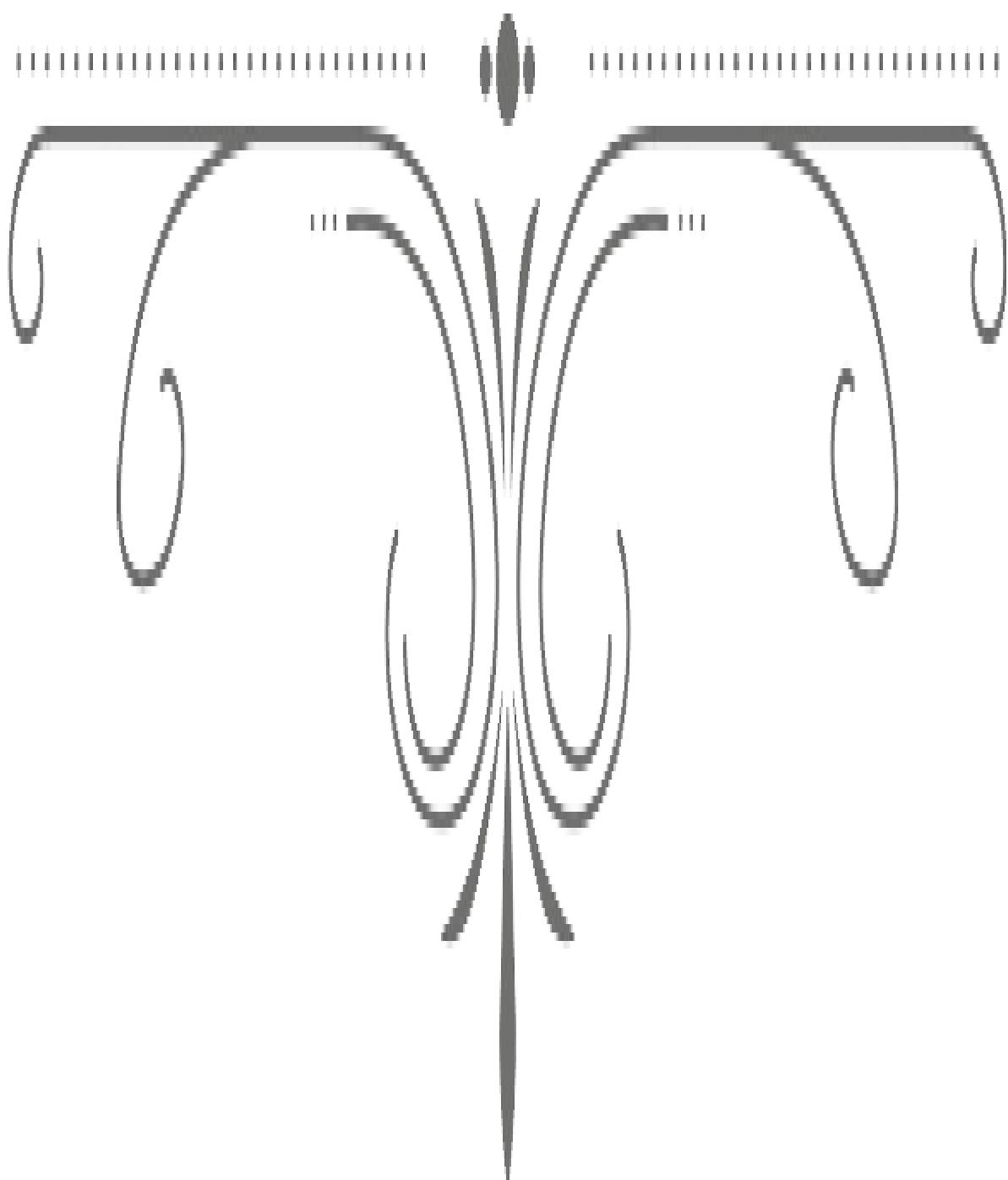
[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Bibliografia](#)

Capítulo 1

Entendendo a Heresia



Por que Estudar Heresias?

Você deveria ler um livro sobre heresias? Alguns cristãos bem-intencionados, incluindo muitos pastores, diriam que não. “Deixe de lado; leia sobre a verdade, não sobre o erro.” Uma ilustração popular de sermão diz que, quando o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos (ou o Serviço Secreto) ensina os caixas bancários a identificar dinheiro falsificado, eles nunca mostram o dinheiro falso; apenas fazem que estudem o dinheiro verdadeiro para que reconheçam o dinheiro falso pelo contraste com o verdadeiro. O objetivo da ilustração do sermão é exortar os cristãos a estudar a verdade, e não a heresia.

A primeira vez que ouvi a ilustração, duvidei. Não me pareceu provável. Resolvi escrever uma carta para o departamento governamental dos Estados Unidos encarregado de treinar os caixas bancários a identificar dinheiro falsificado. Ainda tenho a carta de resposta nos meus arquivos. O agente que respondeu negou a história e afirmou que eles fazem com que os caixas bancários estudem o dinheiro falso também. Trata-se apenas de bom senso.

Como começou a ilustração do sermão e por que ela tornou-se tão popular? (Já vi essa ilustração em introduções a livros sobre teologia cristã!)

Suspeito que muitos pastores gostariam que seus congregantes interessassem-se mais no estudo da Bíblia e da sã doutrina cristã do que em aprender sobre cultos. Entre as décadas de 1960 e 1990, os Estados Unidos experimentaram uma onda de interesse nos chamados “cultos e novas religiões” — movimentos espirituais alternativos ao cristianismo tradicional. Muitos cristãos ficaram obcecados em estudá-los. Os pastores e teólogos ficaram consternados com a paixão e fervor das pessoas a favor e contra tais cultos e preocuparam-se com o fato de que, por não estarem bem fundamentadas na fé cristã, poderiam ser influenciadas pela retórica persuasiva para juntar-se a um movimento herético de culto não cristão. (A palavra “culto” entre os americanos era então usada para referir-se a ensinamentos religiosos heréticos e não ortodoxos. Mais tarde, passou a ser usada para aludir a grupos religiosos violentos ou abusivos ganhando a conotação de seita.)

Embora eu entenda a preocupação, também me preocupo que muitos cristãos

tenham pouco ou nenhum entendimento de doutrinas ou crenças contrárias ao cristianismo tradicional e histórico. As doutrinas alternativas inserem-se entre os cristãos, às vezes, por mero mal-entendido da Bíblia ou da sã doutrina e outras vezes por infiltração, quando mestres de falsas doutrinas tentam converter os cristãos à maneira como esses mestres pensam e creem.

Muitos cristãos são crédulos quando se trata de serem persuadidos por fornecedores de falsas doutrinas que falam com muita lábia. Outros não sabem reconhecer as falsas doutrinas quando as encontram. Às vezes, é difícil saber a diferença entre a verdade e o erro, sobretudo para o estudioso não teólogo ou não bíblico.

Este livro é para as pessoas que querem saber o que significa “heresia”, por ser ainda um conceito útil e até necessário, e que desejam discernir entre a heresia e a verdade. Mas não espere uma prova incontestável! Se fosse assim tão fácil, não haveria heresias vigentes. Muitos cristãos contemporâneos estão preocupados com o fato de as suas igrejas terem se tornado doutrinariamente pluralistas. Em outras palavras, elas adotaram a mentalidade do “vale tudo” quanto a doutrinas ou abandonaram completamente a doutrina. Mas o que passa a ocupar o lugar da sã doutrina não é um vácuo; é um caos.

Para aqueles que estão ficando nervosos porque a conversa sobre “heresia” deixa as pessoas nervosas em nossa sociedade orientada à tolerância, permitam-me assegurá-los de que não sou “caçador de heresias”. Não acredito em inquisições doutrinárias. O que acredito é no discernimento, algo que o apóstolo Paulo exortou os leitores cristãos do século I a desenvolver e praticar. Inquisições doutrinárias e provas de heresia não são necessárias; o discernimento cristão é necessário. Caso contrário, nós, como cristãos, não temos uma mensagem comum entre o nosso povo ou com o mundo ao redor. Não nos tornamos um coral, que canta a mesma mensagem com vozes diferentes, mas uma cacofonia, uma confusão de sons que afasta as pessoas com as mãos tapando os ouvidos.

A heresia depende da ortodoxia. Ortodoxia é a correção teológica e doutrinária — a crença correta. A heresia é o ensino (não apenas a crença equivocada) que nega a ortodoxia. Em outras palavras, a heresia é um erro doutrinário sério, e não pequeno. É, como será explicado ao longo deste livro, um erro que atinge o cerne do Evangelho de Jesus Cristo. Toda denominação e igreja cristã têm algum senso de ortodoxia, quer use, quer não, o termo. Todos têm uma crença comum e seu fundamento, base e estrutura. É o que C.S. Lewis chamou de “cristianismo

puro e simples” em seu famoso livro com o mesmo título. Pense na ortodoxia cristã comum como um “cristianismo puro e simples”. Recomendo fortemente a leitura desse ou de qualquer outro livro semelhante para que o leitor tenha uma ideia do que os cristãos tradicionalmente creem sobre Deus, Jesus Cristo, o evangelho e a salvação.

Concordo com os que argumentam que é mais importante que os cristãos saibam no que devem crer, como seguidores de Jesus Cristo e membros de sua igreja, do que no que não devem. Por outro lado, vivemos em um mundo cheio de cristanismos falsificados — sistemas de crenças e doutrinas que afirmam ser cristãos e conflitam muito seriamente com o Evangelho de Jesus Cristo. Ter a capacidade de reconhecê-las como falsificações do cristianismo verdadeiro é importante para o discipulado cristão. Deus se importa com o que cremos acerca dEle. Algumas crenças sobre Deus desonram-no gravemente, pois distorcem sua natureza e o que Ele fez por nós em Jesus Cristo. Ou inflam a natureza humana e a capacidade de salvar a nós mesmos, que é outra maneira de desonrar a Deus.

Estudar falsas doutrinas também é uma maneira de proteger a igreja. A igreja é a comunidade do povo de Deus e a saúde, e o bem-estar dela depende, pelo menos em parte, de crermos em Deus corretamente. Será que estamos verdadeiramente adorando a Deus juntos, se muitos de nós têm ideias distorcidas sobre quem Deus é e o que Ele fez por nós, e faz dentro de nós, e entre nós? O apóstolo Paulo exortou os cristãos do século I a terem uma só mente, a saber, a mente de Cristo. Ele não quis dizer que todos tinham de ter exatamente os mesmos pensamentos; ele quis dizer que todos os cristãos deveriam concordar com as verdades básicas sobre Deus, Jesus e a salvação. Sem a sã doutrina, as igrejas tornam-se pouco mais do que clubes religiosos.

Por fim, estudar heresias ajuda-nos a entender e apreciar a sã doutrina. Um dos meus professores do seminário gostava de dizer aos que se opunham ao estudo das heresias: “Se o estudo dos falsos ensinamentos leva você a apreciar sua fé evangélica, que assim seja! Pode ficar irritado com o estudo!”. Posso testemunhar que o estudo das heresias nunca me atraiu para elas; sempre me levou de volta ao cristianismo puro e simples, ao cristianismo ortodoxo, à doutrina cristã tradicional. Descobri que todas as verdadeiras heresias (nem tudo o que alguém chama de heresia é heresia) são não bíblicas, ilógicas e espiritualmente destrutivas.

Cristianismo Falsificado?

Algumas pessoas podem irritar-se com a ideia de cristianismo falsificado. Somos muito sensíveis à intolerância, até para dizer “você está errado”. Não parece educado. Somente os fundamentalistas, aqueles cristãos (e outros religiosos) empedernidos, rígidos e de mente estreita que falam sobre cristianismo falsificado, certo? Não concordo. Nunca conheci um cristão que, quando confrontado com alguma versão do cristianismo, alguma suposta crença cristã, não ficou horrorizado e pensou, se é que não disse: “Isso não é Cristianismo!”. Durante a década de 1930, um grupo que se autodenominou “cristãos alemães” surgiu nas igrejas cristãs alemãs. Eles dedicaram-se ao partido e ideologia nazista e a Hitler como um novo messias. Isso levou a uma “luta de igrejas” na qual outro grupo, a Igreja Confessante, separou-se das igrejas sustentadas pelo Estado tomadas pelos nazistas. Dietrich Bonhoeffer era um líder do último grupo. Até hoje, alguns cristãos nos Estados Unidos aderem à ideologia da supremacia branca que promove o ódio contra os afro-americanos e os judeus.

A maioria dos cristãos confrontados com esses fenômenos dirá rapidamente: “Mas eles não são cristãos verdadeiros”. Portanto, nem tudo que afirma ser cristão realmente é. Há cristãos, porém, que evitam tratar qualquer crença como prejudicial em si mesma, desde que não resulte em violência ou opressão. Mas, como disse certo teólogo, toda heresia é cruel, no sentido de que afasta as pessoas da verdade, direciona-as à ilusão e distorce nosso relacionamento com Deus.

Por quase dois milênios, os cristãos concordaram que a crença correta é parte importante do Cristianismo. Deram-lhe diferentes graus de importância e infelizmente exageraram quando perseguiram as pessoas que eles consideravam erradas. Essa é grande parte do motivo pelo qual muitos cristãos modernos (sem mencionar os não cristãos!) tremem diante das palavras heresia e herege, por causa da lembrança de pessoas sendo afogadas, queimadas na fogueira e torturadas por defensores da ortodoxia. Todavia, nem todos os defensores da ortodoxia cristã fazem caçadas à heresia ou inquisições. Muitos são amáveis e gentis com os que eles consideram errados em suas crenças, mesmo quando tiveram de corrigi-los.

Existem graus de heresia. O racismo em nome de Cristo é pior do que, digamos,

a crença na reencarnação. (Essa crença é tradicionalmente considerada heresia pela maioria das igrejas cristãs, embora muitos cristãos acreditem nela.) Existem muitos métodos para lidar com a heresia. É raro alguém ser fisicamente prejudicado por ensinar heresia, pelo menos no mundo ocidental moderno. No entanto, a correção pastoral, gentil e amorosa também é uma maneira de lidar com as heresias ensinadas pelos cristãos. Essa é quase sempre a única maneira de lidar com a heresia hoje, se é que é feita.

A questão é que existe um cristianismo falsificado, e quase todo mundo que pensa sobre o assunto sabe disso. Nem tudo o que vem sob o rótulo de cristão é compatível com o Evangelho de Jesus Cristo. Os “cristãos alemães” não eram cristãos de verdade e precisavam de forte correção de pastores-teólogos como Bonhoeffer. Quando não se permitiram ser corrigidos e persistiram em proclamar a Hitler como o novo messias e o nazismo como o novo evangelho ao lado, senão acima, de Jesus Cristo e da Bíblia, os verdadeiros cristãos tiveram de separar-se deles e fundar a Igreja Confessante. Em qualquer lugar, o mesmo poderia acontecer hoje, embora, na maioria das vezes o cristianismo falsificado seja um pouco mais difícil de identificar e a transigência americana contemporânea juntamente com a tolerância milita contra qualquer forte correção dele.

Um pressuposto básico deste livro é que existe o cristianismo falsificado e que quase todas as formas dele existem há muito tempo. As heresias que os cristãos primitivos enfrentaram e lidaram ainda estão desafiando o evangelho e às comunidades cristãs de dentro e de fora. As heresias vivas são as antigas que continuam a assumir novas formas.

O objetivo deste livro é informar aos cristãos preocupados sobre essas heresias perenes, os cristianismos falsificados, para que possam praticar o discernimento e a correção em espírito de amor. Meu objetivo não é iniciar caçadas por heresia ou fazer inquisições. É ajudar os cristãos a saber quais são as principais heresias, no que elas creem e por que são falsificações da verdade.

Se existe um pressuposto importante neste livro é que, se o cristianismo é compatível com tudo e qualquer coisa, então ele não é nada. Em outras palavras, se o cristianismo é compatível com toda e qualquer crença, então é sem sentido. Há um conteúdo cognitivo no cristianismo, que tem um certo sistema de crenças, uma visão de mundo e uma perspectiva que inclui doutrinas. O afastamento disso mina a integridade do cristianismo e abre as portas e as janelas das igrejas

para todo tipo de confusão e declínio do discipulado.

Significados Válidos e Inválidos da Heresia

Agora é a hora de esclarecer algumas confusões comuns sobre esses termos. Se você entrevistasse uma centena de pessoas de dez igrejas diferentes (para não falar de um shopping ou outro local público secular) e perguntasse o que significa heresia, obteria 50 respostas diferentes. É tentador dizer que a heresia é um conceito essencialmente contestado. Isso ocorre porque, pelo menos em um contexto social pluralista sem igreja estatal ou dentro de uma igreja ou denominação sem uma ortodoxia doutrinária imposta, não há padrão ou critério para determinar a heresia. A heresia depende da ortodoxia. Onde não há ortodoxia, um conjunto de crenças teologicamente correto, a heresia dificilmente pode existir. Pelo menos não a heresia formal. Ainda pode haver e sempre haverá crenças às quais a maioria das pessoas opõe-se. Tente promover o socialismo em uma comunidade do extremo sul dos Estados Unidos! Mesmo entre as pessoas que não têm ortodoxia religiosa, você pode ouvir acusações de “heresia!”. Essa é a heresia informal, que é a crença que a maioria das pessoas considera seriamente errada.

Este livro é sobre a heresia formal, que é a crença que está errada por algum padrão acordado. Mas, em uma sociedade pluralista como os Estados Unidos, não existe um padrão religioso acordado. O que é heresia em uma comunidade religiosa não é em outra. Mesmo assim, penso que podemos falar sobre heresia formal em termos de cristianismo puro e simples. Seria a crença que vai contra, nega ou contradiz o que os cristãos em todos os lugares sempre têm crido. É o ensino doutrinário que contradiz categoricamente a Grande Tradição da interpretação bíblica entre os cristãos de todas as variedades — cristãos ortodoxos orientais, católicos romanos, protestantes. Até a maioria das denominações e igrejas protestantes tem algum padrão de crença que começa com os grandes ensinamentos do cristianismo antigo e da Reforma — a divindade e a humanidade de Jesus Cristo (a encarnação), a Trindade, o pecado original (que todos os seres humanos, por alguma razão, necessitam de salvação), a salvação somente pela graça de Deus, a morte e ressurreição de Jesus Cristo como coisas necessárias para a salvação, a inspiração da Bíblia e assim por diante. Esses

ensinos, sem muita elaboração e acréscimo, constituem a crença cristã ecumênica, ou seja, o “cristianismo puro e simples”.

Se você reunisse pastores e líderes leigos das igrejas ortodoxas orientais, das igrejas católicas romanas e de vários grupos protestantes e pedisse que fizessem uma lista de suas crenças cristãs essenciais, as crenças supracitadas estão entre as que apareceriam no topo da maioria das listas. Algumas listas seriam mais longas do que outras. Tipicamente, os fundamentalistas são os cristãos de várias denominações que tendem a considerar que todas as crenças de suas igrejas são essenciais. Alguns até incluem a vinda pré-milenar de Jesus Cristo como crença cristã essencial. Algumas listas seriam muito mais curtas do que outras. Algumas igrejas, especialmente as que se consideram moderadas ou mesmo liberais, teriam listas muito curtas de crenças cristãs essenciais. Algumas igrejas poderiam dizer que não consideram nenhuma crença essencial, até que você perguntasse a elas sobre o racismo, por exemplo. Mas muitas fariam uma lista das doutrinas mencionadas no parágrafo anterior como crenças cristãs essenciais e comuns (universais) e pelo menos diriam que esperam que o clero as acate e as ensine.

As doutrinas que negam descaradamente as crenças cristãs comuns e essenciais que remontam ao cristianismo antigo, que estão enraizadas no Novo Testamento e que foram expressas nos primeiros credos cristãos, são as que mais nos preocupam aqui. Ou, para ser mais preciso, estamos mais preocupados com as negações delas — as heresias que as rejeitam e, mesmo assim, são ensinadas, às vezes, entre os cristãos.

Mas há outra forma ou grau de heresia além dessa. Vou chamar as que acabei de descrever acima de “heresias ecumênicas”, porque praticamente todas as igrejas com raízes no cristianismo antigo ou na Reforma reconhecem-nas como tais. A segunda forma é a que chamarei de “heresias denominacionais”. São as crenças que contradizem as doutrinas distintivas de certas denominações de cristãos (ou tradições; grupos de denominações que creem da mesma forma).

Por exemplo, para um católico crer e ensinar que Jesus Cristo não era Deus encarnado, verdadeiramente humano e verdadeiramente divino, é uma heresia ecumênica, porque praticamente todos os cristãos sempre creram nisso, apesar de haver (como veremos) vozes minoritárias que falem contra isso de vez em quando. Mas, para o católico crer que Maria nasceu com pecado original ou morreu, em vez de ser levada ao céu em uma espécie de “transladação”, também

é uma heresia. As ideias sobre Maria são distintivas para os católicos, mas não para os protestantes; são, portanto, heresias apenas entre os católicos. Esses são exemplos do que chamo de “heresias denominacionais” em oposição a “heresias ecumênicas”. As heresias denominacionais não são as principais preocupações deste livro. Só para começar a discutir todas as heresias denominacionais consumiria numerosos livros!

Outro exemplo de heresia denominacional pode ajudar a definir precisamente a diferença em relação à heresia ecumênica. Os batistas ensinam que somente as pessoas com idade suficiente para confessar a fé cristã devem ser batizadas nas águas. Chama-se “batismo de crentes”. Por não crerem que o batismo infantil seja “batismo de verdade” (eles consideram que é dedicação infantil com água), os batistas “rebatizam” (para usar um termo não batista) as pessoas que foram batizadas quando eram bebês.

Para os batistas, advogar e praticar o batismo infantil seria heresia. Para os católicos ou os luteranos, advogar e praticar o “rebatismo” seria heresia. (Os católicos e os luteranos concordam que os bebês devem ser batizados e que “rebatizar” pessoas já batizadas está seriamente errado.)

Toda denominação tem doutrinas distintivas escritas ou não escritas, e a negação delas constitui o que estou chamando de “heresia denominacional”. Mas, obviamente, o que é heresia em uma denominação não é em outra!

Se fôssemos listar todas as heresias ecumênicas, o assunto deste livro, a lista seria relativamente curta. Mas, se tentarmos listar todas as heresias denominacionais, bem, seria difícil, senão impossível, incluí-las em algo que não fosse uma biblioteca! Afinal, existem mais de trezentas grandes denominações nos Estados Unidos e pelo menos mil e duzentas denominações menores!

Até agora, descrevi a heresia e duas versões dela — a “ecumênica” e a “denominacional”. Agora é hora de examinar outra distinção importante: entre os usos “descritivo” e “prescritivo” da palavra heresia.

Quando uma pessoa rotula um ensino doutrinário de heresia, ela pode estar usando o rótulo de modo descritivo ou prescritivo ou ambos. Descritivo significa o que diz: descrever. Quando uma pessoa diz, por exemplo, que a negação da Trindade (em geral, uma maneira particular de negá-la) é heresia, ela pode estar dizendo que a maioria dos cristãos sempre a considerou seriamente errada,

destrutiva para o evangelho, contraditória para a ortodoxia cristã e assim por diante. Ela pode não estar dizendo que a Trindade deve ser considerada heresia. A pessoa que diz isso pode até não ser cristã; ela pode ser, por exemplo, uma atea que ensina religião em uma universidade secular (existem pessoas assim). Claro que tal pessoa não está dizendo isso prescritivamente, ou seja, que a Trindade deve ser uma heresia.

Prescritivo significa o que diz: prescrever algo como “deve ser crido”. A pessoa que diz que a negação da Trindade é heresia pode estar dizendo que os cristãos que negam a Trindade estão errados e devem ser corrigidos.

Lógico que a pessoa pode estar dizendo que a negação da Trindade é uma heresia em ambos os sentidos — descritivo e prescritivo. É obviamente muito improvável que ela esteja dizendo apenas no sentido prescritivo. Em geral, a pessoa que declara que algo é herético prescritivamente também está dizendo descritivamente. A única exceção seria quando a pessoa está tentando convencer outras pessoas que sua opinião doutrinária é mais do que mera opinião e deve ser aceita, por assim dizer, como ortodoxia por todo um grupo de cristãos como sua ortodoxia (quando ainda não o é).

Parecem distinções sutis, mas não são. Apenas pense. Há crenças que são comumente consideradas essenciais para todos os cristãos; são essenciais ao cristianismo autêntico. Há crenças que são consideradas essenciais para a filiação denominacional por algum grupo de cristãos, mas não tão essenciais para todos os cristãos. Mas claro que, para complicar as coisas, há cristãos que tornam todas as crenças, até suas peculiares crenças denominacionais, “essenciais ao cristianismo autêntico”. Essas pessoas são consideradas sectárias, que é a palavra que os estudiosos da religião usam para referir-se a grupos religiosos que se consideram os únicos “verdadeiros cristãos”.

A distinção prescritiva/descritiva é diferente, mas igualmente importante. Não tem a ver com algo essencial versus algo denominacional, mas com a intenção do falante ou escritor em rotular uma crença como heresia. A pessoa tem a intenção de dizer que todos ou alguns cristãos consideram a crença heresia, quer ela a considere ou não? Isso é descritivo. A pessoa tem a intenção de dizer que considera a crença heresia? Isso é prescritivo.

A distinção prescritiva é negligenciada ou desconhecida. Tive a experiência de ser convidado para falar a um grupo cristão, porque sou teólogo histórico, ou

seja, alguém especializado em história e desenvolvimento de crenças e práticas cristãs. Às vezes, quando digo que certa crença é heresia, estou dizendo apenas descritivamente, mas sou entendido como se tivesse dito prescritivamente, o que faz com que alguém se oponha com extrema força.

Ao longo deste livro, tratarei principalmente de heresias ecumênicas — as crenças contrárias ao cristianismo ortodoxo, comum, puro e simples, conforme foram acordadas pelos líderes fiéis da igreja no início do cristianismo e também pelos reformadores protestantes. E estarei falando de heresia tanto descritiva como prescritivamente.

Significados Válidos e Inválidos de Herege

Assim como o termo heresia tem significados diferentes, o termo herege também. A suposição comum é que toda pessoa que crê em uma heresia é automaticamente herege. Errado. Claro que aqui estamos enfrentando o tão difundido uso de um termo que é difícil corrigi-lo. As pessoas geralmente colocam o rótulo de herege em alguém que elas acham que está seriamente errado sobre uma doutrina ou que mantém uma opinião contrária à sua ortodoxia. É um uso extremamente informal do termo herege que o torna inútil. Esse uso do termo simplesmente o reduz a um insulto ou uma piada.

Na verdade, em termos histórico-teológicos, pelo menos para a maioria das denominações cristãs, ninguém pode ser um “herege acidental” ou mesmo um herege involuntário e inconsciente. Estar errada teologicamente não faz da pessoa uma herege. Significa apenas que a pessoa está errada — talvez ela seja não ortodoxa ou “heterodoxa”. Este último é um termo teológico técnico para referir-se a uma crença ou pessoa em conflito com a ortodoxia. É muito menos sério do que “herege” na lista de coisas ruins em que uma pessoa pode estar (em termos de estar em apuros com sua comunidade de fé).

O que torna a pessoa uma verdadeira herege? Em primeiro lugar, a pessoa tem de estar ensinando heresia aos outros. A pessoa não pode ser herege apenas mentalmente. Ela só se torna herege quando ensina sua heresia para outras pessoas. Em segundo lugar, a pessoa tem de saber que o que ela está ensinando é

heresia para sua comunidade de fé. Em outras palavras, a pessoa não pode ser herege totalmente fora de sua comunidade de fé. Tecnicamente falando, ninguém nunca deve ser chamado de herege a menos que se encaixe no seguinte: (1) é membro de uma comunidade de fé e ensina contra a ortodoxia ali exposta e (2) sabe que a doutrina que está ensinando conflita com a ortodoxia da comunidade de fé.

Isso deve ter surpreendido muitos leitores que estão acostumados a pensar que muito mais pessoas são hereges do que realmente são! Não é tão fácil ser herege.

Eu, por exemplo (e é prática comum entre os cristãos formados em teologia), não rotulo as pessoas de hereges, a menos que saibam que o que ensinam é contra o cristianismo ecumênico ou contra a ortodoxia de sua denominação.

Agora, uma qualificação faz-se necessária. Os leitores perspicazes podem estar pensando: “E quanto à pessoa que não pertence à sua comunidade de fé, mas nega a ortodoxia cristã básica, ecumênica e comum?”. Sim, é adequado chamá-la de herege se ela souber que o que ensina é contrário à ortodoxia cristã básica, ecumênica e comum, mesmo que a denominação a que pertença tolere-a.

Nesse caso, a “comunidade de fé” à qual a pessoa pertence e contra cuja ortodoxia ela ensina é o cristianismo ecumênico, ou seja, o corpo universal e invisível de Cristo, a igreja do povo de Deus através dos tempos. Obviamente, como não existe um magistério universal ou autoridade eclesiástica para governar isso, tal pessoa pode muito bem ser imune à correção. Chamá-la de herege é apenas questão de opinião, mesmo que seja opinião qualificada.

No entanto, se a pessoa pertence a uma denominação ou congregação que possui crenças específicas, seja ecumênica, seja denominacionalmente específica ou ambas, ela pode estar sujeita à correção e até disciplina, possivelmente excomunhão. Mas, em geral, somente se ela estiver ensinando contra a ortodoxia reconhecida pela denominação. Há denominações que desistiram dessa correção ou disciplina eclesiástica e permitem que qualquer coisa seja ensinada. Pelo menos é o que dizem. A alegação de serem “livres”, “pluralistas” e “inclusivas” é colocada à prova quando alguém se pronuncia a favor do racismo, do sexismo, da violência ou do ódio. A maioria das denominações e congregações que afirmam permitir qualquer crença impõe um limite em algum lugar.

Tudo isso quer dizer que, necessariamente, o rótulo de herege não está

inseparavelmente ligado à heresia. A pessoa pode muito bem crer ou até ensinar heresia por ignorância. Logo que é informada de que o que está ensinando é heresia e continua a crer ou ensinar dentro da comunidade de fé, então ela é herege. Em outras palavras, ser herege é sempre pretencioso e nunca acidental ou inconsciente.

Exemplos de Heresias Ecumênicas

Um dos primeiros líderes cristãos a usar o termo heresia foi Irineu, bispo de Lugduno, que hoje é a cidade de Lyon na França (então chamada Gália). Ele nasceu na Ásia Menor (atual Turquia), que era, então, no século II, um viveiro do cristianismo no Império Romano. Seu mentor espiritual na fé cristã quando adolescente era Policarpo, o bispo de Esmirna, cujo mentor havia sido João, o discípulo mais jovem de Jesus e o renomado autor do Evangelho de João e do livro de Apocalipse. Em outras palavras, Irineu, que morreu durante uma horrível perseguição levantada pelos romanos contra os cristãos no início do século III, foi um importante elo do século II com os discípulos de Jesus.

Irineu era um emigrante de Esmirna para Lyon. Ele foi para lá com um grande grupo de cristãos para ajudar a plantar igrejas na Gália. Mais tarde, tornou-se seu bispo ou líder e viajava entre Lyon e Roma e outras cidades, dialogando com os bispos sobre assuntos da igreja. Era conhecido por ser hábil em ajudar a resolver controvérsias entre cristãos de opiniões diferentes, especialmente sobre o governo e estrutura da igreja.

Por volta de 177, Irineu comprometeu-se a escrever um livro contra os falsos ensinamentos entre os cristãos, sobretudo em Roma. “Todos os caminhos levam a Roma”, e os cristãos de todo o império viajavam a Roma para promover seus tipos distintivos de cristianismo. Alguns deles, pensava Irineu, eram falsos, falsificados e precisavam ser expostos como tais. Como ele sabia que eram falsos? O que lhe deu autoridade para corrigi-los? Ah, sua ligação por meio de Policarpo (que foi martirizado em Esmirna por volta de 155 em idade muito avançada) que voltava até João.

Havia autodesignados mestres “cristãos” em Roma e em outros lugares, que

alegavam ensinar uma forma de cristianismo mais verdadeiramente espiritual do que a ensinada por Irineu e outros bispos. Eles passaram a ser chamados de gnósticos, que vêm de uma palavra grega para referir-se a “conhecimento” ou “sabedoria”. Afirmavam ter um conhecimento cristão mais alto e ser mais sábios em termos espirituais do que os líderes cristãos nomeados pelos apóstolos e depois pelos sucessores dos apóstolos.

As doutrinas do gnosticismo serão descritas em um capítulo posterior, assim como as do gnosticismo moderno. Como muitas das antigas heresias do cristianismo, o gnosticismo está muito bem vivo no cristianismo contemporâneo. A principal preocupação de Irineu sobre eles era que negavam a encarnação de Deus em Jesus; negavam que o homem Jesus era divino e humano. Para eles, era impossível que Deus se misturasse com carne e matéria, de modo que Jesus era mero repositório humano para um ser espiritual enviado por Deus ou era esse ser espiritual que aparentava ser humano (docetismo).

Para corrigir os gnósticos e advertir os cristãos de suas influências, Irineu escreveu *Contra as Heresias* (em latim *Adversus Haereses*) em cinco volumes. Constitui a maior obra cristã do século II proveniente de um único autor e a primeira teologia sistemática cristã (ainda que o principal objetivo fosse refutar heresias). Irineu não inventou a palavra *haereses* para designar os ensinamentos falsos ou o cristianismo falsificado. Ele pegou-a do latim comum. Significava algo como “pensamento independente”. Mas, embora o pensamento independente seja valorizado hoje no século XXI, era visto com suspeita no mundo antigo. Significava ir contra a tradição, que era considerada a verdade. Para Irineu, as “haereses” não eram meros exemplos de pensamento independente; eram ensinamentos que contradiziam categoricamente os ensinamentos dos apóstolos sobre Deus, Jesus e a salvação.

O gnosticismo foi, ao longo do século II, a “sombra” do cristianismo apostólico. Os vários automeados mestres gnósticos alegaram ser os fornecedores de um evangelho secreto transmitido por Jesus a um círculo interno de discípulos, e por esses poucos discípulos aos mestres dos gnósticos. Escreveram seus próprios evangelhos, como o Evangelho de Tomé. Milhares de cristãos do século II em todo o Império Romano foram seduzidos pelo gnosticismo. Irineu fez muito para esclarecer as coisas e expor os gnósticos como promotores do cristianismo falsificado. Depois dele, os gnósticos tenderam a desaparecer pouco a pouco como uma grande influência entre os cristãos, mas alguns foram para “a clandestinidade” e sempre existiram como a sombra contínua do cristianismo

ortodoxo sob outros nomes. Como veremos, o gnosticismo em formas permutadas ainda existe no século XXI.

Há anos, visitei a casa de um amigo. Seu avô havia escrito uma série de livretos sobre a fé cristã e ele mostrou-os para mim e sugeriu que eu os lesse. Como costume levantar-me bem cedo, então, certa manhã, enquanto estava com meu amigo e sua família, beberiquei um café e comecei a ler os livretos. O primeiro falava que antes de Constantino, o primeiro imperador romano a afirmar ser cristão (por volta de 311), os cristãos estavam todos unidos em mente e espírito. Todas as divisões surgiram depois e em resultado da “conversão” de Constantino ao cristianismo. Eu trabalhava no meu doutorado em teologia histórica e sabia que isso era falso. Coloquei o livreto em silêncio na prateleira e não disse nada ao meu amigo que reverenciava o avô. Todavia, encontrei muitos cristãos que laboram sob a mesma falsa impressão.

O fato é que os cristãos no Império Romano durante os séculos II e III (portanto, antes de Constantino) estavam extremamente divididos em doutrinas e práticas da fé. O gnosticismo foi uma das causas da divisão. Outra causa foi Montano e seus seguidores. Ele alegou ser um profeta que falava diretamente de Deus e cujas profecias eram igualmente autoritárias com os ensinamentos dos apóstolos (que, na época, estavam todos mortos, mas haviam deixado homens, como Irineu, encarregados de manter viva a verdade nas igrejas). Montano ensinou, por exemplo, que o sexo é pecaminoso e que os verdadeiros cristãos devem ser celibatários. Afastou seus seguidores das igrejas lideradas pelos bispos levando-os para uma cidade na Ásia Menor a fim de aguardar a vinda de Jesus.

Outra divisão entre os cristãos foi causada por um cristão romano chamado Marcião, que, em meados do século II, ensinou que a Bíblia hebraica, o nosso Antigo Testamento, não era escritura inspirada e rejeitou também muitos dos escritos dos apóstolos por serem muito “judaicos”. Ensinou que o mundo não foi criado por Deus, mas por um “demiurgo” (um ser divino) maligno ou demente e que o Senhor da fé hebraica e do Antigo Testamento não era o Pai de Jesus Cristo. Propôs um cânone (lista) de escritos cristãos inspirados que tinha apenas Lucas, Atos e as Epístolas de Paulo, algumas das quais Marcião editou.

Também em Roma, por volta do início do século III, havia um mestre cristão chamado Praxeas que negou a Trindade. Ou, para ser mais exato, ele descreveu a Trindade de uma maneira que a negou. Um mestre cristão do norte da África chamado Tertuliano escreveu o livro *Contra Praxeas* (ele também escreveu

contra Marcião) para expor que os ensinamentos de Praxeas eram grave erro a ser evitado pelos cristãos. A noção de Trindade apresentada por Praxeas foi captada e repetida (ou independentemente alcançada) por outros cristãos em todo o Império Romano e passou a ser chamada de “sabelianismo” (segundo o nome de outro herege chamado Sabélio) e “modalismo”. A essência do erro comum foi e continua a ser (existe hoje entre os cristãos) que Pai, Filho e Espírito Santo não são pessoas distintas da divindade, a Trindade, mas apenas “modos” ou “manifestações” de uma pessoa que é Javé, o Criador e salvador do mundo. Essa se tornou e continua a ser uma das visões falsas mais comuns acerca de Deus entre os cristãos, mas foi veementemente contraposta, por muitas boas razões, pelos bispos e Pais do Cristianismo Primitivo, bem como pelos reformadores protestantes.

A questão é que as heresias, as doutrinas falsas, sempre têm existido. O Novo Testamento aborda-as e, conforme argumentam alguns estudiosos, foi escrito principalmente para corrigi-las. O problema é que é difícil dizer quem eram os promotores de heresias do século I ou exatamente o que estavam ensinando. Às vezes, os autores parecem não saber exatamente, mas abordam a verdade em oposição a erros emergentes e falsificações da verdade. Um exemplo é a correspondência do apóstolo Paulo com os cristãos em Corinto. As duas epístolas aos crentes coríntios lidam muito com erros doutrinários e práticas prejudiciais naquela igreja. Há estudiosos que acreditam que o gnosticismo estava começando a surgir naquele lugar; chamam esse gnosticismo inicial de “proto-gnosticismo” (gnosticismo embrionário). Por exemplo, todos os gnósticos do século II negavam a ressurreição corporal de Jesus e nossa futura ressurreição corporal. Não porque não cressem em milagres (como muitas pessoas hoje em dia), mas porque pensavam que o corpo é a sede do pecado e intrinsecamente mau (como a própria matéria). Todo o capítulo 15 de 1 Coríntios de Paulo é dedicado a argumentar em favor da ressurreição corporal. Em segundo plano, pode ter havido um gnosticismo em desenvolvimento entre os cristãos. Existem outras indicações sobre isso no próprio Novo Testamento.

Problematizando o Conceito de Heresia

Muitos autoidentificados cristãos modernos rejeitam todo o conceito de heresia.

Para dizer o mínimo, a modernidade, a cultura decorrente do Iluminismo, problematizou a ideia de heresia. Este livro não abordará todas as objeções à heresia; o objetivo do livro é informar as pessoas interessadas sobre as heresias do passado e do presente. As pessoas que rejeitam o conceito de heresia, ou não se interessarão, ou criticarão. No entanto, quero tratar brevemente a questão para não deixar os leitores no escuro.

Há duas razões principais pelas quais alguns cristãos modernos rejeitam a ideia de heresia — pelo menos como estou usando a heresia aqui (a saber, cristianismo falsificado).

Primeiramente, como supramencionado, muitas pessoas de nossa época são sensíveis a qualquer coisa que consideram intolerância; a tolerância, especialmente de ideias, é quase um ídolo para os ocidentais modernos. Por tolerância, eles não querem dizer que apenas permitem que as pessoas tenham ideias; querem dizer que reconhecem todas as crenças como igualmente verdadeiras. É o que se chama de “relativismo”, embora muitas pessoas que adotam e promovem a tolerância não reconheçam que sua própria crença é o relativismo, porque então ele tornar-se-ia autorrefutável. O relativismo absoluto não pode ser verdadeiro se não houver a verdade absoluta. Portanto, as pessoas pensantes que afirmam a tolerância como ideal geralmente querem dizer apenas que ninguém deve ser punido, ou excluído, ou sancionado por causa de suas crenças.

Um grande benefício do Iluminismo (embora se possa argumentar que ele tem raízes mais antigas entre grupos religiosos minoritários como os anabatistas) é a liberdade de religião do controle estatal. Os hereges não são mais torturados ou queimados (graças a Deus).

No entanto, muitas pessoas saltam de lá para fingir crer que todas as crenças, especialmente as religiosas ou espirituais, devem ser aceitas como igualmente verdadeiras por todos. Mas claro que isso significaria que nenhuma crença religiosa ou espiritual é universalmente verdadeira; reduz as crenças à subjetividade, à opinião pessoal e particular, sem reais afirmações referentes à “verdade verdadeira”. O resultado de tal abordagem é que a religião torna-se, na melhor das hipóteses, “religião popular”, não verdadeira, mas apenas questão de preferência pessoal.

Historicamente, o cristianismo faz afirmações referentes à verdade. Nem todas

são verdadeiras, é claro, mas esvaziar as afirmações do cristianismo referentes à verdade é, inevitavelmente, destruí-lo. Sem afirmações referentes à verdade para todos, o cristianismo não é mais o cristianismo, mas a “espiritualidade”. É assim que algumas pessoas querem que o cristianismo seja; todavia, então, não é mais o cristianismo de alguma forma reconhecível.

Tolerância não necessariamente significa aceitar todas as afirmações referentes à verdade, mesmo na religião, como igualmente verdadeiras. E dizer que algumas afirmações referentes à verdade estão erradas, até seriamente erradas, não é ser intolerante.

A segunda razão pela qual o conceito de heresia foi problematizado na modernidade é a proliferação de denominações e individualismo cristãos. O grande filósofo do Iluminismo, Immanuel Kant, definiu o Iluminismo como: “Pense por si mesmo!”. A maioria dos ocidentais modernos concorda que todas as pessoas devem ser livres para pensar por si mesmas, e não receberem ordens sobre o que pensar ou acreditar. Junto disso, surgiu a proliferação de seitas e grupos religiosos que afirmavam ser cristãos, embora muitas vezes discordassem uns dos outros sobre doutrinas muito básicas. Quem está certo? A tentação é dizer que tudo não passa de opinião ou, na melhor das hipóteses, que é questão de julgamento particular. Pouquíssimas sociedades possuem uma igreja estatal que tem o poder de impor a crença nos cidadãos. Mesmo muitas denominações cristãs carecem de mecanismo para decidir em que seus membros devem crer. Credos e confissões de fé são esquecidos ou, mesmo que sejam recitados no culto e aprendidos no catecismo, tratados como opcionais; as pessoas são encorajadas a escolher com que partes concordam.

A modernidade levou a uma situação em que muitas pessoas supõem que a religião é particular, individual, principalmente sobre sentimentos ou comportamentos (não doutrinas) e na qual as pessoas começam suas próprias igrejas ou denominações independentes num piscar de olhos. Qual é o papel que a conversa sobre heresia faz em uma ecologia religiosa? Muitas pessoas diriam que nada.

No entanto, muitas pessoas estão cansadas de o cristianismo ser tratado dessa maneira, como se estivesse desprovido de conteúdo objetivo e fosse uma espécie de “competição livre”, em que vale tudo e sempre deve ser aceito como cristão, só porque esse é o rótulo que está nele. Muitas pessoas descobriram que não é incomum que certos cultos promovam-se como cristãos e ocultem o fato de que

suas crenças não têm nada a ver com o cristianismo histórico. Têm Jesus Cristo entre seu panteão de deuses ou heróis, o que, dizem eles, os torna “cristãos”. Mas muitos cristãos conscientizaram-se dessa tática e ficaram desconfortáveis com a anarquia e o caos dos grupos “cristãos”. É para eles que este livro foi escrito, para ajudá-los a reconhecer o falso do verdadeiro e obter uma visão do cristianismo como possuidor de um conteúdo de crenças que exclui certas crenças.

Sem dúvida, a heresia é um conceito problemático no mundo ocidental moderno. Mas acredito que é indispensável. Sem ele, o cristianismo é reduzido a uma religião popular sem mensagem clara.

Identificando e Lidando com Heresias

Muitos livros foram escritos sobre como identificar heresias. O foco aqui será descrevê-los mais do que os identificar. As principais, que a maioria dos cristãos sempre chamou de heresias, serão descritas em suas formas antigas e atuais. Mas é pertinente dizer algumas palavras sobre por que esses poucos erros foram quase universalmente considerados perigosos à fé cristã. Depois, falarei um pouco sobre como lidar com heresias entre os cristãos.

Cada uma das heresias descritas neste livro surgiu entre os cristãos em algum momento dos primeiros séculos da história cristã. Homens (e algumas mulheres) sinceros e bem-intencionados, contudo mal orientados pensaram ter descoberto uma verdade que faltava ao restante da Igreja. Entretanto, na maioria das vezes, eles não eram herdeiros dos apóstolos em termos de liderança da igreja. Eram empreendedores religiosos que surgiram entre os cristãos e passaram a condenar o que os líderes das igrejas estavam ensinando em nome de um insight especial, uma revelação nova ou uma sabedoria superior. Ocasionalmente, eram líderes de igrejas, até bispos, mas estavam em desacordo com os demais e persistiam em promover uma doutrina que a maioria dos bispos e presbíteros (anciãos, pastores) considerava estranha e inconsistente com o evangelho transmitido pelos apóstolos e por aqueles que eles nomearam.

Mas a tradição não era o único critério para determinar o que era heresia e o que

era verdade. Embora o cânone (lista formal) dos livros do Novo Testamento só tenha sido universalmente acordado em fins do século IV, já no final do século II a maioria dos cristãos do Império Romano concordava que certos evangelhos, epístolas e outros escritos eram verdadeiramente apostólicos e, portanto, autorizados. E os Pais da Igreja do século II, como Irineu e Tertuliano (que viveram e escreveram no século III) propuseram listas de doutrinas que, com certeza, eram apostólicas. Os hereges foram os cristãos que desafiaram de maneira séria e fundamental esse consenso sobre a crença cristã. Por fim, foram julgados como promotores de um “evangelho diferente”.

Em alguns setores, é comum argumentar que só houve um conjunto padrão de crenças cristãs “ortodoxas” no tempo de Constantino, que tão-somente reforçou as crenças dos bispos de que ele gostava. A informação é falsa. Na verdade, Constantino e seus sucessores tomaram o partido dos hereges em muitas ocasiões! O que sempre foi crido e ensinado pelos apóstolos e seus herdeiros foi defendido contra Constantino por líderes corajosos como Atanásio de Alexandria, a quem os imperadores romanos exilaram cinco vezes por ele defender a ortodoxia e expor o perigo das heresias.

Alguns dos hereges eram, de resto, bons cristãos; nem todos eram ferrenhos oponentes da verdade. De fato, cada um deles alegava amar a verdade. Viam-se como reformadores das igrejas. Citavam as Escrituras para apoiar seus pontos de vista. Mas, após muita deliberação, a maioria dos líderes da igreja decidiu (e os posteriores reformadores protestantes concordaram) que suas versões da verdade cristã eram, em última análise, destrutivas ao evangelho. Na maioria dos casos, o raciocínio tinha a ver com Jesus Cristo e a salvação. As heresias condenadas como tais pelos primeiros cristãos, antes e depois de Constantino, foram na época julgadas e, desde então, têm sido julgadas pela maioria dos cristãos por mudar a verdade sobre Jesus Cristo e/ou a salvação em outra coisa — evangelhos diferentes.

Todas as heresias cristãs primitivas continuaram a aparecer em formas diferentes sob nomes diferentes ao longo da história cristã. Todas ainda estão por aí, entre os cristãos, de alguma forma. Durante a era da “cristandade”, a unidade orgânica da igreja e do império que durou do imperador Teodósio (379-395) até o início do século XIX (o Sacro Império Romano formalmente terminou em 1806), os governos perseguiram os que eram considerados hereges. Na maior parte do século XIX e até o século XXI, a perseguição praticamente desapareceu. Um resultado foi que antigas heresias ecumênicas reapareceram surgindo, por assim

dizer, da clandestinidade na qual estavam escondidas. As pessoas que secretamente mantinham crenças heréticas viram-se livres para promovê-las abertamente e até dentro de igrejas e seminários cristãos, ou fundaram organizações religiosas alternativas (“seitas” e “cultos”) baseadas em uma ou mais heresias.

O que deve ser feito a esse respeito? Claro que quase ninguém (inclusive eu!) quer voltar às inquisições. Na maioria dos países ocidentais, especialmente nos Estados Unidos, com a separação total entre igreja e Estado, as heresias são livres para prosperar o quanto puderem. É assim que deve ser. Porém, permanece a questão sobre o que os cristãos devem fazer quando descobrem que uma heresia descrita neste livro está sendo ensinada ou pregada entre eles.

Algumas denominações e igrejas têm procedimentos para contestar as heresias em seu meio. Outras não têm e apenas “deixam rolar”, confiando no Espírito de Deus para guiar e levar a comunidade à verdade, mesmo que seja por meio de controvérsias turbulentas. Este livro não está comprometido com nenhum método particular de tratar heresias, mas sugiro que o crente leigo que reconhece a heresia sendo ensinada em sua igreja deve conversar com o pastor sobre o assunto. Se isso não levar a lugar nenhum, fale com um líder ou alguém superior a ele. Se a conversa fracassar, pode ser que o crente tenha de deixar a igreja e encontrar outra em que o que ele ensina seja aceito e respeitado.

E se você descobrir que há uma nova igreja na cidade que muitas pessoas não reconhecem que está promovendo certa heresia, a qual você reconhece? É algo que acontece com bastante frequência. Há anos, um grupo de “cristãos” coreanos começou a estabelecer igrejas nas cidades americanas e a promover uma forma falsificada de cristianismo, com base na ideia de que um profeta coreano era o “Senhor do Segundo Advento”. Mas, pelo menos a princípio, foram muito discretos e apresentaram-se como cristãos tradicionais com uma nova paixão pelo Reino de Deus. Conheci vários líderes cristãos que se deixaram seduzir pela estratégia e aceitaram-nos, até que descobriram por cristãos mais discernentes que o grupo mantinha crenças contrárias ao cristianismo ortodoxo.

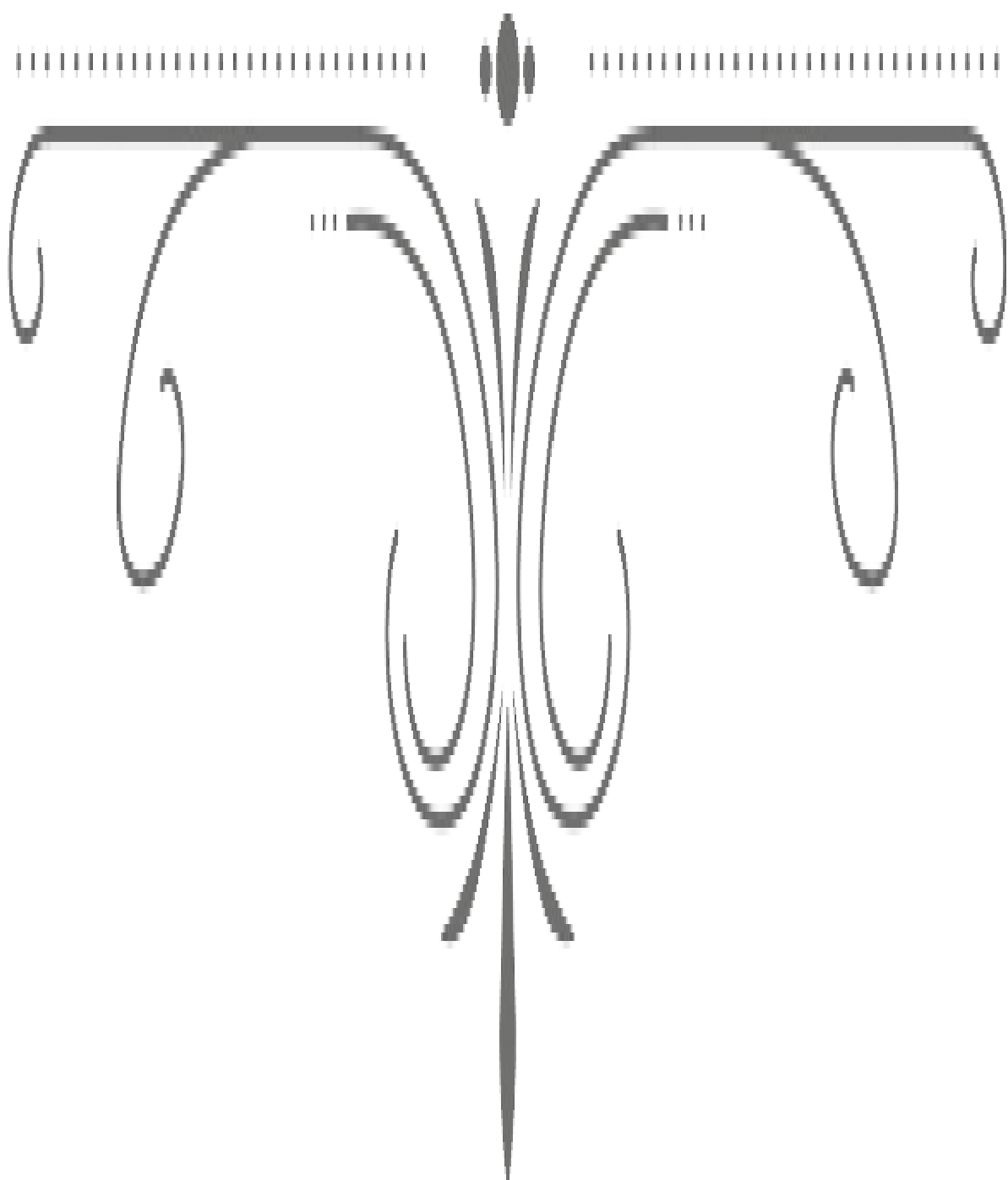
Recomenda-se cautela. O diálogo vem em primeiro lugar. Antes de dizer “discordo”, verifique se você pode dizer “entendo”. Só então exponha a heresia inerente a uma nova igreja ou grupo com amor para evitar que pessoas não discernentes, tanto cristãs quanto não cristãs, caiam nela.

Deixando mais Claro

1. Deus se importa com o que cremos. Quais são as três coisas essenciais à sua fé cristã, leitor?
2. O discernimento é um dom espiritual essencial. Como ele pode nos ajudar a examinar o que é verdadeiro?
3. Encontre um texto do Credo dos Apóstolos e use-o para discutir crenças e/ou valores cristãos. Você concorda com tudo o que o credo diz? Em que pontos alguns cristãos discordam disso?
4. Como o estudo de falsas doutrinas ajuda-nos a proteger a igreja e nosso testemunho? O que poderia ter acontecido com o cristianismo se os primeiros cristãos nunca tivessem chegado a um conjunto padrão de crenças?
5. O que você rotularia de “não cristão” se o visse?
6. Como a tentativa de ser tolerante e inclusivo dificulta que outras pessoas saibam no que cremos?

Capítulo 2

Entendendo a Ortodoxia



A Heresia, a Mãe da Ortodoxia?

Um velho ditado diz que “a heresia é a mãe da ortodoxia”. Em outras palavras, o que chamamos de ortodoxia, crença cristã correta, surgiu em resposta aos desafios das heresias. Há verdade nisso, contudo ainda é preciso ter cuidado com o ditado e a ideia que ele expressa.

Se o ditado implica que só houve ortodoxia, um conjunto de verdades cristãs aceitas, depois que as heresias e os hereges confrontaram os líderes da igreja e, pela primeira vez, a “crença cristã correta” foi decidida como resposta a ensinamentos indesejados, então está errado. Qualquer estudo objetivo dos primeiros escritos cristãos concluirá que os cristãos tinham uma ortodoxia informal sobre Deus, Jesus Cristo e a salvação antes que surgissem as heresias. O que chamamos de ortodoxia foi o resultado da elaboração de crenças implícitas dos primeiros cristãos, liderados pelos herdeiros dos apóstolos, em resposta a heresias e hereges. Essa é a verdade no ditado.

Talvez uma analogia simples ilustre a verdade do ditado. Nos dois séculos e meio de existência dos Estados Unidos como nação, a constituição foi interpretada pelos tribunais, inclusive pelo Supremo Corte dos Estados Unidos. Muitas vezes, as decisões sobre seu significado e aplicação são o resultado de interpretações errôneas, o que poderíamos chamar de “heresias constitucionais”. Um ponto comum é que a separação constitucional entre a Igreja e o Estado proíbe as escolas públicas de ensinar religião ou permitir que grupos de estudantes religiosos formem-se e reúnam-se na propriedade da escola (por exemplo, reuniões de oração). A Suprema Corte dos Estados Unidos determinou com razão que não é isso o que a constituição quer dizer. Porém, ela só teve de decidir isso como resultado de certas tentativas de fanáticos separacionistas de impedir que estudantes de escolas públicas estudassem religião, orassem e reunissem-se para o estudo da Bíblia, por exemplo.

Muitos estudiosos constitucionais concordam que os pais fundadores da república americana nunca teriam imaginado uma época em que os alunos das escolas públicas não pudessem orar, estudar a Bíblia ou aprender religião nos estudos sociais. Portanto, as decisões da Suprema Corte dos Estados Unidos não

foram invenções de novas verdades constitucionais; foram apenas extrapolações do significado original e sua aplicação a uma situação contemporânea, forçada por pessoas que interpretavam equivocadamente a constituição.

Obviamente, todas as analogias não se encaixam em algum ponto. Não estou afirmando que todas as decisões da Suprema Corte dos Estados Unidos estão corretas. Minha ilustração serve para mostrar que algo pode ser decidido como verdadeiro o tempo todo, mesmo quando nunca antes teve de ser declarado formalmente. É o que ocorre com grande parte do que chamamos de ortodoxia cristã.

A razão de isso ser importante é porque alguns escritores populares e até estudiosos afirmam que verdades como a Trindade foram “inventadas” por bispos cristãos sob a pressão de Constantino no século IV. É deturpação muito séria da história. Quem lê os escritos cristãos do século II, como os Pais Apostólicos (por exemplo, Justino Mártir e Teófilo de Antioquia) e Tertuliano, não pode deixar de notar a ênfase que eles dão na triunidade de Deus. E Celso, orador e escritor anticristão do século II, sabia claramente que os cristãos criam na Trindade, mesmo que ele não entendesse o que eles queriam dizer. O grande Pai da Igreja alexandrina, Orígenes, que escreveu centenas de livros de teologia e filosofia cristã no início do século III, escreveu muito sobre a Trindade. É absurdo afirmar que os cristãos não acreditavam nisso antes de Constantino e do Concílio de Niceia em 325.

Contudo, precisamos fazer uma distinção entre a ortodoxia precoce, informal e muitas vezes implícita, na qual a grande maioria dos cristãos cria e ainda não fora formalmente explicitada e declarada em um credo universal, e a ortodoxia formal, explícita e posterior, as mesmas verdades enunciadas e declaradas em credos universais para todos confessarem. No meio vieram as heresias. Eles desafiaram a ortodoxia informal de modo que a ortodoxia formal teve de ser formulada e esculpida em pedra, por assim dizer.

Portanto, há certa verdade no ditado que diz que “a heresia é a mãe da ortodoxia”, mas sua verdade é limitada e parcial. A ortodoxia antecedeu às heresias, mas as heresias forçaram a igreja a torná-las explícitas.

Alguns argumentam que a ortodoxia mudou durante esse processo. Em outras palavras, o que os primeiros cristãos criam sobre a divindade, Pai, Filho e Espírito Santo, era diferente do que a igreja posterior sob o governo de

Constantino e outros imperadores cristãos promulgou. É questão aberta à discussão e debate. Minha conclusão como historiador eclesiástico e teólogo histórico é que a substância era a mesma e apenas a redação mudou. E a redação mudada foi necessária para proteger a substância de mal-entendidos e interpretações erradas.

A Ortodoxia Protege o Mistério

Um equívoco comum sobre a ortodoxia formal e explícita dos credos universais (Niceno de 325 e 381, e a Definição de Calcedônia de 451) é que seus formuladores esforçaram-se demais para examinar os mistérios de Deus que deveriam ser adorados, e não entendidos. Não é verdade. Pode ser que usassem uma linguagem que hoje é obscura e confusa, às vezes tomada da filosofia grega. Mas suas intenções não eram racionalizar os mistérios da fé cristã, tornando-os muito fáceis de entender. Suas intenções não eram olhar profundamente o ser de Deus e descobrir maneiras de torná-lo compreensível para mentes finitas. De modo nenhum. Pelo contrário, e isso é extremamente importante, eles estavam tentando proteger os mistérios da fé das heresias que os racionalizavam em demasia.

Uma grande ironia do pensamento moderno sobre a teologia cristã antiga é que os Pais da Igreja que pensavam e defendiam a ortodoxia cristã e que a formularam em credos estavam racionalizando-a e esvaziando-a do mistério. A ironia é que eles estavam fazendo exatamente o oposto. Sem exceção, foram as heresias que estavam fazendo isso! E um importante catalisador para a formalização da ortodoxia foi corrigir as tendências racionalizadoras dos hereges. Todas as heresias tornaram a fé cristã simples demais, racional demais, compreensível demais para o pensamento humano finito e decaído. A ortodoxia não é irracional, mas é superracional; não pretende explicar os mistérios da fé. Apenas alega expressar os mistérios corretamente e protege-os de serem reduzidos a dimensões finitas do pensamento, como se Deus fosse um objeto que pudesse ser estudado e compreendido semelhante a algo da natureza.

Esta será a tese e tema principais deste livro: a ortodoxia cristã protege da racionalização os grandes mistérios revelados nas Escrituras, e as heresias

tendem a tornar o que é revelado sobre Deus, Jesus Cristo e a salvação nas Escrituras retratável demais, compreensível demais, simples demais. O resultado de todas as heresias é a perda da transcendência, a alteridade de Deus. Deus nunca é “exatamente assim”, referindo-se a algo criado. Lógico que existem analogias criadas das verdades sobre Deus, mas as heresias tendem a tornar Deus, Jesus Cristo e a salvação “exatamente como” algo observável na natureza ou na experiência humana.

Tudo isso não quer dizer que a verdade cristã deva ser incompreensível, esotérica ou além do entendimento. É apenas para dizer que se esforçar demais para torná-lo racional e compreensível para a mente finita pode distorcê-lo. É o que as heresias fazem. Elas reduzem a multidimensionalidade da verdade revelada a uma dimensão; arrastam Deus para dentro de nossa “terra plana” (referindo-se ao mundo bidimensional fantasiado na história de 1884 intitulada Planolândia: Um romance de muitas dimensões, de Edwin Abbott). Somos como seres vivendo em uma realidade bidimensional, enquanto Deus é tridimensional ou quadridimensional. Como os “planolandeses”, referente ao livro de Edwin Abbott, naquele mundo bidimensional, não podemos imaginar como Deus pode, por exemplo, ser três pessoas e ainda ser um ser (Trindade). No entanto, é o que as Escrituras revelam. A heresia tenta confinar Deus à nossa “terra plana”. A ortodoxia protege a multidimensionalidade de Deus na revelação, a Bíblia, usando linguagem que soa misteriosa e até paradoxal, mas que é necessária para fazer justiça a tudo o que as Escrituras dizem.

As Facetas da Ortodoxia Cristã: Primitivas e Antigas

A essa altura, alguns leitores já devem estar se perguntando o que exatamente a ortodoxia inclui em termos de crenças cristãs necessárias. Quão detalhado é? A ortodoxia cristã é tudo o que todo Pai da Igreja e reformador protestante acredita? É uma teologia sistemática detalhada?

Esclareçamos novamente. Neste livro, estamos examinando o que chamei de “ortodoxia ecumênica” no capítulo 1. Outros usam termos diferentes para isso, como “cristianismo puro e simples” (C. S. Lewis) e “cristianismo niceno” (Christopher Seitz e outros que escreveram um livro com esse título). O pastor

evangélico inglês John Stott chamou de “cristianismo básico” em seu livro muito popular com o mesmo título. Uma diferença entre esses livros e o presente é que aqui estamos estudando ortodoxia ao estudar suas negações, as heresias.

Peço aos leitores que tenham em mente a diferença entre ortodoxia ecumênica e ortodoxia denominacional. A primeira é singular, universal (acordada pelos três principais ramos do cristianismo, incluindo a maioria das denominações protestantes em suas formas tradicionais) e relativamente simples. Constitui o “essencial” no velho ditado: “Nas coisas essenciais, unidade; nas coisas não essenciais, liberdade; em todas as coisas, caridade (amor)”. O afastamento disso aparta a pessoa do próprio cristianismo, em termos de crenças comuns básicas do cristianismo sobre Deus, Jesus Cristo e a salvação. As ortodoxias denominacionais são as ortodoxias ecumênicas mais as doutrinas importantes para as tradições cristãs específicas, mas não são essenciais para ser cristão em termos de crença cristã, clássica e histórica.

Outro exemplo pode ajudar a esclarecer a distinção. O Conselho Mundial de Igrejas, corpo ecumênico e cooperativo de centenas de igrejas cristãs em todo o mundo, exige que as denominações dos membros confirmem que Jesus Cristo é Deus e Salvador. Esse é o núcleo da ortodoxia ecumênica e existe desde o século II, senão antes. Mas, nas doutrinas secundárias, fora desse núcleo, as igrejas que fazem parte do Conselho discordam sobre muitas coisas. O Conselho tem igrejas ortodoxas orientais e igrejas pentecostais. Mas alguns grupos que se dizem cristãos foram rejeitados, porque não creem e não confessam que Jesus Cristo é Deus e Salvador.

Mas, na verdade, a ortodoxia ecumênica inclui mais do que apenas “Jesus Cristo é Deus e Salvador”. Isso é ortodoxia mínima. É duvidoso que os Pais da Igreja Cristã Primitiva ou os principais reformadores protestantes considerem isso suficiente. Necessário, sim; suficiente, não.

Então, como identificamos a “ortodoxia cristã ecumênica”? Um teste popular proposto por um dos primeiros teólogos cristãos chamado Vicente de Lérins passou a ser conhecido como o “cânone vicentino”: o cristão deve crer (como ortodoxo) no que todos os cristãos creem em todos os lugares e sempre. Parece bom, mas, como muitos críticos destacam, é muito difícil encontrar uma época ou lugar em que todos os cristãos concordem com alguma coisa! Talvez o cânone deva ser mudado para “a maioria dos cristãos”, sobretudo os cristãos que estavam biblicamente dedicados e não acomodados às culturas pagãs ou

seculares. Em outras palavras, sempre houve pessoas que se autodenominavam cristãos que pouco conheciam a Bíblia ou que acrescentavam filosofias e crenças que a contradiziam. Penso que é isso o que Vicente quis dizer com “todos os cristãos”. (Na verdade, ele disse “todo mundo”; logo, para tornar isso mais específico, é preciso começar com o reconhecimento de que ele queria dizer “cristãos”, e penso que é justificado supor que ele quis dizer cristãos comprometidos com a Bíblia, que não estão ansiosos demais em misturar o cristianismo com filosofias pagãs ou seculares.)

Evidentemente, o cânone vicentino levanta a questão: O que tem sido crido por todos (ou mesmo pela maioria) dos cristãos em todos os lugares e sempre?

Uma maneira de fazer isso é examinar as chamadas “regras de fé” encontradas nos primeiros teólogos cristãos (os Pais da Igreja), como Irineu e Tertuliano. (Aqui, regra significa o mesmo que cânone — um dispositivo de medição, como uma prova determinante.) Quando enfrentaram grupos e indivíduos que eles consideravam cristãos falsos, como os gnósticos e os praxeanos, ambos fizeram breves declarações dos ensinamentos dos apóstolos transmitidos a eles por intermédio de pessoas como Policarpo e incorporados nos escritos dos apóstolos (o que mais tarde veio a ser chamado de Novo Testamento).

Uma coisa interessante sobre as regras de fé de Irineu e Tertuliano é a forte semelhança entre elas, embora os dois homens não se conhecessem. Irineu escreveu em grego (apesar de a maioria de suas obras sobreviver em traduções para o latim) e era da Ásia Menor, onde aprendeu a fé cristã por Policarpo, discípulo de João, discípulo de Jesus. Tertuliano escreveu em latim e viveu em Cartago, cidade romana no norte da África. Estranhamente, talvez, a menos que houvesse um acordo geral e ecumênico entre os cristãos sobre certas doutrinas cruciais, suas regras de fé eram muito parecidas.

A razão para mencionar Irineu e Tertuliano como importantes é contra-atacar a crença popular promovida por romancistas e alguns estudiosos de que não havia ortodoxia cristã antes de Constantino, e que, mais tarde, imperadores cristãos e seus bispos preferidos criaram-na nos séculos IV e V. Portanto, devemos examinar as regras de fé de Irineu e de Tertuliano, escritas por volta de 177 e 200, respectivamente (os estudiosos datam-nas de maneira um pouco diferente).

A regra de fé de Irineu:

Com efeito, a igreja espalhada pelo mundo inteiro até os confins da terra recebeu dos apóstolos e seus discípulos a fé: [Ela crê] em um só Deus, Pai onipotente, Criador do céu e da terra, do mar e tudo quanto neles existe; em um só Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnado para nossa salvação; e no Espírito Santo que, pelos profetas, anunciou a dispensação de Deus, a vinda, o nascimento pela virgem, a paixão, a ressurreição dos mortos, a ascensão ao céu na carne do amado Jesus Cristo, Senhor nosso, a sua [futura] manifestação do céu na glória do Pai para “congregar em [um] todas as coisas” [Ef 1.10] e ressuscitar toda carne do gênero humano; para que, segundo o beneplácito do Pai invisível, diante do Cristo Jesus, nosso Senhor, Deus, Salvador e Rei, “se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse” a ele [Fp 2.10-11]; para que ele execute o justo julgamento de todos; para que ele envie para o fogo eterno as “hostes espirituais da maldade” [Ef 6.12], os anjos que transgrediram e tornaram-se apóstatas, assim como os homens ímpios, injustos, iníquos e profanos; mas para que ele, no exercício da sua graça, dê a imortalidade aos justos, aos santos e aos que têm guardado os seus mandamentos e perseverado no seu amor, alguns desde o início [de sua vida cristã] e outros a partir de [a data de] seu arrependimento, e para que ele os cerque com glória eterna.¹

A Regra de Fé de Tertuliano:

Agora, com relação a essa regra de fé, para que, a partir de agora, reconheçamos o que defendemos, é, você deve saber, aquilo que prescreve a crença de que existe um só Deus e que ele não é outro senão o Criador do mundo, que produziu todas as coisas do nada através de sua própria Palavra, enviada antes de todas as coisas; que esta Palavra se chama seu Filho e, sob o nome de Deus, foi vista “de diversas maneiras” pelos patriarcas, ouvida em todos os tempos nos profetas, por fim trazida pelo Espírito e poder do Pai para a virgem Maria, foi feita carne no ventre dela e, nascendo dela, saiu como Jesus Cristo; a partir de então, ele pregou a nova lei e a nova promessa do reino dos céus, operou milagres; tendo sido crucificado, ressuscitou no terceiro dia; (então) tendo ascendido aos céus, sentou-se à direita do Pai; enviou, em vez de si mesmo, o poder do Espírito

Santo para liderar os que creem; virá com glória para levar os santos ao gozo da vida eterna e das promessas celestiais, e para condenar os iníquos ao fogo eterno, depois que a ressurreição de ambas as classes ter acontecido, bem como a restauração da carne deles. Essa regra, como provaremos, foi ensinada por Cristo e não levanta entre nós outras questões além daquelas introduzidas pelas heresias e que tornam os homens hereges.²

Essas expressões cristãs muito antigas de ortodoxia ecumênica desmentem os romancistas modernos e (alguns) estudiosos que afirmam que doutrinas como a divindade de Jesus Cristo e a Trindade foram “inventadas” no século IV sob pressão de Constantino e outros imperadores meio-cristãos. Você não verá nas regras de fé a linguagem usada para “pregar”, por assim dizer, a humanidade e a divindade de Jesus Cristo, e a Trindade no século IV (a saber, no Credo Niceno e nos escritos dos Pais da Igreja ortodoxa), mas os ingredientes estão todos lá. Entre essas regras de fé e os credos oficiais (inclusive a Definição de Calcedônia do século V sobre a pessoa de Jesus Cristo), surgiram muitas heresias que negavam as doutrinas cruciais nelas expressas. É por isso que os bispos do século IV sentiram que era necessário formalizar as regras de fé nos credos ecumênicos para proteger o que os cristãos sempre tinham crido e ensinado dos ensinamentos cristãos falsificados.

As Facetas da Ortodoxia Cristã: Posteriores e Antigas

O século III do cristianismo no Império Romano foi um tempo de vastas e terríveis perseguições, mas também foi um período de tremendo crescimento das igrejas. Pouco foi realizado no sentido de estabelecer e promover a ortodoxia ecumênica. Os líderes cristãos não tinham autorização para reunirem-se; muitos deles foram martirizados ou tiveram que se esconder. Os escritos cristãos foram queimados e até a correspondência entre os bispos cristãos era difícil. As heresias fervilhavam entre os cristãos, mas lidar com elas levou tempo e custou energia que muitos cristãos devotaram para sobreviver.

Em 311, Constantino tornou-se imperador e creditou publicamente a Jesus Cristo

sua vitória sobre seus rivais. Em 313, assinou o Édito de Milão que estendia a liberdade total aos cristãos. Os cristãos estavam mais uma vez, como nunca antes, na verdade, livres para adorar abertamente, construir edifícios (os anteriores haviam sido destruídos principalmente sob o governo de imperadores anticristãos), escrever cartas e livros e viajar para encontrarem-se. A maioria das cidades tinha bispos que surgiram como líderes administrativos e espirituais sobre os presbíteros (anciãos, sacerdotes). A segunda cidade mais importante do império foi Alexandria, no Egito, e também foi o local de inúmeras igrejas cristãs. Muita teologia cristã surgiu lá e espalhou-se por todo o império. Constantino estava construindo uma “nova Roma” chamada pelo seu nome: Constantinopla. (Situou-se onde está a atual Istambul na Turquia europeia.) Centros do cristianismo como Alexandria, Roma e Antioquia queriam que seus bispos e teólogos tivessem influência em Constantinopla por causa da presença do primeiro imperador “cristão” e sua corte.

Mas o que ficou evidente logo após o Édito de Milão foi que crenças ligeiramente diferentes sobre Jesus Cristo surgiram em várias partes do império durante as longas perseguições do século anterior.

As histórias complicadas e muitas vezes perturbadoras dessas controvérsias entre os cristãos dos séculos III e IV sobre a pessoa de Jesus Cristo e a Trindade não podem deter-nos aqui. Basta dizer que os bispos e presbíteros, especialmente na metade oriental e de língua grega do Império Romano, ficaram consternados quando foram despertados para o fato de que havia entre eles não apenas variedades de crenças, mas rematadas heresias; negações seriíssimas das antigas regras de fé cristãs e das próprias Escrituras.

O século e um quarto de 325 a 451 é considerado a era formativa da ortodoxia cristã ecumênica formal. Todos os reformadores protestantes do século XVI que se separaram da Igreja Católica medieval concordaram com as principais realizações dos concílios que reuniram e criaram a crença cristã correta na linguagem extrabíblica, porém necessária. A “joia” desse processo foi o Credo Niceno, escrito pela primeira vez em 325 no chamado pelo imperador de Concílio de Niceia e revisado em sua forma final em 381 no também chamado pelo imperador de Concílio de Constantinopla (os dois primeiros concílios ecumênicos em que todos os bispos cristãos estavam presentes ou foram convidados).

Os detalhes dos 125 anos da formulação formal da antiga ortodoxia ecumênica

serão revelados quando considerarmos as heresias que levaram a ela. Por enquanto, descreveremos apenas os contornos gerais do que foi decidido na época (e acordados pelos reformadores protestantes e seus fiéis seguidores durante os séculos XVI e XVII). É assim que os leitores sabem o que se entende por ortodoxia ecumênica, as doutrinas básicas do cristianismo com as quais os ortodoxos orientais, os católicos romanos e a maioria das variedades de protestantes sempre concordaram.

No ano de 325, muitas centenas de bispos cristãos reuniram-se em uma cidade na Ásia Menor chamada Niceia. Foram a pedido de Constantino para determinar uma doutrina cristã unificada sobre a pessoa de Jesus Cristo e acabaram estabelecendo também os alicerces para uma doutrina formal e ortodoxa da Trindade. Mas isso teve de esperar até que fosse concluído no segundo concílio ecumênico em 381.

Os bispos sentaram-se e discutiram doutrinas por dias. Constantino estava entre eles e ocasionalmente intervinha nas discussões para fazer com que avançassem. Ele não disse, porém, o que decidir. O papel exato de Constantino nas deliberações tem sido muito debatido, mas não há evidências de que elas eram controladas por ele. A grande maioria dos bispos, com exceção de dois ou três, concordou de maneira relativamente rápida sobre como expressar o relacionamento entre Jesus e Deus Pai. Eles decidiram que eles são “da mesma substância” (*homoousion*). Em outras palavras, todos os atributos que o Pai possuía como Deus também são do Filho, e esse Filho de Deus eterno e onipotente, a Palavra, o Logos referido em João 1, também se tornou um conosco. Como veremos, havia outras maneiras de expressar o relacionamento entre Jesus e Deus e nós, mas os bispos declararam-nas erradas e heréticas. Foi quando Constantino interveio e banuiu de seus ofícios os bispos que se recusaram a concordar com o credo, que passou a ser conhecido como Credo Niceno. (Em 381, foi revisado e incluiu um artigo sobre o Espírito Santo; por isso é tecnicamente chamado de Credo Niceno-Constantinopolitano.)

O primeiro passo na formalização da ortodoxia ecumênica foi a decisão uniforme de que, conforme a crença cristã, Jesus é Deus encarnado, igual ao Pai quanto à divindade e igual a nós quanto à humanidade (ainda que sem pecado). Ainda restaram questões que tinham de ser resolvidas. Bispos confusos perguntavam-se se isso significava dois deuses ou, talvez, uma pessoa divina com duas fisionomias, papéis ou manifestações. As décadas seguintes foram consumidas com intenso debate e reflexão teológica. No final, quando o próximo

concílio reuniu-se em 381, todos concordaram que “da mesma substância” não significava que o Pai e o Filho Jesus são dois deuses separados ou que Deus é uma pessoa com duas faces ou manifestações. Em 381, os bispos pensaram em acrescentar o Espírito Santo ao credo como pessoa distinta, mas uma em substância com o Pai e o Filho.

Muitas pessoas ficam confusas com tudo isso. Aham que era um novo pensamento, talvez imposto pela política e/ou filosofia, ou uma especulação inútil e não bíblica feita por líderes da igreja que não tinham nada melhor a fazer do que examinar os mistérios da divindade. Nem a suposição e nem a conclusão são verdadeiras. Os bispos estavam respondendo a heresias excessivamente filosóficas e especulativas, tentando proteger o mistério do que desde sempre era crido pelos cristãos fiéis.

Aqui está o credo que foi concluído em 381 no Concílio de Constantinopla e que se tornou o padrão-ouro da ortodoxia cristã ecumênica para milhões de cristãos em todo o mundo:

Creemos em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai, por quem foram feitas todas as coisas. O qual por nós homens e para a nossa salvação, desceu dos céus: se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos e padeceu, e foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está assentado à direita do Pai. Ele virá novamente, em glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim. E no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida, que procede do Pai; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele falou pelos profetas, na igreja, una, santa, católica e apostólica. Confessamos um só batismo para remissão dos pecados. Esperamos a ressurreição dos mortos; e a vida do mundo vindouro. Amém.

Essa é a versão do credo usada pelos cristãos orientais; mais tarde, os cristãos ocidentais acrescentaram as palavras “e do Filho” (filioque) depois de “que

procede do Pai”, referindo-se ao Espírito Santo. Essa foi uma das principais causas da divisão entre cristãos orientais e cristãos ocidentais (católicos) em 1054.

Então, qual é a essência da declaração da ortodoxia cristã? No que ela se resume? Basicamente, é uma declaração da encarnação de Deus em Jesus Cristo, que Jesus Cristo também é Deus e que o Espírito Santo também é uma pessoa de Deus igual ao Pai e ao Filho. Eles, porém, não são três deuses, porque compartilham a mesma natureza, substância e essência. Todos têm os mesmos atributos essenciais de eternidade, poder e glória.

Como veremos, nem todos os que se dizem cristãos, tanto outrora quanto hoje, concordam com a declaração da crença cristã. Por diversas razões e de diferentes maneiras, eles rejeitam-na e, portanto, são considerados hereges (na medida em que sabem que estão rejeitando a ortodoxia cristã e persistem em ensinar sua opinião alternativa a outros como o “verdadeiro cristianismo”).

Depois do Concílio de Constantinopla, quando todos na igreja unificada concordaram sobre a divindade de Cristo, o Espírito Santo e a Trindade, surgiu uma confusão entre os cristãos sobre o relacionamento entre a divindade e a humanidade de Cristo. Em que sentido Ele era “verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem”? O que isso significa e como deve ser expresso?

Capítulos posteriores irão mostrar e explicar as várias “heranças cristológicas”. Por ora, basta dizer que os bispos reuniram-se novamente, duas vezes, para resolver tais questões e dizer em que todos os cristãos deveriam crer sobre Jesus Cristo. O terceiro concílio ecumênico foi em Éfeso, em 431. Condenou como heresias certas crenças populares, porém distorcidas, sobre Jesus Cristo. O quarto concílio ecumênico reuniu-se em Calcedônia, outro subúrbio de Constantinopla (perto de Niceia) em 451, para escrever uma “definição” de crença ortodoxa sobre a pessoa de Jesus Cristo. A Definição de Calcedônia não é outro credo ao lado do Credo Niceno-Constantinopolitano (a partir de agora, Credo Niceno ou apenas “o Credo”). Tinha o propósito de ser um adendo esclarecedor ao Credo Niceno e recebeu a mesma autoridade para que grupos e indivíduos cristãos que se opusessem a ele separassem-se dos bispos.

O que a Definição de Calcedônia disse? A doutrina que promulgou é conhecida como “união hipostática”, termo técnico para referir-se à crença de que Jesus Cristo era uma pessoa unificada (não duas) tanto humana quanto divina. Em

outras palavras, sua pessoa era o eterno Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, mas Ele possuía a natureza humana e a natureza divina. É um mistério, e os bispos da Calcedônia sabiam disso. O objetivo que tinham era proteger o mistério, e não o dissipar.

Deixemos de lado por ora a terminologia técnica e a história e falemos em linguagem popular (que os estudiosos talvez não gostem!) o que significavam essas doutrinas ortodoxas. O Credo Niceno significa que os cristãos devem crer em um Deus que é “um o quê e três quês”. A Definição de Calcedônia, união hipostática, significa que os cristãos devem crer que Jesus Cristo é “um quem e dois os quês”.

A Definição de Calcedônia estabeleceu “quatro cercas” em torno do mistério da união hipostática, a encarnação, para protegê-la de duas heresias importantes que serão explicadas mais adiante. A definição diz que as duas naturezas de Jesus Cristo são “sem divisão, sem separação” e “sem confusão, sem mudança”. Em outras palavras, nEle, Jesus Cristo, existem duas naturezas completas e distintas, uma humana (nossa) e outra divina (de Deus), e que essas não devem ser consideradas como separadas, tornando Deus com dupla personalidade ou mescladas, criando um híbrido de divindade e humanidade (uma impossibilidade dada a transcendência de Deus, que é totalmente diferente de qualquer coisa humana).

Outra Faceta da Ortodoxia Antiga: Salvação pela Graça Somente

Durante a primeira metade do século V, enquanto os bispos cristãos estavam lidando com a doutrina da pessoa de Jesus Cristo e elaborando a fórmula da união hipostática, eles também estavam lutando com controvérsias causadas por heresias sobre o pecado e a salvação; se a graça de Deus é absolutamente necessária e se os seres humanos são capazes de, por si mesmos, apartar-se da graça sobrenatural de Deus, de viver uma vida perfeita de obediência ou de iniciar um relacionamento salvífico com Deus.

Mais uma vez, as heresias que causaram a controvérsia não nos deterão agora; aqui, discutiremos apenas o resultado, o que os líderes das igrejas ocidentais e

oriental decidiram ser a ortodoxia cristã sobre essas questões. É necessário lembrar aos leitores que todos os reformadores protestantes e seus seguidores concordaram com o que os bispos e outros líderes da igreja decidiram a esse respeito. A Reforma não teve a ver com se a salvação é somente pela graça — isso é ortodoxia ecumênica —, mas se a graça salvadora é ativada somente pela fé ou pela fé e pelas “obras de amor”. A ortodoxia católica diz que as obras de amor são necessárias para a graça salvadora com o objetivo de salvar a pessoa (na medida em que ela possa fazer obras de amor). A ortodoxia protestante diz que a salvação é somente pela graça, somente pela fé e sem as obras. Mas as duas metades do cristianismo ocidental concordam que o Evangelho de Jesus Cristo mantém que somente as boas obras não são elegíveis para a salvação e que até as boas obras que a pessoa faz são produtos da graça de Deus.

O terceiro concílio ecumênico, o Concílio de Éfeso, em 431, tratou de várias questões doutrinárias, entre elas a pessoa de Jesus Cristo (prenunciando a resolução final no Concílio de Calcedônia, em 451) e a salvação, especialmente a relação entre graça e boas obras. Em completa harmonia com as Escrituras (por exemplo, Ef 2.8) e os ensinamentos cristãos anteriores (por exemplo, os de Irineu, Tertuliano, Orígenes, Atanásio e outros Pais da Igreja Primitiva), o concílio declarou que somente as boas obras não salvam a pessoa. Todos são pecadores e podem ser salvos somente pela graça de Deus por intermédio de Jesus Cristo. O concílio não negou o valor das boas obras ou o fato do livre-arbítrio; apenas negou que qualquer pessoa possa reconciliar-se com Deus sem a graça sobrenatural de Deus.

Mais tarde, em 529, um sínodo de bispos ocidentais em Orange (o Segundo Sínodo de Orange) condenou como heresia a ideia de que o pecador tem a capacidade moral de iniciar um relacionamento salvador com Deus sem a graça de Deus. Isso será explicado em um capítulo posterior. A heresia passou a ser conhecida nos anais da história da igreja como “semipelagianismo”. (O pelagianismo é a heresia condenada em Éfeso.) O semipelagianismo diz que a condição humana resultante da Queda (a rebelião original de Adão e Eva) não é tão séria; apesar de nascerem “caídos”, os pecadores podem por si mesmos “exercer a boa vontade para com Deus”, sem a “graça preveniente” de Deus. (A graça preveniente é a graça de Deus chamadora, convencidora, iluminadora e capacitadora que supera a escravidão do coração ao pecado e torna o pecador capaz de arrepender-se e crer em Jesus Cristo.)

Juntos, Éfeso e Orange, e o testemunho da grande maioria dos Pais da Igreja

afirmam que não há possibilidade de nenhum ser humano, além de Jesus Cristo, viver uma vida de obediência a Deus sem pecado, de modo a não precisar da graça sobrenatural de Deus, até para arrepender-se e crer.

Parte desse último desenvolvimento da ortodoxia ecumênica, acordado totalmente pelos reformadores protestantes e seus herdeiros (inclusive John Wesley), é a doutrina muito debatida e muitas vezes rejeitada do “pecado original”. Como no caso do conceito de heresia, o pecado original foi problematizado na modernidade. Até muitos cristãos rejeitam-na. Mas o que isso significa? Suspeito que muitos que a rejeitam nem mesmo a entendem. Nunca significou que os seres humanos são maus ou nascem com uma natureza maligna neles. Agostinho, Pai da Igreja, falou para a maioria dos cristãos antigos quando disse que “a única coisa má é a má vontade”. Não existe “natureza pecaminosa” como tal. O pecado original tem muitas interpretações, e algumas são extremas e merecedoras de serem questionadas, senão rejeitadas. Mas, basicamente, significa apenas que todo ser humano (exceto Jesus Cristo e, para os católicos, Maria) nasce “mercadoria danificada”, de modo que a desobediência voluntária, rebelde e presunçosa a Deus é inevitável. Denominações diferentes explicam quando e como a “bomba-relógio” do pecado original explode em culpa, mas o “pecado original” em si não implica necessariamente em culpa original ou mesmo depravação total.

O grande teólogo leigo católico britânico G. K. Chesterton disse que o pecado original é a única doutrina empiricamente comprovável da fé cristã. Em outras palavras, olhe para dentro de si mesmo e para os outros, e você verá que, como a Bíblia diz, “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3.23). E “não há um justo, nem um sequer” (Rm 3.10). No entanto, a base da doutrina ortodoxa do pecado original não é a experiência; é o testemunho das Escrituras e de todos os Pais da Igreja, bem como os reformadores.

Outras Crenças da Ortodoxia Cristã

Até agora, descobrimos que a ortodoxia cristã ecumênica inclui: (1) a divindade e a humanidade de uma pessoa Jesus Cristo (encarnação, união hipostática), (2) a Trindade (Deus é um ser, substância existente como três pessoas distintas) e (3) a

salvação é somente pela graça e não pode ser conquistada (mesmo que as boas obras façam parte de ser cristão).³

Porém, o que mais está incluído na ortodoxia cristã ecumênica? Essas são as três grandes doutrinas que unem todos os cristãos tradicionais e que os tornam “cristãos” em termos de crença. Contudo, existem outras crenças que praticamente ninguém questionou até a era moderna com o surgimento da secularidade e do naturalismo (a negação de milagres). Ao longo dos séculos XIX e XX, cristãos conservadores e ortodoxos de todas as variedades sentiram a necessidade de defender certas doutrinas que os cristãos primitivos e os reformadores nunca suspeitaram que algum cristão negasse.

Quando reexaminamos as Escrituras, o cristianismo ecumênico antigo e o cristianismo da Reforma, não podemos deixar de notar certas suposições comuns que nunca tiveram de ser formuladas da mesma maneira que a pessoa de Jesus Cristo, a Trindade e a salvação somente pela graça. Mas elas estão implícitas nas declarações doutrinárias e na adoração, e na confissão comum dos cristãos ao longo dos tempos, até o surgimento da teologia liberal do pensamento livre após o Iluminismo.

Uma das suposições é a realidade dos milagres, incluindo a ressurreição de Jesus Cristo. Friedrich Schleiermacher, o “pai da teologia moderna” (m. 1834), negou-a. O mesmo fez a maioria dos teólogos “liberais” do século XX. Para ser mais preciso, eles a “desmitologizaram”, o que significa que a interpretaram de maneira não literal como a “ascensão da fé” no coração dos discípulos após a morte de Jesus (enquanto o seu corpo permanecia morto no túmulo). Todos os cristãos conservadores e tradicionais sempre se apegaram firmemente à ressurreição corporal de Jesus. Parecia que era uma parte essencial do “pacote” do cristianismo ortodoxo em termos de crenças. Negá-la com segurança poderia ser chamado de heresia, ainda que isso seja bastante comum entre os protestantes liberais e alguns católicos.

Outro item da ortodoxia ecumênica é que a morte de Jesus na cruz reconciliou objetivamente Deus e a humanidade. Se a pessoa é salva, deve-se à “morte expiatória” de Jesus. No entanto, as igrejas e concílios antigos nunca sentiram a necessidade de explicar uma teoria específica de como a morte de Cristo reconciliou objetivamente Deus e a humanidade tornando possível a redenção. Teorias abundaram na literatura teológica, mas nenhuma delas foi “batizada” como a visão ortodoxa pelos primeiros líderes cristãos. Durante a Reforma

Protestante, a crença de que somente a morte de Jesus é o fundamento da salvação foi aceita como fato incontestado; quase ninguém a questionou. Surgiram várias teorias de como a morte de Jesus reconciliou Deus com a humanidade (e vice-versa), mas nenhuma foi universalmente aceita como a única e necessária crença.

Contudo, sem entrar em detalhes sobre a história das doutrinas da expiação (que literalmente significa “reconciliação” e, em teologia, refere-se à morte de Cristo reconciliando Deus com a humanidade e vice-versa), posso dizer com confiança que todos os cristãos tradicionais, tanto os antigos quanto os da Reforma, criam que ela era objetiva. Em outras palavras, o efeito da morte de Cristo não foi apenas um exemplo de amor que permite que os pecadores amem a Deus; foi também, e isso é mais importante, uma transação de algum tipo, um sacrifício, um pagamento de uma dívida, uma conquista das forças do mal que mantinham Deus e a humanidade separados.

Outras crenças cristãs foram consideradas fatos inegáveis pelos primeiros cristãos, porque praticamente nenhum cristão desafiou-as. O mesmo pode ser dito sobre as mesmas crenças implícitas em relação aos reformadores; eles podem ter discordado sobre detalhes das doutrinas, mas todos concordaram com sua verdade essencial. Por exemplo, que Jesus Cristo irá voltar à terra para ressuscitar os mortos e julgar todos os vivos e mortos e que os cristãos esperam ansiosamente por uma nova criação na presença de Deus para sempre. Alguns protestantes liberais e modernos também questionaram esses itens (como questionaram a ressurreição corporal) considerando-os mitológicos. Eles os “desliteralizaram”, interpretando a segunda vinda de Cristo como a nova presença de Cristo na personalidade do cristão após a conversão. Mas nenhum cristão pensou em negar a futura vinda de Cristo e a nova criação a seguir, até que alguns cristãos modernos sucumbissem ao secularismo e ao naturalismo (negação de milagres ou qualquer coisa sobrenatural) e propusessem-se a reconstruir o cristianismo de maneira radical.

Outros itens da ortodoxia ecumênica implícita são a criação a partir do nada, os seres humanos criados à imagem e semelhança de Deus, a soberania de Deus na história (interpretada de maneiras diferentes) e a igreja como o Corpo de Cristo (também interpretado de muitas maneiras diferentes).

As Fontes e os Critérios da Ortodoxia Cristã

Alguns leitores podem se perguntar de onde vem a ortodoxia cristã ecumênica e em que ela está baseada. Já mencionei os quatro primeiros concílios ecumênicos da igreja e diversos Pais e teólogos influentes da igreja que escreveram livros para expor e defender crenças cristãs comuns. E mencionei que os principais reformadores protestantes concordaram incondicionalmente com os primeiros líderes cristãos que formularam a ortodoxia formalmente.

Uma palavra-chave em tudo isso é consenso. Até a era moderna, quando as pessoas que se autodenominavam cristãs negavam abertamente a ortodoxia cristã básica (como descrevi acima), praticamente todos os cristãos de todos os tipos e tribos concordavam com as doutrinas da ortodoxia ecumênica. Digo “praticamente” porque sempre há exceções, mas até a modernidade e o surgimento da teologia liberal, as pessoas que discordavam das doutrinas cristãs ortodoxas eram consideradas hereges (na medida em que se entendia que elas discordavam do cristianismo ortodoxo). Eram maltratadas, não há dúvida sobre isso. Em um notório incidente de particular crueldade, o herege Miguel Serveto foi queimado na fogueira na cidade de Genebra durante a Reforma por negar a Trindade. Não desejo defender nenhuma perseguição ou acusação de hereges. Mas, como expliquei no capítulo 1, o fato de igrejas e líderes cristãos maltratarem hereges não faz coisa alguma para anular o fato de que heresias existem e precisam ser expostas e opostas.

O “consenso cristão” não é o fundamento final da ortodoxia cristã. É uma fonte e critério para a crença verdadeira, mas não é a fonte e critério final ou a mais básica. Isso seria a revelação, o Espírito Santo falando inspiradamente por meio das Escrituras, dos profetas e dos apóstolos, dos escritos que eles deixaram para as gerações posteriores e que Deus preservou para nossa inspiração, orientação e ensino. Os ensinamentos da ortodoxia cristã são os esforços da igreja em ser fiel às Escrituras.

Duas questões surgem imediatamente. Uma tem a ver com o modo como sabemos que as Escrituras são a Palavra escrita de Deus e a outra é a relação entre Escrituras e tradição.

Posto que este não é um livro de apologética (que defende a fé), e sim uma

exposição de heresias, tenho de arriscar na primeira questão e dizer que, para os cristãos em todos os lugares e sempre, as Escrituras, apesar de perfeitamente compreendidas, são consideradas inspiradas por Deus, a palavra escrita para a humanidade. Os Pais da Igreja Primitiva referiam-se frequentemente aos “profetas e apóstolos” dando a entender seus escritos na Bíblia hebraica, nos evangelhos, nas epístolas dos apóstolos, no livro de Atos e no livro de Apocalipse. A formação do cânone cristão levou tempo, mas houve ampla concordância em sua maior parte muito antes de os 27 livros do Novo Testamento serem oficialmente acordados no século IV. Alguns cristãos, inclusive eu, acreditam que a única “prova” da autoridade das Escrituras como a Palavra escrita de Deus é o que o filósofo G. E. Lessing chamou de “o Espírito e poder”.⁴ O reformador João Calvino, em pleno acordo com Martino Lutero e outros antes e depois, baseou nosso conhecimento das Escrituras como Palavra de Deus e nosso entendimento de seu significado no “testemunho interno do Espírito Santo”.⁵ Os defensores da Bíblia apelam para evidências e provas “internas” e “externas” de sua inspiração única para fundamentar nossa opinião cristã na Bíblia. Obviamente, essas evidências e provas ficam aquém das provas absolutas. Ou a pessoa vê a Bíblia como a Palavra de Deus ou não.

Uma questão mais importante e premente para nossos propósitos é o relacionamento entre Escrituras e tradição. Os católicos, semelhantemente os cristãos ortodoxos orientais, veem as Escrituras e a tradição como uma fonte unida da revelação registrada da verdade de Deus e recusam-se a separá-las ou colocar uma acima da outra. Para eles, o antigo consenso ecumênico que tenho falado como “ortodoxia cristã” faz parte da revelação. As Escrituras são outra parte. São os dois lados de uma moeda. Os protestantes em geral (sempre há exceções) discordam e colocam as Escrituras acima da tradição. *Sola Scriptura* é a expressão protestante para referir-se à primazia das Escrituras sobre todas as tradições extrabíblicas.

Sola Scriptura não significa “somente a Bíblia”. Significa que a Bíblia é o fundamento da verdadeira tradição; seja o que for em que o cristão deva acreditar, não importa quando e como for declarado ou por quem, é apenas outra maneira de dizer o que a Bíblia diz. Um protestante tradicional, por exemplo, dirá com Lutero, Calvino, os reformadores radicais (por exemplo, os anabatistas) e John Wesley que o Credo Niceno-Constantinopolitano com sua expressão da doutrina da Trindade é verdadeiro, porque diz em outras palavras o que as Escrituras dizem. Sua verdade não se apoia nas próprias pernas; apoia-se nas pernas das Escrituras. Se alguma vez acontecer que algo no antigo

consenso doutrinário cristão acordado pelos reformadores protestantes não for bíblico, ele terá de ser mudado ou descartado. Pouquíssimos protestantes fora dos círculos liberais esperam que isso aconteça, a menos que a “ortodoxia ecumênica” seja tão detalhada e abrangente que inclua tudo o que os Pais e reformadores da igreja criam em comum sobre qualquer coisa. Então, logicamente, temos um problema sério, porque até o tempo de Galileu (século XVII) todos pensavam que o sol girava em torno da Terra! Isso não é “ortodoxia ecumênica”, porque não é ensinado nas Escrituras, e os Pais e reformadores da igreja não fizeram disso uma questão de dogma (a negação doutrinária oficial que constitui heresia).

Alguns protestantes buscam um meio termo entre a visão católica da Escritura e tradição e a clássica visão protestante da Sola Scriptura. Eles insistem que os cristãos contemporâneos, incluindo os protestantes, devem interpretar a Bíblia através das “lentes”, por assim dizer, do antigo consenso ecumênico cristão com o qual os reformadores protestantes concordaram. Essa visão via media sustenta que a Escritura está “acima” da tradição, mas também que a Grande Tradição da ortodoxia cristã nunca deve ser descartada, ignorada ou deixada de lado ao estudar a Bíblia pela verdade sobre Deus, Jesus Cristo, a salvação e assim por diante.

Como todos os meios de comunicação, os meios intermediários, este pode inclinar-se para a visão católica ou a clássica visão protestante. Minha crença é que a Escritura é a nossa principal fonte e norma cristã para as crenças e que, em todos os assuntos doutrinários, a Escritura é a autoridade suprema à qual apelamos. Como disse o teólogo judeu reconstrucionista Mordecai Kaplan: “A tradição sempre obtém um voto, mas nunca um veto”.⁶ A Escritura obtém poder de veto, e toda doutrina deve provar a si mesma com base na Escritura. A Grande Tradição obtém um voto em uma controvérsia sobre a doutrina, mas nunca em um veto absoluto.

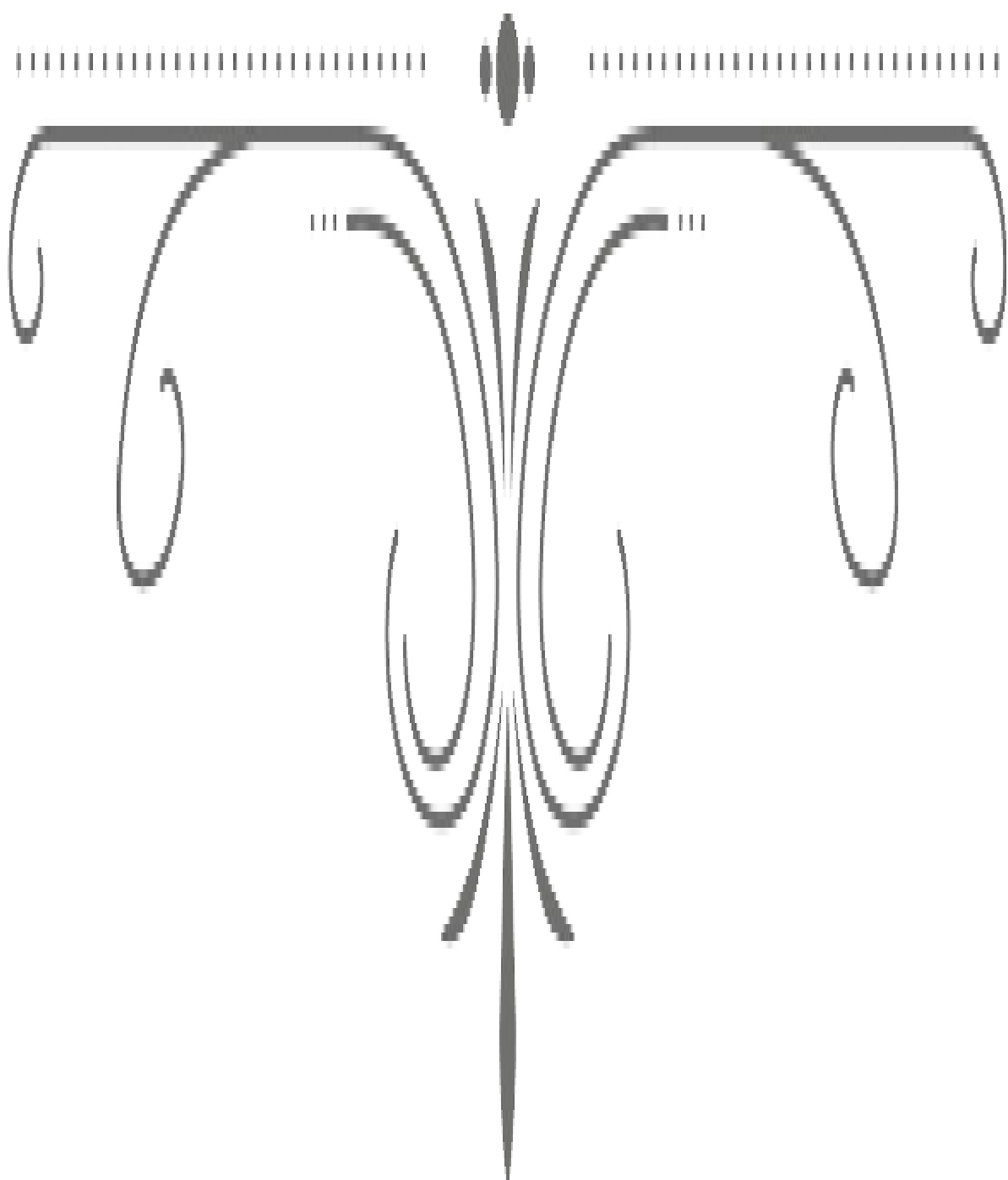
Portanto, ao continuarmos a discutir heresias, lembre-se de que elas são consideradas falsas, porque contradizem o Evangelho de Deus revelado na Escritura, e não apenas porque são contrárias à tradição. No entanto, a Grande Tradição da ortodoxia ecumênica vota solidamente contra elas. É o que devemos levar a sério.

Deixando mais Claro

1. Releia o Credo Niceno. Como as crenças que ele esboça estão de acordo ou não com as suas crenças pessoais e as da sua igreja?
2. As heresias tornam Deus simples demais e racional demais. O quanto é importante o mistério de Deus para você? Compartilhe uma ocasião em que você experimentou Deus. Como você falou ou falaria sobre isso com outras pessoas?
3. O que é o cristianismo básico ou o “cristianismo puro e simples”? Discuta os três princípios básicos do cristianismo: a pessoa de Jesus Cristo, a Trindade e a salvação somente pela graça.
4. Em sua opinião, qual é a relação entre graça e boas obras?
5. Você entende a ressurreição de Jesus como fato histórico ou de maneira não literal? Uma pessoa pode ser cristã e não crer na ressurreição?
6. Como você entende o papel da Bíblia como fundamento da fé? Como esse entendimento difere de “somente a Bíblia”? Qual é o papel da Bíblia em sua vida e em práticas diárias de fé?

Capítulo 3

O Pai de todas as Heresias: o Gnosticismo



O que É Gnosticismo?

O gnosticismo é a sombra perene do Novo Testamento, do Cristianismo apostólico. Surgiu, ao que parece, consecutivamente à ascensão do Cristianismo, sempre tem existido e, às vezes, prosperou nas margens do Cristianismo. O século II foi seu auge; depois que o Império Romano tornou-se “cristão”, o gnosticismo caiu na clandestinidade. Hoje, está voltando com força rotulado como “Nova Era” ou cristianismo “esotérico”.

Pouquíssimas pessoas autodenominavam-se gnósticas. O gnosticismo é um rótulo inventado pelos cristãos ortodoxos para descrever uma forma alternativa de Cristianismo. Durante o século XX e já neste século XXI, algumas pessoas que se autodenominam cristãs têm tentado reviver o gnosticismo antigo em trajes novos e modernos, e identificando-o como tal (e eles mesmos como gnósticos). Neognosticismo é um termo comum para designar todos esses grupos. Em 1997, a esotérica e guru da Nova Era chamada Elizabeth Clare Prophet (“Guru Ma”) publicou um livro intitulado Reencarnação: O Elo Perdido do Cristianismo. Nesse livro, ela e sua filha Erin L. Prophet argumentaram que o gnosticismo era o verdadeiro cristianismo e fora injustamente oprimido e reprimido pelas igrejas ortodoxas. Seu objetivo era reviver o antigo cristianismo gnóstico. (Os estudiosos, em sua maioria, concordam que os antigos gnósticos não criam na reencarnação, mas os neognósticos creem.) Uma década antes, o teólogo Philip Lee publicou *Against the Protestant Gnostics* [Contra os Gnósticos Protestantes], em que condena o que ele considerou como gnosticismo latente em grande parte do protestantismo.

“Gnosticismo” é um conceito essencialmente contestado, pelo menos entre os estudiosos. O que exatamente é e foi ainda é muito debatido. Alguns estudiosos cristãos notáveis argumentam que há certa verdade na afirmação de Prophet, de que o gnosticismo antigo era o verdadeiro cristianismo, ou pelo menos, que era tão autenticamente cristão quanto o que as pessoas pensam como cristianismo ortodoxo. Elaine Pagels, estudiosa do Novo Testamento da Universidade de Princeton, construiu sua reputação nessa afirmação e procurou apoiá-la com vários livros acadêmicos de elevada consideração e amplamente lidos. Seu trabalho chamou a atenção novamente para o tema e ocasionou uma enxurrada

de novos livros sobre o assunto. Contudo, antes disso, ocorreu uma descoberta surpreendente nas areias do Egito que renovou o interesse pelo gnosticismo e como defini-lo. Em 1945, foi descoberta em Nag Hammadi uma biblioteca inteira de manuscritos gnósticos. Tinha muitos dos chamados “evangelhos gnósticos” que antes eram conhecidos pelo nome por meio dos escritos antignosticos dos cristãos primitivos ortodoxos. Entre eles, estava o muito propagado Evangelho de Tomé. Os escritos foram traduzidos para o inglês e publicados em um volume na década de 1970, esclarecendo o que os antigos gnósticos acreditavam em comum e sua diversidade.

Muito do que se sabe sobre o gnosticismo vem dos antigos Pais da Igreja e, principalmente, de Irineu de Lyon, que morreu por volta de 202. Ele foi o bispo de Lyon na Gália, França, e um dos primeiros teólogos cristãos. Ele escreveu cinco livros Contra as Heresias que contêm uma grande quantidade de informações e polêmicas contra vários grupos e mestres cristãos heréticos do século II, incluindo os gnósticos. Irineu passou muitos anos estudando todas as seitas gnósticas que pôde, muitas das quais estavam ativas em Roma, para onde viajava com frequência. Os seus livros Contra as Heresias gastaram milhares de palavras para descrever os ensinamentos gnósticos e criticá-los, até ridicularizá-los. Muitos estudiosos julgam que as descrições são justas e, em geral, precisas.

Irineu registrou que alguns líderes gnósticos rastrearam seu conhecimento especial até o mágico Simão mencionado em Atos 8, o homem que tentou comprar dos apóstolos o poder do Espírito Santo. Irineu também registrou que muitos mestres gnósticos alegavam possuir ensinamentos secretos de Jesus dados apenas ao seu círculo interno de discípulos e passados deles para os líderes gnósticos. O círculo interno teria sido formado por Pedro, Tiago e João. O problema é que, conforme ele mesmo destacou, Irineu conheceu a fé cristã com o mártir Policarpo, que era discípulo de João. Com certeza, argumentou o Pai da Igreja, Irineu teria, no mínimo, ouvido de Policarpo a existência desses ensinamentos secretos, que estava muito perto do mais jovem e último discípulo de Jesus que morreu. Mas Irineu não ouviu nada. Irineu acreditava que os ensinamentos especiais dos gnósticos foram inventados por eles usando textos inteiros ou reunindo textos retalhados do cristianismo, das religiões misteriosas do Império Romano e da filosofia grega.

Muitas pessoas usam o termo gnosticismo de maneira muito vaga. Aqui, o gnosticismo do século II será o paradigma e cânone de todo o gnosticismo. Crenças e ensinamentos serão considerados gnósticos apenas na medida em que

refletem temas distintos do gnosticismo cristão do século II. Caso contrário, a tentação de rotular muitas coisas de “gnósticas” torna-se irresistível. Por exemplo, há pessoas que identificam o gnosticismo em qualquer crença religiosa que diz que a matéria é limitadora e que a salvação envolve a fuga do corpo e do universo materiais. Mas o verdadeiro gnosticismo do século II foi além; identificou que a matéria é má e a causa do pecado e considerou a salvação como fuga da materialidade por meio da descoberta de sua própria divindade.

Então, em que os gnósticos do século II criam? O que mantinha as várias “escolas” do gnosticismo juntas, cada uma com seu próprio mestre (Valentino, Basílides, Cerinto e outros), como um movimento relativamente identificável?

Primeiro, o gnosticismo não era apenas um conjunto de doutrinas; era mais um etos, uma atitude em relação à realidade, especialmente tempo e matéria ou o que alguns neognósticos modernos chamaram de MEST, formado pelas iniciais de Matéria, Energia, Espaço [space em inglês] e Tempo. A atitude foi a desilusão para com a história e o profundo desejo de escapar do tempo. Foi também a atitude negativa em relação à matéria e o profundo desejo de escapar dela. Alguns estudiosos remontam o início do gnosticismo ao fracasso das promessas apostólicas em materializar-se. Jesus não voltou como muitos esperavam. O Reino de Deus previsto na terra não substituiu o Império Romano e outras estruturas opressivas. Para os cristãos judeus (se houve gnósticos não cristãos é ponto de grandes debates), a queda de Jerusalém e a destruição do Templo em 70 d.C. ajudaram a lançar a fuga gnóstica da história e da matéria para uma espiritualidade puramente escapista que veio denegrir o tempo e a matéria como maus.

A outra parte do etos gnóstico era a tendência a dividir todas as pessoas, inclusive os cristãos, em dois grupos: as pessoas especialmente espirituais, capazes de um conhecimento e sabedoria mais elevados; e as pessoas “físicas” tão profundamente enraizadas em seus corpos e no mundo que não conseguiram entender o conhecimento e a sabedoria (gnose) mais elevados e, portanto, não eram candidatas ao recrutamento nos círculos gnósticos. A princípio, os gnósticos existiram como células secretas e exclusivas dentro das igrejas cristãs; depois, separaram-se e formaram igrejas rivais que se opunham às lideradas pelos bispos que foram nomeados pelos apóstolos e seus seguidores.

O etos gnóstico era superespiritual, sobrenatural, até ao ponto de considerar a matéria e o tempo maus, além de elitista, pois considerava os cristãos não

gnósticos e os não cristãos como espiritualmente deficientes.

O Coração do Gnosticismo

O etos gnóstico levou a duas doutrinas cruciais, sem as quais o gnosticismo não seria o gnosticismo. Primeiro, todos os gnósticos creem que o pecado surge do corpo, que é o “túmulo” da alma ou espírito, que é a “centelha” do divino ou Deus, que esqueceu sua verdadeira divindade. Alguns gnósticos antigos têm uma frase que, em grego, era um jogo de duas palavras: soma sēma ou “túmulo do corpo”. “O corpo é o túmulo” seria uma boa tradução. A alma, a centelha de Deus que é a identidade central da pessoa, ficou presa no túmulo do corpo e esqueceu quem e o que é. O corpo peca por causa dessa condição caída e materialidade maligna. O pecado não é escolhido livremente, mas é uma condição inextricavelmente ligada à encarnação. A salvação deve ser a libertação da corporificação.

Segundo, todos os gnósticos creem que a salvação, a libertação da corporificação, vem pela conscientização da verdadeira divindade da alma ou espírito, que vem pelo recebimento da sabedoria oculta, do conhecimento secreto e da gnose de um mestre gnóstico. O iniciado gnóstico associar-se-ia a um mestre gnóstico e tornar-se-ia seu discípulo. Com o tempo, o iniciado receberia cada vez mais conhecimento que não era para todos. Por fim, ao adquirir o conhecimento e usá-lo, o iniciado poderia supostamente experimentar a fuga do corpo pecador e a ascensão da alma ou espírito para reinos puramente espirituais, que conduzem ao Deus supremo que está absolutamente afastado deste mundo.

Por que os cristãos do século II rejeitaram o gnosticismo por considerá-lo heresia é bastante óbvio. Em primeiro lugar, baseando-se no judaísmo e nas Escrituras hebraicas, os cristãos criam que Deus é o Criador de todas as coisas e, portanto, nada é em si mesmo mau. Os gnósticos tiveram de postular um deus mau ou demente que criou a matéria e o tempo para manter o Deus verdadeiro separado do mal. Em segundo lugar, os gnósticos tiveram de culpar o pecado não pela vontade do pecador, mas pela condição sobre a qual ele não tinha controle e só o obteve quando se tornou gnóstico. Portanto, não foi o arrependimento, mas a

iluminação que se tornou o caminho para a salvação. De acordo com o cristianismo apostólico e ortodoxo, o pecado não é um destino ou condição, mas uma escolha pela qual as pessoas são responsáveis (mesmo que tenham nascido corrompidas pelo pecado de Adão). Em terceiro lugar, os gnósticos tiveram de negar a encarnação e a ressurreição, tanto a ressurreição de Jesus quanto a nossa ressurreição futura. Jesus não poderia ter sido humano, Ele apenas pareceu humano. Essa é a heresia que os cristãos primitivos rotularam de “docetismo”, proveniente da palavra grega para referir-se à aparência. Jesus apenas parecia humano, contudo não era real e verdadeiramente humano. Os gnósticos negaram a ressurreição do corpo e enfatizaram a imortalidade da alma ou do espírito.

Mas talvez a pior heresia do gnosticismo, aos olhos dos cristãos primitivos e modernos, fosse e é a ideia de que a alma ou o espírito humano é uma “centelha de Deus”, da mesma substância que Deus e, portanto, divina. De acordo com a história bíblica e os ensinamentos cristãos, o pecado original foi o desejo de ser como Deus, de ser Deus por nós mesmos, a “idolatria do eu”. Todo pecado deriva disso. Os gnósticos apelaram ao desejo primordial das pessoas de serem Deus. Por conseguinte, os cristãos primitivos ortodoxos consideraram-nos idólatras.

Crenças Gnósticas sobre Jesus Cristo

Os antigos gnósticos não tinham uma cristologia (crença sobre Cristo) única e unificada. No entanto, eles tinham em comum o docetismo, que é a negação de que Cristo era verdadeiramente humano. Para eles, “Cristo” foi um “redentor celestial” enviado pelo Deus verdadeiro, sublime e puramente espiritual, para ensinar a sabedoria secreta da divindade interior dos seres humanos às pessoas espirituais prontas para esse conhecimento. Esse redentor celestial não era idêntico a Deus, mas era também, como toda alma ou espírito, uma derivação de Deus. (Os estudiosos chamam essas ideias de mediadores semidivinos de “emanações”.) Esse ser redentor espiritual percorreu pelos “éons” (níveis de espírito) entre Deus e o mundo, conquistando esses poderes e forças (“arcontes”) hostis a Deus e à missão de Cristo. (De acordo com a maioria dos gnósticos, há seres caídos e hostis que se opõem aos planos e propósitos de Deus e tentam frustrá-los. Eram, às vezes, chamados de “arcontes”, mas não é impróprio pensar que são demônios.) Cristo abriu caminho lutando contra eles e vencendo-os e,

por fim, apareceu na terra.

É aqui que os gnósticos dividem-se sobre Cristo. Para alguns deles, “Jesus” foi a aparência humana que Cristo assumiu para que pudesse ensinar os seres humanos a viajar para fora de seus corpos e, portanto, para fora do pecado e de volta à sua fonte em Deus. Cristo foi e é o redentor celestial puramente espiritual que nunca realmente nasceu ou morreu; Ele apenas pareceu nascer e morrer. Sua humanidade, “Jesus”, era toda uma farsa. Isso é docetismo essencial e original, a heresia cristológica mais frequentemente associada ao gnosticismo. Hoje, muitos cristãos consideram qualquer negação da verdadeira humanidade de Jesus como docetismo, quer esteja ligada, quer não ao gnosticismo. Uma forma popular disso é o ditado de que Jesus era “Deus com pele humana”. Ou seja, sua humanidade era apenas superficial; Ele não era real e verdadeiramente humano como nós.

Grande parte da literatura cristã do Novo Testamento e do século II visava afirmar a verdadeira humanidade de Jesus. Alguns estudiosos bíblicos, como o alemão Walter Schmithals (m. 2009), acreditam que grande parte do Novo Testamento foi escrita para refutar o “proto-gnosticismo”, o gnosticismo primitivo em estágio embrionário. Por exemplo, várias vezes 1 João diz que quem nega que Jesus Cristo veio em carne deve ser considerado anátema (expulso). Deve ter havido pessoas entre os cristãos primitivos que negaram que Cristo veio “em carne” (em verdadeira humanidade). Os escritos cristãos do século II estão cheios de afirmações da verdadeira humanidade de Jesus e de castigos para as pessoas que a negam. Irineu fundamentou toda a sua doutrina da “obra de Cristo” (expição, reconciliação com Deus) na verdadeira humanidade de Jesus, bem como em sua verdadeira divindade. Ele tinha de ser verdadeiramente humano e verdadeiramente divino para salvar os perdidos. Isso se tornou uma doutrina cristã ortodoxa padrão e quase sempre estava implicitamente, senão explicitamente.

Uma segunda cristologia gnóstica dividiu Jesus Cristo em dois seres: um ser meramente humano (de modo algum divino ou “celestial”) e um ser divino e celestial (puramente espiritual e não humano). Schmithals e alguns outros estudiosos do Novo Testamento destacam que alguns grupos gnósticos do século II exigiam que os iniciados amaldiçoassem Jesus como maneira de demonstrar que tinham sabedoria espiritual. O objetivo era mostrar que eles sabiam e entendiam que “Cristo” não era “Jesus” e vice-versa. Jesus era apenas um veículo humano do redentor celestial Cristo. Cristo, puramente espiritual,

assumiu o corpo de Jesus até sua morte. Quando Jesus clamou: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23.46), Ele estava dizendo, segundo os gnósticos, que o Cristo estava-o deixando. Afinal, esse “Cristo” não poderia estar com Ele na morte. Assim, segundo a cristologia gnóstica dualística, Jesus só era importante como veículo; a sabedoria superior (gnose) é que Cristo é alguém separado de Jesus, mesmo que Ele o tivesse habitado por um tempo.

Segundo Schmithals e alguns outros, isso por si só explica 1 Coríntios 12.3, no qual diz que ninguém que fala pelo Espírito de Deus pode amaldiçoar Jesus (ou dizer: “Jesus é anátema!”). Por que o apóstolo Paulo escreveu isso, a menos que houvesse alguém na Igreja de Corinto ou a estivesse influenciando para amaldiçoar Jesus? O hipotético gnosticismo do século I é chamado de proto-gnosticismo para distingui-lo do gnosticismo completo do século II, assim como o neognosticismo distingue o gnosticismo moderno de seu protótipo antigo.

O gnosticismo explica por que a literatura cristã do século II, grande parte da qual é anti-herética, enfatiza a verdadeira e plena humanidade de Jesus mais do que a sua divindade. Poucos cristãos negavam a divindade de Jesus, pelo menos não nas igrejas do Império Romano que estavam escrevendo ativamente literatura para os cristãos e explicando o cristianismo para as pessoas de fora. A questão que dividia os cristãos era mais a humanidade do que a divindade de Jesus. A encarnação de Deus em Cristo era o que estava em risco, e o principal desafio era a humanidade de Jesus.

Espalhadas por todo o Novo Testamento, há passagens que afirmam fortemente a verdadeira humanidade de Jesus. Precisamos apenas mencionar, por exemplo, Hebreus 4.14,15, no qual diz que temos um sumo sacerdote, Jesus, que passou pelos céus (observe que não foi apenas “Cristo” quem fez isso, mas o homem Jesus) e que foi tentado como nós, porém, sem pecado. Todos os gnósticos negavam que o Cristo redentor celestial pudesse realmente ser tentado, porque Ele não estava ligado ao mundo material, mas permanecia essencialmente livre, mesmo quando estava nele.

Alguns estudiosos pensam que o antigo credo batismal romano chamado Credo dos Apóstolos foi formulado para manter os gnósticos fora das igrejas. Ninguém sabe exatamente onde ou quando o Credo dos Apóstolos foi escrito, mas quase certamente se desenvolveu a partir de uma confissão batismal do século II (uma declaração exigida daqueles que eram batizados na igreja). A frase “nasceu da virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos”, liga Cristo

inextricavelmente à história e à matéria. Os gnósticos não poderiam dizer isso acerca do seu “Cristo”. E o artigo inicial do credo: “Creio em Deus Pai, todo-poderoso, Criador do céu e da terra” pode ter tido a intenção de refutar as negações gnósticas de que Deus Pai criou a terra e de excluir os gnósticos que ensinavam ou criam em um deus mal ou demente que a criou.

Respostas Cristãs ao Gnosticismo

Quando Irineu escreveu *Contra as Heresias*, o gnosticismo era grande e estava amplamente disseminado no Império Romano. Só em Roma, havia várias igrejas gnósticas competindo com as igrejas fundadas pelos apóstolos e seus seguidores. A ideia de “católico” surgiu em grande parte para distinguir a igreja cristã da igreja gnóstica. Católico significava as igrejas que tinham em comum a origem apostólica e a doutrina ortodoxa. Um grande líder gnóstico em Roma (mas que viajou pelo império tentando ganhar os cristãos para sua seita) foi Valentino. Seus seguidores foram chamados de valentinianos. Irineu desafiou a afirmação de Valentino que dizia sustentar e ensinar doutrinas secretas de sabedoria e conhecimento mais elevados transmitidas por Jesus ao seu círculo interno e deles para ele. Para ilustrar seu argumento contra essa alegação gnóstica comum, Irineu narrou uma história contada a ele por Policarpo, que fora discípulo do apóstolo João e depois se tornou bispo dos cristãos em Esmirna, cidade na Ásia Menor (Turquia). De acordo com Policarpo, João estava saindo do banho público da cidade (na época, o único lugar para tomar banho e um lugar para os homens encontrarem-se e conversarem) quando viu que o gnóstico Cerinto estava lá. Ele disse: “Deixemos este lugar antes que o edifício caia sobre nós, porque o herege Cerinto está aqui!”.¹ Se os gnósticos sabiam e ensinavam uma sabedoria espiritual secreta comunicada a eles por Pedro, Tiago e João, por que João teria dito isso sobre Cerinto, um dos primeiros mestres gnósticos?

Irineu foi o primeiro teólogo cristão propriamente dito. Havia, antes dele, escritores cristãos com os nomes dos apóstolos, e possuímos e podemos ler alguns de seus escritos, mas ele foi o primeiro cristão a escrever um relato amplo e detalhado da verdadeira doutrina cristã que fazia oposição às falsas doutrinas. Dessa maneira, Irineu tornou-se, por assim dizer, o pai da ortodoxia cristã. Ele recorreu ao seu profundo conhecimento dos ensinamentos do apóstolo João, que ele

recebeu em detalhes de Policarpo. Ele também estava muito familiarizado com os escritos dos outros apóstolos.

O argumento de Irineu contra os gnósticos tomou três linhas de ataque. A primeira linha foi a que descrevemos acima, a saber, que, se os gnósticos tivessem recebido ensinamentos secretos de Jesus dados para um círculo interno de seus discípulos (incluindo João), ele, Irineu, teria sabido. Policarpo não sabia e nem ele. Irineu argumentou que não havia evidência de que tal coisa existisse. Os ensinamentos gnósticos foram inventados.

Na segunda linha de ataque, Irineu expôs os ensinamentos gnósticos como ridículos. Eles tinham elaboradas mitologias sobre os éons e os arcontes, e seus nomes. Afinal, era assim que alguém era “salvo”: conhecendo e usando os nomes dos seres espirituais, bloqueando o caminho de volta a Deus ou ajudando as pessoas a ascender para fora do mundo da matéria e reunir-se com Deus.

E na terceira linha de ataque, Irineu argumentou que, se Jesus não era humano, então não há salvação. A razão é que a salvação depende de Jesus reverter o pecado de Adão. O argumento tornou-se conhecido como a Teoria da Recapitulação de Irineu acerca da obra reconciliadora de Cristo por meio de sua vida e morte. Para Irineu, o Filho de Deus, o Deus Filho, teve de assumir a humanidade para desfazer o que Adão fez. Nossa penosa situação humana deve-se à desobediência de Adão; Cristo teve de desfazer a desobediência adâmica na mesma “forma” que Adão. Para Irineu, o triunfo de Jesus sobre a tentação foi tão importante quanto sua morte obediente na cruz. Todo ato de obediência era Jesus Cristo revertendo a desobediência de Adão por nós. Se, pela fé nEle, entrarmos na nova humanidade de Jesus, deixaremos para trás a corrupção da raça de Adão e nos tornaremos “completamente vivos” (salvos da morte). Segundo Irineu, “a glória de Deus é o homem completamente vivo”.² Os gnósticos não pensavam que alguém pudesse estar “completamente vivo” e ser humano. A salvação estava deixando a humanidade para trás e tornando-se puramente espiritual. Quando Irineu disse que a glória de Deus é “o homem completamente vivo”, ele pretendia contradizer os gnósticos.

Conforme Irineu e todos os posteriores cristãos católicos e ortodoxos, a encarnação era essencial para a nossa salvação; não apenas para levar o Deus Filho à cruz para morrer, mas também para unir a humanidade à divindade e reverter a maldição da Queda de Adão para todos os que entravam em Cristo pela fé.

O teólogo Lee, cujo livro *Against the Protestant Gnostics* [Contra os Gnósticos Protestantes] foi mencionado anteriormente, sustenta que muitos protestantes modernos caíram em erro semelhante ao erro gnóstico, não tanto por negar a encarnação, mas por negar a natureza física da salvação. Os protestantes, argumenta ele, geralmente espiritualizaram o evangelho. Se isso é verdadeiro gnosticismo, é algo questionável, mas Lee e muitos outros viram no cristianismo espiritualizado moderno (incluindo muitos hinos que enfatizam a imortalidade da alma acima da ressurreição do corpo) ecos do gnosticismo antigo. Para Lee e outros críticos, a realidade da encarnação força-nos a perceber o quanto Deus importa-se com a matéria e a fisicalidade. O teólogo britânico N. T. Wright escreveu vários livros que destacam a redenção deste mundo no futuro com base em passagens de Romanos (por exemplo, a segunda metade do capítulo 8) e na encarnação. Isso é para combater as tendências neognósticas (principalmente na religião folclórica cristã) de ver a redenção futura como puramente espiritual, e não do corpo ou da terra.

O Gnosticismo depois do Gnosticismo

Talvez o verdadeiro gnosticismo deva limitar-se ao século II. O que veio antes era o proto-gnosticismo. O que veio depois era o pós-gnosticismo e o que existe hoje é o neognosticismo. Tudo depende de como se define o gnosticismo. Se é definido não historicamente como denegrimiento religioso do tempo e da matéria, visão puramente espiritualizada de Cristo e da salvação, então existe sempre desde as igrejas do Novo Testamento do século I. Mas, se é definido historicamente, inclui necessariamente o mito do redentor celestial. A maioria dos estudiosos tende a restringir o verdadeiro gnosticismo a isso, portanto limitando-o ao século II, exceto quando há vestígios encontrados, por assim dizer, “clandestinamente” no cristianismo posterior. Deve-se resistir à tentação de rotular de gnosticismo tudo o que for excessivamente espiritualizado. O uso que Lee faz do gnosticismo para grande parte, senão para a maioria, do protestantismo moderno é exemplo de sucumbimento a essa tentação.

A verdade, ou pelo menos a melhor abordagem, é falar sobre os ecos posteriores do gnosticismo e das tendências gnósticas entre os cristãos. Alguns foram mais fortes e claros do que outros. O neognosticismo é a tentativa moderna de

recuperar o gnosticismo antigo com certas alterações, como a crença na reencarnação (muito comum entre os neognósticos modernos).

Então, onde surgiu algo semelhante ao gnosticismo antigo depois do século II? Um exemplo claro é a seita medieval ítalo-francesa conhecida por albigenses ou cátaros, que prosperou no sul da França e no norte da Itália nos séculos XII e XIII. Embora sua teologia seja obscura e acaloradamente debatida pelos estudiosos, os cátaros pareciam acreditar que a matéria é a fonte de todo mal e que o mundo material, incluindo o corpo, foi criado não pelo Deus bom, mas por um deus mal ou demente. Tornaram-se alternativa importante à igreja católica e construíram cidades muradas para defenderem-se das cruzadas lançadas pelas forças católicas contra eles. No fim, sua existência pública foi exterminada por uma cruzada, mas muitos acreditam que eles passaram para a clandestinidade e reapareceram com nomes diferentes em locais diferentes no Renascimento e depois. As ligações exatas entre o gnosticismo e os albigenses e os grupos gnósticos posteriores são difíceis de identificar.

Talvez a forma mais pura de pós-gnosticismo seja um movimento amplo e diverso conhecido como “cristianismo esotérico” que apareceu na Europa durante o Renascimento (séculos XIV a XVI). Tanto o Renascimento quanto a Reforma abriram as portas para novas formas de cristianismo, incluindo avivamentos de seitas antigas misturadas com novas ideias. A maioria desses grupos pós-gnósticos era eclética. Em outras palavras, eram tudo menos “puro gnosticismo”, como descrito acima (gnosticismo do século II). No entanto, eles ecoaram características do gnosticismo antigo e contrastaram fortemente com o cristianismo católico e ortodoxo recebido (incluindo o protestantismo). Alguns estudiosos chamaram-nos de “tradição da realidade alternativa no Ocidente”. São agrupados como “cristãos esotéricos”, porque todos alegaram promover uma sabedoria antiga que estava oculta, exceto para alguns. Nos séculos XIX e XX, alguns deles afirmaram que estava na hora de tornar pública essa antiga sabedoria “exotérica”. Outros combinaram o exotérico com o esotérico, abrindo alguns níveis baixos de conhecimento para os buscadores, porém retendo apenas alguns para iniciados mais elevados.

Talvez a forma mais conhecida e “mais pura” do cristianismo esotérico no mundo moderno seja o rosacrucianismo. Aqui, o rosacrucianismo não pretende designar nenhuma organização em particular, mas uma tradição mais antiga do que elas. Existem vários grupos organizados na Europa e na América do Norte que se autodenominam rosacruzes, mas o rosacrucianismo é uma teologia ou

visão de mundo espiritual que não pertence a nenhum grupo.

O Rosacruzianismo e o Neognosticismo

O neognosticismo é praticamente idêntico ao rosacruzianismo. Contudo, alguns neognósticos não se rotulam de rosacruzes para evitar serem identificados com uma das organizações que usa o rótulo. Da mesma forma, as pessoas que se autodenominam rosacruzes não afirmam que todos os neognósticos são verdadeiros rosacruzes. Aqui, o rosacruzianismo será usado para aludir a uma visão de mundo esotérica e neognóstica que ecoa o gnosticismo antigo da forma mais pura.

Os primórdios do rosacruzianismo moderno estão envoltos em mistério, o que é intencional. Dizem que o rosacruzianismo é misterioso e um tanto quanto sigiloso. Em nenhum lugar, você encontrará uma placa de igreja com os dizeres “Os rosacruzes reúnem-se aqui”. No entanto, existe um centro rosacruz com um grande museu com esse nome em San Jose, Califórnia. Ainda assim, a grande maioria dos rosacruzes não se anuncia publicamente. Certa vez, conheci um rosacruz que não admitia ser. Como os rosacruzes recrutam pessoas? Alguns grupos rosacruzes fazem anúncios em revistas. Já vi anúncios de literatura rosacruz e cursos por correspondência em importantes jornais. Exibem o símbolo de uma pirâmide com raios de luz que emanam do topo. Embaixo, aparece uma série de perguntas sobre a vida antes do nascimento e a vida após a morte, com fortes dicas sobre um “Eu superior” ao qual a pessoa pode ascender. Mais abaixo, encontra-se uma caixa postal de Nova York ou da Califórnia e um convite para escrever. Se alguém escreve para solicitar o curso por correspondência, ele será gradualmente atraído para o grupo através de etapas, reunindo-se com eles somente depois que os líderes tiverem decidido que a pessoa é espiritualmente “adequada” para ser um rosacruz.

Muitos grupos não usam o rótulo rosacruz, mas também fazem anúncios ou colocam avisos em locais públicos (por exemplo, quadros de avisos de supermercados), convidando as pessoas a escrever para eles ou a visitar um site, que contém muito pouca informação concreta, senão o convite de entrar em contato pelos correios ou por e-mail. A gama de esotéricos a exotéricos é vasta

entre os grupos neognósticos. Alguns são extremamente reservados, ao passo que outros são quase totalmente abertos a quem se aproxima. Mas todos têm em comum um menosprezo por tornar públicos todos os seus ensinamentos, e todos têm níveis de associação que levam ao conhecimento cada vez maior da “sabedoria antiga”.

O rosacrucianismo moderno apareceu inicialmente em Londres em 1717, quando alguns maçons neognósticos abriram um “templo” ou uma grande loja rosacruz e convidaram os interessados a visitar e até ingressar em seu rol de seguidores (após a iniciação). Alegaram que estavam tornando um pouco mais exotérico um ensinamento antigo que apareceu na Europa na Idade Média sob o signo de uma “cruz rosada” e foi ensinado por uma figura mística chamada Christian Rosenkreutz (“Rosacruz”) e popularizado por um médico chamado Robert Flood (ou Fludd). Se o rosacrucianismo existiu como grupo organizado antes de 1717, é incerto. Entretanto, o que é óbvio nos escritos de Flood é que o rosacrucianismo era o gnosticismo redivivo. O rosacrucianismo primitivo tinha o desígnio de imitar a maçonaria ou vice-versa. Os estudiosos debatem esse ponto até hoje. Alguns defendem que a maçonaria é o rosacrucianismo exotérico e que o rosacrucianismo é a maçonaria esotérica. No entanto, qualquer conexão entre eles desapareceu há muito tempo.

O ensino fundamental do rosacrucianismo é a existência do “Eu superior”, que é um ser transcendente de pura “luz” espiritual, que existe acima de todos os seres humanos e está ligado ao coração humano por um “cordão de prata”. Os rosacruzes diferem entre si sobre como entender literalmente a ideia do cordão de prata. O elemento gnóstico é o apego incorreto do Eu superior ao corpo; a salvação vem pela iluminação espiritual a respeito da natureza divina do Eu superior e de práticas, como a meditação, que ajudam a pessoa a viver em seu Eu superior mais do que no corpo. Alguns rosacruzes acreditam na possibilidade de experiências extracorpóreas. Todos creem na reencarnação, ideia acrescentada ao gnosticismo antigo pela maioria dos neognósticos.

O rosacrucianismo não identifica necessariamente a matéria como má, todavia tende a denegrir a matéria e o corpo como aprisionamento do Eu superior. A morte faz o Eu superior libertar-se do corpo (o cordão de prata rompe-se) para ir aos âmbitos espirituais e passar por um processo de evolução espiritual que inclui várias reencarnações, mas que, por fim, chega à reunião com Deus por intermédio da iluminação perfeita. Os rosacruzes veem Cristo como um mestre espiritual, mas não creem na encarnação de Deus em Jesus. A cristologia deles

(pobre como é) corresponde paralelamente ao gnosticismo antigo.

O rosacrucianismo alega incorporar e ensinar a sabedoria antiga que antecede Cristo e o cristianismo; é uma tradição de sabedoria alternativa no Ocidente com origem no Egito antigo. O cristianismo é misturado por meio do gnosticismo, mas o rosacrucianismo afirma ser mais antigo do que o cristianismo. É a sabedoria superior, a verdade espiritual supostamente conhecida por todos os “adeptos” (pessoas espiritualmente iluminadas) desde o início dos tempos. Jesus era um adepto, mas também houve muitos outros. Os rosacruzistas que afirmam ser cristãos consideram Jesus o mais alto e melhor adepto da sabedoria antiga.

Esse tipo de rosacruz existe fora dos limites do rótulo ou de qualquer organização que assim se identifique. Outro ramo da tradição da sabedoria antiga/tradição da realidade alternativa no Ocidente (neognosticismo) é a teosofia que, como o rosacrucianismo, transcende as organizações que usam o nome. No entanto, a teosofia combina o misticismo oriental com o esoterismo ocidental e parece mais budista do que cristã. Certo teosofista que ficou desiludido com a falta de ênfase na singularidade de Cristo como salvador foi o místico, filósofo e educador suíço Rudolf Steiner (m. 1925), que fundou um movimento neognóstico chamado antroposofia (“sabedoria do homem”). A antroposofia é o rosacrucianismo intelectual e principalmente exotérico. Tem fortes características gnósticas, embora seus membros afirmem que é cristã. O movimento tem uma denominação chamada Comunidade Cristã. O ramo mais conhecido da antroposofia é o movimento da Escola Waldorf, que originalmente baseou sua pedagogia na “Ciência Espiritual” de Steiner.

Juntos, o rosacrucianismo e a teosofia (incluindo a antroposofia) geraram inúmeras seitas e movimentos neognósticos. Muitos de seus ensinamentos foram filtrados no chamado “Movimento da Nova Era” durante a década de 1980 e daí para a sociedade europeia e americana — muitas vezes misturados ao misticismo oriental e às experiências paranormais. Ecos do gnosticismo antigo podem ser ouvidos em muitos ensinamentos inspirados na Nova Era sobre o “espírito de Cristo” em cada pessoa como o seu “Eu superior”. Jesus era mero modelo humano de uma pessoa “crística”, ou seja, uma pessoa que vive plenamente em seu Eu superior espiritual separado do mundo.

Ecoss do Gnosticismo na Religião Popular

O cristianismo esotérico é a forma mais pura de gnosticismo no mundo moderno, mas ainda é neognóstico e não puro gnosticismo antigo. Um sistema de crenças que tem a reencarnação dificilmente pode ser equiparado ao gnosticismo antigo! Os antigos gnósticos, seja o que for que os adeptos da Nova Era digam, não criam na reencarnação. Contudo, não precisamos afastar-nos muito da igreja local ou da livraria cristã para encontrar ecos do gnosticismo. Muitos hinos e músicas evangélicas contêm letras que soam terminantemente gnósticas, como por exemplo “como um pássaro libertado das grades da prisão, eu voarei”,³ referindo-se à morte do cristão. A “prisão”, claro, é o corpo. O “pássaro” é a alma ou espírito imortal. Uma vez que os ouvidos estejam sintonizados com o gnosticismo, sua sombra aparece por todo o lugar. Como já sugerido, a pessoa com ouvidos e olhos sintonizados com o gnosticismo começa a vê-lo com muita frequência! Um antigo ditado diz que, se a única ferramenta é um martelo, tudo se torna um prego. O mesmo ocorre com os estudantes que se acostumam com o gnosticismo; de repente, ele é onipresente. Portanto, é necessário discernimento cuidadoso e, parte disso, ficar de olho no gnosticismo antigo como critério.

A religião popular é a crença popular e informal de pessoas não instruídas em doutrina ou teologia. Viceja com clichês consoladores e histórias inspiradoras que muitas vezes são falsas. “A caridade começa em casa” e “Deus ajuda a quem se ajuda” são frases que não estão na Bíblia, mas você nunca saberia com que frequência os cristãos as precedem com “Como a Bíblia diz”! A religião popular está repleta de ecos do gnosticismo.

Uma razão é que ler a Bíblia superficialmente pode levar a pensar que ela ensina que o corpo é pecaminoso, enquanto o espírito é bom. Paulo, por exemplo, costuma usar a palavra “carne” para referir-se à “natureza humana caída”, mas poucos percebem como as “obras da carne” incluem pecados espirituais que nada têm a ver com o corpo. Para Paulo, “carne” significava, em geral, a “natureza humana caída”, e não o corpo físico. Isso confunde as pessoas que não foram ensinadas a ler e entender a Bíblia. Elas igualam “carne” a “corpo” e concluem, como os gnósticos antigos, que o corpo é a sede de todo pecado. É natural, então, pensar na salvação como uma fuga do corpo e da existência material.

Outra razão para os ecos do gnosticismo na religião popular é a tendência natural

dos pecadores (que todos nós somos) de pensar que o seu “verdadeiro eu” é divino. Mais uma vez, a leitura errada da Bíblia apoia a ideia falsa. Muitos leitores da Bíblia não fazem a distinção entre o espírito humano e o Espírito de Deus. Confundem os dois, como se o espírito humano interior fosse uma centelha do Espírito divino — ideia decididamente gnóstica. Uma leitura cuidadosa da Bíblia revela uma clara diferença entre o espírito criado, que todos nós temos, e o Espírito Santo de Deus, que, se o temos, é um presente, não uma parte de nosso equipamento natural.

Os ecos do gnosticismo aparecem na religião popular por causa do mal-entendido de que a religião, principalmente o cristianismo, promete a fuga dos problemas da vida para um estado de bem-aventurança espiritual por meio do desapego ao mundo. Como se diz: “Há crentes que têm uma mente tão divina que não são bons na terra”. Eles diriam que é uma coisa boa. O quietismo é uma forma de misticismo cristão com características gnósticas, pois enfatiza o desapego total do mundo em concentração em Deus pela contemplação e oração. O evangelho, por outro lado, chama-nos a cuidar do mundo e sermos bons mordomos pelo envolvimento no ministério social e no evangelismo. Um hino cristão popular diz que, se voltarmos os olhos para Jesus, “as coisas da terra ficarão estranhamente obscuras”.⁴ A mensagem ecoa o desdém gnóstico pela fisicalidade, pelo tempo e pelo mundo, que é apenas um lugar do qual escapar, e não um lugar para ser redimido pela graça de Deus.

Antídotos ao Gnosticismo

Hoje, no início do século XXI, o gnosticismo não é uma ameaça direta ao cristianismo apostólico, ortodoxo e neotestamentário, como era no século II. No entanto, crenças semelhantes às gnósticas surgem entre os cristãos, filtrando-se de grupos neognósticos e dos influenciados por eles e aparecendo como religião popular. Os cristãos devem olhar primeiro para si mesmos e perguntar quais elementos do gnosticismo afetam suas crenças sobre a criação, Deus, Jesus Cristo, a salvação e a vida após a morte. Por exemplo, muitos cristãos sabem pouco ou nada sobre a crença cristã tradicional sobre a ressurreição futura de todos os mortos. Creem na imortalidade da alma ou espírito e consolam-se com a ideia de que os que morreram na fé já estão desfrutando da plenitude do céu em

um estado puramente espiritual e sem corpo. Isso está mais próximo do gnosticismo do que do cristianismo ortodoxo. O apóstolo Paulo refutou isso em 1 Coríntios 15, dedicando um capítulo inteiro para afirmar que a ressurreição corporal de Cristo e a nossa é parte integrante do Evangelho de Jesus Cristo. Essa é a nossa “bem-aventurada esperança”.

Além disso, pastores e professores cristãos precisam estar atentos às invasões de ideias neognósticas que se infiltram nas igrejas e influenciam os congregantes, porque são ideias provenientes de fontes como o chamado Movimento da Nova Era. Subjacente está a crença de que toda a realidade é alguma forma ou manifestação de Deus e que a alma ou o espírito humano é uma “centelha do divino”. Não é incomum ouvirmos cristãos falarem dessa maneira sobre a alma. O que está em risco é a transcendência de Deus, a alteridade de Deus. Também está em risco o pecado original, pois o primeiro e mais básico pecado é a idolatria do eu. Os pastores e professores cristãos devem encontrar oportunidades para refutar tais ideias populares como antitéticas ao evangelho e perigosas ao bem-estar espiritual.

Um antídoto útil ao gnosticismo entre os cristãos é o bom estudo da Bíblia. Os professores bíblicos (pastores, professores da Escola Dominical, redatores dos currículos da Escola Dominical) devem explicar o uso frequente que Paulo faz da palavra “carne” dizendo que é um tipo de abreviação de “natureza humana caída”, ou melhor, “desejos egoístas”, e não referência ao corpo, sobretudo quando ele está falando sobre pecado. Isso causa grande confusão entre os leitores bíblicos teologicamente destreinados. É natural que eles presumam que “carne” ligada ao “pecado” significa que o corpo é a sede do pecado e do mal. Essa não é a intenção de Paulo. Quando carne (desejos egoístas) e pecado são associados nos escritos paulinos do Novo Testamento, a conexão não é entre corpo e pecado, mas entre desejos egoístas e pecado.

A grande ênfase na encarnação como absolutamente crucial para o evangelho é talvez o melhor antídoto para as tendências gnósticas que se infiltram no pensamento dos cristãos. Os cristãos precisam corrigir gentilmente os irmãos que dizem que Jesus era Deus com pele humana, como se sua humanidade fosse superficial e Ele não fosse “completamente” humano. Estudar as diversas traduções da Bíblia ajuda; por exemplo, a Bíblia Nova Tradução na Linguagem de Hoje usa em Apocalipse 1.13 “um humano” como corretivo da leitura “Filho do Homem” para significar “Filho de Deus”. O docetismo é galopante, especialmente entre os cristãos conservadores que acham que estão prestando

um bom trabalho para Jesus quando pensam nele como alguém que não é verdadeiramente humano. Eles precisam ser lembrados de que a verdadeira humanidade não é a humanidade caída e que a humanidade caída é “mercadoria danificada”. Jesus era o verdadeiro humano; nós somos cópias ruins por causa do pecado. O que Jesus veio fazer foi restaurar nossa verdadeira humanidade, segundo a imagem e semelhança de Deus, e não nos libertar da humanidade.

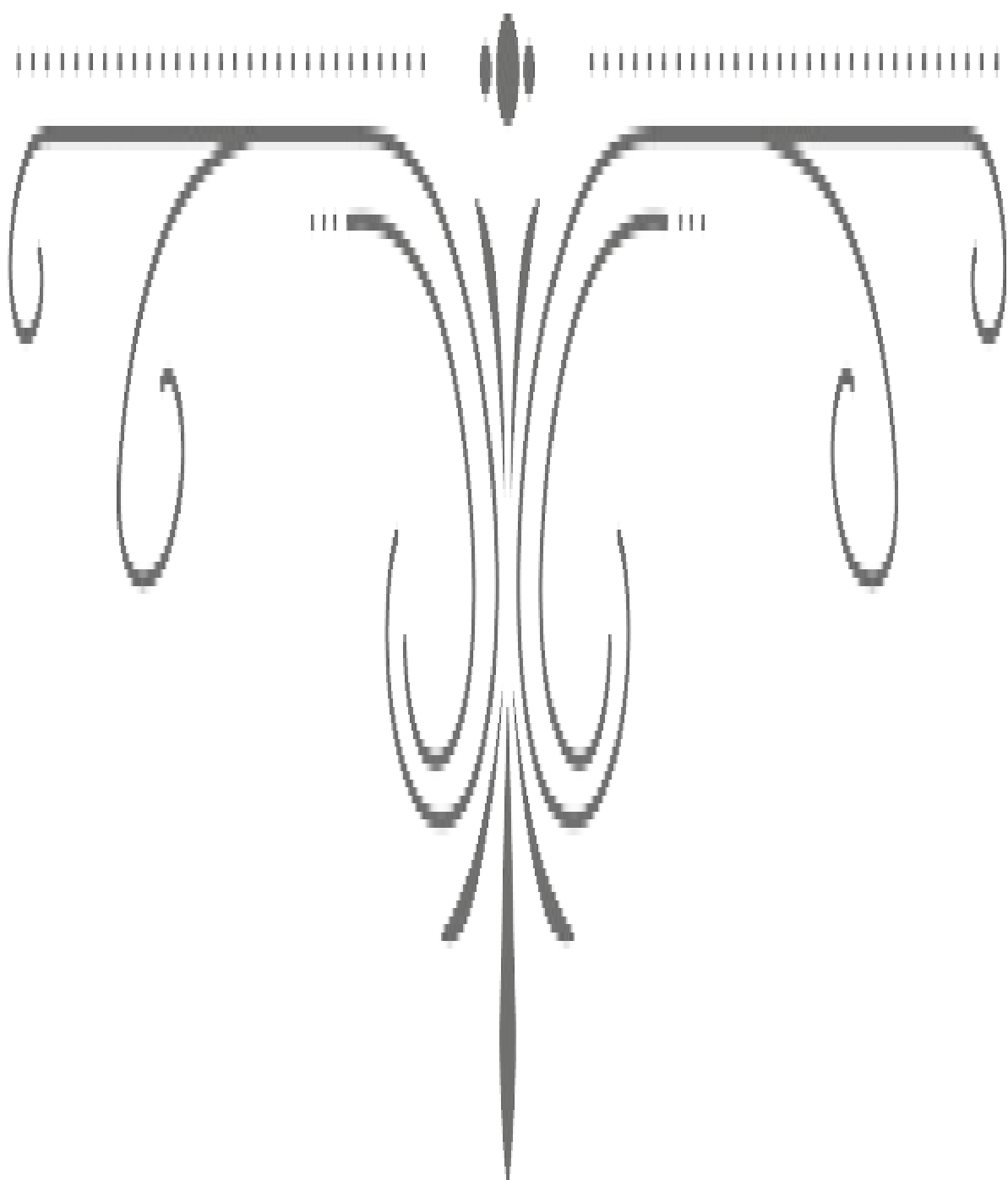
Deixando mais Claro

1. O gnosticismo não era apenas um conjunto de doutrinas; era uma atitude sobre o tempo, a matéria e quem são os seres humanos em relação a Deus. Por que as pessoas aspiram ao “conhecimento especial”?
2. Jesus era humano e divino, o que isso significa?
3. Como os ministérios da igreja que frequentamos cuidam das necessidades físicas das pessoas? Como cuidamos das necessidades espirituais das pessoas? Uma é mais importante do que a outra? O que significa o fato de Deus cuidar do nosso corpo e da nossa alma?
4. Você conhece cristãos que creem em reencarnação? Você conhece cristãos que creem que a alma humana é uma centelha divina?
5. Como o estudo da Bíblia e o estudo em pequenos grupos ajuda a corrigir as crenças não bíblicas e intensamente mantidas?

6. Analise seus pensamentos sobre grupos como os rosacruzes e os teosofistas. Por que as religiões orientais atraem tantos cristãos?

Capítulo 4

Causando Problemas para a Revelação Divina: O Montanismo e o Marcionismo



Qual É a “Palavra de Deus”?

Ao longo dos séculos cristãos, os cristãos têm igualado a “Palavra de Deus” com a “revelação” e com a “Escritura Sagrada”. O que os cristãos modernos desconhecem é o quanto foi complicado o processo de identificação das Escrituras na Igreja Primitiva. Só houve consenso universal sobre quais “livros” constituíam a Bíblia cristã em fins do século IV, e isso não teria acontecido sem alguma pressão dos imperadores romanos. Um influente bispo cristão egípcio do século IV chamado Atanásio circulou uma carta na Páscoa de 367, na qual listava todos os 27 livros do Novo Testamento. Esse “cânone” dos escritos cristãos não era novo, mas, antes de 367, era ponto de debate. Depois de 367, foi quase universalmente aceito em toda a cristandade. Os cristãos também aceitaram os 39 livros do cânone hebraico (22 livros na Bíblia judaica) como inspirados. Alguns cristãos passaram a aceitar mais livros do Antigo Testamento como inspirados, os quais passaram a ser conhecidos como livros apócrifos, mas depois foram retirados da Bíblia pelos reformadores protestantes, como Lutero.

O “processo de canonização” foi longo, complicado e árduo, com muitas reviravoltas. Diferentes igrejas em todo o Império Romano aceitaram diferentes livros como Escritura inspirada — a Palavra de Deus escrita para a humanidade. Três critérios contribuíram para as decisões, e diferentes igrejas avaliaram cada uma diferentemente. Em primeiro lugar, se um livro foi escrito por um apóstolo ou por alguém muito próximo de um apóstolo, era crucial, mas alguns escritos foram descartados, e outros que não tinham relação direta com nenhum apóstolo foram altamente reverenciados (por exemplo, o Pastor de Hermas pelos cristãos romanos). Em segundo lugar, os cristãos queriam saber se um livro era antigo remontando ao século I e se era quase universalmente aceito. Em terceiro lugar, os cristãos julgavam os livros disputados pelo seu conteúdo. Comunicavam eles mensagens inspiradoras de Deus necessárias para a salvação e a vida cristã?

Por fim, alguns livros que entraram no Novo Testamento em 367 não eram amplamente considerados inspirados e eram muito disputados, só porque foram julgados como escritos por um apóstolo ou alguém muito próximo a um apóstolo. Dois exemplos são 3 João e Judas. Por acreditarem que o autor de Judas era o irmão de Jesus, então o pequeno livro foi incluído. Em 367, os

cristãos, especialmente os bispos, sustentaram que o Espírito Santo guiou o processo até a conclusão final e que estava na hora de fechar o cânone cristão. Sem isso, haveria menos autoridade para combater heresias.

Não devemos entender mal, pensando que até 367 não havia acordo sobre os escritos cristãos que eram inspirados e constituíram a palavra escrita de Deus, como os profetas da Bíblia hebraica. Houve amplo e profundo acordo, mas alguns livros (como Hebreus) ainda estavam sendo disputados por alguns cristãos, porque não havia certeza sobre sua autoria e algumas igrejas não os possuíam. Mas Atanásio não “criou o cânone”. Ele o fechou e pôs fim ao processo e à disputa. (Claro que a disputa sobre os apócrifos surgiu na Reforma, mas isso é uma questão diferente.)

Mais uma vez, a heresia foi a mãe da ortodoxia. Certas heresias do século II (e posteriores) forçaram a igreja a considerar a questão de um cânone fechado das Escrituras Cristãs. Sem elas, o fechamento do cânone poderia nunca ter acontecido, pelo menos não da mesma maneira ou tão cedo.

Não há dúvida de que o fechamento do cânone cristão, ou pelo menos do Novo Testamento, foi um acontecimento importante na vida do cristianismo. Podemos compará-lo com a redação e afirmação da Constituição dos Estados Unidos em 1789. Entre 1776 e 1789, os Estados Unidos não possuíam constituição unificadora; a aceitação final de todos os estados americanos tornou-se a decisão irreversível que mudou o caráter da nação. Mas ninguém questiona exatamente porque resultou de um processo que teve muita controvérsia.

A Bíblia não caiu do céu. Certa vez, vi um livro escrito por um pastor fundamentalista intitulado *That Manuscript from Heaven* [Aquele Manuscrito do Céu]. O título, senão o conteúdo, dava a entender que a Bíblia inteira caiu do céu na terra. Não foi o que aconteceu. Uma afirmação básica da fé cristã é que o Espírito Santo de Deus inspirou os escritos e levou as Igrejas Cristãs Primitivas a reconhecê-los como inspirados e autorizados à fé e à prática.

Mas que heresias impeliram os primeiros cristãos a identificar e fechar o cânone da Escritura? Onde estão essas heresias hoje? Ainda existem entre os cristãos? Será que há pelo menos ecos distantes dessas heresias que ainda reverberam entre os cristãos? É o que este capítulo irá explicar.

O Montanismo Desafia o Cânone

A palavra cânone, nesse sentido, significa “regra” ou “medida”. É como um padrão. Também significa uma coleção de escritos reconhecidos. Os estudiosos modernos debatem o cânone apropriado para os estudantes de literatura estudarem nos cursos da faculdade. No século II, não havia um cânone formal, oficial e fechado das Escrituras cristãs, exceto as Escrituras hebraicas (que foram fechadas por rabinos judeus em fins do século I). Vários escritos (doravante “livros”) circulavam entre os cristãos e continham vários graus de autoridade, dependendo de como foram recebidos pelas igrejas. Um livro que circulava no Oriente Médio desde a virada do século I foi o Didaquê ou “O Ensino”. Muitas igrejas na Síria, por exemplo, consideraram-no Escrituras. Por fim, não foi incluído no cânone oficial, porque ninguém sabia quem o escrevera e não tinha conexão clara com um apóstolo. Naquela época, por volta do ano 100, a maioria dos livros que, mais tarde, foram incluídos no cânone (em 367) era conhecida, circulada e citada pelos bispos — os líderes de igrejas cristãs nas cidades ao redor do império. Mas alguns livros eram conhecidos apenas em determinada área, ao passo que outros eram conhecidos apenas em outras. Havia outros livros como o Pastor de Hermas que os cristãos em Roma e arredores reverenciavam, mas que os cristãos no Egito, por exemplo, só tomaram conhecimento muito mais tarde. Também foi excluído do cânone, porque ninguém sabia quem o escrevera. Já Hebreus foi incluído por causa da crença popular e generalizada de que foi escrito por um apóstolo, embora não houvesse prova de qual apóstolo o escrevera.

Em meados do século II, a ideia de um cânone fechado de livros cristãos autorizados estava, por assim dizer, “no ar”, e várias igrejas do império tratavam suas coleções preferidas como autorizadas. Especialmente o cristianismo (sírio) do Oriente Médio era carismático por acreditar em profecias, por exemplo, sendo ainda um dom dado a pessoas especiais e que declarações proféticas de profetas conhecidos e conceituados deveriam ser cridas. Esses cristãos não queriam “perseguir o Espírito Santo em um livro”. Os profetas cristãos itinerantes visitavam tais igrejas onde eram tratados quase como se tivessem a autoridade de apóstolo, mas o Didaquê estabeleceu regras sobre como eles deveriam ser avaliados e tratados. Não é como se tudo que eles dissessem ou fizessem fosse automaticamente aceito. Pode-se ver facilmente como isso se tornou um problema. Como julgar as declarações de um profeta sem um cânone

fechado de livros inspirados que se acredita ser de autoria do próprio Deus? E muitos cristãos começaram a afastar-se dos profetas e de suas mensagens proféticas e a investir mais em livros que se acreditava ser apostólicos.

Foi nesse ambiente de confusão sobre a “palavra de Deus” que surgiu um homem chamado Montano. Ele converteu-se ao cristianismo e morava numa cidade da Ásia Menor (atual Turquia) conhecida como Pepuza. No entanto, viajou pelo Império Romano fundando suas igrejas com base em suas profecias inspiradas. Suas igrejas foram chamadas de “A Nova Profecia”, sendo este, talvez, o primeiro cisma no cristianismo. Os bispos nomeados pelos apóstolos e os que eles nomearam rejeitaram Montano e suas igrejas da nova profecia. Consideraram Montano um automeado arrivista, senão um charlatão. Existe entre os estudiosos muita controvérsia sobre Montano. Não sabemos suficientemente a seu respeito. O que sabemos, de fontes contemporâneas, é que ele alegou que o Espírito Santo assumia o controle de suas cordas vocais e “tocava” nelas como se tocasse uma harpa. Em outras palavras, Montano afirmou que, quando profetizava, estava falando a Palavra de Deus e que os cristãos deveriam ouvir, crer e obedecer. Rejeitou as declarações exclusivas dos bispos de “sucessão apostólica” e autoridade e recusou a identificação da Palavra de Deus com um livro ou livros.

Durante a vida e ministério de Montano, aproximadamente meados do século II, não havia cânone cristão oficial. Mas havia um cânone não oficial e reconhecido por todos, ainda que seu exato conteúdo fosse disputado e variado de igreja para igreja. Todavia, a maioria dos cristãos tratava certos escritos cristãos como especialmente autorizados, pelo menos no sentido de excluir doutrinas e ensinamentos que eles claramente contradiziam. Montano não rejeitou todos os escritos inspirados, mas acreditava que a Palavra de Deus continuava a ser dada por profetas como ele. Seus inimigos, principalmente bispos, afirmavam que ele era fanático e constituía grave perigo para a ordem do cristianismo. Alegaram que Montano convocou seus seguidores para deixarem suas igrejas e ir a Pepuza para esperar com ele a volta de Cristo, conforme revelou que lá aconteceria. Seus seguidores foram presumivelmente encorajados a ser celibatários, ainda que casados. Mais à frente, duas profetisas uniram-se a ele e profetizavam com ele.

Se esse fenômeno do montanismo ou da nova profecia tivesse se limitado a uma ou duas igrejas rurais na Síria, ninguém teria prestado atenção. O problema era que isso atingiu muitos cristãos que temiam que o cristianismo no Império

Romano estivesse se tornando morto, formal, universal e hierárquico. “Onde está o Espírito?”, perguntavam. O problema não era que Montano fosse profeta; o problema era que ele alegava que suas profecias estavam acima da crítica ou correção e eram tão autorizadas quanto os escritos dos apóstolos (ou, pelo menos, é o que as fontes contemporâneas dizem sobre ele).

Um problema é que não sabemos muito sobre o próprio Montano. Sabemos mais sobre o montanismo posterior, o movimento da nova profecia que durou um século ou mais e espalhou-se por todo o Império Romano. É discutível se Montano deve ser responsabilizado por todos os excessos do montanismo. Mas o “montanismo” é maior do que Montano e, merecidamente ou não, ele é seu símbolo histórico. O montanismo tornou-se sinônimo de ênfase dada em profecias inspiradas e autorizadas que estão acima da Escritura e afirmam comunicar “novas verdades” para todos os cristãos crerem.

O montanismo contribuiu muito para o desaparecimento dos dons carismáticos entre os cristãos, pelo menos nas igrejas católicas e ortodoxas do Império Romano e depois. Também impulsionou a necessidade de um cânone fechado das Escrituras cristãs autorizadas.

O Marcionismo também Desafia o Cânone

Marcião era líder cristão em Roma, ao mesmo tempo em que Montano profetizava na Ásia Menor. Muitas coisas sobre a vida e ensinamentos de Marcião são incertos, mas ele era um bispo cristão que se mudou para Roma a fim de exercer maior influência. Lá, por volta de 140, propôs duas ideias que os líderes das congregações cristãs romanas consideravam heréticas. Muito do que sabemos sobre Marcião vem dos escritos anti-heréticos de Pais da Igreja posteriores, especialmente de Orígenes, que escreveu um tratado chamado *Contra Marcião*. Porém, muitos estudiosos acham que Orígenes foi imparcial em suas descrições daqueles que ele e outros cristãos ortodoxos consideravam hereges.

Marcião não era exatamente gnóstico, mas alguns de seus ensinamentos sobrepõem-se aos dos gnósticos e, por esse motivo, é por vezes agrupado com eles. O principal ensinamento marcionita que soava como gnosticismo era que o

Deus que os cristãos adoram, o Pai de Jesus Cristo, não criou o mundo. Mais exatamente, segundo Marcião, o mundo foi criado por um deus demente, a quem ele identificou com Jeová, o Deus adorado pelos judeus. Marcião era virulentamente antijudaico, não porque fosse antissemita no sentido moderno, mas porque estava zangado com os judeus pelo tratamento dado aos cristãos. Em algum momento em fins do século I, os principais rabinos enviaram a ordem por todo o Império Romano para expulsar os cristãos das sinagogas. Os judeus receberam isenções especiais de certas leis romanas; Marcião ficou amargo, porque essas isenções não se aplicaram aos cristãos quando os judeus expulsaram-nos das sinagogas. Pelo menos, essa é a teoria sobre suas atitudes antijudaicas.

Marcião é mais lembrado nos anais da história da igreja por ser o primeiro cristão a propor um cânone das Escrituras cristãs que excluía totalmente as Escrituras hebraicas e todos os escritos cristãos que fossem “judaicos demais”. O cânone de Marcião era um cânone muito truncado que tinha apenas escritos gentios: Lucas e Atos (Lucas não era judeu) e versões editadas das Epístolas de Paulo. Marcião queria expurgar até das cartas de Paulo qualquer coisa que ele considerasse judaico demais.

Ao longo dos séculos, o termo marcionismo passou a ser usado pelos cristãos ortodoxos para referir-se à tentativa cristã de excluir o Antigo Testamento da Bíblia cristã. Em geral, não assume a forma de uma campanha explícita para excluí-lo, mas ignora o Antigo Testamento com a desculpa de que “é irrelevante para os cristãos”. O teólogo alemão Friedrich Schleiermacher, o “pai da moderna teologia liberal”, disse sobre o Antigo Testamento que “faltava a dignidade normativa do Novo”.¹ Muitos teólogos alemães concordaram e abandonaram o Antigo Testamento. (Por outro lado, alguns dos maiores estudiosos do Antigo Testamento, tanto judeus quanto cristãos, são alemães!)

Marcião ficou na memória do cristianismo ortodoxo de todas as denominações como “arqui-herexe”, alguém que quase descarrilou o cristianismo em seus primórdios. Tinha muitos seguidores, e algumas igrejas em Roma e em outros lugares seguiram-no e adotaram seu cânone truncado. Os principais bispos e teólogos excomungaram Marcião e seus seguidores. (Isso ocorreu em uma época em que a “excomunhão” não tinha “dentes”, então Marcião e seus seguidores continuaram a considerar-se os “verdadeiros cristãos” e, como a Nova Profecia de Montano, formaram um cisma que competia com as igrejas católica e ortodoxa.)

Os Cristãos Romanos Respondem a Marcião

Por volta de 170, os líderes cristãos em Roma desenvolveram o que ficou conhecido como “Cânone Muratoriano”, que é uma lista de escritos cristãos autorizados e constituiu-se a primeira lista oficial de livros do Novo Testamento (embora não os declarasse assim). O cânone foi claramente feito para combater o cânone truncado e antijudaico de Marcião. O texto em torno da lista menciona Marcião como herege. Ninguém sabe exatamente quem criou a lista, e ela nunca se tornou oficial para todos os cristãos em todos os lugares. A lista de Atanásio de 367 não correspondia completamente com ela. Muitos estudiosos pensam que o Cânone Muratoriano era o Novo Testamento embrionário — o empenho de fazer a “bola rolar”, por assim dizer, para afastar os cristãos do marcionismo e levá-los em direção a uma Bíblia cristã mais completa. Entretanto, provavelmente reflete livros que muitos, talvez a maioria, dos cristãos em Roma (além de Marcião e seus seguidores) consideraram inspirados e autorizados.

O Cânone Muratoriano listou o seguinte como Escrituras cristãs verdadeiras e autorizadas: os quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João), Atos dos Apóstolos, as 13 cartas de Paulo que estão no Novo Testamento agora, 1 e 2 João, Judas, Apocalipse e “Sabedoria de Salomão”, “Apocalipse de Pedro” (embora chamado de “questionável”) e o “Pastor de Hermas”. No entanto, o texto ao redor da lista (no que é conhecido como “Fragmento Muratoriano”) diz que o último não deve ser lido na igreja, o que significa que é apenas para devoção particular. No fim, é claro, Hebreus, 1 e 2 Pedro e 3 João foram adicionados ao Novo Testamento (eles já eram considerados Escrituras por outros cristãos fora de Roma), e os três últimos listados acima foram retirados (os cristãos fora de Roma não os conheciam ou não os consideravam Escrituras).

Por que o Montanismo e o Marcionismo São Heresias

Ao longo da História da Igreja, mas principalmente nos tempos modernos, tem

surgido certa simpatia pelo montanismo e pelo marcionismo entre os grupos de cristãos. Será que deveriam ser consideradas hereges as pessoas do cristianismo do século II antes de haver um conjunto padrão de doutrinas ortodoxas totalmente desenvolvidas? Sejam claros sobre algo. Ninguém afirma que Montano ou seus seguidores eram pessoas más, que queriam destruir o cristianismo — desorientadas, talvez e provavelmente; contudo, não más ou mesmo perversas. A palavra herege evoca esses pensamentos, mas não deveria. Os hereges podem ser pessoas bem-intencionadas e até profundamente espirituais. O problema não tem nada a ver com sua personalidade ou espiritualidade, e sim com os efeitos de seus ensinamentos sobre outros cristãos e, especialmente, sobre as igrejas.

Comecemos, então, com Montano. Ele tem muitos defensores modernos, sobretudo entre os pentecostais e os carismáticos. Segundo muitos relatos, ele era sincero e profundamente espiritual. Ele temia que o cristianismo estivesse abandonando seu primitivo ardor e perdendo a viva presença e atividade do Espírito Santo. Sem dúvida, os bispos católicos reagiram exageradamente suprimindo a profecia e outros dons “sobrenaturais” do Espírito Santo. Há quem lamente (como eu) que a igreja deixou de definir a igreja verdadeira de onde está o Espírito para onde está o bispo. Foi uma reação exagerada ao montanismo e à Nova Profecia.

Ainda assim, o montanismo, independentemente de Montano ser culpado, está errado. Por quê? Porque abre a porta para a confusão total. Sem as Escrituras inspiradas e autorizadas e sem líderes cristãos mergulhados nas Escrituras e na tradição, como as profecias devem ser julgadas? Muitas pessoas veem o mormonismo como exemplo do montanismo moderno. O presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmon) é seu principal profeta, que pode pronunciar novas verdades e permanece aberto a novas revelações que se somam às Escrituras. Qualquer pessoa familiarizada com o pentecostalismo e o movimento carismático pode facilmente ver os perigos do montanismo ao redor. (De longe, a maioria dos líderes pentecostais e carismáticos reconhece os perigos e julga todas as profecias pelas Escrituras, mas existem numerosos profetas independentes que afirmam que seus ensinamentos aumentam as Escrituras, senão as substituem.)

Da mesma forma, Marcião pode ter sido um cristão profundamente espiritual. Seu caráter pode ter estado acima da repreensão, mas sua forma virulenta antijudaica do cristianismo era perigosa e distorceu o registro da própria história

cristã ao esquecer que Jesus era judeu, não apenas étnica, mas religiosamente. Ao limitar as Escrituras cristãs inspiradas aos escritos gentios, ele tentou desconectar o cristianismo de sua origem hebraica e separar Jeová de Deus, o Pai de Jesus Cristo. O marcionismo posterior não necessariamente ecoa os sentimentos antijudaicos de Marcião, mas picota a Bíblia, mantendo algumas partes em maior consideração do que outras. As Escrituras são mutiladas, e os cristãos perdem muito do que a Bíblia tem a dizer que os desafia. Quando ignoramos partes da Bíblia ou as rebaixamos para o status de não inspirada, fazemos assim por causa de interesses pessoais. Queremos que as Escrituras reflitam nossa crença e estilo de vida preferido, por isso focamos em partes que pensamos que fazem isso e desprezamos ou ignoramos as que não fazem.

O Montanismo Moderno

O montanismo ou crenças e práticas semelhantes têm aparecido repetidamente na história cristã. Durante a Reforma, um grupo de reformadores radicais desafiou Lutero e os demais reformadores históricos, porque queriam que as igrejas fossem lideradas pelo Espírito, e não por um livro. Esse grupo diversificado de reformadores radicais é conhecido pelos estudiosos como os “espirituais” ou os “espiritualistas” da Reforma. Eram os carismáticos do século XVI (embora nem todos os cristãos carismáticos coloquem as profecias acima da Bíblia). Lutero desprezava essas pessoas chamando-as de Die Schwärmer, que significa “ralés” ou mesmo “gentilhas”. Ele e outros reformadores históricos estavam enfatizando novamente a Bíblia como fonte e norma suprema para toda crença e prática cristã (Sola Scriptura); ele temia que os “espirituais” entre os protestantes minassem os esforços para reformar a igreja e abrissem a porta ao caos e à anarquia espiritual. Quando vieram a Lutero proclamando “O Espírito! O Espírito!” segundo a tradição, ele respondeu: “Eu golpeio o teu ‘Espírito’ no focinho”. E dizem que Lutero comentou que eles “engoliram o Espírito com penas e tudo”. (Lutero era dado a usar uma linguagem forte para as pessoas com quem ele discordava.)

Durante o século XVIII, um profeta sueco chamado Emanuel Swedenborg publicou novas revelações supostamente dadas a ele em sonhos e visões; seus seguidores consideravam-nas iguais às Escrituras e necessárias para entendê-las

corretamente. Swedenborg teve muitos seguidores. Johnny Appleseed (John Chapman), famoso agricultor americano do século XIX, era, na verdade, um missionário da Suécia. Onde quer que fosse plantar pomares de maçã, deixava os escritos de Swedenborg. Helen Keller, a escritora norte-americana cega e surda, era seguidora de Swedenborg. Por todos os Estados Unidos, pode-se encontrar igrejas da doutrina de Swedenborg chamadas “Igreja da Nova Jerusalém”.

Quando Joseph Smith começou a publicar seus escritos, como o Livro de Mórmon e a Pérola de Grande Valor, e acrescentou-os às Escrituras como igualmente inspiradas e autorizadas, muitos críticos compararam suas ideias e seus seguidores (os santos dos últimos dias) ao antigo movimento da Nova Profecia de Montano. Os primeiros mórmons falavam em línguas e profetizavam.

O movimento pentecostal nasceu em 1906 no Avivamento da Rua Azusa em Los Angeles (embora houvesse fenômenos pré-pentecostais que começaram por mais de uma década antes). Os pentecostais (que, um século depois, chegam a muitos milhões) são diversos. Alguns elevam as Escrituras acima das profecias (inclusive das interpretações de línguas), mas outros valorizam tanto as profecias modernas quanto as Escrituras. Na década de 1980, um grupo conhecido como Profetas de Kansas City começou a enfatizar novamente a profecia de uma maneira que até os outros pentecostais criticavam. Um líder afirmou (embora nem todos concordassem) que ele era o “sucessor” de Paulo e que o apóstolo ficaria surpreso se soubesse das novas revelações dadas por Deus por meio dele e de outros profetas.

Outro ramo do pentecostalismo surgiu em Tulsa, Oklahoma, na década de 1970, e prosperou pelos Estados Unidos, e o mundo na década de 1990 em diante. Alguns o chamam de movimento “Palavra de Fé” porque seus líderes enfatizam a prosperidade e a saúde por meio da confissão positiva (“palavras de fé”). O movimento foi fundado por um evangelista pentecostal que alegou estar recebendo a rhema de Deus. Segundo ele e seus seguidores, rhema (palavra grega para designar “palavra”) é a Palavra de Deus para hoje que não foi revelada nas Escrituras. Os evangelistas e mestres da Palavra de Fé (nem todos os carismáticos enquadram-se nessa categoria) distinguem entre “logos” e “rhema”, com logos designando a revelação passada, principalmente escriturística, e rhema designando a revelação contemporânea por meio de profetas. A distinção não é apoiada por estudiosos gregos.

Como no gnosticismo, é tentador usar o montanismo para cobrir muito, mas nem toda pessoa ou grupo que acredita em profetas ou profecias contemporâneas é montanista. O termo deve ser reservado para os que desejam elevar as profecias contemporâneas (chamadas assim ou não) a autoridade igual à Escritura ou a autoridade maior do que a Escritura.

O Marcionismo Moderno

Os estudiosos usam o termo marcionismo para aludir apenas a indivíduos ou grupos que desejam expulsar as Escrituras hebraicas da Bíblia cristã ou que não veem o Antigo Testamento como algo de valor, exceto como literatura. Friedrich Schleiermacher, mencionado anteriormente, é um exemplo. Muitos teólogos liberais depois dele, especialmente os alemães, seguiram sua ideia do Antigo Testamento como “sem a dignidade normativa do Novo Testamento”. O que Schleiermacher e os teólogos liberais quiseram dizer foi que o Antigo Testamento não nos comunica adequadamente a “consciência de Deus” e até deixa de apoiar o caráter, a conduta e a crença cristã. Schleiermacher não jogou fora o Antigo Testamento das Bíblias cristãs (como Lutero fez com os apócrifos), mas tratou-o como Lutero tratou a Epístola de Tiago no Novo Testamento, ou seja, como “cheia de palha” (não nutritiva espiritualmente). Nos tempos modernos, ninguém pensa, como Marcião pensava, que um Deus demente ou mau inspirou as Escrituras hebraicas, de modo que o marcionismo moderno não é uma réplica exata do que Marcião ensinou, porém sempre denigre o Antigo Testamento de alguma maneira, mesmo que seja apenas o ignorando.

Durante a era nazista na Alemanha, muitos teólogos e estudiosos bíblicos alemães desprezaram o Antigo Testamento por causa de seu elemento “judaico”. Isso era marcionismo flagrante e óbvio, politicamente motivado e impulsionado pelo antissemitismo. Após a Segunda Guerra Mundial, esses teólogos e estudiosos da Bíblia foram condenados e expulsos das sociedades profissionais. Suas reputações foram arruinadas pelo antissemitismo, mesmo quando outros rejeitavam o Antigo Testamento, não por ser “judaico”, mas por supostamente ter uma visão primitiva de Deus.

Admitir que o Antigo Testamento contém histórias que não glorificam especialmente a Deus e alegar que Jesus Cristo e a fé nEle relativizam muito o que se lê no Antigo Testamento não é marcionismo. O marcionismo aparece quando alguém vai mais longe e nega a inspiração e a autoridade de todo o Antigo Testamento e restringe a “revelação de hoje” ao Novo Testamento ou mesmo partes dele.

Em meados do século XX, surgiram vários grupos cristãos que levaram o dispensacionalismo ao extremo. O dispensacionalismo é a interpretação da Bíblia que considera que ela contém diferentes “programas” de salvação. O modo de Deus para a salvação dos judeus, por exemplo, era diferente do modo para os gentios. A maioria dos dispensacionalistas acredita que a igreja gentia não é o “novo Israel” de Deus, mas uma espécie de “plano B” divino, porque Israel rejeitou Jesus como Messias. Segundo o dispensacionalismo, após o “arrebamento” dos cristãos, Deus voltará para lidar especialmente com Israel, que é o povo escolhido pelo Pai para sempre.

Alguns dispensacionalistas começaram a teorizar que até o Novo Testamento contém porções relevantes para os judeus e porções relevantes para os cristãos gentios. Repetindo um dos erros de Marcião, eles relegam as partes “judaicas” do Novo Testamento, como Mateus (escrito para os judeus) e Hebreus (também escrito para os judeus) ao status secundário, e não as veem como especialmente relevantes para os cristãos gentios. Enfatizam Lucas, Atos e as Epístolas de Paulo — novamente, um cânone bíblico truncado. Todos os 66 livros da Bíblia estão em suas bíblias, mas eles interpretam partes como mais autorizadas do que outras.

Talvez seja certo ou, pelo menos, não totalmente errado falar de um “marcionismo popular” que é galopante entre os cristãos no século XXI. É a tendência de muitos cristãos ignorar o Antigo Testamento ou selecionar um “cânone dentro do cânone” e ignorar outras partes da Bíblia. Isso se deve, na maioria das vezes, ao desejo inconsciente de a Bíblia apoiar crenças já escolhidas e preferidas. Por exemplo, há cristãos que agem como se Atos dos Apóstolos não estivesse na Bíblia, porque têm muito medo de experiências sobrenaturais e extáticas promovidas por pentecostais e carismáticos. Outros agem como se o Apocalipse de João não estivesse na Bíblia, porque é muito difícil de entender, e muitas pessoas ficam obcecadas com a especulação do “fim dos tempos”. Outros agem como se a Epístola de Tiago não estivesse na Bíblia, porque Lutero não gostava dela, e eles têm a impressão de que o livro promove a

salvação pelas obras.

Antídotos contra o Montanismo e o Marcionismo

Uma maneira de evitar o montanismo de qualquer forma é avaliar todas as mensagens, “proféticas” ou não, pelas Escrituras, tradição, razão e experiência e rejeitar mensagens que alegam ser de Deus, mas que contradizem as Escrituras ou acrescentam “novas verdades” a elas. Deus ainda fala hoje? Dizer que sim não torna uma pessoa montanista. Dizer que não parece perseguir o Espírito Santo em um livro. Mas as profecias e outras mensagens contemporâneas de Deus não podem ter o mesmo peso que as Escrituras nem podem ser usadas para controlar, ou abusar de pessoas, ou elevar o profeta a uma condição espiritual especial.

Desenvolvi cinco critérios para avaliar mensagens contemporâneas que afirmam ser de Deus.² Primeiro critério, o “critério de Cristo”. Se a profecia promove Cristo e não o profeta, ela pode ser válida. Segundo critério, a “norma dos apóstolos”. Se a mensagem é consistente com o evangelho encontrado nos escritos dos apóstolos no Novo Testamento, ela pode ser válida. Terceiro critério, o “critério da Unidade”. Se a profecia não promove o elitismo espiritual ou a cisma, ela pode ser válida. Quarto critério, o “teste da sanidade”. Se a mensagem não exige o sacrifício do intelecto e a aceitação irracional dos ensinamentos recém-revelados, ela pode ser válida. Quinto critério, o “teste do Messias”. Se a profecia não exalta o indivíduo colocando-o como objeto de veneração, ela pode ser válida.

Observe que nenhum critério valida incondicionalmente a profecia ou a nova mensagem cristã. Não há prova decisiva que substitua o discernimento, e o discernimento deve estar baseado no conhecimento da Bíblia, na orientação interior do Espírito Santo, na avaliação cuidadosa de um grupo de pessoas que refletem longamente em Deus e na simples razão (a lógica).

O melhor antídoto contra o marcionismo é a reverência (não adoração) pela Bíblia, a leitura e estudo da Bíblia inteira e a pregação e ensino por meio da Bíblia. Essa é uma das razões pelas quais muitas igrejas cristãs seguem um

“Lecionário” uniforme para leituras dominicais da Bíblia e textos bíblicos para sermões — o uso do Lecionário evita que congregações e pastores fiquem presos em uma parte específica da Bíblia e negligenciem o restante. O Lecionário repassa toda a Bíblia em um ciclo de vários anos e depois começa novamente. A submissão humilde a toda a Palavra de Deus nas Escrituras é a base do antídoto e é necessária para evitar o marcionismo inconsciente.

Todo cristão pensante reconhece os problemas no Antigo Testamento (e talvez alguns também no Novo Testamento). As guerras santas e a limpeza étnica supostamente ordenadas por Deus destacam-se como particularmente perturbadoras para muitas pessoas. Não é necessário interpretar todo o Antigo Testamento literalmente ou mesmo considerá-lo infalível para ouvir Deus falar por intermédio dele. A interpretação cristológica da Bíblia, incluindo o Antigo Testamento, não é marcionismo. Se mais cristãos praticassem a interpretação de toda a Bíblia por meio de Jesus Cristo, como testemunhas dEle e julgados por Ele, o marcionismo não seria uma tentação. Jesus Cristo é a Palavra de Deus em pessoa; a Bíblia, toda ela, é o testemunho único e inspirado dEle.

Deixando mais Claro

1. Em sua opinião, por que ter o cânone das Escrituras é importante para a sua igreja? Por que é importante ter líderes cristãos imersos nas Escrituras e na tradição?
2. Quais são os seus livros preferidos da Bíblia? Por quê? Há partes da Bíblia que o incomodam? Se há, dê um exemplo. Por que a Igreja Primitiva aceitaria apenas os livros que foram escritos por um apóstolo ou testemunha ocular?
3. Você crê, de modo geral, que o Antigo Testamento é tão importante ou autorizado quanto o Novo Testamento? Como o Antigo Testamento é importante para a fé e para a prática cristã? Existem partes da Bíblia que você gostaria de

ignorar?

4. Quando as pessoas dizem que Deus falou com elas, como você avalia o que é dito? Nenhum cristão quer que a fé morra, portanto qual é o papel do Espírito Santo em manter a fé como elemento vital?

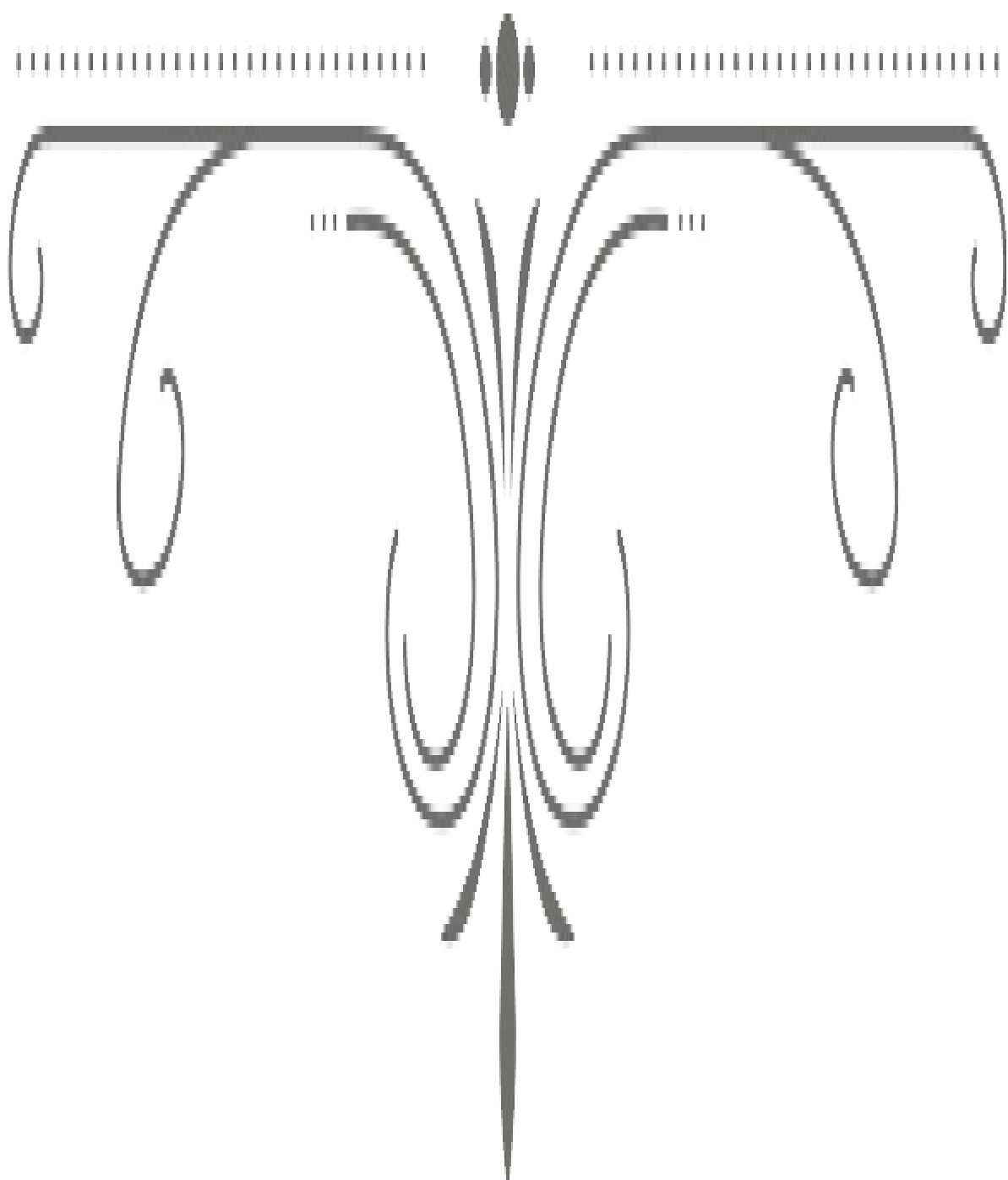
5. Quem são as pessoas que proclamam que são profetas hoje? Existem pessoas que creem que alguma profecia moderna está acima das Escrituras e afirmam ser uma nova verdade de Deus?

6. Como você entende a salvação? Existem diferentes programas de salvação para diferentes grupos, como judeus e/ou gentios? Dizer que existem muitos caminhos para chegar a Deus é o mesmo que dizer que Deus tem maneiras diferentes de salvar pessoas diferentes?

7. Releia os cinco critérios do autor para avaliar as mensagens contemporâneas que afirmam ser de Deus. Como eles podem ser úteis?

Capítulo 5

Duvidando da Divindade de Jesus Cristo: O Adocionismo, o Arianismo e o Nestorianismo



A Verdade Cristã Fundamental: Jesus É Deus

Durante a década de 1990 e a primeira década do século XXI, vários livros e filmes baseados nesses livros alegaram que a divindade de Jesus Cristo e a Trindade foram invenções de bispos cristãos sob o governo do imperador romano Constantino, o primeiro imperador romano “cristão” no século IV. Alegadamente, os cristãos anteriores pensavam que Jesus era apenas homem, ainda que muito especial.

Qualquer um que tenha estudado os escritos cristãos e os escritos anticristãos do século II sabe melhor. Celso, orador romano anticristão, criticou os cristãos do século II por adorarem “um homem como Deus”. Escritores cristãos do século II, como Justino Mártir, proclamaram Jesus como Deus encarnado. Os primeiros grandes teólogos cristãos foram Irineu, Orígenes e Tertuliano; todos viveram e escreveram por volta de 200 d.C. Nos escritos, encontramos evidências claras da crença em Jesus como Deus e como homem.

A verdade é que os bispos e teólogos cristãos do século IV, durante e depois do reinado de Constantino, acharam necessário defender a plena divindade e humanidade de Cristo de uma maneira que não foi necessária outrora. Antes de Constantino, os bispos cristãos não podiam unir-se como puderam durante seu domínio. Em 325, Constantino convocou todos os bispos cristãos a reunirem-se para discutir uma controvérsia sobre a divindade de Cristo. O resultado foi o Credo Niceno, que apenas reafirmou o que os cristãos criam há séculos, a saber, que Jesus era e é “verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem”, da “mesma substância” do Pai. Uma versão posterior e mais completa do credo (381) acrescentaria o Espírito Santo, porque alguns cristãos estavam questionando a personalidade distinta do Espírito como uma substância do Pai e do Filho.

A evolução gradual do século IV não acrescentou nada de novo ao que os cristãos sempre tinham crido, exceto a linguagem para torná-la mais clara e precisa a fim de evitar as heresias que negavam a divindade de Cristo e da Trindade.

A encarnação de Deus em Cristo é uma doutrina firmemente fundamentada no próprio Novo Testamento. O livro de João expressa claramente: “No princípio, era o Verbo [logos, Palavra], e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.1, 14a). Mas a “Palavra” era Deus ou “um deus”? Alguns cristãos levantaram a questão na primeira metade do século IV, porque queriam enfatizar a unicidade de Deus (monoteísmo). Os bispos e teólogos cristãos tiveram de explicar novamente e expressar sem ambiguidade que Jesus Cristo era e é a encarnação (tornar-se humano) de Deus Filho, a eterna Palavra de Deus, igual ao Pai.

Este não é o lugar para apresentar uma explicação ou defesa completa da divindade de Jesus Cristo — isso já foi feito inúmeras vezes. Basta dizer que Jesus disse que era “um com o Pai” e que, se as pessoas o viam, viam o Pai. A epístola de 1 João diz que quem não tem o Filho não tem o Pai. Jesus perdoou pecados, não em nome de Deus, mas por sua própria autoridade, como se Ele fosse Deus contra quem havia pecado. C. S. Lewis tem um grande capítulo sobre a questão da divindade de Cristo no livro *Cristianismo Puro e Simples*, no qual ele expõe o famoso argumento do “mentiroso, lunático ou Filho de Deus”. Jesus fez afirmações sobre si mesmo que, sendo verdadeiras, equivaliam a reivindicar ser Deus. (Em seu julgamento, Ele foi formalmente acusado de fazer-se igual a Deus.) Se suas alegações não eram verdadeiras, então Ele era ou mentiroso ou lunático. Poucas pessoas querem dizer isso sobre Jesus!

A encarnação é o coração, o centro e o núcleo da crença cristã. É o que diferencia o cristianismo de todas as outras religiões e é inseparável de outras crenças cristãs básicas. Os primeiros cristãos proclamavam em voz alta e com frequência que, se Jesus não fosse Deus e homem, Ele não poderia salvar-nos. Apenas um ser humano poderia sofrer a penalidade pelos pecados; somente Deus poderia oferecer-se como sacrifício perfeito. Somente um indivíduo que fosse tanto Deus quanto homem poderia ser o mediador que reconcilia Deus e a humanidade. É por isso que o Conselho Mundial de Igrejas exige que as denominações-membros afirmem que “Jesus Cristo é Deus e Salvador”. Qualquer coisa menos do que isso é imitação pálida do cristianismo. O que está em risco com a divindade de Jesus é o próprio evangelho.

No entanto, ao longo da história cristã, alguns cristãos duvidaram ou negaram a divindade de Jesus Cristo. Vez após vez, as igrejas têm enfrentado esse problema. O primeiro concílio universal de bispos em 325 não foi a primeira reunião de líderes cristãos a abordar negações da divindade de Jesus por parte

dos cristãos. Começaremos nossa história de heresias sobre a divindade de Cristo com um homem que a negou e um grupo de bispos que se reuniram para excomungá-lo e declarar que seu ensino era heresia.

O Adocionismo Nega a Deidade de Cristo na Síria do Século III

Uma das primeiras grandes discussões sobre a divindade de Jesus Cristo no cristianismo começou com o ensino de um líder cristão na Síria em meados do século III. Seu nome era Paulo de Samósata, uma cidade na Síria. Ele tornou-se bispo dos cristãos em Antioquia, importante centro do cristianismo primitivo, em 260. Como bispo de Antioquia, exerceu grande influência sobre os cristãos em toda a metade oriental do Império Romano. Antioquia é onde os cristãos foram chamados pela primeira vez de “cristãos” e foi o centro da atividade missionária do apóstolo Paulo. Foi onde Pedro e Paulo tiveram seu confronto sobre os gentios tornarem-se cristãos sem primeiro tornarem-se judeus (por meio da circuncisão). No século III, a cidade e os arredores tinham inúmeras igrejas cristãs, e Paulo era o líder deles.

A maior parte do que sabemos sobre os ensinamentos de Paulo de Samósata sobre Cristo vem de seus críticos — outros bispos e Pais da Igreja que discordaram fortemente das ideias de Samósata, como o primeiro historiador cristão Eusébio cerca de um século depois. Portanto, há estudiosos que põem em dúvida o que Paulo de Samósata realmente ensinou (como costuma ocorrer com os primeiros hereges). A questão aqui, para nossos propósitos, não é o próprio Paulo de Samósata ou o que ele realmente ensinou (sobre o qual talvez não tenhamos certeza), mas a natureza da heresia que, na História da Igreja, remonta a ele, a saber, o adocionismo.

Pelo visto, se as fontes merecem crédito, Paulo de Samósata não cria que Jesus começou a vida como Deus encarnado, mas como mero ser humano com potencial para tornar-se “divino”, o “filho” especial de Deus. No seu batismo no rio Jordão por João Batista, como diz o adocionismo histórico, Deus “adotou” Jesus em um relacionamento único e muito especial consigo mesmo para que se tornassem “Pai” e “Filho”. Jesus, porém, permaneceu ontologicamente (quanto à sua substância, ao seu ser) apenas humano. O resultado da adoção de Jesus por

Deus na filiação foi apenas que Jesus tornou-se o único instrumento humano de Deus para revelar-se às pessoas e salvá-las de seus pecados. Mas Jesus nunca teve a mesma substância do que Deus.

A cristologia adocionista de Paulo de Samósata é também chamada de “monarquianismo” e especificada como “monarquianismo dinâmico” para distingui-lo de outras formas de monarchianismo. Monarchianismo é a palavra usada pelos cristãos primitivos e, mais tarde, pelos teólogos para descrever qualquer crença na absoluta unicidade de Deus. Todas as suas formas negam a verdadeira triunidade de Deus, a Trindade. No caso de Paulo de Samósata, somente o Pai é Deus; o filho Jesus é um homem levado por Deus a ter um relacionamento especial consigo mesmo. Portanto, chama-se “monarquianismo dinâmico”, porque implica que Deus pode tornar-se Pai (em vez de ser eternamente o Pai). (No próximo capítulo, sobre heresias trinitárias, explicaremos o “monarquianismo modalista”, que é bem diferente da versão dinâmica.)

As razões de Paulo de Samósata para negar a divindade ontológica real de Cristo tinham a ver com o forte desejo de enfatizar o cristianismo como religião monoteísta para distingui-lo do politeísmo de muitos pagãos no Império Romano. Ele também pode ter desejado alcançar os judeus que ficaram escandalizados com a doutrina da encarnação e a divindade do homem Jesus.

O adocionismo passou a ser usado como termo para designar qualquer doutrina ou ensino que reduz Jesus a mero ser humano, por mais altamente exaltado que seja em relação a Deus. Se a filiação especial de Jesus com Deus começou no batismo, ou mais cedo, ou mais tarde, não é crucial para o adocionismo. O que é crucial é a ideia de que Jesus “tornou-se” divino e o único Filho de Deus e que nunca foi Deus encarnado, um em substância do Deus Pai.

Um grupo de setenta bispos cristãos de todo o Oriente Médio reuniu-se em Antioquia em 269 e depôs Paulo de Samósata do cargo de bispo de Antioquia por causa de seus ensinamentos sobre Cristo. Foi a primeira grande reunião de bispos cristãos e só foi possível por causa de uma pausa nas perseguições de cristãos por parte de imperadores e governadores romanos.

O Arianismo Nega a Divindade de Jesus Cristo no Egito do Século IV

A maior briga na história da doutrina cristã, pelo menos antes da Reforma, começou em Alexandria, no Egito, em 318. Alexandria era a segunda cidade mais rica e poderosa do Império Romano e era o lar de muitos cristãos. Era também o centro da vida intelectual, tendo, inclusive, um seminário cristão. Em 318, Constantino estava sentado no trono do império e gradualmente o mudou para uma nova cidade que ele estava construindo chamada Constantinopla. Constantino legalizou oficialmente o cristianismo e começou a favorecê-lo em 313 logo após tornar-se imperador. Ele ficou incomodado ao ouvir que os cristãos no Egito estavam discutindo sobre a divindade de Cristo. Então, convocou um concílio universal (“ecumênico”) de todos os bispos cristãos para Niceia, onde ele morava temporariamente enquanto a nova capital estava sendo construída.

As circunstâncias e decisões do concílio e a resultante grande controvérsia foram pontos de discussão entre Alexandre, bispo de Alexandria, e Ário, sacerdote líder de Alexandria que, provavelmente, queria ser bispo. Ário negou abertamente a divindade plena e verdadeira de Jesus Cristo e conduziu seus seguidores pelas ruas de Alexandria cantando: “Houve um tempo em que o Filho não existia”.¹ Alexandre tentou disciplinar Ário e reprimir a heresia, mas Ário tornou-se mais escandaloso e mais veemente em suas negações da divindade de Cristo.

Ário, ao contrário de Paulo de Samósata, não negou que Jesus Cristo fosse a encarnação de um ser “divino” preexistente. Segundo Ário, Jesus não era mero homem “adotado” por Deus para ter uma filiação especial. Ele era mais do que grande profeta. Ele era a Palavra, o Logos, a primeira e maior criatura que Deus já fizera encarnar como ser humano por intermédio da virgem Maria. Mas a Palavra, o Filho de Deus, foi criado no tempo e não é igual ao Pai. Ele era o “deus dois” (mas não “Deus também!”), uma criatura gloriosa digna de adoração, mas não da mesma substância que Deus Pai.

Ário negou não só a divindade de Cristo, mas também a Trindade. Segundo ele, Deus não é três pessoas que compartilham uma substância, essência ou natureza divina. Deus é uma pessoa — o Pai —, que criou uma réplica de si mesmo, um grande ser espiritual chamado Logos ou Palavra, porém permanecendo unicamente Deus eterno com todos os poderes de Deus.

Alexandre reuniu todos os bispos do Egito em 318 para resolver a controvérsia. A briga entre os seguidores de Ário e os de Alexandre eclodira nas igrejas e invadira as ruas da cidade. Panfletos de ambos os lados criticavam duramente o outro. Ário afirmou que Alexandre e os cristãos trinitários eram politeístas, crentes em mais de um Deus. Alexandre e seus seguidores declararam que Ário era um novo adocionista disfarçado. Afinal de contas, mesmo que Cristo preexistisse o nascimento de Jesus, Ele ainda estava, de certo modo, subordinado ao Pai como no adocionismo e, portanto, não era verdadeiramente Salvador, Senhor e Deus a ser adorado.

Os bispos despojaram Ário de seu cargo de líder da igreja (arcediogo) e declararam que sua doutrina de “subordinacionismo” era heresia. O cisma era uma ameaça. Ário não desistiu, e seus seguidores continuaram a opor-se a Alexandre e à doutrina da Trindade.

O concílio convocado por Constantino em 325 tinha o propósito de resolver a questão. Mais de trezentos bispos compareceram. Constantino presidiu as deliberações e exigiu que decidissem de uma vez por todas no que os cristãos deveriam acreditar sobre Jesus Cristo em relação a Deus. O concílio começou com uma leitura dos ensinamentos de Ário feita por um bispo que o apoiava. (Ário não podia estar no concílio, porque não era bispo.) Quando ele chegou à parte que falava que Jesus não era Deus, outro bispo pegou o pergaminho, jogou-o no chão e pisoteou-o. Um tumulto quase eclodiu. Constantino teve de chamar os guardas para acalmar os bispos e seus assistentes.

Por fim, a calma prevaleceu, e um credo foi escrito. O Credo Niceno afirma que Jesus Cristo é *homousios* (consubstancial) do Pai — de uma substância idêntica a Deus Pai — e eterno, não criado. Ário foi deposto e exilado de Alexandria. Dois bispos que o apoiavam e recusavam-se a assinar o credo também foram depostos e exilados. Não há dúvida de que a grande maioria dos bispos chegou ao concílio já crendo que Jesus Cristo é Deus encarnado, um em substância do Pai, uma pessoa da Trindade.

Entretanto, o concílio ainda não resolveu a controvérsia, porque os bispos arianos continuavam agitados. Escreveram cartas para outros bispos e para o imperador e seu capelão, argumentando que o credo estava errado ao declarar Jesus “consubstancial” do Pai. Alegaram que isso era negação da Trindade! Se Deus e Jesus são consubstanciais, exortaram eles, então Eles são uma pessoa.

A luta pela divindade de Cristo e pela Trindade durou a maior parte do século IV e só terminou com o segundo concílio ecumênico de Constantinopla em 381. Então, outro imperador, simpatizante dos bispos trinitários e da redação original do Credo Niceno, convocou um concílio para, enfim, resolver a questão. O Concílio de Constantinopla reafirmou o Credo Niceno e acrescentou um terceiro artigo sobre o Espírito Santo. Com isso, as doutrinas da divindade de Cristo e da Trindade estavam completas e foram, por assim dizer, esculpidas em pedra.

O grande defensor do Credo Niceno e da divindade de Cristo e da Trindade durante toda a controvérsia foi Atanásio, que sucedeu a Alexandre como bispo de Alexandria. Ele sofreu cinco exílios ordenados por imperadores, incluindo Constantino, por resistir obstinadamente a aceitar um meio-termo com o arianismo que teria dito, por exemplo, que o Filho Jesus é “de substância semelhante” ao Pai. No fim, ele e seus amigos (conhecidos como os três “pais capadócios”) prevaleceram. A linguagem que eles usaram e foi amplamente aceita é que Deus é “uma substância e três pessoas”. Uma maneira de dizer que é “um o quê e três quens”. Eles sabiam que estavam afirmando um mistério, mas não se incomodaram com isso, já que Deus está acima da capacidade de nossa mente finita de entender completamente.

O Nestorianismo Lança Dúvidas sobre a Divindade de Cristo na Constantinopla do Século V

Após o Concílio de Constantinopla e a redação final do Credo Niceno em 381, a grande maioria dos cristãos em todo e fora do Império Romano cria na plena divindade de Jesus. Muitos aceitaram a doutrina da Trindade. Houve, no entanto, algumas exceções. Os missionários arianos na Europa haviam convertido ao cristianismo ariano algumas das chamadas tribos bárbaras. Mais tarde, estas se converteram ao cristianismo ortodoxo e trinitário. Fora das fronteiras do império, não era fácil dizer exatamente em que os cristãos acreditavam. Em muitos lugares, eles foram isolados e não participaram dos debates doutrinários que levaram aos credos formais da cristandade. Um exemplo é a muito antiga Igreja Ortodoxa Abissínia, a igreja da Etiópia.

Dentro das fronteiras do Império Romano, surgiram debates sobre a natureza de

Jesus Cristo após o Concílio de Constantinopla. As tensões estavam fervendo entre as duas principais cidades da metade oriental de língua grega do império. Antioquia e Alexandria queriam a influência primária na nova capital Constantinopla, onde os imperadores moravam. Os cristãos nas duas cidades haviam desenvolvido abordagens diferentes à teologia e, especialmente, à cristologia. Os cristãos de Antioquia tendiam a enfatizar a humanidade de Jesus e procuravam explicar como Ele também poderia ser Deus. Os cristãos de Alexandria tendiam a enfatizar a divindade de Jesus e procuravam explicar como Ele também poderia ser humano. Afinal, todo cristão cria que Deus e a criação eram radicalmente diferentes. Como poderiam coexistir em uma pessoa? Deus é infinito, eterno e onipotente. Acima de tudo, Deus é incriado. Já a humanidade faz parte da criação, mesmo sendo sua coroa. É de poder finito, temporal e limitado. Como o incriado e o criado poderiam coexistir em uma pessoa?

Os líderes cristãos sentiram-se à vontade em deixar a questão no âmbito do mistério, até que certos mestres cristãos começaram a apresentar ideias da pessoa de Jesus Cristo que eram extremamente perturbadoras e pareciam repetir da forma mais extravagante heresias anteriores, como o adocionismo.

Uma sugestão importante para explicar a dualidade de Jesus Cristo, sua humanidade e sua divindade foi apresentada por um bispo cristão de Laodiceia na Ásia Menor. Seu nome era Apolinário. Ele morreu por volta de 390, não muito tempo depois do Concílio de Constantinopla, que o depusera e condenara seus ensinamentos sobre Cristo. Apolinário ensinou que Jesus Cristo era Deus Filho, a Palavra, o Logos, que vivia no corpo humano. A encarnação significava, disse ele, que o eterno Filho de Deus assumiu um corpo humano, mas não se tornou completa e verdadeiramente humano. Ele não tinha mente humana; a sua mente era de Deus. Alguns rotularam a heresia de Apolinário de “Deus num corpo”.

O Concílio de Constantinopla considerou a cristologia de Apolinário uma nova forma de docetismo, a cristologia dos gnósticos, pois acreditava que Cristo apenas parecia ser humano, mas não era verdadeiramente humano. Os bispos do concílio concordaram com o Pai da Igreja, Gregório de Nazianzo, que disse: “aquilo que ele [a Palavra] não assumiu, ele não curou”.² Em outras palavras, para salvar todas as partes de uma pessoa, a Palavra teve de tomar para si cada parte dessa pessoa. (O pecado não é “parte” de nós; é a maldade da vontade — a doença ou a distorção, e não a substância ou parte da humanidade.)

A oposição mais veemente a Apolinário e sua heresia veio de Antioquia, que

sempre procurava proteger a plena e verdadeira humanidade de Jesus. Os cristãos de Antioquia suspeitavam que os cristãos de Alexandria secretamente simpatizavam com Apolinário e sua heresia de “Deus num corpo”. Eles manobram para fazer com que um de seus filhos favoritos fosse eleito arcebispo de Constantinopla — posição de muito poder, pois significava ser o pastor do imperador! Antioquia vibrou quando Nestório, seu homem em Constantinopla, foi eleito para o cargo.

Uma das primeiras coisas que Nestório fez foi pregar (e publicar) um sermão condenando o uso pelos cristãos da palavra Teótoco para designar Maria. “Teótoco” vem do grego Theotokos, que significa “portadora de Deus” ou “mãe de Deus”. Deus, declarou Nestório, não pode nascer e não pode ter mãe. Maria era a “mãe de Cristo” (Cristótoco, em grego Christotokos), mas não a “mãe de Deus”.

Os alexandrinos em Constantinopla acusaram Nestório de negar a divindade de Jesus Cristo; e quanto mais ele se defendia, mais fundo cavava o buraco em que os alexandrinos viam-no cair. Com o tempo, Nestório passou a dizer que Jesus era, na verdade, duas pessoas: o “Filho de Deus” e o “Filho de Davi” fazendo de “Jesus Cristo” uma personalidade corporativa, e não uma só pessoa. Como as coisas de Deus (a substância divina) e as coisas do homem (a substância humana) são tão radicalmente diferentes, argumentou Nestório, elas não poderiam unir-se em uma pessoa. Então, Jesus era duas naturezas, humana e divina, e, portanto, duas pessoas, humana e divina. A unidade, argumentou ele, estava na coordenação absoluta de suas vontades. Era a união de duas vontades atuando como uma só. Ele chegou a usar a analogia de um casamento perfeito para exemplificar a união especial.

Até os cristãos não alexandrinos viram o problema com isso. Nestório estava dividindo Jesus Cristo em duas pessoas e, de fato, negando a divindade do homem Jesus. Como isso era muito diferente do adocionismo? Apenas no ponto em que era adocionismo dentro de uma estrutura trinitária. Nestório substituiu o adotante pelo Logos (em vez do Pai). O Logos, a eterna Palavra de Deus, adotou o homem Jesus como parceiro, por assim dizer, e essa parceria constituiu a encarnação. Não, disseram os críticos. Ser “parceiro” de Deus não faz alguém de Deus.

Nada como o furor contra o nestorianismo (que dividiu Jesus Cristo em duas pessoas) fora visto entre os cristãos desde a controvérsia sobre Ário um século

antes. Por fim, um terceiro concílio ecumênico reuniu-se em Éfeso, na Ásia Menor, em 431, e condenou Nestório e sua cristologia. Ele foi deposto como arcebispo de Constantinopla e enviado para o exílio. Mas Antioquia ardia em ressentimento. Pareceu um grande triunfo para Alexandria, que sempre enfatizava a divindade de Jesus acima de sua humanidade.

O Concílio de Calcedônia Resolve a Controvérsia sobre a Cristologia

Depois que Nestório e sua heresia foram condenados em 431, outra controvérsia eclodiu entre os cristãos em Constantinopla (com reverberações em todos os lugares, inclusive na própria Roma). Eutiques, monge e mestre cristão altamente conceituado, procurou refutar o nestorianismo (que permaneceu na clandestinidade depois de 431), oferecendo uma explicação alternativa da encarnação e da pessoa de Jesus Cristo. Segundo ele (e muitos em Alexandria concordaram), Jesus Cristo era e é um híbrido de humanidade e divindade, substância humana e substância divina. Em sua opinião, Jesus era um “terceiro algo”, nem exatamente humano, nem exatamente divino. Eutiques insistia que Cristo era “uma natureza”, não duas, e uma pessoa, não duas. O que o colocou em dificuldade foi a linguagem de “uma natureza”, mesmo que ela fosse comum em Alexandria há muito tempo.

A questão que os críticos (principalmente de Antioquia) levantaram é como as coisas de Deus e as coisas do homem podem ser misturadas ou unificadas em uma terceira coisa. Não significa que Deus e a criação são da mesma espécie? Isso não borra ou até apaga a linha entre eles? Deus Filho, a Palavra, desistiu de parte de sua divindade para tornar-se humano na encarnação? A humanidade que Ele assumiu perdeu parte de si mesma? Não era Ele, como dizia o Credo Niceno, “verdadeiramente humano e verdadeiramente divino”?

O eutiquianismo foi condenado como heresia no quarto concílio ecumênico que se reuniu na Calcedônia, na Ásia Menor, em 451. A Definição de Calcedônia escrita pelo concílio foi como um adendo ao Credo Niceno, porque nunca teve a intenção de ser um novo credo. Dizia que Antioquia estava parcialmente certa e Alexandria também, mas Antioquia também estava parcialmente errada como estava Alexandria. Obviamente, não satisfez os extremistas de nenhum dos

lados.

A cristologia ortodoxa de Calcedônia passou a ser conhecida como a “união hipostática”, ou seja, a união de duas naturezas plenas e completas, a humana e a divina, em uma só pessoa (hipóstase, em grego hypostasis). Em outras palavras, Jesus Cristo foi e é “um quem e dois os quês” — uma pessoa indivisa, mas duas naturezas inteiras. A definição deixou o conceito em mistério; não há paralelo exato ao conceito em nenhum lugar da natureza. O “quem” de Jesus Cristo é a pessoa da Palavra, o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade. O “os quês” são a divindade e a humanidade do Filho reunidas nEle. A encarnação significa que o eterno Filho de Deus, igual ao Pai, assumiu para si a verdadeira natureza humana, não uma pessoa humana.

A Definição de Calcedônia criou quatro “cercas” para proteger o mistério da encarnação das heresias que a racionalizaram. Dizia que Jesus Cristo era de duas naturezas “sem divisão, sem separação, sem mistura, sem confusão”. As duas primeiras “cercas” foram para proteger o mistério da encarnação contra o nestorianismo; as duas últimas foram para protegê-lo do eutiquianismo.

A doutrina da união hipostática da Calcedônia tornou-se ortodoxia a partir de então. Durante e depois da Reforma Protestante, tanto os católicos quanto os protestantes (bem como os ortodoxos orientais) afirmaram-na. Mas algumas igrejas cristãs no norte da África e no Oriente Médio rejeitaram-na. Os ramos nestoriano e eutiquiano do cristianismo permaneceram separados da igreja (católica e ortodoxa) por séculos. Somente no século XX, eles redescobriram-se e começaram a conversar novamente com o objetivo de superar suas divisões.

Heresias Cristológicas (Vivas) e Modernas

Para muitos leigos e até pastores, os debates antigos sobre a pessoa de Jesus Cristo parecem esotéricos, além da compreensão e impraticáveis. Em grande parte do cristianismo moderno, “vale tudo” doutrinariamente. Na maioria das vezes, as ortodoxias doutrinárias esculpidas em Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia são ignoradas, sobretudo pelos protestantes. Poucas denominações protestantes lembram-se delas e continuam a ensinar contra as heresias que as

ortodoxias doutrinárias rejeitaram. Por causa dessa ignorância, todas as antigas heresias cristológicas estão muito bem vivas.

Antes de tudo, várias formas de adocionismo são amplamente aceitas nos círculos teológicos protestantes liberais. Poucos diriam que Jesus “tornou-se” divino, o Filho especial de Deus, apenas no batismo, mas muitos teólogos protestantes liberais modernos reduzem Jesus Cristo a um grande profeta, o “representante e deputado de Deus” entre as pessoas. Na década de 1960, o bispo da Igreja Anglicana John Robinson publicou *Honest to God* [Honesto com Deus], um livro popular que revisa as doutrinas tradicionais para torná-las mais consistentes com a era moderna e sua visão de mundo. Os críticos viram-no como acomodação radical à secularidade moderna. Robinson negou inteiramente o elemento sobrenatural e argumentou a favor de uma nova visão da transcendência (alteridade) de Deus, na qual Deus está “sendo Ele mesmo”, e não uma pessoa transcendente. Mais tarde, Robinson publicou *The Human Face of God* [O Rosto Humano de Deus], um livro sobre Jesus Cristo. Nele, o bispo apresentou Jesus Cristo apenas como homem, mas que representava Deus perfeitamente.

A cristologia de Robinson é conhecida como “cristologia funcional” para distingui-la da “cristologia ontológica”. Segundo a cristologia ontológica, Jesus era e é real, verdadeira e completamente humano e divino em suas substâncias. Ele preexistiu seu nascimento em Belém como a eterna Palavra e Filho de Deus e assumiu a verdadeira humanidade por meio de Maria. Ele era substancialmente Deus e homem em união perfeita. A “cristologia funcional” é o ponto de vista comum nas teologias liberais em que Jesus funcionava como Deus, mas não era Deus substancialmente. Em outras palavras, Ele não tinha preexistência, exceto na mente de Deus. Ele não era literalmente Deus encarnado, mas uma pessoa humana especial que representou Deus perfeitamente para a humanidade. Ele era o paradigma da perfeita humanidade consciente de Deus. A cristologia funcional é a forma moderna do adocionismo antigo.

O arianismo aparece nas cristologias de várias seitas cristãs, entre elas e principalmente as Testemunhas de Jeová (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados). O seu ponto de vista sobre a pessoa de Cristo é que Ele foi a primeira e maior criatura de Deus, o glorioso arcanjo Miguel, que se tornou humano. Os arianos antigos não o identificaram com um arcanjo, mas os contornos das duas cristologias são os mesmos, a saber, a preexistência da Palavra ou Logos de Deus, que é uma criatura, ainda que gloriosa, e a encarnação em um ser humano.

Jesus, segundo o arianismo antigo e moderno, era “um deus” encarnado, mas não Deus encarnado. Ele era “um deus”, mas não “Deus”.

O adocionismo e o arianismo surgiram entre os cristãos ao longo da história. Durante a Reforma, um reformador radical chamado Fausto Socino ensinou algo semelhante ao adocionismo. Ele negou a Trindade. Os reformadores rejeitaram a ele e sua igreja, a irmandade Polonesa, uma precursora do moderno movimento unitário. Durante os séculos XVII e XVIII, na Inglaterra, muitos protestantes não conformistas (independentes, não anglicanos) adotaram o arianismo como cristologia. O grande poeta John Milton era unitário, assim como o cientista Isaac Newton.

O apolinarismo é o ponto de vista comum de Jesus Cristo entre leigos teologicamente destreinados. O nestorianismo não encontrou renascimento no cristianismo moderno, no entanto seus ecos podem ser lidos e ouvidos nos ensinamentos de alguns “teólogos do processo”, que são pensadores cristãos que adaptam o cristianismo à filosofia de Alfred North Whitehead. Por exemplo, Norman Pittenger, teólogo inglês do processo, chegou muito perto do nestorianismo em seu livro clássico *The Word Incarnate* [A Palavra Encarnada].

O eutiquismo encontrou eco entre os cristãos do norte da África chamados monofisitas. Depois do Concílio de Calcedônia, muitos cristãos egípcios não assinaram a Definição de Calcedônia. Consideraram-na uma capitulação massiva à cristologia antioquiana com seu discurso das “duas naturezas” de Cristo. A maior parte do cristianismo egípcio (“copta”) permaneceu fiel ao ensino e cristologia monofisita de Eutiques (“uma natureza” de Jesus, ou seja, uma mistura de divindade e humanidade).

Alguma forma de eutiquismo é comum entre leigos cristãos conservadores. Tende a enfatizar a divindade de Jesus à custa de sua humanidade, mas considera-o um híbrido de humano e divino, uma mistura de ambos, mas não completa e verdadeiramente nenhum deles. O apolinarismo e o eutiquismo são inconscientemente considerados “palpites” ou “suposições” quando as pessoas param para examinar como Jesus era Deus encarnado.

Antídotos para as Heresias Cristológicas Antigas e Modernas

É costumeiro as pessoas reagirem às exposições e críticas às heresias cristológicas antigas e modernas com um bocejo e comentário: “E daí?”. Infelizmente, grande parte do cristianismo moderno é não doutrinário, mesmo quando se trata de uma doutrina tão central ao evangelho. Estou referindo-me, claro, à encarnação: Deus tornou-se humano em Jesus Cristo.

Com demasiada frequência, o cristianismo foi reduzido a uma religião popular, a um conjunto de experiências espirituais e crenças populares mantidas sem qualquer reflexão ou entendimento. O cristianismo antigo era diferente. O apóstolo Paulo, por exemplo, criticou duramente os cristãos do século I por não ensinarem a verdade e a substituírem por seus próprios “evangelhos”. Durante o grande debate sobre a pessoa de Cristo no final do século IV, um bispo relatou que uma pessoa não podia ir a lugar algum em Constantinopla (e isso seria verdade em muitas outras cidades do Império Romano) sem ser informado de que Cristo não tinha duas naturezas ou que Cristo era duas pessoas. A teologia e, especialmente, a cristologia estavam na mente e na língua de todos. Infelizmente, foram muitas vezes longe demais e perseguiram os cristãos por pensarem que eles mantinham crenças erradas. A correção, e não a perseguição, é necessária, mas a correção desaparece com a perseguição. “Cada um defende sua própria igreja”, como diz o ditado. Em outras palavras, anarquia doutrinária: “vale tudo”. A igreja emite um som incerto, como um coral cantando em muitas claves musicais.

O melhor antídoto para o caos cristológico é o mesmo recomendado antes sobre o pensamento errado em teologia: entender a ortodoxia cristã e o motivo pelo qual a igreja ensina há quase dois mil anos, fundamentá-la nas Escrituras e na Grande Tradição e explicá-la racionalmente, porque é superior às heresias. Mas primeiro, as igrejas e os cristãos individualmente precisam conscientizar-se sobre a importância da doutrina. Sem uma sólida doutrina, o cristianismo é reduzido a sentimentos individuais e, talvez (na melhor das hipóteses), a um conjunto de comportamentos. A salvação é mais do que o comportamento correto; é, de acordo com o evangelho, reconciliação com Deus. Como acontece? Como pode acontecer? O que Deus fez para que acontecesse? Quem foi e é Jesus Cristo em relação a Deus e a nós? São questões importantes e inevitáveis quando a pessoa começa a refletir sobre a salvação e sua mensagem. Como diz o velho ditado: “Se queremos divulgar as Boas Novas, precisamos entendê-las corretamente”. Teologia tem tudo a ver com ajudar a entender

corretamente.

Muitas pessoas têm problemas com o jargão teológico que se desenvolveu por meio das controvérsias sobre Jesus Cristo e a Trindade durante o século IV e princípios do V. Parece abstrato, especulativo, filosófico e afastado do verdadeiro discipulado. O que a “união hipostática” tem a ver com viver a vida cristã? Contudo, uma inspeção mais detalhada nas doutrinas ortodoxas conseguidas por esforço revela que elas têm tudo a ver com a salvação e a vida cristã. São essas conexões que as pessoas precisam ver para entender a importância da ortodoxia.

O evangelho cristão não é que Deus deu-nos Jesus para mostrar-nos como viver. O evangelho cristão é que somos incapazes de viver corretamente e agradar a Deus por causa de nossa finitude e queda e que Deus forneceu a solução, a saber, um sacrifício perfeito pelos pecados para justificar seu perdão de nós. Infelizmente, muitos cristãos do passado e do presente não entendem o evangelho e reduzem-no ao que os estudiosos chamam de “deísmo terapêutico moralista”. O deísmo terapêutico moralista é a religião popular; não é o cristianismo robusto e “espesso”. É a ideia de que Deus é um juiz moral severo que está descontente conosco, mas sempre perdoa, porque Ele também é um avô celestial amoroso. No deísmo terapêutico moralista, Jesus é a maneira de Deus contar e mostrar o que espera de nós e que Ele perdoa-nos quando nos arrependemos sinceramente. Mas, no deísmo terapêutico moralista, não há a necessidade da encarnação ou do sacrifício pelos pecados. O deísmo terapêutico moralista não é cristianismo; é uma religião diferente, amplamente inventada por pessoas que se sentem culpadas, mas também perdoadas e que gostam de pensar em Jesus como o modelo de ser humano perfeito. Porém, o deísmo terapêutico moralista é raso e tem pouco a ver com o Novo Testamento ou o melhor da tradição cristã, quer seja ortodoxa oriental ou católica romana, quer protestante. Nenhum dos grandes reformadores iria reconhecê-lo como cristão.

O verdadeiro evangelho, as Boas Novas que são realmente boas, é que, embora sejamos pecadores condenados, Deus agiu em nosso favor, tornando-se um de nós e morrendo por nós para reconciliar-nos consigo mesmo e dar-nos participação em sua natureza divina (2 Pe 1.14). Quando isso não é pregado e ensinado, a cristologia dificilmente será importante. O melhor antídoto às heresias cristológicas é o que os sociólogos da religião chamam de “descrição espessa” do evangelho e da crença cristã ao longo dos tempos.

O que há de errado com todas as heresias cristológicas é a falta de entendimento do evangelho. Todas elas removem Deus da humanidade e a humanidade de Deus, ou os confundem como se, afinal, não fossem realmente tão diferentes. Ambos destroem o evangelho. O cristianismo ortodoxo não enfatizou a união hipostática por diversão da especulação ou para que os teólogos intelectuais possam dominar as pessoas comuns. O propósito da doutrina da união hipostática é preservar o evangelho da destruição e proteger o grande mistério no centro da revelação de Deus.

Não é possível “provar” que Jesus Cristo era e é Deus encarnado, tanto verdadeiramente humano quanto verdadeiramente divino, uma pessoa de duas naturezas ou substâncias. Contudo, diante das negações, muitos bons argumentos podem ser organizados para apoiar a cristologia ortodoxa.

Em primeiro lugar, a própria Bíblia retrata Jesus como verdadeiramente humano. Ele precisava dormir e morreu. De acordo com Lucas, Ele cresceu em estatura, sabedoria e graça para com Deus e as pessoas (Lc 2.52). Os anjos que encontraram os discípulos após a ascensão de Jesus disseram-lhes que “este mesmo Jesus” (um homem) retornaria exatamente como Ele foi (At 1.11, NVI). O Novo Testamento chama Jesus de “um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem” (1 Tm 2.5, grifo meu).

Em segundo lugar, a Bíblia não nos permite adorar ou servir a Jesus Cristo como algo menos do que Deus encarnado. Já mencionei João 1, assim como o argumento do “senhor, mentiroso ou lunático” de Lewis e outros. O Novo Testamento chama-o de “Deus e Salvador” (Tt 2.13, ARA). O discípulo Tomé caiu aos pés de Jesus e adorou-o chamando-o de Deus (Jo 20.28). Jesus não o repreendeu por isso, mas aceitou a adoração.

Em terceiro lugar, se Jesus igualou-se a Deus, por exemplo, perdando pecados e dizendo que, se as pessoas o viam, viam o Pai, então Ele era um blasfemador, a menos que Ele fosse Deus. Sua ressurreição foi a confirmação celestial inconfundível de que suas afirmações são verdadeiras. Por que Deus ressuscitaria um blasfemador dentre os mortos? Por que os discípulos e Paulo entregariam a vida ao martírio se soubessem que a proclamação de Jesus como Senhor por causa de sua ressurreição era falsa?

Isto é, em poucas palavras, apologética cristológica. Muitos livros foram escritos para defender a encarnação e a crença de que Jesus Cristo era verdadeiramente

Deus e verdadeiramente homem. Um deles é Jesus — God and Man [Jesus: Deus e Homem], do teólogo luterano alemão Wolfhart Pannenberg (com quem estudei).

Atanásio, bispo e teólogo cristão do século IV, refutou o arianismo em Sobre a Encarnação (“De Incarnatione”), um dos grandes clássicos da história cristã. Ainda está disponível e é digno de estudo nas igrejas cristãs. O papa Leão I escreveu uma defesa magistral da doutrina da união hipostática no que ficou conhecido como “Tomo de Leão”.³

A evidência de que esse ainda é um problema incontestável foi fornecida na década de 1980, quando uma denominação protestante histórica debateu se uma de suas igrejas poderia aceitar um pastor que negava abertamente a divindade de Cristo. O que antes era dado como certo pelos cristãos ortodoxos de todas as identidades denominacionais é mais uma vez contestado, principalmente dentro do protestantismo histórico (embora alguns teólogos católicos também o tenham questionado): a encarnação de Deus em Cristo. O melhor antídoto é a volta ao evangelho “que uma vez por todas foi entregue aos santos” de Deus (Jd 3, ARA) pelos apóstolos e pela disciplina eclesiástica de ministros, e líderes que duvidam ou negam a divindade de Cristo.

Deixando mais Claro

1. O centro do cristianismo é Jesus Cristo. O centro do conflito e controvérsia sobre o cristianismo é Jesus Cristo. Como você entende quem é Jesus e como Ele é humano e divino? Como você explicaria isso a uma criança pequena ou a um não cristão?

2. A encarnação é um mistério da fé. É o que os cristãos da Igreja Metodista Unida afirmam em seu culto de Santa Ceia, conforme encontrado no Hinário Metodista Unido, no qual proclama o mistério da fé: “Cristo morreu; Cristo ressuscitou; Cristo voltará”.⁴ Que papel desempenha o mistério em sua fé?

3. Qual é a sua reação diante desta afirmação do autor: “O evangelho cristão é que somos incapazes de viver corretamente e agradar a Deus por causa de nossa finitude e queda e que Deus forneceu a solução”?

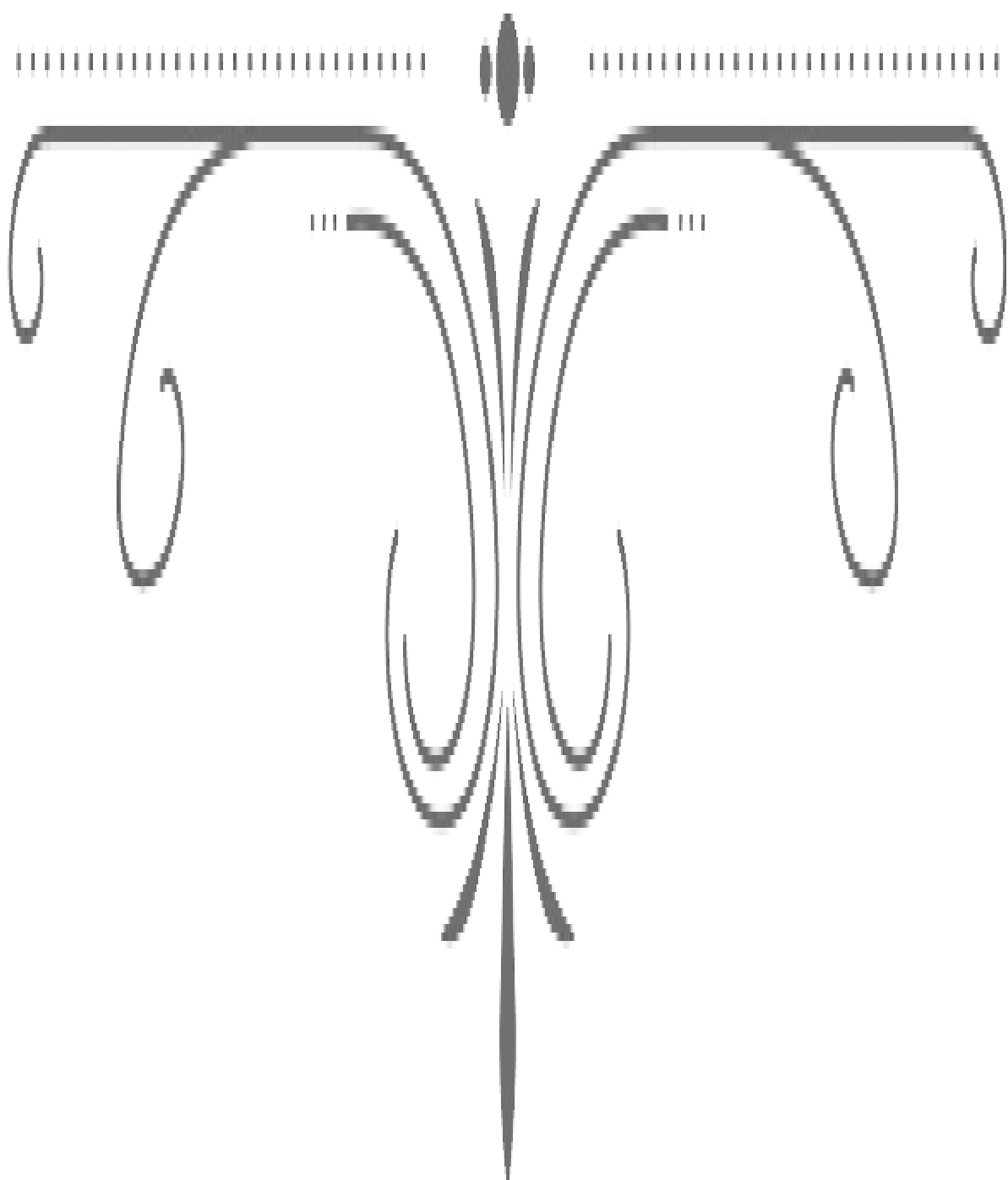
4. Se as Boas Novas são que Deus tornou-se um de nós para reconciliar-nos e dar-nos participação na natureza divina, como o conhecimento mais profundo da encarnação mudou nossa missão de levar as pessoas a Jesus Cristo? Como a reconciliação com Deus e a participação na natureza divina poderiam transformar o mundo?

5. Leia e explique Lucas 2.52 e 1 Timóteo 2.5. O que essas passagens dizem sobre Jesus como humano e divino?

6. Conforme nos lembra o autor, durante os primeiros séculos do cristianismo, as pessoas lutaram e morreram por causa de suas convicções sobre quem é Jesus Cristo. Ainda que não estejam nos pedindo que assim lutemos e morramos, depois de ler este capítulo, por que é importante para a sua fé que Jesus seja tanto humano quanto divino?

Capítulo 6

Contestando a Trindade: O Subordinacionismo, o Modalismo e o Triteísmo



A Doutrina Cristã da Trindade

Muitas pessoas, inclusive muitos cristãos, têm dificuldades com a doutrina da Trindade. Quando a descrevem, as pessoas em geral dizem que Deus é “um em três e três em um”. Não está correto. As perguntas surgem imediatamente: “um o quê?” e “três os quês?”. O “um” e o “três” são iguais? Se são, a doutrina da Trindade contém uma contradição. Há pessoas que não veem nenhum problema com isso, mas outras acham extremamente perturbador. A doutrina cristã é incoerente? Alguns consideram que a Trindade é o ápice do mistério, algo que está acima da compreensão. Alguns têm essa mesma opinião, mas, ainda assim, aceitam-na de qualquer maneira, ao passo que outros a rejeitam pela mesma razão.

Outro equívoco comum é que a doutrina da Trindade foi inventada pelos bispos cristãos sob a influência do imperador Constantino. (Já mencionado no capítulo anterior em relação à divindade de Cristo.) Há um pouquinho de verdade na afirmação, mas é tão incompleta que é incorreta. Durante o reinado de Constantino e ao longo do século IV, os bispos e líderes cristãos desenvolveram a doutrina formal da Trindade; colocaram em novas palavras o que sempre foi crido pela maioria dos cristãos. Ou seja, os Pais da Igreja do século IV forneceram uma fórmula para expressar a Trindade que não existia antes, contudo a fórmula não disse nada de novo a ponto de distorcer o que os cristãos criam há séculos.

Outra causa de mal-entendido sobre a Trindade e a doutrina da Trindade é a confusão dos dois. Em outras palavras, a “Trindade” e a “doutrina da Trindade” não são a mesma coisa. A Trindade é Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo eternamente existentes como um Deus. A doutrina da Trindade é a fórmula humana para expressar isso corretamente.

Certa vez, descrevi a doutrina da Trindade para uma classe com o resultado de que, durante o período de discussão que se seguiu, um aluno disse: “Mas você ainda não explicou a Trindade para nós”. O que ele não entendeu foi que eu não estava tentando “explicar a Trindade”; é impossível. Deus pode ser “explicado”? Não. Deus é transcendente e, em certo sentido, “totalmente outro”. Sua essência

é misteriosa, além do nosso entendimento. Há coisas que podemos dizer sobre Deus que são mais verdadeiras do que outras. A doutrina da Trindade é a maneira de a igreja cristã proteger o mistério de Deus das ideias sobre Deus que destruiriam o mistério ao super racionalizá-lo.

Melhor dizendo, a doutrina da Trindade pode ser explicada; é a Trindade que não pode ser explicada. A doutrina da Trindade nunca teve a intenção de ser uma explicação de Deus; o objetivo era ser um modelo para ajudar as pessoas a pensar em Deus de maneira a não destruir o mistério de Deus, ser fiel à autorrevelação de Deus em Cristo e proteger a triunidade de Deus de explicações mal compreendidas e distorcidas.

Nenhum cristão ortodoxo jamais pensou que pudesse examinar o trabalho interno do Pai, Filho e Espírito Santo e reunir um conjunto de palavras para explicar ou descrever perfeitamente sua unicidade e triunidade. Em vez disso, a doutrina da Trindade é um modelo de trabalho, como o modelo de um átomo ou molécula, que é representado sem figuras. Um átomo ou molécula não se parece exatamente com seus modelos, mas os modelos que os cientistas criam ajudam a entender e trabalhar com átomos e moléculas.

A doutrina da Trindade aponta para um mistério, mas tenta torná-lo o mais inteligível possível e afastar explicações que distorcem ou destroem a plenitude da revelação de Deus sobre si mesmo em Jesus Cristo, no Espírito Santo e na Bíblia. Todos os ingredientes para isso encontram-se na Bíblia, mesmo que as palavras usadas pelos teólogos do século IV sejam mais filosóficas. Todos os ingredientes para a completa doutrina da Trindade, desenvolvida no século IV em Niceia e Constantinopla (concílios ecumênicos mencionados no capítulo anterior) e explicada pelos teólogos ortodoxos da época, como os Pais Capadóciolos, existiam nos primeiros escritos cristãos após o Novo Testamento. Na verdade, a própria palavra latina Trinitas já era usada pelos cristãos por volta de 200.

Então, qual é a doutrina cristã da Trindade, senão “três em um e um em três”? Foi formalizada e transmitida a gerações posteriores de cristãos durante o século IV. Seus principais formuladores foram os Pais Capadóciolos supramencionados: Basílio de Cesareia (também chamado Basílio, o Grande, ou Basílio Magno), Gregório de Nissa (irmão mais novo de Basílio) e Gregório de Nazianzo (amigo deles). Eram três bispos da Ásia Menor que, por intermédio de seus escritos, ajudaram a superar o arianismo e outras heresias e a criar um consenso ortodoxo

sobre a maneira de expressar a Trindade nas igrejas cristãs.

O Credo Niceno (escrito inteiramente no Concílio de Constantinopla em 381) diz que Pai, Filho (Jesus Cristo) e Espírito Santo são um em substância (“ousia”). Em outras palavras, eles são igualmente eternos, bons e poderosos. Também diz que o Filho, que se tornou Jesus pela encarnação, não foi criado, mas “eternamente gerado” pelo Pai, e que o Espírito Santo procede eternamente do Pai. (Mais tarde, teólogos e bispos ocidentais acrescentaram “e do Filho”, mas isso não está no credo original de Niceia.) Os Pais Capadócijs explicaram em seus escritos que o Pai, o Filho e o Espírito Santo, embora da mesma substância e, portanto, igualmente Deus, são três hipóstases distintas (não separadas). A palavra hipóstase tem o significado de “pessoa”, mas é importante tirar do termo “pessoa” todo individualismo egoísta para que as três pessoas da Trindade não sejam retratadas como um comitê. Claramente, essa não era a intenção dos Pais da Igreja.

Correndo o risco de simplificar demais, usarei aqui um dispositivo acróstico para expressar e explicar a doutrina da Trindade (não a própria Trindade!):

T.R.I.U.N.O.

Na revelação, a autorrevelação de Deus, Três são representados como Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Eles são reputados como pessoas distintas. Sua triunidade é imanente e eterna (não meramente temporal). No entanto, eles estão unidos em essência (substância) com nada além de igualdade. Por fim, a doutrina da Trindade explica todas as outras doutrinas, mas ela é em si inescrutável. Em outras palavras, sem ela, as crenças cristãs (por exemplo, a encarnação) não fazem sentido, mas a doutrina da Trindade não é uma descrição literal de Deus, que é essencialmente incompreensível.

Essa doutrina é a crença cristã clássica; é compartilhada por todos os principais ramos do cristianismo e pode ser facilmente encontrada expressa em seus livros de crenças. Sua negação é a razão pela qual os grupos que se autodenominam “cristãos” são considerados cultos (no sentido teológico, mesmo que sejam amantes da paz) pela maioria dos cristãos. Mas essa doutrina foi esculpida em pedra, por assim dizer, pelos Pais da Igreja do século IV, porque alguns cristãos estavam negando-a. Antes e depois. Houve três grandes heresias que negam a doutrina da triunidade de Deus: o subordinacionismo, o modalismo e o triteísmo.

O Subordinacionismo Desafia a Triunidade de Deus

O capítulo anterior discutiu o adocionismo e o arianismo como heresias cristológicas. A seu modo, ambos negam a divindade de Jesus Cristo e reduzem-no a um grande profeta ou à encarnação de um ser angélico. Nos dois casos, a pessoa de Jesus Cristo está subordinada ontologicamente (quanto ao seu ser) ao Pai. Não são pontos de vista que apenas subordinam a Palavra, que se tornou Jesus para o Pai durante sua vida terrena; eles subordinam-no ao Pai, fazendo dEle uma espécie completamente diferente de Deus — um ser criado, e não Deus eterno. Foi explicado lá por que os primeiros cristãos rejeitaram esses subordinacionismos.

Havia e existe outro tipo de subordinacionismo, a saber, do Espírito Santo a Deus. O Espírito Santo é mencionado na Bíblia como Deus e uma pessoa distinta — não separado do Pai e do Filho, porém distinto dEles. Por exemplo, o Espírito Santo é chamado de “Espírito de Deus” e desempenha um papel importante na criação e redenção. Enquanto Jesus era e é “Deus conosco”, o Espírito Santo é “Deus em nós” pela graça. A maioria dos cristãos sempre creu nisso; o problema é reconhecer o Espírito Santo como pessoa distinta ao lado do Pai e do Filho.

O problema do subordinacionismo do Espírito Santo reside em despersonalizar o Espírito, descrevendo-o/a como uma força, e não como uma pessoa. (Aqui o pronome usado para o Espírito será ele/ela, porque, na Bíblia hebraica, a palavra para aludir ao Espírito de Deus é feminina, enquanto no grego é neutra. Não há razão específica para pensar no Espírito como mais masculino que feminino. Muitos teólogos ao longo da História da Igreja, reconheceram o que o teólogo pietista Ludwig Zinzendorf chamou de “o ofício materno do Espírito Santo”.¹⁾ Ao longo da História da Igreja, alguns cristãos, infelizmente, têm-se referido ao Espírito Santo como impessoal, e não como pessoal. Isso levou muitos cristãos a pensar no Espírito Santo no sentido da eletricidade, ou seja, um poder de Deus, e não uma pessoa da divindade.

O Novo Testamento refere-se ao Espírito Santo em termos pessoais. Jesus prometeu a seus seguidores que, quando os deixasse, Ele enviaria a eles “outro consolador” ou “outro advogado” (o grego é *paraclete*) para estar com eles e guiá-los a toda a verdade. (Veja especialmente Jo 14–17.) Os cristãos são advertidos a não entristecer o Espírito Santo. Existe um “pecado contra o

Espírito Santo”. O Espírito Santo falou por intermédio dos profetas e desceu sobre Jesus em seu batismo na forma de pomba. Tudo isso aponta ao Espírito Santo como pessoa divina, e não como força.

Durante o século IV, ao mesmo tempo em que os cristãos estavam lutando com a questão da divindade de Cristo, um grupo de autoproclamados cristãos negou a divindade e a personalidade do Espírito Santo, reduzindo o Espírito a uma poderosa presença de Deus em ação no mundo, algo como uma emanção de Deus (semelhante os raios do sol). Os cristãos trinitários ortodoxos, como os Pais Capadócius, chamaram-nos de pneumatomaquianos, ou seja, “combatentes contra o Espírito Santo”.

Pouco se sabe sobre os pneumatomaquianos, exceto o que disseram os seus oponentes cristãos ortodoxos. Eram provavelmente cristãos semiarianos e heréticos, que estavam dispostos a “aceitar” a ortodoxia nicena, alterando o credo para dizer que o Pai e o Filho são “homoiousios”, de uma substância semelhante. Certamente, os Pais Capadócius e outros cristãos trinitários ortodoxos não viram nisso aceitação nenhuma! Teria sido completa capitulação ao arianismo. Assim que viram que não iriam vencer a luta pelo relacionamento do Filho com o Pai, alguns semiarianos começaram a luta pela divindade e personalidade do Espírito Santo, argumentando que o Espírito Santo está subordinado ao Pai e ao Filho em sentido ontológico. Em outras palavras, segundo eles, o Espírito Santo é mero termo para referir-se ao poder de Deus. Não existe um terceiro personagem distinto na divindade.

Os cristãos sempre creram na divindade e na personalidade distinta do Espírito Santo, mas não havia necessidade de incluir o Espírito Santo no Credo Niceno, pois a controvérsia era totalmente sobre a divindade do Filho. A princípio, o Espírito Santo não entrou no credo. Mas, durante a segunda metade do século IV, os pneumatomaquianos lançaram essa nova ofensiva para impedir uma doutrina formalizada e final da Trindade.

O que havia por trás dos ataques arianos, semiarianos e pneumatomaquianos à Trindade? Havia o monoteísmo radical conhecido como monarquianismo. O termo monarquianismo vem de duas palavras gregas que significam “um” e “fonte”. Portanto, monarquianismo é toda crença de que Deus pode ser apenas uma pessoa singular, não duas e nem três, ainda que compartilhem a mesma substância divina. Os pneumatomaquianos eram monarquianos, mesmo que temporariamente estivessem dispostos a desviar o debate para a questão do

Espírito Santo. Se alguns deles criam na divindade de Jesus Cristo, é desconhecido, porém duvidoso.

O pneumatomaquianismo era o subordinacionismo do Espírito Santo, assim como o arianismo era o subordinacionismo da Palavra, o Filho de Deus. Até que a controvérsia eclodisse, os defensores cristãos da Trindade não haviam pensado muito no Espírito Santo. Apenas presumiram que ele/ela estava na Trindade com o Pai e o Filho. No entanto, Basílio, um dos três Pais Capadócijs, combateu os pneumatomaquianos, publicando o primeiro tratado cristão completo sobre o Espírito Santo, intitulado simplesmente de Sobre o Espírito Santo. No tratado, ele apresenta os múltiplos textos bíblicos que mais do que implicam que o Espírito Santo é uma pessoa distinta igual ao Pai e ao Filho. Especialmente útil foi João capítulos 14–17. Espalhadas ao longo desses capítulos, há inúmeras referências ao Espírito (nas próprias palavras de Jesus) que não podem ser entendidas como referências a um poder ou força impessoal. Nos ensinamentos de Jesus, o Espírito Santo é o seu próprio alter ego e, ainda assim, distinto. Ele/ela é enviado pelo Pai e entregue aos discípulos por Jesus para ensiná-los, guiá-los e ser seu advogado.

O segundo concílio ecumênico de Constantinopla em 381 adicionou ao credo o “terceiro artigo” sobre o Espírito Santo. Desde então, foi considerado ortodoxo crer no Espírito Santo como igualmente divino com o Pai e o Filho e, como uma pessoa distinta dentro de Deus, assim como a Palavra, Jesus, é uma pessoa distinta dentro de Deus.

Aqui, naturalmente, surge a questão que atormenta os cristãos ortodoxos há séculos: o Espírito Santo procede eternamente apenas do Pai ou também do Filho? Como mencionado anteriormente, as igrejas ocidentais de língua latina (católicas romanas e protestantes) acrescentaram ao Credo Niceno que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho (“filioque”). As igrejas ortodoxas orientais rejeitam o acréscimo, argumentando que subordina o Espírito Santo ao Filho. E, no entanto, todas as igrejas orientais creem e ensinam a “monarquia do Pai”, ou seja, que o Pai é a “fonte da divindade” do Filho e do Espírito Santo, eternamente sem começo. Assim como o calor e o calor do sol são de sua própria substância e, ainda assim, procedem dEle, o Filho e o Espírito são da substância do Pai e, ainda assim, procedem dEle.

O subordinacionismo não significa crença de que o Pai é a fonte do Filho e do Espírito; significa que o Filho e o Espírito são criados, e não iguais ao Pai em

substância, especialmente que Eles não são eternos. É ortodoxo, mesmo que disputado, crer que o Pai é a fonte do Filho e do Espírito.

O Modalismo Reduz a Trindade à Unidade

Uma das analogias mais populares para a Trindade, usada por professores de Escolas Dominicais e líderes de jovens, é a água. A água é uma substância única (H₂O), mas pode assumir três formas: sólida (gelo), líquida (água) e gasosa (vapor). Segundo a analogia, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três formas ou manifestações de uma substância divina que Deus é. Essa é a heresia chamada “modalismo”. Na literatura cristã primitiva e em alguns livros técnicos de teologia, é também chamada de “sabelianismo” (segundo o nome de um cristão primitivo que a ensinou) ou “patripassionismo” (oriundo de duas palavras latinas que significam “pai” e “sofrimento”).

A essência do modalismo é que Pai, Filho e Espírito Santo não são, em nenhum sentido, “pessoas”, mas, sim, meras manifestações externas de uma pessoa-Deus. Alguns cristãos primitivos que adotaram a ideia acharam fácil comunicar a Trindade (erroneamente) aos inquiridores, apontando para o teatro grego no qual um ator desempenhava muitos papéis usando máscaras diferentes. A palavra grega para referir-se à “máscara” também podia ser usada para referir-se à “pessoa”; logo, “três pessoas de Deus” significava (para os modalistas) três máscaras que Deus usa na história, ora aparecendo no “palco” da história como Pai, ora como Filho (Jesus) e ora como Espírito Santo. Mas, por trás das máscaras ou manifestações (modos), há uma pessoa.

Mais uma vez, a razão do modalismo foi o monarquianismo. Chama-se “monarquianismo modalista”, porque também começa com a suposição de que o monoteísmo deve significar que Deus só pode ser uma pessoa em unidade indiferenciada. Toda distinção deve aparecer apenas na aparência. Para os modalistas, a triunidade de Deus não é imanente (dentro do próprio Deus), mas apenas econômica (externa).

Novamente, um dos Pais Capadócijs, desta vez Gregório de Nissa, irmão mais novo de Basílio, escreveu o tratado definitivo que expôs o erro do modalismo:

Sobre não Três Deuses. Os monarquistas modalistas afirmavam que a doutrina da Trindade representava Deus como três deuses — politeísmo. Gregório demonstrou que isso não é verdadeiro. Deus é apenas um ser, mas com diferenciação interna. Alguns dos argumentos de Basílio são bíblicos, e alguns são de natureza mais filosófica, mas juntos mostram que o modalismo é realmente impossível se alguém crê na Bíblia e que Deus é amor.

Se Deus é uma pessoa e sua essência é o amor, a quem Deus amou antes de criar alguma coisa? De acordo com Gregório e outros cristãos ortodoxos antimodalistas, o modalismo torna o mundo necessário para Deus, como a contraparte de Deus, algo para Ele amar. Isso diminui a gloriosa alteridade de Deus, sua liberdade e poder.

Se Deus é uma pessoa e os três são modos ou manifestações externas, então foi Jesus que projetou sua voz nos céus durante o batismo quando o Pai disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17)? O que era o Espírito que desceu como pomba? Com quem Jesus estava falando quando disse na cruz: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23.46, grifos meus)? Como o Espírito poderia ser “outro advogado” que Jesus prometeu enviar aos discípulos? Com quem Jesus estava falando no jardim quando orou ao Pai: “Pai, [...] não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lc 22.42)? É impossível enquadrar o modalismo na narrativa bíblica.

Enfim, se Deus é uma pessoa e não Pai, Filho ou Espírito Santo (sendo essas máscaras que Deus usa), então quem é Deus? Que pessoa Ele é? Não significaria que a revelação de Deus não o revela, mas esconde-o? Se o modalismo é verdadeiro, então Deus é alguém escondido atrás de máscaras, e Ele nunca é realmente revelado.

Os Pais da Igreja usaram esses e outros argumentos contra o modalismo para apoiar a crença ortodoxa de que Pai, Filho e Espírito Santo não são meros modos ou manifestações de Deus, mas pessoas reais e distintas. Mas não implica três deuses? Implicaria se projetássemos em “pessoa” as atuais ideias americanas. A cultura individualista define “pessoa” como o “eu separado”. As pessoas dizem de uma criança que “ela está se tornando ela mesma, uma pessoa própria”, quando diz “não” e “minha”. Pensamos nas pessoas como opostas umas às outras na autodiferenciação. Sou uma pessoa na medida em que me destaco. O autor de um livro infantil faz um de seus personagens dizer a um menino: “Seu trabalho não é se encaixar, mas destacar-se!”. Essa é a atual noção de “pessoa”.

Não era a antiga ideia de pessoa, nem é a ideia de pessoa na maioria das culturas do mundo.

Dizer que Deus é três pessoas implica triteísmo, três deuses, somente se projetarmos no Pai, Filho e Espírito nossas ideias modernas e distorcidas de pessoas como seres individuais. Se nos conscientizarmos de que ser uma pessoa é encaixar-se em vez de destacar-se, como ocorre na maioria das culturas do mundo, então o triteísmo não é uma ameaça. Mas também precisamos lembrarmos de que, quando os primeiros cristãos ortodoxos chamavam Deus de “três pessoas”, eles estavam usando a palavra mais próxima que tinham para algo que é, em última análise, misterioso. Agostinho, Pai da Igreja do século V, disse que não dizemos “três pessoas” porque queremos, mas porque não temos alternativa.

Muitas pessoas eram e são modalistas em seus pensamentos sobre a Trindade, porque não conseguem imaginar três pessoas como algo além de um comitê ou mesmo de uma família disfuncional. “Comitê” é a pior analogia para a trindade de Deus! A família pode ser uma boa analogia se for despojada da disfunção e desigualdade.

O modalismo é uma heresia ou apenas um mal-entendido causado por confusão mental? Depende de quem esteja pensando. Se alguém entende a doutrina ortodoxa da Trindade e rejeita-a em favor do modalismo, é heresia. Se alguém adota o modalismo apenas porque não consegue entender a doutrina ortodoxa e está confuso, não é heresia, apenas confusão. A maioria dos modalistas modernos provavelmente está confusa.

O Triteísmo Distorce a Trindade em Politeísmo

Triteísmo é a crença de que Pai, Filho e Espírito Santo são três deuses diferentes, uma forma cristã de politeísmo. Felizmente, pouquíssimos cristãos, se é que houve algum, já chegaram a crer nisso, pelo menos não consciente ou voluntariamente. Por outro lado, há teólogos e mestres de doutrina cristã que foram acusados de cair accidental ou implicitamente no triteísmo. Muitos teólogos suspeitam que muitos cristãos pensam na Trindade de maneira a implicar o triteísmo. Se alguém usasse a “analogia do comitê” para a Trindade,

isso seria triteísmo.

Os principais desafios para a crença na Trindade no cristianismo antigo foram os monárquicos. Quase todos os seus oponentes afirmaram que isso levou inevitavelmente ao triteísmo. Porém, contanto que você afirme que Pai, Filho e Espírito Santo são três pessoas distintas que compartilham igual e eternamente a mesma substância, você é trinitário, mesmo que continue a explicar ou expressar a Trindade de maneira que pareça triteísmo. Entre os cristãos ortodoxos, o triteísmo dificilmente existe, exceto como advertência: “Cuidado ao expressar sua ideia; você pode levar as pessoas a pensar na Trindade de forma triteísta”. Ou como crítica: “Aquele teólogo acidentalmente caiu no triteísmo quando disse aquilo sobre a Trindade”.

Na verdade, é quase impossível encontrar uma pessoa que afirme ser cristã, antiga ou moderna, que realmente disse ou diga que Pai, Filho e Espírito Santo são três deuses diferentes.

É preciso investigar profundamente o cristianismo antigo para encontrar um triteísmo escondido e inconsciente. Gregório de Nissa, apesar de ser defensor da ortodoxia trinitária, usou uma analogia em *Sobre não Três Deuses* que poderia ser e foi acusada de ser triteísta. Ele argumentou que Pedro, Tiago e João, discípulos de Jesus, compartilhavam a mesma substância — a humanidade — e, portanto, poderiam ser uma vaga analogia da Trindade. No entanto, ele usou outras analogias que equilibraram isso, enfatizando a unidade do Pai, Filho e Espírito Santo. Todas as ilustrações e analogias têm problemas; cada uma inclina-se para uma heresia, e todas devem ser contrabalançadas com outras analogias para dar o equilíbrio.

Durante a Idade Média, um teólogo cristão chamado Joaquim de Fiore (ou, às vezes, “Flora”) estava no centro de um grupo de pensadores que procuravam enfatizar de novo a triunidade de Deus. Eles criam que as igrejas ocidentais, sob a influência de Agostinho, haviam se desviado da triunidade de Deus e caído em uma ênfase desequilibrada na unidade de Deus — uma espécie de monarquianismo implícito. No entanto, para a maioria dos cristãos católicos e ortodoxos, Joaquim e seu círculo de teólogos caíram no triteísmo ao descrever Pai, Filho e Espírito Santo como pessoas diferentes presidindo e revelando Deus em diferentes épocas da história. Joaquim previu uma futura “Era do Espírito”, que seria uma nova “dispensação” de Deus em relação ao mundo.

O problema aqui é que é fácil confundir os modos imanentes e econômicos da Trindade e difícil dizer sobre o que um teólogo como Joaquim está falando. A “Trindade imanente” é Pai, Filho e Espírito Santo em si mesmos na eternidade e separados do mundo. A “Trindade econômica” é Pai, Filho e Espírito Santo em relação ao mundo, “dispensando” os benefícios da criação e redenção. A Trindade imanente é eterna, e a Trindade econômica é temporal. Joaquim (e os teólogos sob sua influência) estava falando do Pai, Filho e Espírito Santo econômica ou imanentemente? Se estiver falando imanentemente, o triteísmo seria um perigo. Se estiver falando apenas economicamente, então as diferenças que ele descreveu entre Pai, Filho e Espírito Santo estão apenas na “economia”, ou seja, na ação de Deus em relação ao mundo. Não implicaria triteísmo, a menos que ele colocasse-os um contra o outro — o que ele não fez. A acusação de que Joaquim (e outros) caíram no triteísmo é muito debatida. A Igreja Católica de sua época disse que ele caiu e condenou seus ensinamentos como heresia. Muitos teólogos posteriores pensam que foi um erro baseado em um mal-entendido. Em nenhum lugar, Joaquim ou os outros disseram que Pai, Filho e Espírito Santo são deuses diferentes.

Uma coisa está clara na Bíblia e na Grande Tradição da ortodoxia cristã: o triteísmo está errado e é um perigo a ser evitado. O que conta exatamente como triteísmo não é tão claro. Nem todos os teólogos que usam a chamada “analogia social” da Trindade são culpados de triteísmo, mas, em geral, são acusados mesmo assim. (A “analogia social” compara a triunidade de Deus com uma comunidade humana, como a família, mas sem todas as desigualdades e disfunções.)

Formas Modernas de Heresias Trinitárias

A flagrante heresia trinitária existe fora do cristianismo ortodoxo. Entre os cristãos ortodoxos, nunca é flagrante, mas, sim, o resultado de mal-entendidos e confusão.

O subordinacionismo do Filho e do Espírito Santo é a “ortodoxia” de várias ramificações do movimento adventista do século XIX. (Contudo, os Adventistas do Sétimo Dia são ortodoxos.) As Testemunhas de Jeová ensinam o

subordinacionismo. Para eles, o Filho e o Espírito não são iguais ao Pai, “Jeová”, que só Ele é Deus. O Filho é uma criatura celestial que se torna humana como Jesus, e o Espírito é um poder de Deus, não uma pessoa.

Como mencionado no capítulo anterior, alguns teólogos cristãos liberais caíram no subordinacionismo por meio de vários tipos de cristologia funcional, reduzindo Jesus Cristo a um grande profeta, um modelo de verdadeira humanidade, um representante e substituto de Deus e assim por diante. Isso torna impossível uma robusta doutrina ortodoxa da Trindade. Infelizmente, muitas denominações cederam ao permitir isso nas fileiras de seus ministros e teólogos.

O modalismo é a principal heresia moderna da Trindade; é comum e até galopante. Entretanto, apenas um grupo organizado de cristãos mantém o modalismo como doutrina oficial de Deus; são chamados de “pentecostais da unidade” ou cristãos “somente Jesus”. Existem duas grandes denominações, uma principalmente caucasiana e outra principalmente afro-americana. A Igreja Pentecostal Unida (e igrejas outrora afiliadas a ela) e as Assembleias Pentecostais do Mundo ensinam uma doutrina modalista da Trindade, a saber, que Pai, Filho e Espírito Santo são três “nomes” e “manifestações” da pessoa Jesus ou que Jesus é o único nome das três formas de Deus conhecidas na Bíblia como Pai, Filho e Espírito Santo. (Conversei com os pentecostais da unidade que dizem isso de duas maneiras.) Muitas igrejas pentecostais da unidade são chamadas de “apostólicas”, mas existem outros grupos que compartilham esse nome que não são modalistas. Os pentecostais trinitários, como as Assembleias de Deus e a Igreja de Deus em Cristo, tendem a evitar os pentecostais da unidade, e os últimos retribuem o favor. Essa é a principal divisão entre os pentecostais há mais de um século.

Um dos pregadores mais conhecidos e influentes dos Estados Unidos e do mundo é T. D. Jakes, pastor da Casa do Oleiro, uma megaigreja em Dallas, Texas. Embora ele e sua igreja (e suas muitas ramificações) não estejam oficialmente unidos à denominação pentecostal da unidade, Jakes usa a linguagem modalista do Pai, Filho e Espírito Santo como “manifestações” de Deus. Isso levou muitos críticos a acusá-lo de modalismo, mas Jakes respondeu dizendo que agora ele aceita a doutrina ortodoxa da Trindade. No entanto, na medida em que Jakes ainda usa o termo manifestações para Pai, Filho e Espírito Santo, sua linguagem é mais modalista do que ortodoxa.

A maior presença de modalismo está na mente de muitos membros cristãos

comuns de igrejas ortodoxas. Quando alguém os ouve, a linguagem modalista da Trindade e as ilustrações abundam. Isso é apenas confusão, não heresia. Alguns cristãos ortodoxos pensam que os modalistas estão apenas confusos, até os pentecostais da unidade!

É difícil encontrar o triteísmo em forma explícita e flagrante. Como o modalismo inconsciente, ele infiltra-se na linguagem cristã cotidiana por meio da confusão e falta de precisão. Há cristãos que, quando falam sobre os “eternos conselhos da divindade”, pensam na Trindade como um comitê celestial, o que seria heresia se fosse adotado e ensinado. Na maioria dos casos, é resultado da falta de melhor ensino.

Muitos crentes ortodoxos detectaram o triteísmo no ensino da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons), cuja declaração oficial de fé descreve Pai, Filho e Espírito Santo como “três personagens divinos e separados”. Afirmam que o Pai e o Filho são seres masculinos da mesma espécie que os seres humanos. Dizem que o Espírito Santo é um ser espiritual não corpóreo. O problema de chamar isso de triteísmo é que ele existe dentro de uma doutrina maior de deuses, na qual não há um Deus supremo sobre todos, exceto “muitos deuses”. (Nem sempre é fácil dizer exatamente o que constitui a doutrina mórmon oficial, mas a pluralidade de deuses foi declarada pelos presidentes da igreja que dizem ser profetas.) No entanto, conheço mestres da doutrina mórmon que não acreditam nisso, mas afirmam que o Pai de Jesus Cristo é o Deus eterno sobre todos, Criador do céu e da terra e de tudo o que está fora dEle mesmo e que Jesus Cristo é a encarnação do eterno Filho de Deus. A única conclusão é que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é grande o suficiente para permitir diversidade de crenças em suas fileiras. Parece, para quem está de fora, que o ensino oficial da igreja é triteísta, senão descaradamente politeísta (muitos deuses). Um trinitário cuidadoso, bíblico e ortodoxo nunca diria que Pai, Filho e Espírito Santo são “três personagens divinos e separados”. Eles são distintos, porém nunca separados.

Só um teólogo ortodoxo moderno que conheço foi acusado de flagrante triteísmo. Trata-se do teólogo alemão Jürgen Moltmann. Em sua obra clássica *O Deus Crucificado* (originalmente 1974; Editora Academia Cristã, 2011), Moltmann descreveu a cruz de Jesus Cristo como uma “estase” dentro de Deus — “Deus contra Deus” —, por causa do “grito de abandono” de Jesus: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46). Ele argumentou que não foi apenas o sentimento emocional de Jesus, o fato de ser abandonado por

Deus, mas um acontecimento real dentro de Deus — o abandono de si mesmo. Em um livro posterior intitulado *Trindade e Reino de Deus* (originalmente 1981; Editora Vozes, 2001), o teólogo alemão descreveu que a unidade de Deus é escatológica, futura, e fez parecer que Deus, durante a história, estivesse um pouco dividido. Apelou especificamente para a teologia de Joaquim como modelo, mas Moltmann adotou a ideia de que a “Trindade econômica é a Trindade imanente”, de modo que seria difícil dar-lhe o mesmo benefício da dúvida. Em outras palavras, para Moltmann, o que está acontecendo entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo na história do mundo (Trindade econômica) está acontecendo dentro do próprio Deus (Trindade imanente).

As especulações trinitárias deram a Moltmann a acusação frequente de triteísmo, mas ele nega e acredita-se que o triteísmo não é sua intenção. Ele não acredita em “três deuses”. Para ele, o amor compartilhado igualmente pelo Pai, Filho e Espírito Santo une-os como um Deus, de modo que, em última análise, não pode haver verdadeira divisão ou separação entre Eles. Ainda assim, a sombra do triteísmo permanece sobre todo o projeto teológico de Moltmann.

Antídotos às Heresias Trinitárias

A teologia correta é informada por quatro fontes: a Bíblia, a tradição, a razão e a experiência. O melhor antídoto às heresias trinitárias, assim como todas as heresias, é pastores e outros líderes cristãos ensinarem a doutrina ortodoxa da Trindade, mostrando suas raízes na Bíblia e na tradição e sua consistência com a razão e a experiência. Meramente dizer que “cremos” que Deus é “três em um e um em três” não ajuda e pode, de fato, ser pior do que não dizer nada. Mas dizer nada também não é útil. Fui membro de uma igreja com a palavra Trindade por oito anos e nunca ouvi um sermão, lição da Escola Dominical ou estudo da Bíblia sobre a doutrina da Trindade. Estou quase certo de que a maioria dos membros da igreja sabia pouco ou nada sobre a doutrina da Trindade. Isso abre as portas para heresias trinitárias que abundam na mente teologicamente destreinada de leigos cristãos, bem como em seitas não cristãs que afirmam ser cristãs. A lista de livros ao final deste capítulo ajudará pastores e outros líderes cristãos, bem como leigos interessados em entender a doutrina da Trindade.

Claro que o melhor antídoto às heresias trinitárias é a própria Bíblia. Aqui, no restante deste capítulo, cada heresia trinitária será desmontada usando a Bíblia acima de tudo, mas também será mencionada a tradição, a razão e a experiência como antídotos.

A Bíblia refuta o subordinacionismo do Filho e do Espírito Santo ao Pai. Contudo, o subordinacionismo não significa apenas “a monarquia do Pai” dentro da Trindade (uma doutrina ortodoxa) ou a subordinação das pessoas da Trindade umas às outras na Trindade econômica — a Trindade na história da salvação. O subordinacionismo sempre significa crer que somente o Pai é Deus; o Filho e o Espírito não são verdadeiramente Deus, mas criaturas ou (no caso do Espírito) um poder ou força impessoal de Deus.

As razões bíblicas para rejeitar o subordinacionismo já foram fornecidas, todavia podemos dizer mais. Em João 17.5, Jesus orou ao Pai: “Glorifica-me tu com aquela glória que compartilhamos antes que o mundo começasse” (tradução minha). A “glória” de Deus é somente de Deus; Deus não “compartilha” sua glória com outrem. Atos 5 conta a história de dois cristãos primitivos que mentiram ao Espírito Santo. Depois, diz que eles mentiram não a “homens”, mas a “Deus”. A intenção clara do capítulo é que os leitores entendam que mentir ao Espírito Santo é mentir a Deus. Os dois são iguais.

Esses são apenas alguns exemplos de passagens bíblicas antissubordinacionistas que apontam claramente para a Trindade. Na verdade, não podem ser entendidas de nenhuma outra maneira.

E a tradição? Todos os principais ramos do cristianismo sempre insistiram na doutrina completa e robusta da Trindade como essencial para o cristianismo. Igrejas e professores que negam a Trindade sempre foram excluídos dos grupos cristãos ecumênicos; pelo menos até o surgimento da teologia liberal no mundo moderno. Ainda assim, até hoje, as igrejas unitárias, que negam a Trindade, são excluídas até dos grupos ecumênicos mais inclusivos de igrejas e ministros.

A razão e a experiência (adoração) cristã apoiam a crença trinitária. Se Deus é amor e, em certo sentido, não é uma comunidade de pessoas, então a quem Deus amou antes que o mundo começasse? Como Deus poderia ser pessoal sem relacionamentos? A negação da Trindade leva à crença de que o mundo é, de alguma forma, necessário para Deus ou que Deus não é essencialmente amoroso e seu ato de criação foi um capricho, não uma expressão de amor. A adoração

cristã sempre foi trinitária. Adorar Jesus como Deus era comum, até universal, entre os cristãos primitivos, como revelou o orador e escritor anticristão Celso.

E o modalismo? Pelo menos afirma que Jesus, o Filho de Deus, e o Espírito Santo são Deus, e não criaturas. Os modalistas adoram Jesus como Deus e creem que o Espírito Santo é Deus neles. Em minha opinião, isso os diferencia dos subordinacionistas, que negam a divindade de Cristo e a personalidade do Espírito Santo. Após muitas longas conversas com professos cristãos modalistas (principalmente “pentecostais apostólicos”), estou convencido de que a fonte de sua adesão ao modalismo é a confusão sobre a doutrina da Trindade. Eles estavam convencidos de que a doutrina ortodoxa da Trindade é triteísmo ou politeísmo. Eles não entendem a unicidade de Deus no trinitarianismo ortodoxo ou não é expresso com força suficiente para que entendam. Mas eles também tendem a ignorar ou ter problemas em explicar as muitas passagens bíblicas nas quais Pai, Filho e Espírito Santo distinguem-se (como mencionado anteriormente).

Como sugerido anteriormente, um antídoto essencial ao modalismo é que os cristãos trinitários lembrem-se e expliquem com cuidado que “pessoas” (na doutrina da Trindade) não significa “pessoas individuais umas contra as outras”, que é a ideia americana moderna de “pessoa”. Muitas pessoas adotam ou defendem o modalismo, porque interpretam erroneamente a linguagem das “três pessoas”, sugerindo que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três pessoas no mesmo sentido que três pessoas humanas.

Outro antídoto ao modalismo é destacar para os modalistas ou os atraídos a ele que é inconsistente com a narrativa bíblica que, em muitos casos, retrata claramente Pai, Filho e Espírito Santo como três pessoas distintas, não apenas modos ou manifestações de uma pessoa. Exemplos foram dados anteriormente. Se o modalismo é verdadeiro, então a revelação de Deus de si mesmo como Pai, Filho e Espírito Santo não é, de forma alguma, “revelação de Deus”; é o esconder-se de Deus por trás de três “máscaras”. Quem Deus realmente é fica desconhecido, se Pai, Filho e Espírito Santo não são distinções verdadeiras dentro de Deus.

Um antídoto ao triteísmo é dar a ênfase apropriada no que os cristãos antigos chamaram de “pericorese” do Pai, Filho e Espírito Santo — sua interdependência e interpenetração. Eles habitam um no outro em um vínculo tão forte de unidade que, juntos, são um Deus — nada parecido com um comitê ou

uma família disfuncional. Alguns cristãos leigos precisam lembrar-se de que não há necessidade de distribuir adoração e devoção igualmente ao Pai, Filho e Espírito Santo, como se algum deles se sentisse menosprezado se recebesse mais atenção do que os outros. A adoração ao Pai é exatamente o que o Filho Jesus quer de nós. A adoração a Jesus é o que o Espírito Santo deseja (assim como a adoração ao Pai). Pai e Filho querem que glorifiquemos e adoremos o Espírito Santo. Não há competição entre eles.

Deixando mais Claro

1. Discorra sobre a distinção entre a Trindade e a doutrina da Trindade.
2. Na doutrina da Trindade, a igreja fornece uma fórmula. O objetivo é proteger o mistério de Deus e ser fiel à autorrevelação de Deus em Cristo sem distorção. Portanto, a linguagem sobre a Trindade só pode ser uma aproximação e nunca uma descrição completa. Quais são algumas das maneiras pelas quais a linguagem pode revelar e, mesmo assim, ocultar o significado?
3. Releia o acróstico do autor para expressar e explicar a doutrina da Trindade: “Na revelação, a autorrevelação de Deus, Três são representados como Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Eles são reputados como pessoas distintas. Sua triunidade é imanente e eterna (não meramente temporal). No entanto, eles estão unidos em essência (substância) com nada além de igualdade. Por fim, a doutrina da Trindade explica todas as outras doutrinas, mas ela é em si inescrutável”. Comente como a Trindade não são três deuses.
4. O autor diz que, sem a doutrina da Trindade, outras crenças cristãs não fazem sentido. Além da encarnação, que outras crenças não fariam sentido se não fosse a doutrina da Trindade?

5. Examine João 14 a 17. O que essa passagem bíblica diz sobre o Espírito Santo? O que há de errado com a analogia da água para descrever a Trindade? Que analogia poderia funcionar melhor?

Bons Livros sobre a Trindade

BYASSEE, Jason. Trinity: The God We Don't Know. Nashville: Abingdon Press, 2015.

CASTELO, Daniel. Confessing the Triune God. Eugene, OR: Cascade Books, 2014.

HALL, Christopher, e ROGER E. Olson. The Trinity. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

MACCHIA, Frank D. The Trinity, Practically Speaking. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2010.

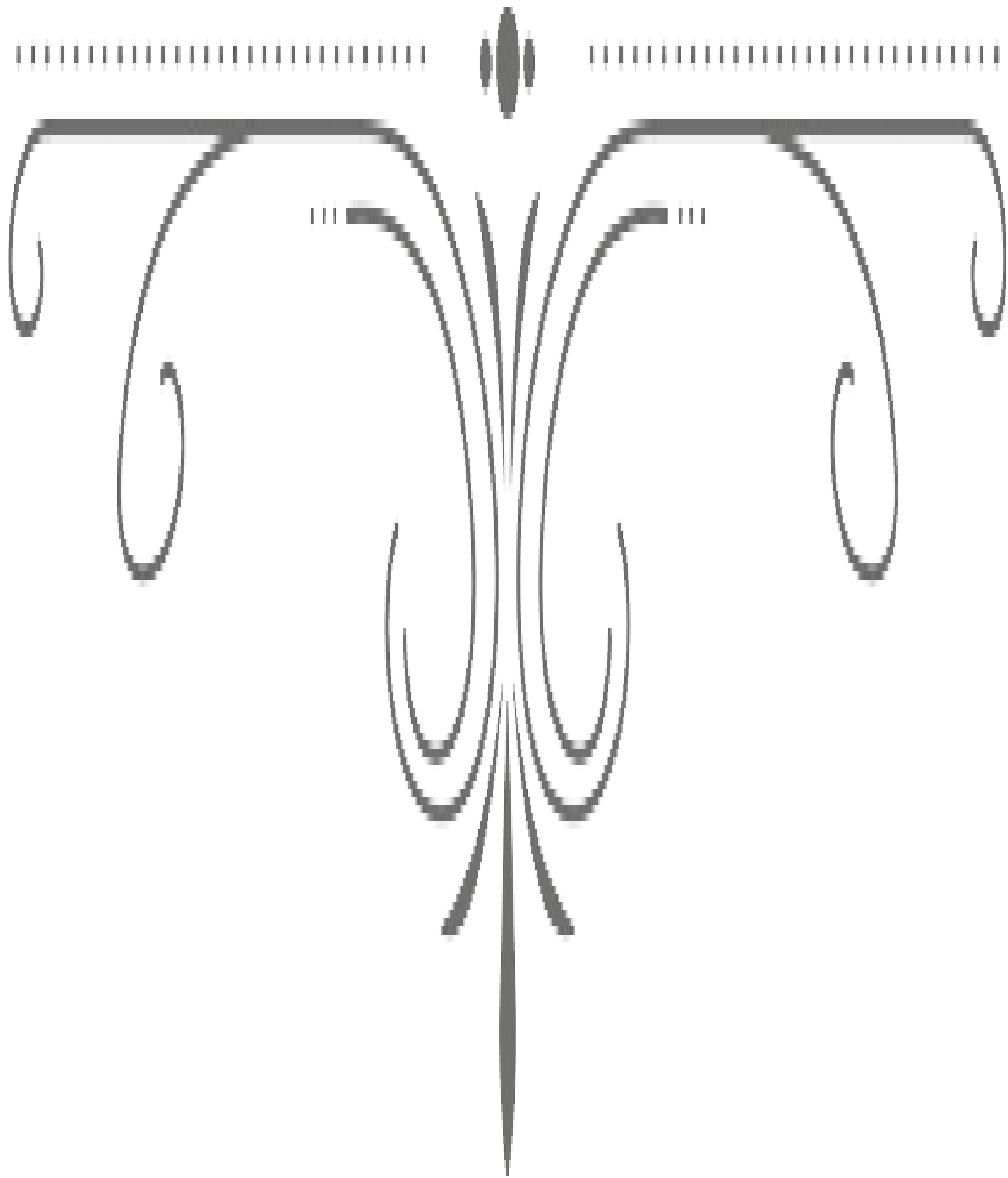
MOLTMANN, Jürgen. The Crucified God. Minneapolis: Fortress, 1993. [Edição brasileira: O Deus Crucificado. Santo André, SP: Academia Cristã, 2011.]

_____. The Trinity and the Kingdom. Minneapolis: Fortress, 1993. [Edição brasileira: Trindade e Reino de Deus. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.]

PETERS, Ted. God as Trinity: Relationality and Temporality in Divine Life. Louisville: Westminster John Knox, 1993.

Capítulo 7

Pondo de Lado a Graça: O Pelagianismo e o Semipelagianismo



Cristianismo, a Religião da Graça Somente

Muitos cristãos pelo menos já ouviram falar da passagem fundamental sobre a salvação registrada em Efésios 2.8,9: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie”. Ao longo dos séculos cristãos, essas e outras claras passagens bíblicas deram peso ao consenso ortodoxo de que a salvação é obra totalmente de Deus, e não é, de modo algum, merecida pelos seres humanos; é pura graça imerecida. Isso não significa que todos os cristãos já tenham concordado com uma questão secundária, a saber, se as pessoas podem e devem cooperar com a graça ao recebê-la livremente ou se o receber a graça salvadora é obra de Deus. Iremos examinar brevemente essa questão entre os cristãos ortodoxos, mas aqui a ênfase principal está no consenso ortodoxo cristão de que somente Deus salva e que mesmo o início da boa vontade para com Deus é capacitado pela graça de Deus, e não meramente pela conquista humana.

Alguns podem ficar se perguntando se aqui estou apenas descrevendo a doutrina protestante. Muitos protestantes e não poucos católicos acham que a teologia católica diz que as pessoas devem obter a graça pela fé “e pelas boas obras”. A ideia é complicada pela linguagem um tanto quanto católica (por exemplo, “mérito”), mas basicamente não; o ensino católico diz que a salvação é somente pela graça por meio da fé e das obras de amor. Em outras palavras, com os protestantes (e os ortodoxos orientais), os católicos creem que Deus faz toda a salvação, permitindo que os seres humanos cooperem com fidelidade aos sacramentos e às boas obras. Mas mesmo a cooperação deles é capacitada pela graça e não é algo de que os santos possam vangloriar-se.

Essa é uma área da doutrina cristã amplamente mal compreendida pelos cristãos, especialmente os americanos (mas não apenas). Provérbios populares como “Deus ajuda aqueles que se ajudam” e a propensão americana de “erguer-se por esforço próprio” contribuíram para um tipo de heresia americana padrão: que a salvação é metade obra de Deus e metade nossa. Ou, pelo menos, que Deus espera que iniciemos um relacionamento de salvação com Ele para que, então, Ele responda. Como veremos, é uma heresia chamada “semipelagianismo”. Falaremos mais a respeito neste capítulo.

Alguém pode estar pensando em outra passagem bíblica além de Efésios 2.8,9. Filipenses 2.12b,13 diz: “Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (grifos meus). O texto não está dizendo que a salvação é algo em que os seres humanos devem operar e até contribuir? Na verdade, as traduções da passagem podem desviar de seu verdadeiro significado. O grego é mais claro. No versículo 12, a palavra “operai” é tradução da palavra grega *katergezesthe*, que significa “continuai até o fim”. No versículo 13, a palavra *opera* é tradução da palavra grega *energon*, que significa “fornece toda a capacidade”. Em outras palavras, estudada na língua original, a passagem que muitas pessoas pensam que ensina salvação por obras parciais, na verdade, não ensina; o que ensina é que até nossa atividade no crescimento espiritual é totalmente capacitada por Deus. Repetindo, a salvação é toda da graça.

Durante a Reforma Protestante, os reformadores Martinho Lutero, Ulrico Zuínglio, João Calvino e outros desejaram subestimar as boas obras como algo que contribui para a salvação. Por isso, promoveram a doutrina de que a salvação é “somente pela graça, somente pela fé”. “Somente pela fé” é contrário ao ensino católico, mas “somente pela graça” não. O debate girava em torno de saber se a graça de Deus salvadora era recebida somente pela fé (crença) ou pela fé mais as obras de amor — as “boas obras”. Em ambos os casos, a reconciliação com Deus e um forte relacionamento com Ele são uma ponte construída do lado de Deus; tudo o que precisamos fazer é atravessá-la, e até nossa capacidade de fazer isso é possibilitada pela graça de Deus. Portanto, em linguagem teológica técnica, os católicos, os ortodoxos e os protestantes sempre concordaram (apesar de parecer que não!) que a graça de Deus é a causa eficiente da salvação, enquanto a fé é a principal causa instrumental da salvação. Se as obras de amor são necessárias como coinstrumentos da salvação é o ponto em que os católicos e os protestantes tradicionalmente discordam. Os cristãos ortodoxos orientais estão do lado dos católicos a esse respeito.

Apesar dessa divisão entre os cristãos ortodoxos, todos concordam que nenhuma parte da salvação é conquistada por seres humanos de tal maneira a forçar a graça ou permitir que o pecador salvo glorie-se. Todos concordam que as boas obras fluem da reconciliação com Deus e são seus produtos, não o que as produz. Todos concordam que as boas obras são necessárias como evidência de uma vida salva. A graça percorre todos os ramos do cristianismo clássico e ortodoxo, e os grupos que fazem a salvação depender em parte das boas obras autônomas (boas obras realizadas independentemente da graça) são considerados

seitas à margem do cristianismo, senão totalmente afastados dele.

Nada disso significa dizer que todos os cristãos comuns percebem plenamente a ênfase na graça somente e nunca se confundem com a graça e as boas obras. Certamente que muitos se confundem. Mas é diferente de um líder ou um autoidentificado mestre cristão que sabe qual sempre tem sido o consenso cristão, mas opõe-se, enfatizando o poder das pessoas pecadoras em contribuir para a salvação sem a ajuda da graça.

Os leitores podem estar querendo saber sobre John Wesley, o grande fundador do metodismo (e suas ramificações). Os protestantes luteranos e reformados (calvinistas) culpam Wesley e os metodistas por abandonarem a crença na salvação somente pela graça, somente pela fé. É verdade que Wesley enfatizava as boas obras, mas apenas como o fruto necessário de uma vida cristã nascida de novo. Seus escritos sobre “justificação” (reconciliação inicial com Deus, perdão e posição correta com Deus) concordam claramente com Lutero e Calvino que é somente pela graça, somente pela fé. No entanto, ele acreditava fortemente e ensinava que os seres humanos têm o livre-arbítrio para resistir ou cooperar com a graça de Deus (sinergismo), ao passo que Lutero e Calvino acreditavam que não e que somente Deus faz toda a salvação sem a cooperação humana (monergismo). Mesmo assim, Wesley e todos os seus fiéis seguidores metodistas (incluindo muitos que não usam o rótulo metodista) insistiam que, se a pessoa é “salva”, é unicamente por ação de Deus, não sendo uma conquista humana autônoma feita por meio de boas obras. Para Wesley e seus seguidores, as boas obras fluem naturalmente de uma vida salva pela graça de Deus, somente pela fé.

Até certo ponto, toda a divisão entre os cristãos ortodoxos resume-se a isto: a salvação somente pela graça e pela fé é apenas como crença, ou a salvação pela graça e pela fé é entendida como crença e obediência, ou seja, “fidelidade” ao caminho de Jesus Cristo? Apesar de todas as suas diferenças, Wesley, os cristãos ortodoxos e os católicos adotam a segunda visão, enquanto Lutero, Calvino e todos os seus seguidores adotam a primeira. Mas mesmo Wesley, os cristãos ortodoxos e os católicos nunca creram ou ensinaram que os seres humanos alcançam a salvação sem a graça de Deus. Antes, para eles, como para Lutero e Calvino, a graça é a única causa da salvação, mesmo que a fidelidade seja necessária para manter a salvação.

Qual é exatamente o consenso doutrinário cristão sobre a salvação? Em poucas

palavras, é que, se a pessoa é salva, nada tem a ver com sua bondade, mas apenas com a graça de Deus. A graça é a única causa eficiente da salvação. A salvação é pura dádiva.

Então, o que é graça? Da perspectiva cristã, graça é o “favor imerecido de Deus”. A “graça preveniente” é o poder capacitador e imerecido de Deus para ouvir, entender e receber a salvação oferecida gratuitamente por Deus por intermédio de Cristo. É a graça que precede a decisão e recepção humana (arrependimento e fé). É a graça que chama, convence, ilumina e capacita. A “graça salvadora” é o abraço de Deus na reconciliação. É muito discutido entre os cristãos exatamente quando isso acontece pela primeira vez. É no batismo, ou na conversão, ou, de alguma forma, nos dois? Seja como for, a aceitação de Deus do pecador como justo para com Ele, perdoado e em sua comunhão é “salvação” e não pode ser conquistada. É a misericórdia de Deus somente.

A Heresia da Autossalvação: o Pelagianismo

A doutrina da salvação é outra na qual a heresia é a mãe da ortodoxia. No entanto, como está indicado nos capítulos anteriores, devemos distinguir entre ortodoxia implícita e explícita. A ortodoxia implícita é o que já foi ensinado e crido pelos cristãos após os apóstolos antes que houvesse a necessidade de registrá-lo de alguma maneira oficial. A ortodoxia explícita é a expressão oficial e formal da primeira. Portanto, a doutrina da “união hipostática” da pessoa de Cristo era a ortodoxia explícita prefigurada na crença implícita comum de que Jesus é Deus encarnado e, portanto, humano e divino. Muito antes de surgirem certas heresias que desafiaram o ensino bíblico sobre a salvação somente pela graça, a grande maioria dos pensadores e líderes cristãos aceitou-o. O problema é que, durante o século II em diante, alguns cristãos ortodoxos tenderam a enfatizar as boas obras e a vida santa, porque os gnósticos acreditavam que não eram importantes. Se a salvação é puramente espiritual e não tem nada a ver com o corpo, que é a sede do pecado, como ensinavam alguns gnósticos, então o que você faz com o corpo não é importante. Alguns gnósticos caíram na imoralidade para provar que a sua salvação era independente de seus corpos. Contra essa heresia “antinomiana” (contra a lei), muitos Pais da Igreja Primitiva enfatizaram a importância das boas obras e da vida santa para o cristianismo autêntico. Isso,

por sua vez, levou alguns cristãos ortodoxos a tornarem-se legalistas sobre a salvação e exigir um ascetismo estrito para a salvação plena. Alguns chegaram ao ponto de castrar-se.

Mesmo assim, todos os Pais da Igreja enfatizaram que a salvação é obra de Deus somente e que é capacitada pela graça, de modo que os pecadores não podem contribuir com nada para sua própria salvação; eles só podem aceitá-la livremente pela fé e demonstrá-la por meio de atos de amor.

Agostinho, bispo de Hipona no norte da África, foi o teólogo cristão dominante no Ocidente (a metade do Império Romano de língua latina) no primeiro terço do século V. Ele teve uma conversão dramática do paganismo ao cristianismo e, na sua obra *Confissões*, atribuiu-a exclusivamente à graça de Deus. Segundo ele, não apenas a sua salvação, mas a de todos é um ato de Deus no interior de uma pessoa e em benefício dessa pessoa. Agostinho enfatizou o monergismo (Deus como o único ator na salvação) e a passividade dos pecadores sendo salvos. Ele permitiu o sinergismo na vida cristã, mas não na salvação inicial. A vida cristã consiste em fé e boas obras, mas a salvação, o relacionamento da pessoa com Deus na condição de perdoada e considerada justa, é unicamente pela graça. Toda coisa verdadeiramente boa que a pessoa tem ou faz é um presente de Deus, segundo Agostinho.

Agostinho cria que a Bíblia ensina que, antes e sem a graça sobrenatural de Deus, todos os seres humanos, inclusive as crianças, são pecadores condenados e capazes apenas do mal. A causa disso é o pecado herdado. Todo ser humano, ensinou ele, herda a culpa e a corrupção da natureza de Adão. Antes de Adão rebelar-se contra Deus, ele era capaz de pecar ou não. Depois, ele e toda a sua posteridade são capazes somente de pecar — sem a graça sobrenatural de Deus. Mesmo depois que uma pessoa é salva, pregava Agostinho, toda boa conquista no âmbito espiritual é Deus trabalhando na pessoa e por meio dela. Todo crédito e glória pela bondade vão somente a Deus.

Os cristãos orientais (de língua grega) da época de Agostinho não tinham a mesma opinião sobre a condição humana. Ainda hoje, os cristãos ortodoxos orientais não creem na “depravação total”. No entanto, a maioria dos Pais da Igreja oriental da época de Agostinho (por exemplo, os Pais Capadócijs) concordava que a salvação é unicamente pela graça de Deus, e não algo que alguém possa obter. Agostinho baseou sua forte visão da depravação humana em passagens como o Salmo 14 e Romanos 1. Baseou sua forte visão da graça de

Deus em passagens como Romanos 3 e 9 e em versículos como 1 Coríntios 4.7b: “E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias como se não o houveras recebido?”. Mas, acima de tudo, Agostinho baseou sua forte ênfase na graça na cruz de Jesus Cristo: Por que Jesus teria morrido por todos se alguns poderiam salvar-se por meio das boas obras?

Uma das orações favoritas de Agostinho era: “Ó Deus, ordena o que tu quiseres, mas dá o que tu mandas”. Era sua maneira de expressar a crença de que Deus dá todo presente perfeito, incluindo a capacidade de cumprir seus mandamentos. Somos incapazes de obedecer a Deus sem a ajuda sobrenatural (graça) de Deus. Alguns cristãos em Roma e em outros lugares entenderam erroneamente e usaram imprópriamente a oração de Agostinho. Disseram que Deus ainda não havia dado o dom da castidade, de modo que eram incapazes de obedecer ao mandamento de Deus de evitar a imoralidade. Era culpa de Deus que eles pecaram! Lógico que Agostinho não pretendia tal coisa, mas alguns cristãos distorceram seus ensinamentos dessa maneira para justificar seu estilo de vida pecaminoso.

Um monge particularmente rigoroso da Grã-Bretanha chamado Pelágio visitou Roma no início do século V. Ele notou que muitos cristãos viviam uma vida imoral e justificavam-na citando Agostinho. Leu os livros de Agostinho e descobriu que discordava dele fortemente. Passou, então, a pregar em Roma e em todos os lugares por onde passava que as pessoas são capazes de obedecer a Deus por conta própria, sem ajuda especial da graça de Deus e que o pecado nunca é necessário ou inevitável na vida humana. A graça de Deus é Ele dar-nos a lei para mostrar-nos como agradá-lo, e o perdão, quando nos arrependemos verdadeiramente por tê-lo desobedecido. Mas o ideal, ensinou Pelágio, é viver uma vida tão perfeitamente santa de obediência à vontade de Deus de modo que a pessoa nunca tenha de arrepender-se! E não é um ideal impossível; é totalmente possível em nosso estado natural.

Pelágio rejeitou a ideia do pecado original, exceto como maus exemplos dados por outros que nos seduzem a pecar. Ensinou que não há pecados herdados, nem como culpa, nem como corrupção da natureza. Todo e qualquer ser humano nasce no mundo exatamente como Adão foi criado, a saber, capaz de ouvir e obedecer a Deus e viver em comunhão com Ele do começo ao fim. O que a maioria não faz não se deve ao pecado original, mas à escolha.

Pelágio escreveu um livro contra a visão de Agostinho do pecado original, da

depravação total e da dependência humana na graça intitulado Sobre a Natureza. Argumentou, com base no livre-arbítrio (que Agostinho havia afirmado em Confissões) e na responsabilidade, que a necessidade de todos os seres humanos é de orientação moral para o bem, e não de ajuda sobrenatural para fazer o bem. Afirmou a graça preveniente, mas apenas como a graciosa provisão da Lei de Deus. O pecado original, argumentou ele, são apenas os maus exemplos de pecadores que nos influenciam — um “peso” social da influência pecaminosa.

Agostinho reagiu quase violentamente ao livro de Pelágio. Respondeu com seu próprio livro intitulado Sobre a Natureza e a Graça, no qual detalhou a doutrina do pecado original e da depravação humana e argumentou que ninguém, exceto Jesus (porque Ele foi concebido sem pecado original) é capaz de obedecer a Deus sem a ajuda especial da graça de Deus. Acima de tudo, insistiu que a salvação em si depende totalmente da cruz de Cristo e da graça de Deus por meio da fé e dos sacramentos. (Mas declarou que o sacramento do batismo “funciona” para transmitir a graça ex opera operato [pela obra operada] sem considerar a fé.)

A resposta de Agostinho a Pelágio foi tão cruel que o monge britânico fugiu de Roma, onde a influência de Agostinho era forte, para o leste, onde esperava encontrar uma audiência mais favorável entre os cristãos de língua grega. Agostinho antecipou-se e escreveu a seu amigo Jerônimo, que morava na Palestina, e pediu que ele divulgasse a notícia de que Pelágio era herege. Quando Pelágio chegou ao leste, teve uma recepção fria, mas não uma rejeição direta. Foi ouvido em várias reuniões com bispos e contradisse-se sob interrogatório. Por exemplo, defendeu-se dizendo que nunca afirmou que alguém obedece perfeitamente a Deus, mas apenas que isso é possível.

Por fim, Pelágio e sua negação do pecado original e total dependência da graça sobrenatural de Deus foram condenados pelo terceiro concílio ecumênico de Éfeso, o mesmo que condenou Nestório e seus ensinamentos sobre a pessoa de Cristo (na verdade, duas pessoas). Pelágio foi exilado pelo imperador. De lá, ele passou o resto da vida escrevendo livros e cartas para defender sua teologia do pecado e da salvação, mas foi ignorado.

Como ocorre com os outros hereges que encontramos, não é de todo possível saber com certeza quais eram os ensinamentos exatos de Pelágio. Em primeiro lugar, seus livros (dois cujos títulos são conhecidos) estão perdidos. O único registro que temos deles são citações extensas nos escritos de Agostinho e de outros

antipelagianos. (É possível que todo o livro Sobre a Natureza, de Pelágio, esteja contido em Sobre a Natureza e a Graça, mas não há como ter certeza ou de que Agostinho citou-o corretamente, embora a maioria dos estudiosos suponha-o.) Em segundo lugar, Pelágio alterou consideravelmente seus ensinamentos à medida que foi submetido a interrogatórios severos pelos bispos, sobretudo no leste, onde teve uma recepção mais favorável do que no oeste, onde Agostinho predominava. Parece que ele acomodou sua visão à deles.

Portanto, o que importa não é tanto o que o próprio Pelágio ensinou como a heresia que leva seu nome, merecidamente ou não. É quase certo que alguns cristãos antigos creram em algo como o que Pelágio ensinou. Caso contrário, o Concílio de Éfeso não teria motivos para preocupar-se. O que o concílio disse foi que é impossível não pecar devido à Queda de Adão e à herança da corrupção que recebemos com a Queda (deixou de lado a questão da culpa herdada). Não disse que sempre pecamos ou que os pecadores são as pessoas mais perversas possíveis. E não negou o livre-arbítrio, algo que Agostinho negou. Em vez disso, o concílio disse apenas que todos os seres humanos, exceto Jesus Cristo, precisam da graça de Deus para receber o perdão e a ajuda para viver uma vida justa. Não há outras exceções.

Essa veio a ser a ortodoxia oficial e explícita de todos os principais ramos do cristianismo, embora os protestantes pensem que os católicos ficam perto demais da heresia sempre que falam de “mérito” que não seja o de Jesus Cristo. Os católicos, para não falar dos protestantes que seguem Lutero e Calvino, pensam que as igrejas ortodoxas orientais ficam perto demais do pelagianismo ao negar a culpa herdada. Portanto, os cristãos ortodoxos não concordam com os detalhes da condição ou salvação humana, mas com o básico eles concordam, a saber, a salvação é impossível sem a graça sobrenatural de Deus. Os seres humanos não podem salvar a si mesmos ou contribuir para a sua salvação sem a graça especial.

O Semipelagianismo Busca o Meio-Termo

Depois da controvérsia sobre Pelágio, Agostinho negou não apenas a autossalvação, mas o livre-arbítrio.¹ Ele afirmou a predestinação. Para ele, essa

era a única maneira de proteger a incapacidade humana devido ao pecado e a absoluta necessidade da graça de Deus. Ele chegou a crer que o próprio livre-arbítrio abria a porta para a autossalvação. Para quem está familiarizado com o calvinismo, Agostinho era um calvinista parcial antes de Calvino! (Ele não ensinou tudo o que Calvino fez um milênio depois.)

Durante a vida de Agostinho, um grupo de monges na Gália (França) buscou um meio-termo entre o pelagianismo e a forte visão de Agostinho acerca da soberania de Deus na salvação — a predestinação incondicional de algumas pessoas à salvação. Os três monges principais foram Fausto de Riez, João Cassiano e Vicente de Leríns. Muito mais tarde, o ensino deles passou a ser chamado de “semipelagianismo”, mas muitos estudiosos opinam que poderia ser chamado de “semiagostinianismo”. Eles conheciam muito bem os escritos e ensinamentos de Agostinho e aceitaram a maioria deles, mas ficaram desconfortáveis com a ênfase tardia na predestinação e negação do livre-arbítrio. Por isso, procuraram um meio-termo que aproveitasse o melhor da ênfase de Pelágio no livre-arbítrio humano e da ênfase de Agostinho na necessidade da graça e combinaram-nas.

Como ocorre tantas vezes, nem sempre é fácil definir o que esses “semis” acreditavam e ensinavam, e o rótulo semipelagianismo não é sinônimo de tudo o que seus adeptos ensinavam. Por exemplo, nos anais da história e teologia cristã, o semipelagianismo não significa crença no livre-arbítrio. O semipelagianismo passou a ser usado apenas para designar a crença dos teólogos transigentes de que as pessoas não ficaram tão arruinadas pelo pecado original a ponto de não poderem, por si mesmas e sem a graça sobrenatural, iniciar a boa vontade para com Deus. Em outras palavras, ensinaram que a iniciativa de salvação está normalmente do lado humano. Cassiano escreveu que o primeiro exercício da boa vontade para com Deus é o dos pecadores sem a proveniente graça sobrenatural. Essa passou a ser a parte rejeitada do semipelagianismo, não a ênfase desses teólogos no livre-arbítrio que as igrejas orientais e ocidentais aceitaram como ortodoxa. (Embora se deva dizer que a Igreja Católica permite crer na predestinação, contanto que não torne Deus responsável pelo pecado ou tire a responsabilidade humana.)

Em 529, um concílio de bispos ocidentais reuniu-se em Orange, na Gália, para considerar, entre outras coisas, se o semipelagianismo deveria ser condenado como heresia. Foi o que aconteceu. O sínodo (não era um concílio ecumênico, porque os bispos do Oriente não estavam presentes) rejeitou a crença de que os

pecadores são capazes de iniciar um relacionamento de salvação com Deus, ou cooperar com a graça de qualquer maneira que diminua a necessidade da graça ou dê espaço para as pessoas salvas vangloriarem-se. Também condenou qualquer crença de que Deus predestine alguém para o mal (portanto, “dupla predestinação”). Confirmou que os pecadores confiam inteiramente na graça até para exercer o primeiro movimento da vontade em direção a Deus. Todos os católicos e a maioria dos protestantes concordam com isso e consideram o semipelagianismo “heterodoxo”, senão herético. (A heterodoxia, que significa “fora da ortodoxia”, não é tão séria quanto a heresia.)

Enquanto o pelagianismo absoluto foi praticamente exterminado em todos os ramos do cristianismo pelo Concílio de Éfeso, o semipelagianismo nunca foi tão completamente eliminado das fileiras cristãs, e o que exatamente conta como semipelagianismo ainda é debatido até hoje. (Aqui estou seguindo a definição comum como a que foi condenada e excluída pelo Sínodo de Orange em 529.) Alguns monergistas, que são os que mais rigorosamente creem na predestinação, alegarão que qualquer crença cristã no livre-arbítrio em assuntos relacionados à salvação é semipelagianismo, mas isso exagera o sentido do termo. A maioria dos católicos ortodoxos acredita no livre-arbítrio, assim como a maioria dos protestantes ortodoxos. (Por exemplo, apesar de Lutero não crer no livre-arbítrio, seu sucessor como teólogo líder dos luteranos na Europa, Filipe Melâncton, cria. Mesmo que a maioria dos calvinistas não creia no livre-arbítrio, todos os metodistas e anabatistas creem.)

O Moderno Pelagianismo e Semipelagianismo

Antes de analisarmos exemplos reais do pelagianismo e semipelagianismo modernos, examinaremos brevemente um falso “exemplo”. Muitos protestantes conservadores nas tradições luterana e reformada (por exemplo, a presbiteriana) argumentam há muito tempo que o arminianismo é pelagiano, ou (na melhor das hipóteses) semipelagiano. O arminianismo é a crença chamada pelo nome de Jacó Armínio, da Holanda (m. 1609), que defende que, embora a salvação seja pela graça somente pela fé, a graça pode ser resistida e deve ser aceita livremente. É, entre os protestantes, a crença na liberdade da vontade e é comum na tradição metodista (incluindo todas as denominações inspiradas por ela, como

o pentecostalismo). Embora muitas pessoas nas igrejas arminianas possam cair no pelagianismo ou no semipelagianismo, nenhuma dessas crenças foi ensinada por Armínio ou seu seguidor mais famoso John Wesley.² A teologia arminiana clássica enfatiza a graça preveniente e a “vontade livre”. Em outras palavras, o arminianismo acredita que, sem a graça preveniente de Deus, a vontade de todos estaria tão corrompida pelo pecado herdado de Adão que estaria em um estado de escravidão ao pecado. Deus, sob a influência de sua Palavra, liberta a vontade da pessoa para ela tomar a decisão de crer e receber a salvação ou rejeitar o evangelho e continuar em um estado de alienação em relação a Deus.

O arminianismo coloca ênfase na iniciativa de Deus no que tange à salvação e nega que os pecadores sejam capazes, sem a graça especial, de exercer a boa vontade para com Deus. Portanto, não é pelagiano nem semipelagiano.

Tudo o que precisamos fazer para encontrar o pelagianismo e o semipelagianismo modernos é arranhar a superfície da religião popular americana — ambos são galopantes nela. Frases populares como “Deus ajuda aqueles que se ajudam” promovem o esforço humano em cooperação com Deus e a iniciativa humana na salvação. Programas de televisão que têm um tema religioso enquadram-se, em geral, no pelagianismo ou no semipelagianismo. Uma conhecida série de televisão americana que foi ao ar entre 1994 a 2003 chamava-se O Toque de um Anjo. O programa contava com um grupo de anjos que assumia a forma humana e tentava ajudar as pessoas comuns necessitadas e deprimidas. Às vezes, a mensagem dos anjos para as pessoas tocava as raias do pelagianismo ou, pelo menos, do semipelagianismo. Em certa cena, um moribundo conta a um anjo que Deus nunca poderia perdoá-lo. O anjo diz a ele que tudo o que o homem precisa fazer é subir em direção a Deus e estender-lhe a mão para que Ele volte-se e leve-o pelo resto do caminho. Lógico que isso é, no mínimo, semipelagianismo.

Mas os escritores de O Toque de um Anjo não são mais culpados por cair em erro quanto à salvação do que a maioria dos cristãos americanos, incluindo muitos pastores formados em seminário. Os cânticos e sermões do evangelho em geral retratam a salvação dessa maneira, como se o Salvador estivesse parado a uma distância “esperando” para entrar no coração do pecador, e tudo o que o pecador precisasse fazer é dar um passo em sua direção e “deixá-lo entrar”. O semipelagianismo, senão o pelagianismo, é a teologia-padrão da maioria dos cristãos americanos. Poucos sermões, ou livros, ou músicas cristãs cantados nas igrejas ensinam a verdade da graça preveniente e da absoluta necessidade da

graça para qualquer bem que as pessoas fazem, inclusive o primeiro exercício de boa vontade para com Deus.

Um grande evangelista e teólogo americano é apontado como culpado por injetar o semipelagianismo no cristianismo americano — Charles Finney (m. 1875). Finney foi o evangelista mais influente do Segundo Grande Avivamento e também foi o estudioso que se tornou reitor da faculdade Oberlin. Claro que ele não pretendia ensinar o pelagianismo ou o semipelagianismo, mas algumas de suas declarações sobre a salvação (por exemplo, nos livros Palestras sobre os Avivamentos da Religião e em Teologia Sistemática) aproximam-se de, pelo menos, o semipelagianismo. Ele negou a depravação herdada e a necessidade absoluta da graça preveniente (exceto como a vontade de Deus revelada e o chamado universal) e deixou a impressão de que os pecadores são capazes de responder ao evangelho com fé sem a graça sobrenatural capacitadora.

Um evangelista posterior foi Billy Sunday (m. 1935), que caiu de cabeça no semipelagianismo, senão no total pelagianismo, como também muitos avivalistas americanos do século XX. Sunday tornou os avivamentos e conversões dependentes do esforço humano e até gabava-se de que ele poderia salvar uma alma por três dólares.

Pouquíssimos, se houver, líderes cristãos nas igrejas ortodoxas adotam ou promovem conscientemente o pelagianismo. Muitos promovem o semipelagianismo sem saber. Mas será que existem exemplos modernos ou contemporâneos de pelagianismo ou semipelagianismo conscientemente adotado e promovido por pessoas que se dizem cristãs? Essa é uma decisão teológica, visto que, até onde sei, ninguém usa essa terminologia para suas teologias de salvação. No entanto, uma razão pela qual os cristãos ortodoxos de todas as afiliações denominacionais rejeitam o mormonismo (o etos e cultura religiosa da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e suas ramificações) é a forte suspeita de que ele rejeita o pecado original e ensina a capacidade desassistida dos pecadores para converterem-se a Cristo. Em outras palavras, muitos católicos e protestantes conservadores acreditam que a teologia mórmon implica fortemente um tipo de humanismo que torna a graça desnecessária para o primeiro exercício da vontade direcionada a Deus e no qual as boas obras contribuem para a salvação.

É possível encontrar discordância séria sobre isso entre os mórmons (que preferem ser chamados de Santos dos Últimos Dias). Um dos teólogos mais

influentes da Igreja dos Santos dos Últimos Dias durante a década de 1950 foi Bruce R. McConkie (m. 1985). Ele era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, que é o conselho superior da Igreja dos Santos dos Últimos Dias. Seu livro *Mormon Doctrine* [Doutrina Mórmon] inclina-se para o pelagianismo ou para o semipelagianismo, pois nega o pecado original e a salvação pela graça somente. Segundo ele:

Uma das doutrinas falsas encontradas na cristandade moderna é o conceito de que o homem pode obter a salvação [...] pela graça somente e sem a obediência. Essa doutrina destruidora de almas tem o efeito óbvio de diminuir a determinação de o indivíduo conformar-se com todas as leis e ordenanças do evangelho, sendo essa conformidade essencial se a busca pela recompensa é, na realidade, para ser obtida.³

Se isso não é pelagianismo ou, pelo menos, semipelagianismo, seria difícil saber o que seria.

Outra autoridade mórmon, também membro do Quórum dos Doze Apóstolos, foi James Talmage (m. 1933). Seu livro *Um Estudo das Regras de Fé* foi republicado pela Igreja dos Santos dos Últimos Dias muitas vezes, inclusive em 1971 (42ª edição em inglês). Talmage descreveu que a doutrina da salvação somente pela graça, somente pela fé é “uma doutrina muito perniciosa”⁴ e promoveu a salvação pela fé e pelas obras. Segundo ele, “nossa condição no mundo vindouro será estritamente resultado da vida que levamos nesta provação [a vida na terra]”.⁵ O contexto deixa claro que “a vida que levamos [aqui]” significa fé e boas obras.⁶ Talmage não menciona a graça preveniente necessária para a fé ou as boas obras. A implicação clara (e, ao que parece, muitos, senão a maioria dos mórmons, a entenderam) é que os pecadores são plenamente capazes de entrar na salvação por esforço próprio.

A última afirmação é contestada por um dos principais teólogos contemporâneos da igreja dos Santos dos Últimos Dias, que ensina religião na Universidade Brigham Young e tornou-se importante embaixador do mormonismo no mundo cristão em geral. Robert Millet publicou vários livros para explicar a doutrina mórmon a não mórmons, especialmente aos protestantes evangélicos, de maneira

a mostrar que ela está mais próxima da ortodoxia cristã do que a maioria das pessoas imagina. Entre eles, está Grace Works [A Graça Trabalha], na qual o autor argumenta que o mormonismo é uma teologia da graça, mesmo que muitos mórmons não o percebam. Segundo Millet, a doutrina mórmon da salvação requer apenas boas obras como evidência da graça ativa na vida da pessoa. As boas obras não forçam a graça, e a salvação não é merecida pelas boas obras. Millet deixa de endossar a “justificação somente pela fé”, mas sua descrição da doutrina mórmon afasta-a do pelagianismo, senão do semipelagianismo.

Alguns ramos e ramificações do movimento adventista do século XIX elevaram as boas obras acima da graça e da fé como algo necessário para a salvação. Foi o que muitos cristãos pensaram que a Igreja Adventista do Sétimo Dia fez, mas não é mais crido por cristãos informados. (O que não quer dizer que os adventistas individuais do sétimo dia nunca caiam no pelagianismo!) A Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (a denominação das Testemunhas de Jeová) é uma ramificação do movimento adventista que seguiu uma direção muito diferente da Igreja Adventista do Sétimo Dia (que, em geral, é de crença ortodoxa). As Testemunhas de Jeová não apenas negam a divindade de Cristo e a Trindade, como também negam o pecado original e a salvação pela graça somente. As boas obras (por exemplo, as “publicações”, a venda de porta em porta das publicações das Testemunhas de Jeová) são necessárias para a salvação completa.

Existem outras ramificações menores do movimento adventista que, assim como as Testemunhas de Jeová, negam a divindade de Cristo, a Trindade e a salvação pela graça somente. Em muitos casos, é difícil saber exatamente qual é o ensino oficial de muitas “seitas menores”, porque elas não as publicam para consumo público. A principal pergunta a fazer é: “A sua igreja ensina que a graça é necessária para a conversão a Cristo e que a salvação completa e final é somente pela graça por meio da fé, não sendo dada como recompensa por boas obras?”. É claro que muitos “leigos comuns”, mesmo nas igrejas cristãs ortodoxas, teriam dificuldade em responder a pergunta; portanto, é necessário examinar a declaração doutrinária da igreja e questionar gentilmente o pastor ou outro líder da igreja para descobrir a resposta.

Antídotos ao Pelagianismo e ao Semipelagianismo

Os melhores antídotos ao pelagianismo e ao semipelagianismo são a Bíblia, a tradição cristã, a razão e a experiência. Obviamente, estas devem ser aplicadas de maneira sensível na pregação e no ensino (incluindo a escrita de livros, artigos e letras de músicas). Atacar as pessoas com “doutrina ortodoxa” raramente ajuda, sobretudo em nossa cultura pós-moderna contemporânea, em que tudo é tolerado, exceto a intolerância. Palavras como ortodoxia e tradição afastam muitas pessoas. Por outro lado, em reação ao relativismo e à religião não doutrinária, muitas pessoas estão buscando uma descrição mais vibrante, robusta e “espessa” da fé cristã.

A Bíblia ensina claramente que “não há quem busque a Deus” (Rm 3.11b). A doutrina do desamparo total, até para buscar a Deus por conta própria, está profundamente enraizada no retrato bíblico da pessoa natural e desassistida pela graça.

A tradição cristã também sustenta firmemente a doutrina da incapacidade humana de contribuir para a salvação por esforço ou boas obras sem a graça. Alguns leitores podem estar se perguntando: “E quanto à doutrina católica? Será que a salvação é pela graça e boas obras?”. Não exatamente. Pelo contrário, segundo a doutrina católica, a salvação é pela graça por meio da fé e obras de amor, mas é a graça que capacita a fé e as obras de amor. As boas obras verdadeiramente meritórias, as obras que merecem louvor, são produtos da graça, assim como todas as coisas boas que a pessoa tenha ou faça. Os protestantes estremecem quando os católicos falam sobre o “mérito” humano na salvação, porque “mérito”, em geral, implica recompensa, o que afasta a natureza doadora da salvação. No entanto, a teologia católica distingue entre “mérito condigno” e “mérito cômputo”. O mérito condigno é o mérito que exige com justiça a recompensa; o mérito cômputo é o mérito que não corresponde à recompensa e, por conseguinte, depende da graça. Na teologia católica clássica, até as boas obras meritórias do cristão dependem da graça gratuita — o dom imerecido de Deus.

Até os reformadores protestantes como João Calvino criam que Deus recompensa as boas obras no Céu e que haverá recompensas desiguais distribuídas lá, dependendo do esforço humano e do sacrifício por Deus e pelos outros. Os protestantes e os católicos acreditam que a reconciliação com Deus que garante o Céu é somente pela graça, mesmo que as boas obras não possam

ser separadas inteiramente da “recompensa celestial”.

Alguém pode estar se perguntando como a razão entra na questão. Se Deus é realmente Deus, como a conquista humana pode colocá-lo em dívida conosco? Parece incongruente acreditar que Deus pode ser grato aos seres humanos e, especialmente, aos seres pecadores. No entanto, o pelagianismo implica isso. Por que Cristo teria morrido por todos se é possível viver uma vida em perfeita obediência e nunca precisar da graça? A razão trabalhando em uma estrutura de crença cristã aponta para longe do pelagianismo e do semipelagianismo.

Por fim, a experiência milita contra o pelagianismo e o semipelagianismo. Quem legitimamente pode reivindicar ser tão bom a ponto de merecer o favor de Deus? Todos precisam da misericórdia de Deus, e a misericórdia nunca deve para ninguém. Toda pessoa ponderada sabe que ficou abaixo da justiça de Deus e de suas expectativas em relação a elas. A Lei de Deus está julgando todos, porque “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3.23).

As heresias do pelagianismo e do semipelagianismo nunca ocorreriam a alguém que está impregnado com a verdade cristã básica de que tudo de bom é dom de Deus. “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação” (Tg 1.17). A Bíblia, a tradição, a razão e a experiência apontam para a verdade fundamental de que nada verdadeiramente bom é produto apenas do esforço ou da conquista humana e que a graça envolve, sustenta e paira sobre tudo o que é verdadeiro, belo e bom.

Deixando mais Claro

1. O que você entende por graça? Qual é a relação entre a graça de Deus e as boas obras humanas?
2. Quando dizemos coisas como “Deus ajuda aqueles que se ajudam”, como isso nega a graça de Deus?

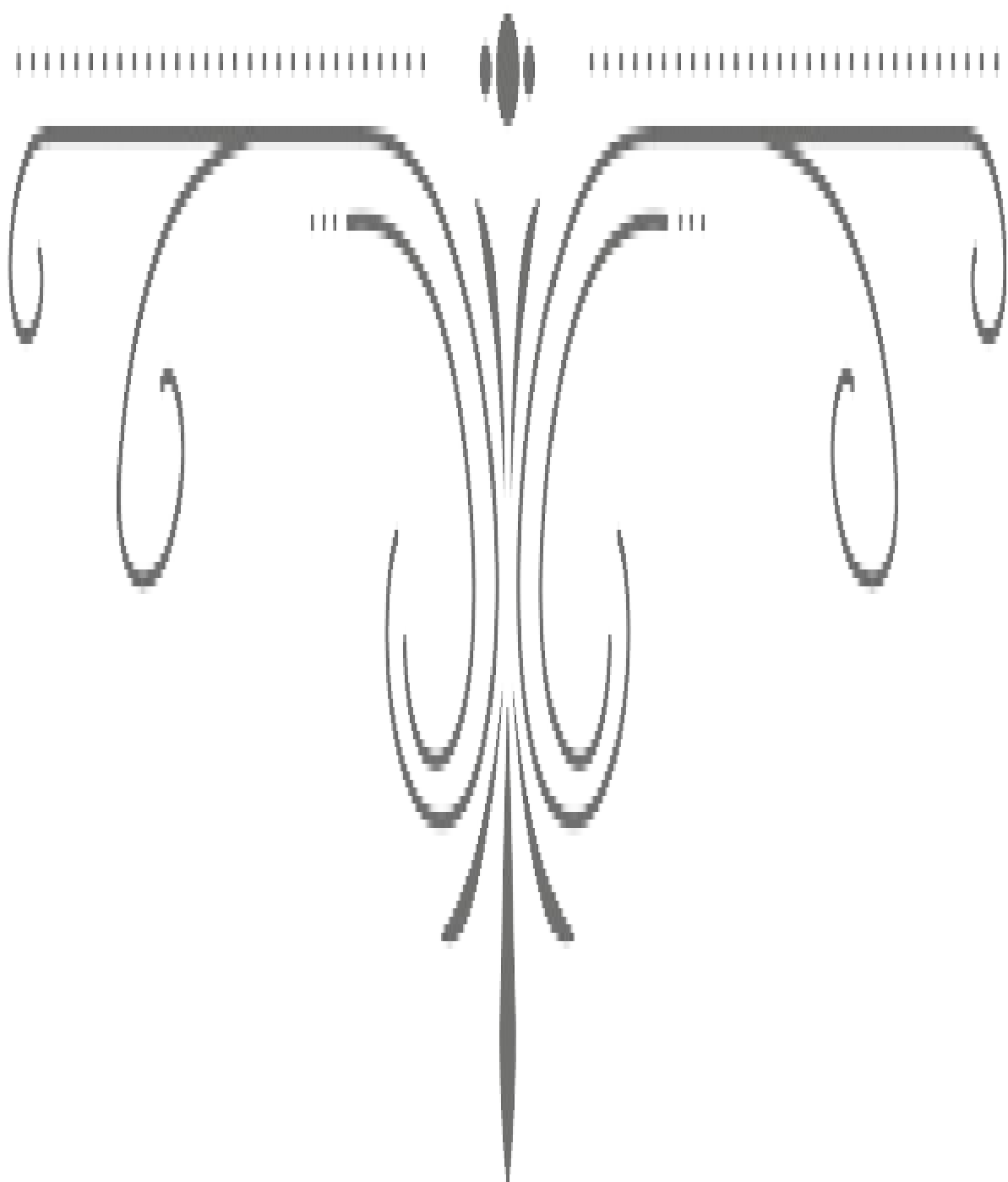
3. A graça é um dom imerecido de Deus. Quais outros dons Deus dá?

4. Compartilhe um momento em que você experimentou a graça de Deus. Como os cristãos podem ser canais da graça de Deus para os outros?

5. O que significa quando alguém diz: “Ali chegarei, exceto pela graça de Deus”?

Capítulo 8

Fazendo de Deus um Monstro: O Determinismo Divino



Um Tipo Diferente de Heresia

Até agora, examinamos heresias oficiais do cristianismo, as crenças rejeitadas pelos concílios ecumênicos da igreja indivisa e pelos principais reformadores protestantes do século XVI em diante. São doutrinas que quase todos os líderes cristãos de todos os principais ramos do cristianismo rotularam de heresia. Nestes três últimos capítulos, examinaremos as crenças comuns entre os cristãos que são seriamente erradas e destrutivas ao evangelho, porém nunca condenadas como heresias pelos concílios ecumênicos. Inevitavelmente, certa quantidade de juízo de valor individual e pessoal e de certa subjetividade entra em cena ao declarar-lhes heresias.

Creio que, se abordassem essas crenças, quase todos os pais e mães cristãos primitivos, para não falar dos apóstolos, ficariam horrorizados e iriam rejeitá-las. São crenças, para dizer o mínimo, extremamente controversas entre os cristãos e o são há muito tempo, praticamente desde que surgiram. Infelizmente, cada uma soa razoável e até atraente para alguns seguidores muito devotos de Jesus Cristo. Cada uma está ficando cada vez mais popular neste início do século XXI. Cada uma causa uma preocupação significativa e até turbulência nos círculos cristãos, sobretudo nos quais as crenças são levadas a sério como quesitos importantes para o cristianismo autêntico.

Nos três casos finais, a palavra heresia muda de significado. Nesses casos, não é “oficial”, mas não oficial e ponto de debate e controvérsia entre os cristãos autênticos, mas, no meu entender e no de outras pessoas, é um epíteto apropriado. Em outras palavras, eu não me afiliaria a uma igreja que promovesse uma ou mais dessas crenças, porque, embora contenham um núcleo de verdade (como ocorrem com quase todas as heresias), elas distorcem o evangelho, deixando-o irreconhecível. Em cada caso, as “Boas Novas” tornam-se más novas. É algo que, a princípio, nem sempre é aparente, mas, com um exame mais detalhado e uma interpretação razoável, tudo fica claro. Infelizmente, muitos cristãos não examinam essas crenças; simplesmente as aceitam por inteiro, porque as pessoas que as ensinam aparentam ser muito espirituais, ou porque as crenças são populares e soam práticas.

Nunca é bom declarar que algo em que os irmãos cristãos creem que é “heresia”. A implicação imediata, nem sempre correta, é que quem está dizendo em que crê é herege. Como mencionado e discutido no capítulo 1, isso não necessariamente é verdade. Herege é a pessoa que sabe que o que está ensinando (não apenas no que está crendo) é contrário às crenças doutrinárias-padrão e confessionais de sua comunidade de fé. Pessoas que meramente creem em um ensino errado, uma heresia, não são hereges. Mesmo as pessoas que os ensinam não são necessariamente hereges. Merecem ser chamados de hereges quando sabem que o que ensinam vai contra a doutrina-padrão de sua comunidade de fé.

Vejamos de novo. A salvação somente pela graça, somente pela fé é heresia no contexto católico romano. A pessoa que o ensina é herege apenas quando ensina em um contexto católico romano e sabe que é “descaradamente” contrário à doutrina católica (isto é, os cânones e decretos do Concílio de Trento). Um protestante que o ensine no contexto protestante certamente não ensina heresia e não pode ser herege, porque essa é a crença protestante padrão.

A decisão de uma comunidade de fé, de que uma doutrina é heresia, ocorre, em geral, lentamente. Alguém tem de começar a “rolar a bola”, por assim dizer, em direção a um consenso de que isso é contrário às crenças padrões e comuns da comunidade de fé. O processo de “rolar a bola” inclui necessariamente o risco de chamar de heresia uma crença popular de uma comunidade de fé. Mas dizer isso não inclui necessariamente chamar de hereges os que creem e ensinam. Eles não podem ser hereges, a menos que e até que o que ensinam seja oficialmente declarado fundamentalmente errado pela comunidade de fé. Portanto, as pessoas que continuam a ensiná-lo são corretamente consideradas hereges, na medida em que foram instruídas.

Aqui, nestes últimos capítulos, corro o risco de declarar certas crenças comuns aos cristãos de “heresias”. Não estou chamando “hereges” os que creem nelas ou os que as ensinam. Não estou falando de pessoas, mas de crenças. Uma das tarefas da teologia é examinar criticamente as crenças rotuladas de cristãs para determinar se merecem essa denominação. Os critérios para essa determinação são a revelação (Jesus Cristo, a Bíblia), a tradição, a razão e a experiência. É o que alguns chamam de “quadrilátero wesleyano”, as quatro fontes e normas do trabalho teológico. Minha afirmação sobre essas últimas crenças que passarem a considerar é que elas constituem heresias, porque contradizem fundamentalmente a revelação, a tradição, a razão e a experiência.

O que É Determinismo Divino?

Nas palavras de um pastor, professor, escritor e evangelista cristão muito popular, absolutamente tudo o que acontece, sem exceção, foi “planejado, ordenado e governado” por Deus. É o ensino agostiniano e calvinista padrão. Agostinho, o primeiro bispo cristão e Pai da Igreja, ensinou isso. João Calvino, reformador protestante, concordou incondicionalmente, assim como Ulrico Zuínglio, seu antecessor menos conhecido na Reforma suíça. Ao longo da história cristã, pelo menos desde Agostinho, a crença de que Deus é a realidade determinante, que Deus planeja, ordena e governa o que quer que aconteça sem exceção tem sido comum e popular, especialmente entre o ramo do protestantismo conhecido como “reformado”. O cristianismo protestante reformado especializou-se tradicionalmente em enfatizar a soberania e a providência de Deus e a predestinação de todas as coisas. Mas esse tema não começou com o surgimento do protestantismo reformado na Europa durante a Reforma; podemos encontrá-lo aqui e ali entre os cristãos católicos que remontam a Agostinho no século V.

Para nossos propósitos aqui, determinismo divino significa a crença explícita ou implícita de que Deus determina todas as coisas de acordo com um plano pré-concebido e por seu poder onipotente, incluindo o pecado e o mal.

De acordo com todos os relatos, Agostinho de Hipona foi o Pai mais influente da Igreja e o primeiro teólogo do cristianismo ocidental (latino) desde o século V, pelo menos até a Reforma. Escreveu numerosos livros e lutou contra heresias como o pelagianismo e o donatismo. Os seus tratados sobre a Trindade e a graça e sua obra grandiosa intitulada A Cidade de Deus são consideradas as obras-padrão fundamentais de teologia, especialmente para os católicos e os protestantes magisteriais (por exemplo, os luteranos e os anglicanos). Mas nada disso significa que ele está acima das críticas. Lutero criticou Agostinho, a quem ele admirava muito, por não entender a justificação pela graça somente pela fé. Os anabatistas, os “reformadores radicais”, romperam com Agostinho por muitos assuntos, mas principalmente pelo batismo infantil como salvífico e a autoridade do Estado sobre a igreja.

Mas, talvez, nenhuma doutrina de Agostinho tenha sido tão controversa entre os católicos e os protestantes quanto seus ensinamentos sobre a soberania de Deus: a providência metódica e a predestinação incondicional. E é duvidoso que qualquer mestre ou teólogo cristão antes de Agostinho tenha ensinado essas doutrinas como ele.

A soberania de Deus é o domínio de Deus sobre o mundo e especialmente sobre a história. Os teólogos cristãos fizeram distinção entre a soberania de Deus *de jure* e *de facto*. A soberania “*de jure*” é o direito de Deus governar, e a soberania “*de facto*” é o controle factual de Deus sobre os acontecimentos. Agostinho acreditava na distinção meramente nominal. Para ele, Deus é soberano “*de jure*” e “*de facto*” constantemente. Os teólogos não agostinianos costumam argumentar que Deus é sempre soberano *de jure*, mas ainda não é soberano *de facto*. Em outras palavras, Deus tem o direito de exercer controle metódico sobre todos os acontecimentos, determinando tudo sobre eles, mas Deus escolhe não determinar tudo ainda. Isso permite que as criaturas como os seres humanos resistam à perfeita vontade de Deus, que é como o pecado e o mal entraram no mundo. Se Deus sempre já é soberano *de facto*, então surge a pergunta sobre a autoria de Deus do pecado e do mal.

Para recapitular brevemente, alguns cristãos, seguindo os ensinamentos de Agostinho, acreditavam que Deus exerce soberania metódica, detalhada e “refinada” sobre tudo, até dos mínimos detalhes da história e da vida dos indivíduos. Nada está fora da vontade ou controle de Deus. Claro que existem variações dessa crença; diferentes teólogos cristãos expressaram-na de maneira diferente. Por outro lado, há cristãos que acreditam que Deus é soberano por direito e, por ser onipotente, poderia controlar tudo metódicamente, mas Ele não exerce um controle tão minucioso. Segundo a primeira visão, seguida por Agostinho e os que o seguem, as pessoas não são livres para resistir à vontade de Deus. Já a segunda visão, seguida, por exemplo, por John Wesley, afirma que as pessoas são livres para resistir à vontade de Deus, porque Deus permite. Deus é soberano sobre sua soberania; Ele limita seu poder para dar espaço para as pessoas terem o poder de tomar decisões.

Eis como Agostinho expressou sua visão sobre a soberania de Deus, declarada em relação às decisões e ações humanas: “Pois o Todo-Poderoso [Deus] põe em movimento, mesmo no mais íntimo do coração dos homens, o movimento da vontade deles, de modo que Ele faz através da agência deles tudo o que Ele deseja realizar através deles”.¹ Agostinho não achava que isso fosse ocasional.

Para ele, era o método constante e ininterrupto de Deus realizar seu plano. Então, em que sentido as pessoas são “livres”? O Pai da Igreja do norte da África explicou que as pessoas são livres sempre que fazem o que querem, mesmo que não pudessem ter feito de outra maneira. E há um sentido em que ninguém poderia fazer o contrário do que fazem. Deus controla tudo, inclusive as decisões e ações humanas, segundo um plano e propósito predeterminados.

Por que Agostinho ensinou essa forte doutrina da soberania divina? Há várias razões, mas talvez a principal delas seja a sua ideia de Deus, a saber, que a vontade e o poder soberano de Deus não podem ser frustrados e contrariados pelos seres humanos criados. É parte da própria natureza de Deus, acreditava Agostinho, estar no controle dos homens. Ele não conseguia conceber Deus estar limitado de maneira alguma, nem mesmo por sua própria limitação.

Lógico que a crença e o ensino de Agostinho sobre a soberania de Deus elevam a questão do pecado e do mal a um tom intenso: Deus é o autor deles? Agostinho respondeu negativamente: Não, Deus não é o autor do pecado e do mal. Contudo, muitos perguntaram: Como pode ser isso se Deus controla tudo, inclusive o “movimento” da vontade dos seres humanos criados? Agostinho simplesmente negou que isso faça de Deus o autor do pecado e do mal, pois isso também ofenderia a dignidade de Deus. Portanto, ele deixou a questão como um paradoxo — uma aparente contradição não resolvida. O pecado e o mal decorrem da vontade rebelde dos seres humanos criados e não da vontade de Deus, embora Ele queira permiti-la e ela também não fique fora de sua soberania.

O que estou discutindo até agora é a doutrina de Agostinho sobre a providência de Deus, ou seja, a soberania de Deus em relação à história e à vida dos indivíduos. A doutrina gêmea da soberania de Deus é a predestinação, ou seja, a vontade de Deus em relação ao destino final dos indivíduos no Céu ou no Inferno. Seguindo sua forte visão da providência, Agostinho também cria e ensinava que Deus escolhe a quem salvar sem consultar as escolhas individuais e “livres” das pessoas. Todos, desde Adão, herdaram sua natureza decaída, até sua culpa, e são incapazes de viver sem pecar. Deus escolhe livre e graciosamente alguns indivíduos dessa “massa de condenação” para salvar. Eles são os “eleitos”. A maioria das pessoas associa a ideia da predestinação a Calvino e ao calvinismo, mas ela remonta pelo menos a Agostinho, que a expôs da maneira semelhante a Calvino em um dos seus últimos tratados intitulados A Predestinação dos Santos. Lá, ele afirmou que, se alguém é salvo, é

exclusivamente por causa da eleição graciosa de Deus, e não a uma decisão livre da pessoa ou de seus pais (por exemplo, no batismo infantil). Essa eleição de indivíduos para a salvação é incondicional; não depende da presciência de Deus de sua fé (como em visões alternativas de eleição). Quando lhe perguntaram por que alguns são eleitos, Agostinho respondeu que “a razão pela qual uma pessoa é assistida pela graça e outra não é ajudada deve ser referida aos julgamentos secretos de Deus, [...] as ocultas determinações de Deus”.²

Agostinho parou bruscamente de ensinar a “dupla predestinação”. Ele negou que Deus predeterminasse alguém para o Inferno; Ele escolhe alguns para salvar e deixa outros para o merecido julgamento e condenação por desobedecê-lo. Muitos críticos perguntaram como isso difere da “dupla predestinação”. Escolher alguns incondicionalmente e deixar outros não é o mesmo que predestinar todos ou para o céu ou para o Inferno?

Os estudiosos têm debatido muito se a visão de Agostinho sobre a soberania de Deus merece a denominação “determinismo divino”, mas parece-me que sim. Claramente para Agostinho, Deus determina tudo, não apenas com referência ao seu resultado (por exemplo, trazendo o bom de algo), mas também com referência à sua gênese, o seu começo. Deus assegura tudo, sem exceção, de acordo com o seu plano, propósito e poder.

Então, de onde vem o mal? Agostinho tentou tirar Deus dessa “enrascada”, por assim dizer, como o autor do pecado e do mal, negando que o mal é uma “coisa”. O mal, argumentou ele, não passa de ausência do bem. Deus, o criador de todas as coisas, não é o seu criador. Nada é. Segundo ele, a única coisa má é a má vontade. Nenhuma substância ou ser é intrinsecamente mau. O mal é apenas a torção, a quebra, o desvio do bem dado a algo pela vontade rebelde dos seres humanos. Ainda assim, tendo em vista o que Agostinho disse sobre a soberania de Deus e o livre-arbítrio dos seres humanos, parece lógico concluir que o pecado e o mal fazem parte do plano de Deus e são garantidos por Ele, mesmo que Ele não os cause diretamente. No entanto, Agostinho absteve-se de dizê-lo; ele queria proteger Deus da mancha do pecado e do mal e atribuí-lo unicamente aos seres humanos.

Nossa conclusão é que a doutrina de Agostinho sobre a soberania de Deus implica logicamente o determinismo divino até com relação ao pecado e ao mal, mesmo que ele não afirme que são determinados por Deus. Coloquialmente expresso, “ele nunca resolveu a questão”.

Alguns cristãos, durante a vida de Agostinho e brevemente depois, temeram que sua influência ocasionasse os cristãos a considerar Deus o autor do pecado e do mal. Portanto, em um sínodo de bispos católicos ocorrido na cidade (atualmente francesa) de Orange em 529, o Segundo Concílio de Orange, a crença de que Deus “predestina o mal” foi condenada como heresia. É por isso que um teólogo católico posterior chamado Gottschalk foi perseguido pela igreja e pelo império, porque ele entendeu pela lógica da crença de Agostinho e ensinou que Deus é o autor do pecado e do mal. (Se e até que ponto Gottschalk realmente assim ensinou não está claro, porque nossa fonte de informações são os registros da igreja e ele foi claramente perseguido pela igreja, por ela achar que Gottschalk ensinava isso, mesmo depois de receber instruções para não o fazer.)

O Determinismo Divino na História Cristã

John Wycliffe é mais conhecido por ter promovido a tradução da Bíblia em inglês em uma época (século XIV) em que era ilegal. Em sua época e lugar, a Bíblia tinha de ser lida apenas em latim. Wycliffe foi o precursor da Reforma Protestante que floresceu no século XVI com Lutero, Zuínglio e Calvino. Wycliffe acreditava que a salvação é somente pela graça e pela fé. Negou as típicas doutrinas católicas, como a transubstanciação, que diz que o pão e o vinho da Ceia do Senhor tornam-se o corpo e o sangue reais de Cristo. Promoveu o estudo da Bíblia e a pregação do evangelho da maneira como os reformadores posteriores fizeram. Para Wycliffe, assim como para os reformadores posteriores, a Bíblia, não o papa ou os concílios eclesiásticos, é a autoridade suprema sobre a doutrina.

Wycliffe era determinista divino. Seguiu a doutrina de Agostinho da soberania de Deus, indo ainda mais longe do que o Pai da Igreja africana ao afirmar o controle meticuloso de Deus de todos os acontecimentos, incluindo a condenação dos não eleitos. Cria firmemente na “dupla predestinação”, que é a doutrina da eleição que a maioria das pessoas associa a Calvino, que veio séculos depois de Wycliffe.

Mas talvez o determinista divino mais rigoroso da história cristã tenha sido Ulrico Zuínglio, o reformador da cidade suíça de Zurique e contemporâneo de

Lutero. Zuínglio possuía a visão mais forte da soberania de Deus que se possa imaginar. Não o incomodou ter contraditado claramente os ditames do Segundo Concílio de Orange; ele e sua cidade estavam em guerra com os católicos. (Zuínglio morreu em uma batalha entre católicos e protestantes.) É importante entender que Zuínglio, o verdadeiro “pai” do protestantismo reformado, era nominalista e voluntarista em relação à natureza de Deus. Isso quer dizer que ele, seguindo os ensinamentos de certos filósofos medievais “escolásticos”, acreditava que Deus não tem a natureza eterna que controla, limita ou governa sua vontade e poder. Em outras palavras, não há “lei” à qual Deus esteja vinculado, inclusive uma dentro de sua própria natureza. Deus é literalmente livre para decretar e causar o que quiser. Tudo o que Deus faz é bom só porque Deus o quer. E tudo o que acontece, sem exceção acontece porque Deus o quer.

Ao discutir a Queda dos anjos e dos humanos e a salvação de algumas pessoas (os eleitos), Zuínglio disse: “Deus operou essas duas coisas”.³ Além disso, segundo o reformador suíço, “a mesma ação que é feita por instigação e direção de Deus, traz-lhe honra, enquanto é crime e pecado para o homem”⁴ e, “embora ele impele os homens a alguma ação que é iniquidade para o instrumento que a executa, contudo não é assim para ele mesmo. Pois os seus movimentos são livres. [...] Pois Ele não está sob a lei”.⁵ Zuínglio negou totalmente o livre-arbítrio humano e atribuiu a Deus todas as coisas que acontecem, inclusive o pecado e o mal. É óbvio que ele não quis dizer que Deus peca; o que quis dizer é que Deus instiga o pecado para um bem maior, a saber, para a sua própria “honra”.

Zuínglio chegou tão perto quanto qualquer teólogo cristão ao fazer de Deus o autor do pecado e do mal. Falando do adultério de Davi com Bate-Seba, Zuínglio disse: “No que diz respeito a Deus como autor disso, não é [...] pecado para Deus”.⁶ Então, “a mesma ação que é feita por instigação e direção de Deus traz-lhe honra, enquanto é crime e pecado para o homem. [...] Embora ele impele os homens a alguma ação que é iniquidade para o instrumento que a executa, contudo não é assim para ele mesmo. [...] Ele instiga o ladrão [...] a matar até os inocentes e os despreparados para a morte”.⁷ A constante defesa que Zuínglio faz de Deus era que “Ele não está sob a lei”⁸, e ele quis dizer que Deus não está sob nenhuma lei. Ele é absolutamente livre para fazer o que bem entender.

O reformador suíço de Zurique também afirmou a dupla predestinação sem qualquer sentimento de hesitação ou constrangimento. Segundo ele, “[a palavra] eleição é atribuída apenas aos que devem ser abençoados, mas não se deve dizer

que são eleitos os que devem ser condenados, embora a Vontade Divina também decida o que fazer com relação a eles, mas ele os rejeita, expulsa e repudia para que se tornem exemplos da sua justiça”.⁹ No mesmo contexto, ele nega o livre-arbítrio, de modo que até os “malditos” pecam e tornam-se condenados não por livre escolha, mas segundo a vontade de Deus.

Zuínglio representa o exemplo mais claro de determinismo divino na história cristã, sem qualificação, sutileza ou complicação. Mas e quanto ao seu renomado colega suíço de Genebra chamado João Calvino? Calvino ensinou o determinismo divino? Ensinou, só que com mais cautela e qualificação do que Zuínglio. Calvino, por exemplo, esforçou-se para não tornar Deus o autor do pecado e do mal, enquanto ensinava a suprema soberania de Deus sobre todas as coisas, incluindo o pecado, o mal e a condenação eterna dos não eleitos, que ele chamou de “réprobos”.

Em sua obra *Institutas da Religião Cristã*, Calvino dedicou grande atenção e espaço à soberania de Deus, incluindo sua providência e predestinação. Em suma, com relação ao envolvimento de Deus nas más ações dos ímpios, Calvino firmou-se o mais longe possível para dizer que Deus é o autor delas, ao mesmo tempo em que sustentou com Agostinho e Zuínglio que Deus governa tudo, inclusive o pecado e o mal. Segundo Calvino, “os homens não podem realizar nada, exceto pelo comando secreto de Deus, [...] não podem deliberadamente realizar nada, exceto o que Ele já decretou consigo mesmo e determina por sua direção secreta”.¹⁰ O reformador de Genebra ilustrou o princípio imaginando um comerciante que tolamente se afasta de seus companheiros em uma viagem e é morto por ladrões. Segundo Calvino, “sua morte não foi apenas prevista pelos olhos de Deus, mas também determinada por seu decreto”,¹¹ pois “Deus, por meio da rédea de sua providência, vira todos os acontecimentos da maneira que quiser”.¹² Calvino claramente acreditava na providência meticulosa.

Como Calvino escapou de tornar Deus o autor do pecado e do mal? Ele enfrentou a questão diretamente e respondeu distinguindo entre os bons propósitos de Deus em tudo o que Ele preordena (e Ele preordena tudo!) e os maus propósitos dos seres humanos em agir de maneira má. Deus deseja tudo por um bom propósito; os maus agem por más intenções. “Através da vontade má dos homens maus, Deus cumpre o que deseja com retidão.”¹³ Mas, obviamente, surge a questão sobre a fonte da vontade má das pessoas más. Em última análise, para deixar Deus “fora da enrascada” e mantê-lo intacto por qualquer mancha do mal, Calvino recorreu à permissão de Deus — algo que ele

anteriormente negara com veemência. “De maneira maravilhosa e inefável, nada é feito sem a vontade de Deus, nem mesmo aquilo que é contra a vontade dele, pois não seria feito se ele não o tivesse permitido; todavia, ele não o permite de má vontade, mas de boa vontade.”¹⁴ Em resumo, segundo Calvino, tudo o que acontece, incluindo as ações pecaminosas e más, é preordenado e tornado certo por Deus, enquanto Ele permanece imaculado pela maldade das pessoas, porque o Senhor não força os seres humanos, mas apenas permite que pequem. Mas a permissão de Deus concernente ao pecado e ao mal é “permissão voluntária”. Deus não é o autor do pecado e do mal, porque, embora Ele preordene e torne-os certos, não os causa diretamente. Zuínglio foi mais claro.

Os cristãos reformados, em sua maioria, seguem a explicação de Calvino sobre a providência e predestinação de Deus. (Calvino também ensinou a “dupla predestinação”.) Em outras palavras, eles creem que Deus preordena todas as coisas, sem exceção, e não meramente as sabe de antemão ou prevê. Todas as coisas acontecem conforme o plano e o propósito de Deus. Deus não meramente tira o bem daquilo que não é bom. Deus não meramente permite que algo aconteça, mas voluntariamente permite o pecado e o mal, que Ele preordenou, porque planeja vencê-los e, por meio disso, revelar sua grandeza e glória. Muitos cristãos reformados reconhecem que existe um paradoxo aqui: Deus preordena e torna certo tudo, inclusive o pecado e o mal, mas apenas permite o pecado e o mal, não sendo o seu autor.

Talvez o determinista divino mais influente da história cristã moderna tenha sido Jonathan Edwards, o grande pregador, filósofo e teólogo puritano. Nascido em 1703 em Massachusetts, Edwards era contemporâneo de John Wesley, seu colega evangélico inglês no avivamento conhecido como o Grande Avivamento. Edwards foi reformado; Wesley era arminiano (cria no livre-arbítrio e rejeitava o determinismo divino e a predestinação incondicional simples ou dupla). Um dos tratados mais importantes de Edwards é a dissertação sobre O Fim [Propósito] para o qual Deus Criou o Mundo. Nessa obra, ele abordou o assunto espinhoso da razão pela qual Deus criou tudo e o propósito último de tudo — desde a criação propriamente dita até o mais minúsculo grão de existência. A resposta de Edwards foi que o próprio Deus, e principalmente a sua “glória”, é o propósito último de tudo. Segundo ele, Deus “é a causa e fonte primeira e eficiente de onde se originam todas as coisas. [...] Ele é a causa última e final pela qual elas são feitas; o termo final para o qual todas elas tendem em seu resultado último”.¹⁵ A maioria dos cristãos não teria dificuldade em concordar com a segunda parte da tese; o problema dá-se com a primeira parte. Para Edwards,

Deus é a “causa e fonte primeira e eficiente” da qual todas as coisas vêm. Será que inclui o pecado, o mal, o sofrimento inocente e o Inferno? Para Edwards, inclui. Até mesmo esses existem apenas para a glória de Deus.

Indo direto ao ponto, Edwards respondeu ao problema do pecado, do mal e do Inferno em seu sermão “A Justiça de Deus na Condenação dos Pecadores”. Com relação ao pecado, “Deus pode permitir o pecado, embora o ser do pecado certamente aconteça nessa permissão; e assim, por permissão, ele pode dispor e ordenar o evento”.¹⁶ Então, imediatamente após esse apelo ao que Calvino chamou de “permissão voluntária”, o pregador puritano negou o “acaso” e a “continência”. “Se houve algo como acaso ou mera contingência, e a própria noção disso não é um absurdo total, [...] seria muito impróprio que Deus tivesse deixado ao mero acaso o homem cair ou não”.¹⁷ Em outras palavras, a Queda da humanidade no pecado e todas as suas consequências não eram meramente possíveis; foram determinadas por Deus. Caso alguém duvide, Edwards logo escreveu (alguns parágrafos mais adiante) que Deus “determina tudo por vontade própria”.¹⁸

Em “A Liberdade de Vontade”, Edwards procurou provar que o conceito do livre-arbítrio é incoerente e insustentável para não dizer não bíblico. Até Deus, argumenta ele, não tem o livre-arbítrio no sentido de ser realmente capaz de fazer o contrário do que Ele faz, porque Ele sempre faz o que é mais adequado e sábio. Assim, tudo é determinado, até as próprias ações e decisões de Deus. (Na verdade, Edwards não diz isso sobre Deus, mas está necessariamente implícito por sua veemente rejeição do livre-arbítrio como logicamente incoerente.) Segundo Edwards, então: “A futuridade de todos os acontecimentos futuros é estabelecida por necessidade anterior”.¹⁹ A própria definição de determinismo é esta: coloquemos Deus como o determinante final de todas as coisas e teremos o “determinismo divino”.

Edwards viu o problema do mal e ofereceu uma resposta. Como Calvino antes dele, ele apelou à permissão de Deus para o pecado e o mal, e não à real causação, porém deixou claro que a “permissão” é voluntária e eficaz. Uma analogia seria o professor que “permite” que o aluno erre, retendo a ajuda que o aluno precisaria para passar no curso. Até o pecado e o mal fazem parte do grande plano de Deus de glorificar a si mesmo por meio da criação como um todo e com cada uma de suas partes.

Todavia, a evidência mais clara do determinismo divino de Edwards, levada ao

extremo, indo muito mais além do que Zuínglio considerou, é sua afirmação de que Deus cria continuamente. Para ele, não há autonomia em nenhuma parte da criação e nem continuação da criação fora do poder criativo imediato de Deus. Em uma declaração que faz muitos fãs de Edwards estremecerem, o teólogo puritano disse que Deus cria o mundo inteiro e tudo o que nele há ex nihilo a cada momento.

Edwards fez de Deus o autor do pecado e do mal? Aqui está a resposta que Edwards deu em “A Liberdade da Vontade”:

Se por “autor do pecado” entendermos o permissor ou não o impedidor do pecado e, ao mesmo tempo, o dispositor do estado dos acontecimentos de tal maneira para fins e propósitos sábios, santos e excelentes, então o pecado, se for permitido e não impedido, se seguirá certa e infalivelmente: Eu digo, se isso é tudo o que se entende por ser o autor do pecado, e não nego que Deus é o autor do pecado.²⁰

Ou melhor, Edwards disse que, embora Deus não coaja ou force alguém a pecar, Ele designa, ordena e governa o pecado para um propósito. O pecado é desejado e tornado certo por Deus. Pelo menos ele encarou a questão que a maioria dos cristãos reformados não irá encarar e admitiu que Deus é o autor do pecado e do mal nesse sentido.

Edwards também cria na dupla predestinação. Para ele, os condenados no Inferno estão lá por causa de sua própria desobediência perversa à lei revelada de Deus e também para a glória maior de Deus. No Inferno, Deus revela sua justiça por intermédio da ira e torna mais doce a bem-aventurança dos salvos.

O Determinismo Divino Contemporâneo

Nas duas últimas décadas do século XX e nas duas primeiras do século XXI, a

teologia reformada vem desfrutando de um renascimento, sobretudo entre os estudantes de faculdades e universidades. Chama-se o “Movimento Jovens Reformados e Inquietos”. Vários teólogos e pregadores reformados têm sido fundamentais na construção e liderança do movimento. Entre os mais influentes, estão R. C. Sproul, presbiteriano, e John Piper, batista. Ambos escreveram muitos livros, discursaram em grandes comícios e conferências e apareceram em filmes e podcasts. Ambos são personalidades carismáticas que influenciam multidões com sua retórica.

Sproul considera-se teólogo tradicional, reformado e calvinista. Nega que acredita no “determinismo”, mas define-o como compulsão ou coerção externa, ou seja, que faz a pessoa agir contra sua vontade. Não é assim que o determinismo é usado aqui ou como é definido na maioria dos dicionários. A definição comum do determinismo é a crença de que tudo o que acontece tem uma causa que a torna certa, de tal modo que tudo acontece necessariamente. Quando Deus é a causa última que torna todas as coisas certas e necessárias, o “determinismo divino” está em vista.

Uma das frases favoritas de Sproul sobre a soberania de Deus tem a ver com as moléculas. Ele diz ao público que, se existe uma molécula independente no Universo que não está sob o controle de Deus, então Deus não é Deus. Ele argumenta que quem não concorda que Deus controla tudo deve ser um ateu convicto. Para ele, “predestinação” não apenas tem a ver com a salvação (ou não), mas também com o cosmos e a história. “Inclui o que quer que aconteça no tempo e no espaço.”²¹ “O movimento de cada molécula, as ações de cada planta, a queda de cada estrela, as escolhas de cada criatura volitiva, tudo isso está sujeito à vontade soberana [de Deus]. Nenhuma molécula independente corre solta pelo universo fora do controle do Criador. Se uma dessas moléculas existisse, poderia ser a mosca crítica na sopa eterna.”²²

E quanto ao pecado e ao mal? Sproul tenta tirar Deus da enrascada como autor do pecado e do mal, distinguindo entre a “vontade determinante” de Deus e a “vontade permissiva” de Deus, mas ele também afirma que tudo o que Deus permite, tal como o pecado e o mal, Ele decreta para permitir. Assim como Edwards, Sproul acredita e ensina que até o pecado e o mal enquadram-se no plano e propósito de Deus e são desejados por Ele. Em que momento o livre-arbítrio encaixa-se nesse quadro? Segundo Sproul, também seguindo Edwards, não existe o livre-arbítrio indeterminado. O livre-arbítrio significa fazer o que você quer fazer e não ser forçado a fazer algo contra a sua vontade. Não significa

poder fazer de outra maneira o que você faz. Ele diz: “Há uma razão para cada escolha que fazemos. Estritamente falando, cada escolha que fazemos é determinada”.²³ Em última análise, Deus, a realidade todo-determinante, determina que as pessoas irão pecar, mas, de alguma forma, sem fazer com que pequem. Parece justo dizer que para Sproul, como para Agostinho, Zuínglio e Edwards (senão para Calvino também!), o pecado e o mal são tornados certos por Deus para um bem maior — a revelação completa da glória de Deus.

É importante dizer que Sproul não tem a intenção de fazer de Deus o autor do pecado e do mal. Ele afasta-se da admissão de Edwards de que, em certo sentido altamente qualificado, Deus é o autor do pecado e do mal. No entanto, a lógica de sua doutrina da soberania absoluta e abrangente de Deus leva inexoravelmente a essa direção. Não se pode culpar alguém por chamar sua visão de versão do determinismo divino, mesmo que ele não goste da terminologia.

John Piper é praticamente desconhecido para a maioria dos cristãos com mais de 40 anos, mas a maioria dos cristãos evangélicos entre 18 e 40 anos já deve ter lido um de seus livros, ouvido um de seus podcasts, visitado o seu site e, talvez, até tenha participado de uma conferência em que discursou. A cada ano, ele é o principal orador de um grande evento juvenil cristão chamado “Paixão”. Nos primeiros anos da segunda década do século XXI, o evento atrai cerca de 50 mil jovens cristãos, a maioria com menos de 26 anos. Não é exagero supor que centenas de milhares de jovens cristãos apaixonados estejam sob sua influência.

Piper não esconde a crença no que chamo de determinismo divino. Edwards é sua inspiração, e ele também não esconde isso. Típico de sua visão da soberania de Deus na providência é a resposta que deu aos ataques terroristas de 2001 em Nova York e Washington. Em 17 de setembro de 2001, poucos dias após os ataques, ele publicou um breve artigo em seu site intitulado “Por que não Digo ‘Deus Não Causou a Calamidade, mas Pode Usá-la para o Bem?’”. É um título complicado para um artigo muito simples e direto. A tônica do artigo é a crença comum de que “Deus, por sua própria natureza, não pode ou não agiria para ocasionar tal calamidade”. Sua resposta: “Essa visão de Deus é o que contradiz a Bíblia e prejudica a esperança”. Ele declarou: “Como Deus governa todos os acontecimentos do Universo sem pecar e sem tirar a responsabilidade do homem e com resultados compassivos, é realmente um mistério!”. Então, “mas é isso que a Bíblia ensina. Deus ‘faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade’”.²⁴

Piper é ousado em proclamar a absoluta soberania de Deus a ponto de pregar que, mesmo que uma bomba que libera material radioativo caísse sobre uma cidade, seria proveniente de Deus. Sempre que um desastre ou calamidade acontece, incluindo um que envolve pecado e sofrimento inocente, Piper corajosamente proclama que é “de Deus”. Ele não quer dizer que Deus diretamente fez com que os criminosos pecassem, sobretudo não contra suas vontades perversas. No entanto, mesmo suas vontades perversas estão sob o controle da soberania de Deus. Em nenhum lugar, Piper diz que Deus é o autor do pecado e do mal, mas é justo supor que ele concorda com Edwards.

Sproul e Piper acreditam, assim como Zuínglio, Calvino e Edwards, na dupla predestinação. Deus preordena quais indivíduos serão salvos e quais serão condenados. Todos merecem a condenação (mesmo que Deus tenha predestinado e tornado certo a Queda e todas as suas consequências, incluindo a pecaminosidade humana); logo, Deus é misericordioso ao mostrar misericórdia a algumas pessoas e salvá-las sem ajuda de suas vontades. Todos esses teólogos reformados creem na eleição incondicional e na graça irresistível.

Apenas alguns teólogos cristãos são suficientemente ousados para extrair a conclusão lógica dos teólogos reformados mencionados aqui: que Deus é o autor do pecado e do mal. Um notável é R. C. Sproul Jr., filho do teólogo mencionado anteriormente. Em seu livro *Almighty over All* [O Todo-Poderoso sobre Todos], de 1999, o jovem Sproul rompe com seu pai e declara que Deus é o criador do pecado e do mal. Então, como é que Deus não é pecador? Sproul Jr. segue Zuínglio ao explicar que Deus, sendo Deus, está acima de todas as leis e tudo o que Ele faz é automaticamente bom só porque é Ele que o faz. Isso é nominalismo e voluntarismo, como explicado anteriormente. Muitos teólogos reformados rejeitariam o relato de Sproul Jr. sobre a providência de Deus, preferindo o paradoxo: Deus designa, planeja e governa o pecado e o mal, mas não é o seu criador ou autor.

Por que o Determinismo Divino É Heresia (e o que Deve Ser Feito a Respeito)

Em minha opinião e na de muitos outros cristãos, fazer Deus o autor do pecado e

do mal é heresia. A maioria dos cristãos calvinistas reformados não se enquadra nisso. Eles têm o cuidado de manter distância entre Deus e o mal. Há uma diferença entre, por exemplo, a visão de Sproul pai e a visão de Sproul filho. Até onde vai a diferença é discutível, porque parece que a visão do filho é a “consequência boa e necessária” da visão do pai. Contudo, é importante não atribuir conclusões às pessoas que negam expressamente acreditar.

A maioria dos cristãos ao longo da história traçou uma linha entre o determinismo divino simples e comum e o ensino de que Deus é o autor do pecado e do mal, sendo que este é considerado heresia e aquele não. Para muitos cristãos, incluindo alguns reformados, Sproul Jr. cruzou a linha da heresia naquele único ponto. Isso não faz dele um herege, pois dependeria de seu contexto eclesial — sua comunidade de fé e seus padrões doutrinários. No entanto, é necessário perguntar qual é exatamente a diferença entre o determinismo divino comum e a declaração que Deus é o autor (ou criador) do pecado e do mal. Se Deus sendo o autor e criador do pecado e do mal é a consequência boa e necessária do determinismo divino, então essa sombra não cai sobre o próprio determinismo divino?

Uma pessoa que pensava assim, pelo menos parte do tempo, foi o evangelista-fundador metodista John Wesley, que atacou cruelmente o determinismo divino em um ensaio intitulado “Predestinação Considerada Calmamente”. Wesley assumiu um aspecto particular do determinismo divino, qual seja, a doutrina da “reprovação”: que somente Deus decide quem será condenado ao Inferno. Essa, argumenta ele, é a consequência natural da eleição incondicional, que Deus escolhe salvar alguns sem levar em consideração a livre decisão deles de arrepender-se, crer e “passar por cima” de outros, deixando-os à “merecida condenação”. A “predestinação única” exige logicamente a “dupla predestinação” e, por conseguinte, a doutrina da reprovação. Claro que Wesley sabia muito bem que, se essa doutrina pudesse ser provada errada, todo o determinismo divino cairia com ela.

Wesley apelou para a natureza de Deus como o amor e a bondade de Deus para refutar a reprovação e, portanto, Deus preordenar o pecado e o mal. Referindo-se à pessoa que Deus “passa por cima” segundo o determinismo divino, Wesley perguntou:

Agora, peço que você considere com calma, como Deus é bom ou amoroso com esse homem? Não é esse amor que faz o seu sangue gelar? Que faz tinir os ouvidos daquele que ouve? [...] Você consegue imaginar que o Deus amoroso e misericordioso sempre agiu assim com qualquer alma que Ele criou? Mas você tem de acreditar nisso [isto é, que ele foi feito por Deus para condenação], se você crê na eleição incondicional.²⁵

Alguém poderia colocar o “determinismo divino” na “eleição incondicional”, e o argumento de Wesley funcionaria contra esse ponto de vista mais amplo do qual a eleição incondicional é apenas uma parte.

O Deus do determinismo divino tem de ser o autor do pecado e do mal, como Edwards admitiu (sejam quais forem as qualificações). A única proteção contra isso é a mera negação. Parece, então, que todas as formas de determinismo divino estão à beira da heresia e que só chamar Deus de autor do pecado e do mal já é uma completa heresia. É isso? Bem, é algo para as igrejas e indivíduos decidirem. Eu acho que é. Muitos outros pensam assim também. O Segundo Concílio de Orange de 529 pensava assim!

O que deve ser feito sobre o determinismo divino? Isso depende das denominações, congregações e indivíduos. Eu, por exemplo, não frequentaria uma igreja (exceto para visitar) que acreditasse ou ensinasse o determinismo divino, porque isso prejudica o bom caráter de Deus conforme revelado em Jesus Cristo. Por que Jesus chorou sobre Jerusalém por rejeitar a Ele e aos profetas se Deus, incluindo o próprio Jesus, predeterminara-o para um bem maior? O que Jesus quis dizer ao declarar que só Deus é “bom”? O que significa “bom” se inclui a autoria do pecado e do mal ou até projetar, ordenar e governá-los (torná-los certos)? Em que sentido Deus é bom se o Inferno e todos os seus ocupantes fazem parte do desígnio de Deus — a vontade e o decreto de Deus?

As congregações e denominações cristãs devem erradicar o determinismo divino, sobretudo a visão de que Deus é o autor do pecado e do mal e, talvez, também a visão de que Deus os projetou, ordenou e governa.

Deixando mais Claro

1. A palavra pecado tem significados diferentes na Bíblia. Consulte um dicionário bíblico e analise os vários significados. Depois, use uma concordância para encontrar os lugares na Bíblia em que a palavra é usada. Você crê que Deus é o autor do pecado?

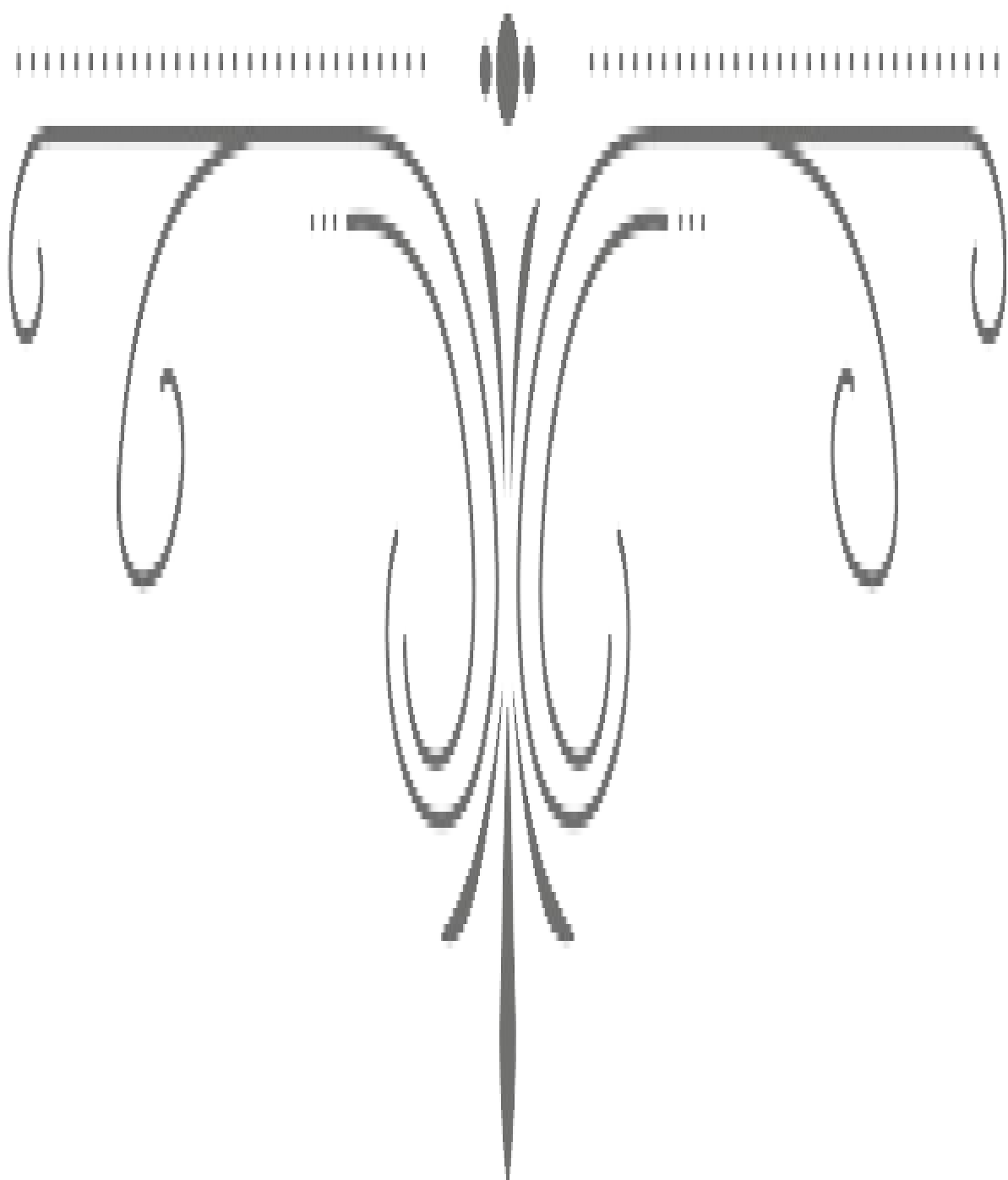
2. Ao longo da História da Igreja, as pessoas têm tentado entender por que coisas más acontecem, sobretudo, para pessoas boas. Em sua opinião, atribuir o mal e o pecado a Deus ajuda a resolver o problema?

3. Se Deus é amor e o amor de Deus é firme e bondoso, como Deus também pode causar ou permitir o mal? Você vê uma diferença entre “causar” e “permitir” o mal?

4. Como a “dupla predestinação” encaixa-se na graça de Deus? Alguém está fora do âmbito da graça ou da ajuda de Deus?

Capítulo 9

Reduzindo Deus a um Tamanho Gerenciável: O Deísmo Terapêutico Moralista



O Problema da “Religião Popular”

Nem tudo o que merece o epíteto heresia aparece na forma de teologia intelectual ou acadêmica. Às vezes, como nas ideias consideradas neste e no capítulo final, a heresia empina sua cabeça feia na forma do que os sociólogos da religião chamam de “religião popular”. De acordo com o sociólogo da religião Robert Ellwood, todas as religiões passam por ciclos, cujo último estágio é a religião popular caracterizada pela perda da tradição e do engajamento intelectual com a cultura e a regressão da religião à espiritualidade individualista e privatizada, que prospera em clichês, crenças, sentimentos e experiências populares. Talvez seja a isso que os sociólogos Christian Smith e Melinda Denton refiram-se na surpreendente conclusão que chegaram com base no maciço Estudo Nacional da Juventude e Religião de 2003–2005, que

chegamos com certa confiança a acreditar que parte significativa do cristianismo nos Estados Unidos é, na verdade, apenas tenuamente cristã, em qualquer sentido que esteja seriamente conectado à verdadeira tradição histórica cristã. [...] Não é tanto que o cristianismo dos Estados Unidos esteja sendo secularizado. Pelo contrário e mais sutilmente, o cristianismo está degenerando em uma versão patética de si mesmo ou [...] o cristianismo está sendo ativamente colonizado e substituído por uma fé religiosa bastante diferente.¹

A teóloga prática Kenda Creasy Dean pega a frase “quase cristã” de John Wesley para descrever essa condição. Muitos observadores e comentadores do cristianismo americano contemporâneo concordam com ela, Smith e Denton, de que enormes amostras do cristianismo americano estão caindo em uma religião popular que eles chamam de deísmo terapêutico moralista (DTM), que é, na melhor das hipóteses, um reflexo fraco e um eco débil do cristianismo real, robusto, bíblico e histórico. O problema é que as pessoas que adotam o deísmo terapêutico moralista — que, em sua maioria, mas não exclusivamente, são jovens — acham que isso é o cristianismo.

Este capítulo irá focar o deísmo em geral e suas expressões vivas no cristianismo contemporâneo. O deísmo terapêutico moralista é apenas uma versão, e alguns deístas alertam que o deísmo terapêutico moralista não é autenticamente deísta. A palavra deísmo assumiu um alcance semântico muito mais amplo do que existia no século XVIII, quando Thomas Jefferson incorporou-a. A tese deste capítulo é dupla: (1) o deísmo é heresia e (2) ainda está muito bem vivo e é opção atraente para muitos cristãos. O próximo e último capítulo irá concentrar-se em uma heresia florescente no cristianismo popular norte-americano, quase oposta ao deísmo, chamada de evangelho da prosperidade (EP), enraizado no movimento do Novo Pensamento do século XIX.

Tanto o deísmo contemporâneo, especialmente o deísmo terapêutico moralista, quanto o evangelho da prosperidade tornaram-se religiões populares americanas amplamente confundidas com o cristianismo. Muitos cristãos devotos adotam um ou outro como principal sistema de crenças teológicas, sem a consciência de que são alternativas ao cristianismo bíblico e ortodoxo. São heresias apenas no sentido informal de que contrastam tão fortemente com o Evangelho de Jesus Cristo e com o cristianismo histórico e ortodoxo, que dificilmente são reconhecidos como cristãos. Nenhum deles existia no cristianismo antigo; ambos são influenciados por impulsos e movimentos modernos, culturais, filosóficos e religiosos que se infiltraram nos círculos cristãos quase imperceptivelmente. No entanto, qualquer pessoa com conhecimento sobre o cristianismo antigo ou reformador sabe quão fortemente todos os principais líderes do cristianismo ecumênico do passado teriam reagido contra eles.

Para entender o deísmo terapêutico moralista e o evangelho da prosperidade, é importante saber o que é “religião popular”. A religião popular é para a religião o que a medicina popular é para a ciência da medicina e o que a psicologia popular é para a ciência da psicologia. A medicina popular são crenças populares sobre a origem das doenças e do bem-estar que podem ter certo apoio científico, mas, em geral, não têm base racional. Não significa que suas “curas” nunca funcionem! Mas é preciso dizer que, na medida em que evita a medicina moderna em favor dos remédios populares tradicionais, é mais provável que faça mal do que bem. Um exemplo óbvio é o velho ditado “uma maçã por dia mantém o médico longe”. Ninguém nega que comer maçã faz bem, mas a ciência moderna prova que o ditado não é confiável. As maçãs não são uma panaceia, como está implícito. A psicologia popular diz coisas como “a felicidade é uma escolha”. Embora possa haver uma semente de verdade nisso, qualquer pessoa que sofra de depressão causada por desequilíbrio químico do

cérebro sabe que o ditado não é toda a verdade e pode ser muito prejudicial quando lhe é dito.

A religião popular substitui a tradição, a ortodoxia, a erudição, a investigação, a hermenêutica bíblica e a teologia por crenças baseadas no consolo e empolgação ou satisfação espiritual. Prospera em clichês que cabem em adesivos como “não se preocupe; Deus está no controle” e “em caso de arrebatamento, este carro não terá motorista”. Especializa-se em “lendas urbanas religiosas” inverificáveis que apenas pessoas ingênuas acreditam, como os cientistas que fizeram um buraco na crosta terrestre até ao “Inferno” e ouviram os gritos dos condenados. Substitui os ensinamentos bíblicos e teológicos sobre a vida após a morte por “testemunhos” de experiências de quase-morte ou morte em livros e filmes. A religião popular é resistente ao exame e ao pensamento crítico e tende a ser relativista, baseando-se em resultados e, principalmente, em bons sentimentos.

A religião popular é para a religião histórica o que a astrologia é para a astronomia. Valoriza a fé cega, a crença não examinada, a religião que “funciona” em termos de ajudar as pessoas a lidar com as dificuldades da vida sem a tradição e a comunidade.

Nem toda religião folclórica é totalmente errada ou herética, mas é um canteiro fértil no qual a heresia pode crescer e florescer. A religião popular separa a religião da vida pública e também a reduz a um mecanismo de defesa para indivíduos apanhados nas complexidades da vida. Quando uma grande religião mundial como o cristianismo é reduzida a uma religião popular, perde sua capacidade de influenciar a vida pública e comunitária.

O Deísmo Terapêutico Moralista

De acordo com Smith, Denton, Dean e vários outros observadores da cultura religiosa americana contemporânea, algo chamado deísmo terapêutico moralista é a alternativa preferida às tradições religiosas históricas, incluindo o cristianismo clássico. Seu tema principal é “a felicidade pessoal divinamente subscrita e a gentileza interpessoal”.² O deísmo terapêutico moralista, dizem, “está suplantando o cristianismo como a religião dominante nos Estados

Unidos”.³ Se isso for verdade, e muitos observadores astutos da vida religiosa americana concordam que é, é surpreendente e digna de preocupação e reação de pastores e líderes leigos cristãos.

O que é deísmo terapêutico moralista? Existem várias descrições, mas como Smith e Denton são seus “descobridores”, seguirei a descrição dada por eles (assim como Dean). O deísmo terapêutico moralista tem cinco “crenças orientadoras”:

(1) Existe um deus que criou e ordena o mundo e vigia a vida na terra. (2) Deus quer que as pessoas sejam boas, amáveis e justas umas com as outras, conforme ensinado na Bíblia e pela maioria das religiões do mundo. (3) O objetivo central da vida é ser feliz e sentir-se bem consigo mesmo. (4) Deus não está envolvido em minha vida, exceto quando eu preciso que Deus resolva um problema. E (5) as pessoas boas vão para o céu quando morrem.⁴

É reconhecidamente um esboço esquelético e austero do “mero deísmo terapêutico moralista”. Vários pontos podem ser adicionados. Por exemplo, as pessoas que adotam o deísmo terapêutico moralista acreditam que Deus pune as pessoas que não são gentis e boas, mas perdoa a todos que têm boas intenções e lamentam seus erros. Muitos crentes no deísmo terapêutico moralista inserem Jesus no deísmo terapêutico moralista como a revelação das expectativas, bondade e amor de Deus.

Penso que temos de distinguir entre dois tipos de deísmo terapêutico moralista na religião contemporânea. O primeiro é uma versão não cristã que só inclui explicitamente Jesus Cristo como alguém que é o fundador da religião cristã e, talvez, um profeta religioso. O segundo é uma versão cristã encontrada entre os jovens (que agora estão envelhecendo e tendo famílias) criados em todos os tipos de igrejas cristãs. É versão explicitamente cristã no sentido de incluir Jesus Cristo como a revelação perfeita da vontade e do amor perdoador de Deus e como o amigo que sempre está “presente” para dar consolo e segurança. Mas as duas versões sobrepõem-se bastante. Em ambas, por exemplo, Deus não intervém diretamente ou se envolve na vida pessoal e individual, exceto quando a pessoa tem um problema que somente Ele pode resolver. Portanto, o papel de

Deus é, principalmente, dar orientação, força e consolo.

O deísmo terapêutico moralista é apoiado e expresso em muitas músicas populares com temas religiosos. A versão extremamente popular de 1990 de Bette Midler da música “From a Distance [God Is Watching Us]” (De Longe [Deus Está nos Observando])” expressou e reforçou a visão deísta que muitas pessoas têm de Deus. A popular música gospel country “It’s me Again, Lord”, da devota compositora cristã Dottie Rambo, parece apoiar a ideia de que Deus está “presente” para nós quando temos um problema que não podemos resolver sozinhos.

As origens exatas do deísmo terapêutico moralista são difíceis de determinar e definir. O principal ingrediente é o deísmo — uma religião não organizada, desenvolvida e aceita por “pensadores livres” religiosos do Iluminismo na Alemanha, França e Grã-Bretanha, especialmente no século XVIII. É o que examinarei agora.

O Deísmo como Movimento Histórico

Deísmo é o termo usado para designar um sistema de crenças filosófico-religiosas que surgiu sem qualquer ajuda organizacional em resposta ao Iluminismo na Europa. O Iluminismo foi a revolução cultural lançada pelos intelectuais europeus, que se revoltaram contra a autoridade da tradição e buscaram novos caminhos para o conhecimento somente pela razão. As guerras religiosas imediatamente após a Reforma deram forte impulso ao Iluminismo. Durante a primeira metade do século XVII, protestantes e católicos massacraram-se em grande parte da Europa. Muitas elites intelectuais da Europa buscaram na razão universal um novo fundamento para a religião e a política. Os primórdios da ciência moderna estavam mostrando o caminho a seguir: o conhecimento do universo baseado na observação e na lógica, sem a revelação, a tradição e a fé.

Uma das primeiras pessoas a imitar a ciência na religião foi o lorde Herbert de Cherbury, que morreu em 1648, ano em que a Guerra dos Trinta Anos terminou na Alemanha e a Guerra Civil Inglesa entre os puritanos e o rei Carlos I estava

em plena atividade. Durante sua vida, o lorde Herbert procurou e acreditou ter encontrado uma “religião da razão”, que não dependia da revelação sobrenatural de Deus ou da autoridade da igreja. Muitos comentaristas aventam que o que o levou a inventar o que mais tarde ficou conhecido como deísmo foi seu desejo de trazer a paz para a Grã-Bretanha e a Europa, substituindo a “religião sectária” por uma religião mínima, com a qual todas as pessoas razoáveis pudessem concordar.

O lorde Herbert postulou que toda religião poderia ser resumida em cinco “noções comuns”: (1) que existe uma divindade suprema; (2) que a divindade deve ser adorada; (3) que a virtude combinada com a piedade é a parte principal da adoração divina; (4) que os homens devem arrepender-se de seus pecados e desviar-se deles; (5) que a recompensa e a punição decorrem da bondade e da justiça de Deus, tanto nesta vida como depois. As semelhanças entre essa explicação da religião e o deísmo terapêutico moralista são óbvias. Para ambos, Deus é bom e preocupa-se conosco, mas não está envolvido na vida humana, exceto que, segundo o lorde Herbert, Deus distribui punições e recompensas e, para o deísmo terapêutico moralista, Deus é nosso “solucionador de problemas” (sem definição ou descrição clara do que isso significa).

Não houve grande manifestação concernente à religião minimalista da razão do lorde Herbert, mas plantou uma semente que brotaria em movimento no século seguinte. Entre 1648 e princípios do século XVIII, quando o deísmo tornou-se um movimento, o Iluminismo nasceu e começou a mudar tudo na cultura europeia e, por fim, no mundo inteiro. Em uma frase, era a “Idade da Razão”, com nova ênfase no conhecimento apenas pela evidência e lógica, deixando de lado a revelação, a tradição e a fé. Claro que muitas pessoas apegaram-se à revelação, tradição e fé, mas, como nunca antes, as elites culturais, os movedores e agitadores da cultura deram as costas às autoridades tradicionais e procuraram apenas na razão as novas respostas às perguntas perenes. Um exemplo óbvio foi a morte do governo pelo “direito divino dos reis” e o nascimento da “teoria do contrato social” do governo. Este foi e é a abordagem da “lei natural” para quem deve governar e como. As pessoas dão a certos indivíduos entre eles o direito de governar e as pessoas têm o direito de tirar esse direito. Era um pensamento revolucionário na política.

Uma maneira de entender o Iluminismo, incluindo a revolução científica, é pensar na busca racional pelas leis naturais que governam tudo. Isaac Newton descobriu a gravidade e outras leis naturais da física. As pessoas do Iluminismo

procuraram leis naturais que explicassem todos os fenômenos. Por fim, a religião foi sujeita à explicação racional e natural. O deísmo foi o movimento religioso do século XVIII, que envolveu alguns cristãos e outros não cristãos, chamado “religião natural”. A ideia, semelhante à do lorde Herbert muito antes, foi estabelecer uma religião baseada unicamente na razão natural, sem apelo a algo sobrenatural e sem conceder autoridade especial aos cargos, doutrinas ou livros religiosos tradicionais.

A primeira publicação importante do movimento foi o livro de John Toland, de 1696, intitulado *Christianity not Mysterious* (Cristianismo não Misterioso), cujo subtítulo era: “Mostrando que não há nada no evangelho contrário à razão nem acima dela e que nenhuma doutrina cristã pode ser propriamente chamada de mistério”. Embora tenha sido publicado em fins do século XVII, é em espírito um livro do século XVIII. Toland foi cauteloso. Ele não negou abertamente os milagres ou o elemento sobrenatural ou qualquer doutrina da fé cristã protegida pelas leis de blasfêmia britânicas. (Em 1696, era delito penal na Grã-Bretanha negar uma doutrina padrão da ortodoxia inglesa, os ensinamentos da Igreja Anglicana.) Contudo, argumentou que até a revelação divina deve ser julgada pela razão e que qualquer doutrina que fosse, em última análise e decididamente misteriosa, incapaz de explicação racional, não poderia ser essencial para a verdadeira religião — incluindo o cristianismo.

Os leitores cristãos conservadores entenderam a trajetória de Toland e aonde seus ensinamentos levariam — à dissolução da ortodoxia cristã. Seu ataque aberto foi apenas contra as doutrinas católicas, como a “transubstanciação” (crença de que, na missa católica, o pão e o vinho tornam-se realmente o corpo e o sangue de Cristo), alvos seguros na Inglaterra anglicana. No entanto, confiou que os leitores extrapolariam seus argumentos contra eles para chegar às doutrinas “misteriosas”, como a Trindade e a encarnação. É muito provável que ele também não acreditasse nelas. A maioria dos leitores entendeu que Toland estava implicando que a verdadeira religião não inclui nada que seja sobrenatural.

Seu livro foi queimado publicamente pelo carrasco da cidade em Dublin, a capital da terra natal irlandesa de Toland (que fazia parte do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda). Membros do parlamento irlandês pediram que ele fosse queimado na fogueira. A Inglaterra foi mais tolerante e permitiu que ele vivesse e escrevesse, mas teve muita dificuldade em encontrar uma universidade que lhe permitisse ensinar.

O livro de Toland é considerado o anúncio estridente da nova religião da pura razão que viria. Um dos mitos sobre o deísmo ensinado nas escolas e faculdades é que o deus do deísmo é distante, remoto e não está envolvido nos assuntos da terra. O deus do deísmo é descrito como um “senhorio ausente” do mundo, ou como um relojoeiro da natureza que criou a ela e suas leis, mas estabeleceu-a e nunca interferiu. Há verdade na ideia da não interferência, mas Toland considerava-se “panteísta”, alguém que acredita na identidade da natureza e de Deus. Seu Deus não era remoto, distante ou não envolvido, mas também não tinha o hábito de interferir na maneira como o mundo gira. E “gira” de acordo com as leis naturais que não podem ser violadas nem por Deus. Toland não disse isso (pois dizê-lo significaria ser preso), mas os estudiosos acreditam que era essa sua ideia de Deus e do mundo. Portanto, o ensino popular sobre o deus do deísmo baseia-se no estereótipo baseado em um equívoco parcial.

Outro estudioso britânico foi mais longe do que Toland. Em 1730, Matthew Tindal escreveu *Christianity as Old as the Creation; or, the Gospel a Republication of the Religion of Nature* [O Cristianismo tão Antigo quanto a Criação; ou, o Evangelho, uma Republicação da Religião da Natureza]. Alguns apelidaram o livro de a verdadeira “Bíblia” do deísmo, mas Tindal extraiu as implicações do trabalho anterior de Toland. Tanto Toland quanto Tindal redefiniram o “cristianismo”. Para Tindal, o cristianismo não é um conjunto de verdades reveladas sobrenaturalmente que envolve milagres e não contém nenhuma crença superracional. São, como o título do livro dá a entender, as crenças universais de todas as pessoas racionais de todos os lugares: sobre Deus, a alma, o certo e o errado, a vida após a morte. É o que é comum a todas as grandes religiões do mundo, acreditava Tindal. Basicamente, Tindal reduziu o cristianismo ao que poderíamos chamar de monoteísmo ético, que é a crença em um Deus pessoal que criou e governa o mundo e que é mais bem adorado ao viver uma vida boa de acordo com a ética da lei natural, qual seja, o conhecimento intuitivo do certo e do errado.

Havia outros deístas além de Tindal e Toland. Um deísta francês, que preferiu chamar seu sistema de crenças de “teísmo”, era o pensador livre, dramaturgo e ensaísta Voltaire, que gostava de ridicularizar a Igreja Católica e tudo o que estava associado ao cristianismo ortodoxo. Ele cria em Deus, mas não achava possível saber muito sobre Ele. Para Voltaire, a verdadeira adoração é viver uma vida ética de acordo com a razão. Voltaire (m. 1778) chegou a criar uma igreja própria, que possuía apenas uma congregação e nenhum padre ou pastor. Alegou “adorar a Deus”, mas o seu deus não era o Deus do cristianismo ortodoxo

tradicional, mas o arquiteto do mundo, seu supremo governador moral e o recompensador dos que vivem de acordo com a razão.

Talvez o mais conhecido de todos os deístas tenha sido Thomas Jefferson, o terceiro presidente dos Estados Unidos. Ele ficou tão impressionado com Toland, Tindal, Voltaire e outros “pensadores livres” que criou sua própria versão da Bíblia, conhecida popularmente como “Bíblia de Jefferson”. O título que ele deu foi A Vida e a Moral de Jesus de Nazaré. Só foi publicada em 1820, muito tempo depois que ele deixou a Casa Branca. Jefferson cortou do Novo Testamento (sua “Bíblia” é formada apenas de partes disso) tudo o que considerava contrário à razão e à moralidade natural e incluiu o que considerava os ensinamentos atemporais e racionais de Jesus. Tudo que fosse milagroso e sobrenatural foi extirpado. Jefferson não se filiou à Igreja Unitarista, então relativamente nova, como muitos deístas fizeram. Permaneceu nominalmente membro da Igreja Episcopal, mas descreveu-a para um amigo como “uma seita sozinha”. Muitos estudiosos estimam que Jefferson era um deísta que admirava muito Jesus e considerava-se cristão, mesmo que fosse o único de sua espécie.

Como ocorre em todos os grandes movimentos, o deísmo acabou “produzindo sementes”, pois foi vulgarizado por popularizadores como Thomas Paine e Ethan Allen, o heroico líder revolucionário dos “Meninos da Montanha Verde”. Ambos tornaram-se escritores populares de folhetos virulentos que atacavam o cristianismo e promoviam versões próprias do deísmo. É deles a versão deísta ensinada e criticada nas igrejas cristãs ortodoxas. O presidente Theodore Roosevelt referiu-se a Paine como “aquele pequeno ateu imundo”.⁵ Também como ocorre com a maioria dos movimentos, o deísmo desapareceu, mas infiltrou-se na estrutura da cultura americana. Elementos deístas pipocam em lugares imprevisíveis e inesperados.

Influências Sutis do Deísmo na Cultura Americana

Se você pesquisar no Google a palavra deísmo, numerosos sites que o promovem aparecerão. Contudo, não há uma grande religião ou denominação organizada de deístas. O que vemos são elementos do deísmo espalhados por toda a cultura americana. Tornou-se característica permanente da religião

popular americana. Certa vez, li em um jornal o perfil de um professor de ciências de uma universidade cristã. Autodenominava-se metodista, mas chamava sua religião pessoal de deísmo. Muitos intelectuais adotam o deísmo, adaptando-o às suas necessidades espirituais, como religião pessoal. Assim como o cientista cristão da universidade anteriormente mencionado, eles podem ser membros de uma igreja que não é oficialmente deísta. O que os atrai ao deísmo, ao que parece, é a crença em Deus combinada com a crença em um universo governado por leis naturais inflexíveis. Eles não veem nenhuma maneira de combinar a ciência moderna com a crença em milagres. O que fizeram, como muitos filósofos cristãos destacaram, é confundir ciência com naturalismo, a crença de que a natureza é tudo o que existe e que a natureza é uma rede fechada de causas e efeitos descrita matematicamente exaustiva. No entanto, diferentemente dos “naturalistas puros”, eles não querem deixar de crer em Deus. Não são ateus. São, para usar a linguagem de Søren Kierkegaard, “quase cristãos”. Consideram-se totalmente cristãos, porque creem que Jesus é a revelação mais perfeita da vontade de Deus para o comportamento humano.

Outra manifestação do deísmo na cultura é o que os sociólogos chamam de “religião civil”, a crença em Deus como garantidor dos direitos dos indivíduos e das regras que governam a política constitucional americana. Para muitos americanos, “Em Deus Confiamos” é uma expressão do deísmo. Para eles, Deus estabeleceu as verdades nas quais a lei americana baseia-se. Por exemplo, a “Declaração de Independência Americana”, escrita principalmente por Jefferson, diz que todas as pessoas são dotadas por Deus de “direitos inalienáveis”. Jefferson estava combinando o deísmo com a teoria do contrato social para justificar a revolta americana contra a Grã-Bretanha. Mas a religião civil não vai mais longe; ela para no limiar de Jesus e da ortodoxia e adoração cristã. O “deus” da religião civil pode estar sobreposto na mente das pessoas com o simbolismo e até as doutrinas cristãs, mas, em espaços públicos, essa divindade é o “Todo-Poderoso”, a “Providência” e/ou o “Criador”. Ele é um “deus não batizado”, despojado e desprovido de identidade “sectária”.

O deísmo aparece na religião popular sempre que as pessoas creem em um criador e governador moral do Universo que não está envolvido na vida diária, mas, ainda assim, importa-se o suficiente para ajudar (por exemplo, com força para suportar os problemas), castiga os verdadeiramente perversos (por exemplo, Hitler) e perdoa todos os que se arrependem de seus pecados. Poucos que pensam em Deus dessa maneira chamariam sua religião de deísta; a maioria considera-se cristã. Mas o deus deles está longe de ser o Deus da Bíblia

apaixonado, intimamente envolvido, interveniente e relacional que morreu na cruz, ressuscitou dos mortos e, às vezes, ressuscita os mortos (e que, no fim, ressuscitará todos os mortos!).

Os resultados do Estudo Nacional da Juventude e Religião feito por Smith e Denton foram chocantes para muitos líderes cristãos que presumiram que os jovens americanos, sobretudo os criados na igreja, eram principalmente cristãos, mesmo que algumas vezes confusos sobre o seu cristianismo. Kenda Creasy Dean, estudiosa amplamente respeitada da cultura jovem e professora do Seminário Teológico de Princeton, jogou uma bomba sobre o cristianismo americano com seu livro *Almost Cristian* [Quase Cristão], que interpretou os resultados do Estudo Nacional. Para ela, o deísmo terapêutico moralista é o resultado natural de “dois séculos e meio de [igrejas] convivendo com o ‘sonho americano’”.⁶ Sua conclusão desafiadora é:

As igrejas aperfeiçoaram uma codependência arriscada entre o individualismo terapêutico orientado ao consumidor e o pragmatismo religioso. Esses substitutos teológicos moem, como os cupins, nossa identidade como Corpo de Cristo, corroendo nossa capacidade de reconhecer que a vida de Jesus de amor abnegado desafia diretamente o evangelho americano da autorrealização e da realização pessoal. Os jovens na cultura contemporânea prosperam seguindo o segundo. No entanto, a identidade cristã e a “coroa de regozijo”, que Wesley acreditava acompanhar a consequente fé nascida do desejo de amar a Deus e ao próximo, requer o primeiro.⁷

Alguns descartam as conclusões de Dean qualificando-as do desespero do “galinho Chicken Little” e dizem que o céu não está caindo. Mesmo que o aviso que ela dá seja apenas parcialmente verdadeiro, merece consideração séria. Está o cristianismo americano acomodado a uma cultura que tem pouco ou nada a ver com o evangelho e o cristianismo bíblico, histórico e clássico? Transformou-se ele em um reflexo pálido disso? Em caso afirmativo, não é deísmo o seu nome?

Por que o Deísmo É Heresia

Praticamente todos os líderes cristãos do século XVIII reconheceram que o deísmo de Toland e Tindal é heresia. Por quê? O que há de errado com isso? Toda cultura adapta o cristianismo ao seu próprio contexto. O que fez com que o deísmo merecesse o epíteto de heresia?

Antes de tudo, se é heresia, é um tipo estranho de heresia, porque não há clara e distinta negação da ortodoxia cristã objetivando uma doutrina particular da fé. Antes, da perspectiva fundamentada no cristianismo ortodoxo de qualquer tradição denominacional, o deísmo é uma religião totalmente alternativa. Poderíamos chamar o budismo de heresia? A linguagem é problemática. Os movedores e agitadores do deísmo afirmaram que era cristianismo. Para muitos deístas posteriores, inclusive os contemporâneos, é sua versão do cristianismo. Eles não veem incompatibilidade entre sua versão e o evangelho. Apegam-se a Jesus como a “face humana de Deus”. Em outras palavras, para eles, Jesus era um homem que viveu a vida perfeita e, assim, revelou as expectativas morais de Deus para o restante de nós.

Em segundo lugar, se é heresia, é difícil identificar, porque tornou-se parte da distorção da cultura religiosa americana. Raramente aparece em alguma forma “pura”; aparece principalmente em certas atitudes, disposições e “crenças de emergência” sobre Deus e a salvação.

Eu chamaria alguém essencialmente de deísta, porque acredita que (1) Deus existe como Criador e governador moral do Universo, mas não está envolvido na vida cotidiana e nunca intervém de forma sobrenatural nos cursos da natureza e da história, e (2) religião diz respeito primariamente, senão exclusivamente, à moralidade, ou seja, a viver uma “boa vida” de ser gentil com os outros e fiel a si mesmo. O que há de errado com essa religião? Por que é heresia?

É heresia porque é “outro evangelho” que não encontramos no Novo Testamento. O evangelho do Novo Testamento, entendido dessa maneira por todos os ramos do cristianismo histórico e ortodoxo, não é que alcançamos a salvação vivendo uma boa vida moral, mas que somos pecadores que só podem ser salvos pela graça de Deus e que Deus atravessou o abismo que havia entre Ele e nós, causado por nosso pecado, para trazer-nos a salvação pela morte de Jesus Cristo na cruz e pela sua ressurreição. Em outras palavras, de acordo com Jesus, os apóstolos que escreveram o Novo Testamento, os Pais da Igreja, os

reformadores protestantes, os grandes evangelistas e mestres de todas as denominações do passado e os fiéis teólogos do presente, a verdadeira religião diz respeito ao pecado e à graça, e não a ser bom. Nas palavras de uma música cristã popular da década de 1980, gravada por Amy Grant, “ser bom” não é possível com nossas próprias forças, por isso temos de “deixar isso para o Senhor”.⁸

João Batista e Jesus exigiram arrependimento, e não ética melhor. Jesus condenou os fariseus e outros que pensavam que alcançavam o favor de Deus cumprindo as regras. Chamou as pessoas a crer e depender dEle. O apóstolo Paulo lutou fortemente contra judeus e cristãos que queriam que a verdadeira religião fosse questão de cumprir as regras. Enfatizou o arrependimento, nascendo de novo pelo poder do Espírito Santo e deixando Cristo viver neles pela fé definida como crença na cruz como ação de Deus para a nossa salvação.

Em 2008, o estudioso cristão e professor popular do autêntico cristianismo Mark Galli publicou um livro que serve como corretivo para a imagem de Cristo encontrada em muitas religiões folclóricas americanas, incluindo o deísmo terapêutico moralista. Galli, editor da revista *Cristianismo Hoje*, da edição americana, escreveu *Jesus Mean and Wild: The Unexpected Love of an Untamable God* [Jesus Mau e Louco: O Amor Inesperado de um Deus Indomável].⁹ Eugene Peterson, criador da popular Bíblia parafraseada *A Mensagem*, escreveu o prefácio do livro. De acordo com o livro e fiel à figura de Jesus que vemos nos evangelhos, Jesus não era “manso e humilde”, e Deus não é “domado”. Mais exatamente, Jesus exige crença nEle acima de todos os outros, confiança em sua misericórdia e até medo do seu julgamento. Deus é amoroso, mas não indulgente, e chama seu povo ao autossacrifício, e não à autorrealização ao verdadeiro consigo mesmo e ser gentil.

O deísmo, incluindo o deísmo terapêutico moralista, é uma heresia, porque distorce totalmente a imagem bíblica e ortodoxa de Deus, de nós mesmos e da salvação. Embora o evangelho console os aflitos, dê esperança e significado no meio do sofrimento, não se trata de sentir-se bem consigo mesmo (que é a parte “terapêutica” do deísmo terapêutico moralista) ou ser gentil ou ter um Deus com altas expectativas morais que nos garante sucesso na vida (salvação) se obedecermos às suas regras. O evangelho diz respeito a entrar no Reino de Deus crendo em Jesus Cristo como Salvador e Senhor de todos.

O deísmo é uma heresia porque nega os milagres. Obviamente, nem todos que

estão sob a influência do deísmo terapêutico moralista negam todos os milagres, mas o deísmo afasta-se da crença em milagres, de um Deus que intervém e vai em direção a um deus que está “nos observando de longe”. O único acontecimento na história da humanidade que (1) é essencial ao cristianismo e (2) não pode ser outra coisa senão um milagre é a ressurreição de Jesus Cristo. O apóstolo Paulo disse aos leitores de Corinto que, se Jesus não ressuscitou dos mortos, nós, cristãos, somos os mais dignos de pena, porque vivemos na esperança com base em uma mentira (1 Co 15.19). Alguns cristãos ignoram o milagre ou o negam como milagre, preferindo interpretá-lo naturalmente como o “aumento da fé no coração e na mente dos discípulos”. Em outras palavras, afirmam crer na “ressurreição” sem um túmulo vazio. Isso é impossível, dado o evangelho do Novo Testamento. Tudo depende do túmulo vazio.

Muitas pessoas modernas lutam com a ideia de milagres, mas negá-los é não acertar no objetivo do evangelho que está baseado na intervenção de Deus em Jesus Cristo, incluindo sua ressurreição. Mas também, se Deus existe e é o Criador de todos, então os milagres devem ser possíveis. Que tipo de Deus não pode intervir em sua própria criação? Que tipo de Deus nunca iria intervir? E pode um deus não interveniente ser o Deus da Bíblia? Os cristãos modernos pensam que a ciência é incompatível com a crença em milagres. Por conseguinte, para serem modernos e consistentes com a ciência, eles expurgam os milagres de seu cristianismo, em cujo caso ficam com uma versão deísta do cristianismo, ou seja, na melhor das hipóteses, com um reflexo pálido do cristianismo bíblico e ortodoxo. O que eles não percebem é que não cabe à ciência decidir se os milagres acontecem. A ciência estuda as regularidades da natureza, e não as irregularidades na natureza. Não se deve pensar que os milagres são como uma “violação” das leis da natureza de fora, mas que Deus, o autor e regulador da natureza, usa as leis da natureza de maneira diferente do habitual. O Deus do cristianismo tradicional não está mais “fora da natureza” do que está trancado nela. A natureza é uma das ferramentas de Deus, não uma força separada de Deus. Portanto, os milagres não são anticientíficos; são extracientíficos.

Por essas e outras razões, o deísmo é heresia. Reduz a imagem bíblica e cristã de Deus a algo tão pequeno, tão insignificante, tão banal que não é mais importante. Pode ser muito perigoso, na medida em que leva as pessoas a pensar que a salvação vem por esforço próprio, mesmo que Deus ajude um pouco (de alguma forma). É, na melhor das hipóteses, um reflexo pálido do cristianismo robusto e “espesso”. É, na melhor das hipóteses, o cristianismo que perdeu seu poder. É o

cristianismo negociado e acomodado — se é que é cristianismo.

Respondendo ao Deísmo (e ao Deísmo Terapêutico Moralista)

Os cristãos precisam redescobrir, sem ir longe demais ou a extremos, o Deus que está em questão, que ouve e responde às orações, que é amoroso, e justo, e que não pode ser capturado e domado. O grande teólogo H. Richard Niebuhr, de Yale, descreveu o deus inofensivo e culturalmente acomodado da teologia liberal, dizendo que, nessa teologia, “um Deus sem ira levou homens sem pecado para um reino sem julgamento através das ministrações de um Cristo sem cruz”.¹⁰ É descrição adequada do deísmo terapêutico moralista. As pessoas preocupam-se com o fato de que a menção à santidade, justiça e ira de Deus ou ao envolvimento na história e na vida fará com que entrem em uma religião profunda. Alguém alertou, com razão, que há um perigo maior do que pular em uma piscina funda e é pular em uma piscina rasa. O problema com o deísmo, incluindo o deísmo terapêutico moralista, é que é uma religião rasa.

Qual é o antídoto para o deísmo e o deísmo terapêutico moralista? Os líderes cristãos, inclusive os cristãos leigos preocupados nas igrejas, precisam reintroduzir uma “descrição espessa” do cristianismo — um cristianismo bíblico, histórico e clássico, sem fanatismo ou extremismo. Precisamos redescobrir o que o teólogo Karl Barth chamou de “o novo mundo estranho dentro da Bíblia”, que desafia valores e normas culturais e lembra-nos de que Deus criou-nos à sua imagem e semelhança e que devemos resistir a todos os impulsos cujo intuito é criar Deus segundo à nossa imagem. Barth escreveu:

Quando o evangelho é oferecido ao homem, e ele estende a mão para recebê-lo e toma-o nas mãos, surge o sério perigo que é maior que o perigo de ele não entender e rejeitá-lo com raiva. O perigo é que ele o aceite pacificamente e, ao mesmo tempo, torne-se seu senhor e possuidor, tornando-o inócuo, tornando aquilo que o escolhe algo que ele próprio escolheu, que, por conseguinte, fica como tal ao lado de todas as outras coisas que ele também pode escolher e, portanto, controlar. [...] Onde quer que o evangelho seja proclamado, [...] é

exposto imediatamente ao perigo da respeitabilidade.¹¹

Os cristãos precisam recuperar o senso da natureza contracultural do evangelho. O evangelho é ofensa ao senso comum e escândalo à razão comum. A única maneira de obtê-lo em sua realidade plena e verdadeira é investigar profundamente a Bíblia e a história cristã, estudando a Bíblia inteira — e não apenas passagens que apoiam nossos valores e desejos —, além de todas as grandes vozes do passado cristão, especialmente as que sofreram por nadar contra a corrente de suas culturas.

Outra ferramenta para superar a influência do deísmo é ouvir a voz dos cristãos de igrejas e movimentos cristãos não ocidentais. A prevalência do deísmo terapêutico moralista indica a necessidade de os cristãos americanos receber missionários de movimentos cristãos do sul global, onde o cristianismo prospera, e, por todas as opiniões, é evidente o envolvimento de Deus na vida cotidiana. Eles dizem-nos que nós, cristãos ocidentais e modernizados, tiramos Deus do centro de nossa vida e simplesmente o substituímos pela autorrealização individual, o sucesso, o orgulho nacional e o materialismo. Costumávamos enviar missionários para eles; agora talvez precisemos que eles enviem missionários para nós! Só eles podem mostrar de maneira vívida o modo pelo qual subvertemos o evangelho à nossa cultura e o diluímos ao que é um pálido reflexo de nós e de nossos desejos.

Durante os últimos anos do século XX e as primeiras décadas do século XXI, relatados no capítulo anterior, muitos jovens cristãos têm fugido do deísmo terapêutico moralista raso e culturalmente mercantilizado de grande parte do cristianismo americano em direção ao alto calvinismo e ao determinismo divino. Eles estão certos em buscar uma teologia cristã mais espessa, mais desafiadora e mais forte, verdadeiramente centrada em Deus e na qual Deus esteja diretamente envolvido nos assuntos das pessoas. Muitos outros estão correndo em direção a evangelistas televisivos pentecostais, “encontros de poder”, cristianismo da terceira onda, que se revela em supostos milagres. Estão fascinados com a “guerra espiritual” e a realidade das forças e poderes do mal que atuam no mundo. Ambos são reações à religião rasa exemplificada pelo deísmo terapêutico moralista. Ambos têm seus próprios problemas e é improvável que tragam um real avivamento do profundo cristianismo bíblico e histórico. Ambos tendem a atrair apenas certos tipos de pessoas. O que é necessário é que as

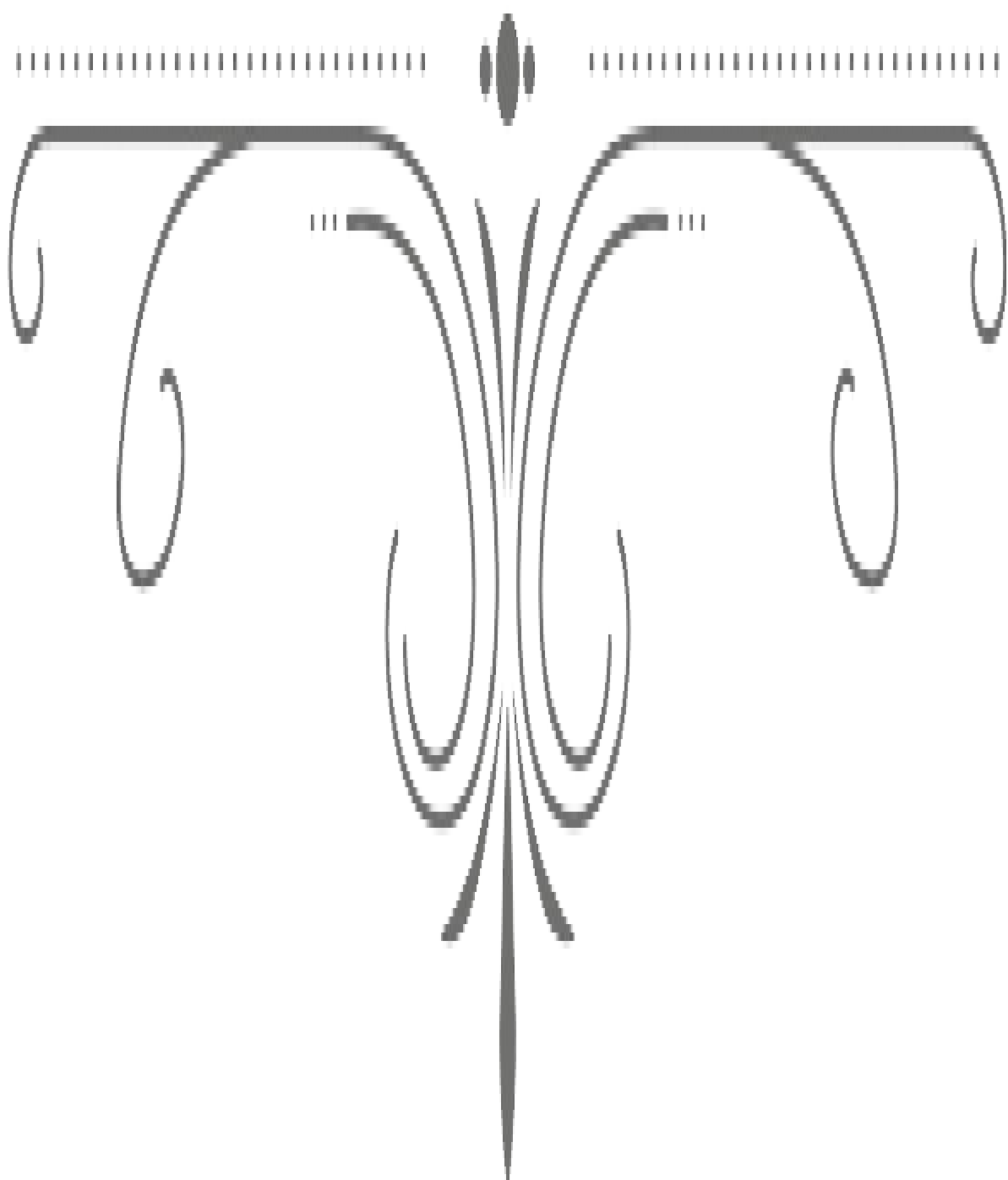
igrejas americanas de todos os tipos redescubram Deus por intermédio da Palavra de Deus rica e profundamente proclamada e aplicada na vida diária.

Deixando mais Claro

1. Leia e analise 1 Coríntios 15.12-19.
2. Compartilhe como Deus está envolvido em sua vida diária. Deus está envolvido? Deus deve envolver-se em suas decisões diárias, como, por exemplo, onde você estaciona o carro, como você se veste ou se você costuma chegar atrasado à igreja?
3. O que é religião civil? Onde você a vê na comunidade, na igreja e na nação?
4. Qual é a sua crença relacionada a milagres? Eles aconteceram na Bíblia? Você ou alguém que conhece experimentou um milagre? A ciência e os milagres são incompatíveis?
5. Como é que as pessoas contentam-se com um Deus fraco, pequeno e relativamente impotente quando podem experimentar o Deus da Bíblia? Pense nisto: De que tamanho é o seu Deus?

Capítulo 10

Usando Deus para Ganho Pessoal: O Evangelho da Prosperidade



A Heresia da Prosperidade da Fé Positiva

O capítulo anterior começou com a descrição da “religião popular”. Este capítulo lida com outra faceta da religião popular americana moderna, uma heresia que foi exportada dos Estados Unidos sobretudo para o sul global. Tem muitos nomes e facetas, mas muitos estudiosos da religião chamam-no de evangelho da saúde e riqueza e de evangelho da prosperidade (EP). Tem duas manifestações principais e muito diferentes: (1) um tipo de religião do pensamento positivo da Nova Era, fundamentada no movimento quase religioso do século XIX chamado Novo Pensamento, e (2) uma religião carismática e neopentecostal, apresentada por televangelistas que se deleitam em milagres. Superficialmente, as duas manifestações parecem radicalmente diferentes, mas compartilham muito em comum abaixo da superfície. Para ambas, Deus é um tipo de “máquina cósmica de venda automática” que tem de fornecer saúde e riqueza a todos os que possuem “fé positiva” expressa em palavras de fé, afirmações ou declarações faladas que criam a realidade por meio do poder divino. Ambas, sem perceber, tratam a oração como magia. Ambas negam a soberania de Deus e colocam o seu poder à disposição humana. Ambas elevam a saúde e a riqueza ao status de bens finais. Ambas afirmam ser cristãs ao mesmo tempo em que distorcem o cristianismo bíblico, histórico, clássico e ortodoxo a ponto de torná-lo irreconhecível.

A manifestação da Nova Era dessa heresia é promovida por vários gurus espirituais do pensamento positivo, que sofreram influência do movimento do século XIX conhecido como Novo Pensamento, o qual descreveremos mais adiante. Essa manifestação não é pentecostal ou carismática e, em geral, inclui a crença na reencarnação. Seu deus não é pessoal, transcendente ou santo, mas um poder impessoal residente em todas as coisas. A mente humana é capaz de explorar isso por intermédio do pensamento e discurso positivo. A manifestação neopentecostal dessa heresia também é influenciada pelo Novo Pensamento do século XIX, mas está misturada com o pentecostalismo do século XX e com a espiritualidade carismática, além de estar fortemente influenciada pelo movimento de “cura divina” do revivalismo cristão dos séculos XIX e XX. Está mais perto do cristianismo ortodoxo, mas leva-o a uma direção muito diferente

por meio da ênfase que dá em Deus como garantidor da saúde e da riqueza.

Vejo evidências dessa heresia em toda parte. Certo dia, vi um outdoor perto da minha casa que dizia: “Sempre rico, nunca pobre. Sempre saudável, nunca doente: Com garantia!”. Era o anúncio de uma nova igreja que chegava ao meu bairro. Procurei seu site e reconheci imediatamente que fazia parte do “ministério” do Movimento Palavra de Fé, que é um grupo de igrejas e ministérios de avivamento neopentecostal e carismático com base no evangelho da prosperidade. Conheço bem essa manifestação do evangelho da prosperidade, porque ensinei teologia por dois anos em uma universidade cristã administrada por ela. O fundador da universidade, um evangelista neopentecostal de curas, estava deixando-se influenciar pelo evangelho da prosperidade enquanto eu ensinava lá, e muitos evangelistas e ministros do evangelho da prosperidade pregaram na capela. Muitos de meus alunos vieram transferidos de um instituto bíblico na mesma cidade fundado por um evangelista e escritor pentecostal do evangelho da prosperidade. Vários membros dos regentes da universidade eram evangelistas do evangelho da prosperidade.

Um dia, na capela, um conhecido pastor, televangelista e escritor pentecostal afro-americano do evangelho da prosperidade pregou sobre a “promessa” de Deus recompensar a fé positiva, falada em palavras que “reivindicam” riqueza e saúde, para dar prosperidade e bem-estar físico aos crentes. Ele gritou: “Você não pode ser testemunha de Jesus sentado em uma cadeira de rodas!”. Vários dos quatro mil alunos na capela estavam em cadeiras de rodas. Uma atmosfera sombria abateu-se na congregação, e o evangelista percebeu que sua mensagem não estava sendo bem recebida por todos. Olhou para a reunião e perguntou: “Então, não estou certo?”. Um professor de teologia levantou-se e gritou: “Não!”. A capela irrompeu em murmúrios e resmungos de confusão e consternação.

Por causa do lugar onde eu ensinava e da forte presença do ensino neopentecostal de evangelho da prosperidade na região metropolitana, fiz questão de ler muitos livros a favor e contra a mensagem e teologia da Palavra de Fé. Concluí que é uma heresia por causa da ênfase dada em algo extrabíblico e estranho ao cristianismo clássico e histórico, bem como a sua imagem distorcida de Deus.

Ao longo dos anos e, desde então, nos últimos 25 anos, vi a mensagem do evangelho da prosperidade crescer e espalhar-se pelo sul global — América

Latina, Ásia e África. Quase todas as cidades de qualquer tamanho na América do Norte e nesses países têm igrejas dedicadas ao evangelho da prosperidade. Algumas são da variedade neopentecostal da Palavra de Fé, e outras são da variedade da Nova Era. Umas poucas combinam os recursos de ambas. Muitos “ministérios” televisivos promovem o evangelho da prosperidade. Alguns programas de entrevistas aparentemente seculares promovem sutilmente a versão da Nova Era. Inúmeros livros que abarrotam as prateleiras de até mesmo livrarias seculares promovem-no. Tornou-se tão difundida e influente que parece inevitável.

O evangelho da prosperidade vai além do mero “pensamento positivo” e alega que é possível obter saúde e riqueza “declarando e reivindicando” (como alguns defensores descrevem o processo). O poder que traz saúde e riqueza para a pessoa é de Deus, mas o meio de acessar o poder é do indivíduo. Na maioria das vezes, a técnica para acessar o poder de Deus para obter saúde e riqueza (“abundância”) é o uso de afirmações faladas, como “eu sou filho do rei [Deus] e tenho abundância perfeita. Tudo o que é de Deus é meu. Estou com saúde e sou rico”. Alguns evangelistas do evangelho da prosperidade ensinam os seguidores a “confrontar Deus com suas promessas” e a “reivindicar saúde e riqueza” como suas. Apenas ter pensamentos positivos não basta. Os defensores do evangelho da prosperidade ensinam que é preciso incluir a saúde e a riqueza. Falar positivamente atrairá abundância. Alguns chamam isso de “lei da atração”.

Por que o Evangelho da Prosperidade É Heresia

Diversas versões do evangelho da prosperidade tornaram-se tão comuns e estão tão difundidas que muitas pessoas consideram-nas parte integrante de sua espiritualidade, inclusive muitos cristãos. Igrejas inteiras especializam-se no evangelho da prosperidade e são conhecidas como Unidade (a versão da Nova Era do evangelho da prosperidade) ou Palavra de Fé (a versão neopentecostal/carismática). Contudo, numerosas igrejas independentes sem nome revelador são especializadas no evangelho da prosperidade. Então, por que chamar isso de heresia se é tão popular e generalizado? Claro que, como já argumentei ao longo deste livro, se algo é ou não heresia não pode ser decidido pela popularidade. O evangelho da prosperidade é heresia, porque pega um

pequeno aspecto da revelação bíblica, distorce-o, eleva-o para separar-se do evangelho e trata Deus como uma “máquina de venda automática” em vez de tratá-lo como o santo, transcendente e soberano Senhor da criação. Também oferece falsas esperanças às pessoas que enfrentam doença e pobreza e, no mínimo, implica que doença e pobreza são o resultado da falta de fé. Culpa as vítimas pela própria miséria em que vivem. Por fim, confunde oração com magia e fé com presunção.

Obviamente, como já observado, o evangelho da prosperidade tem muitas versões e graus de ênfase em saúde e riqueza. Aqui, foco apenas nos ministérios que tornam a saúde e a riqueza centrais ao próprio evangelho e ensinam que a “verdadeira fé”, dita da maneira correta, sempre traz saúde e riqueza de Deus, porque Ele quer que todo o seu povo seja perfeitamente saudável e financeiramente próspero, tendo prometido essas bênçãos como recompensa pela verdadeira fé “com garantia”.

Deus promete ao seu povo saúde e riqueza como recompensa pela verdadeira fé com garantia? Os mestres do evangelho da prosperidade concentram-se em alguns versículos da Bíblia como textos de prova de sua mensagem. Um deles é Jeremias 29.11: “Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que esperais”. Algumas traduções bíblicas, entre elas a Nova Versão Internacional (NVI), dizem “planos de fazê-los prosperar” no lugar de “pensamentos de paz”. O original hebraico não é claro; pode ser traduzido de várias maneiras. Os partidários do evangelho da prosperidade preferem “planos de fazê-los prosperar” e citam-no com frequência. Outro texto de prova usado pelos crentes do evangelho da prosperidade é Malaquias 3.10: “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, [...] e depois fazei prova de mim, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância”. Esse versículo é popular entre os defensores da “Semente de Fé”, que é uma extensão do evangelho da prosperidade que enfatiza dar dinheiro aos ministérios cristãos com a promessa de recompensa financeira.

Duas passagens do Novo Testamento são usadas pelos pregadores e mestres do evangelho da prosperidade para apoiar sua teologia. João 10.10 cita Jesus: “O ladrão não vem senão a roubar, a matar e a destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância”. Os promotores do evangelho da prosperidade interpretam a “vida com abundância” como a vida que inclui saúde perfeita e

prosperidade financeira. No livro de 3 João 2 está escrito: “Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma”. Uma tradução favorita do versículo entre os crentes do evangelho da prosperidade é “Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma” (ARA). Assim como acontece com Jeremias 29.11, o original grego de 3 João 2 não requer a tradução “prosperidade” e não exige nenhuma referência à prosperidade financeira.

Todo o evangelho da prosperidade baseia-se quase exclusivamente nessas quatro passagens da Bíblia e em testemunhos pessoais, lendas urbanas evangélicas (histórias contadas por pessoas religiosas sem prova) e filosofia do Novo Pensamento (que será explicada na próxima seção). Digo “quase”, porque pode haver uma dúvida real de que as Escrituras ensinam que Deus idealmente deseja a pobreza e a doença. Mas temos de reconhecer uma distinção entre a “vontade antecedente” ou ideal de Deus, o que Deus deseja, e a “vontade consequente” ou permissiva de Deus, o que Deus permite por causa da condição pecaminosa da humanidade. Muitos textos bíblicos apontam que a vontade de Deus para as pessoas é que experimentem a “vida com abundância”, mas atualmente é algo espiritual (pecados perdoados, relacionamento correto com Ele) ou escatológico, o que será o caso no futuro Reino de Deus. Os crentes no evangelho da prosperidade interpretam esse tema bíblico fisicamente e já (em oposição a “ainda não”).

No geral, as Escrituras não revelam que Deus garante ou sempre deseja a saúde física e a prosperidade financeira para as pessoas mais piedosas. Um exemplo é o apóstolo Paulo, que confessou que tinha um “espinho na carne [corpo]” que Deus recusou-se a remover, mesmo que ele orasse para que fosse removido (2 Co 12.1-10). Ele até considerou que isso era de Deus. Os promotores do evangelho da prosperidade dizem que o espinho na carne de Paulo não era uma doença física, mas algo como a perseguição ou rebelião contra o seu ministério levantada por alguns de seus convertidos. Isso não é exegeticamente provável. Muitos estudiosos acreditam que Paulo sofria de problemas de visão com base em sua necessidade de um amanuense (secretário ou escriba). Muitos dos profetas e instrumentos humanos mais fiéis de Deus (nos tempos bíblicos e depois) tinham grande sofrimento físico e pobreza.

Uma passagem bíblica que alguns crentes do evangelho da prosperidade afirmam como apoio é Tiago 5.13-15, no qual o autor (possivelmente o irmão de Jesus) orienta os cristãos que chamem os “presbíteros” para ungir o enfermo

com óleo e orar por ele, prometendo, assim, que o Senhor “curará o doente” (NVI). O texto não diz nada sobre “reivindicar” saúde ou prosperidade. Sequer menciona a fé do doente! É muito duvidoso que seja uma promessa incondicional. Se assim fosse, nenhuma pessoa que foi orada e ungida com óleo por presbíteros fiéis jamais morreria!

Porém, mais importante do que evidências bíblicas muito frágeis, se é que existem, do evangelho da prosperidade é a ênfase bíblica na “vida abundante” como liberdade do evangelho: ser liberto da culpa, e da escravidão ao pecado e da Lei pela graça de Deus. O evangelho não diz respeito à saúde física e prosperidade financeira; diz respeito à misericórdia de Deus, perdão e transformação interior segundo à semelhança de Jesus Cristo. O fato de Deus, às vezes, curar as pessoas em resposta à oração (ou unilateralmente por compaixão) não faz parte do evangelho. É um presente de Deus. Importar esse quesito ou a prosperidade financeira para o evangelho é mudar o foco do evangelho, afastando-o de Deus e colocando-o no ser humano. Além disso, levanta dúvidas quanto ao perdão de pecados dado por Deus, quando a cura física ou a prosperidade financeira não ocorre em resposta à verdadeira fé.

Certa vez, conheci um ministro pentecostal que sofria muito de uma doença sanguínea relacionada à coagulação que lhe ameaçava a vida. Ele teve várias embolias que foram para os pulmões e tiveram de ser removidas em cirurgias de emergência. Ele orou fervorosamente e com fé para que fosse curado por Deus. Sua família, sua congregação e um amplo círculo de amigos oraram pela cura, “reivindicando-a” como a promessa de Deus (como eles criam). Toda a denominação orou por ele. Quando não foi curado, começou a duvidar de sua salvação. É o resultado lógico de tornar a cura física ou a prosperidade financeira parte do evangelho.

Minha mãe, esposa de ministro pentecostal e forte crente na cura física por meio da oração, morreu sozinha no hospital aos 32 anos, porque meu pai e nossa igreja e denominação acreditavam que ela seria curada e, por causa disso, ignoraram os sinais de sua morte iminente. Ela iria receber orações de um evangelista “curador pela fé” mundialmente famoso na semana seguinte. Minha família e igreja acreditavam tão fortemente que ela seria curada, a ponto de não permanecerem ao lado de sua cama enquanto sua saúde declinava.

Como discutirei na próxima seção, a “cura na expiação” é uma doutrina pentecostal que se encontra nos fundamentos do evangelho da prosperidade,

especialmente seus defensores pentecostais e neopentecostais. Fui criado para crer que, assim como a morte de Cristo na cruz garante a salvação para os que se arrependem e crerem (confiarem somente em Cristo), sua morte na cruz garante a cura física para todos os que têm fé para serem curados. Foi o que abriu as portas para o evangelho da prosperidade quando decolou na década de 1970 por intermédio de certos “ministérios” pentecostais. Já no início de minha educação teológica, vi o perigo nisso, como acima mencionado. Se a promessa de Deus de perdoar em resposta à fé é incondicional e assim é a promessa de Deus de curar, então alguém que permanece doente, apesar da fé e da oração, também pode não ser salvo. Nenhum pentecostal (ou outro grupo que acredita na cura divina pela oração) diz isso, mas a lógica é inexorável. Tenho certeza de que o ministro pentecostal do episódio acima não foi o primeiro ou o único a duvidar da salvação, por não ter sido curado. (Ele morreu da doença, duvidando da salvação.)

Outra razão pela qual o evangelho da prosperidade é heresia é porque trata Deus como uma “máquina de venda automática”, e não como o santo e soberano Senhor de todos. Segundo os pregadores e mestres do evangelho da prosperidade, Deus é obrigado a curar e dar prosperidade financeira para os que se aproximam dEle com fé — com o que querem dizer “declare e reivindique”. Um estudante que era crente apaixonado no evangelho da prosperidade disse-me que ele “confronta Deus com suas promessas” quando precisa de cura ou dinheiro. Essa visão de Deus, que Deus tem de curar e prosperar, é comum entre os evangelistas do evangelho da prosperidade. Eles ensinam seus seguidores a serem curados e terem prosperidade ao confrontar Deus com suas promessas e por meio da verdadeira fé, com o que querem dizer agir como se a promessa já estivesse cumprida. Conheci pessoalmente crentes do evangelho da prosperidade que jogaram fora óculos, muletas e remédios de urgente necessidade. Outros compraram carros caros acima do que podiam pagar. A fé verdadeira, criam eles, é incompatível com estar sujeito a viver uma vida na condição de doente ou pobre. A “lei da atração” incentiva isso; o bem-estar físico e a prosperidade financeira são “atraídos” para a pessoa que age como se isso já estivesse em sua posse. É difícil encontrar o conceito explicitamente ensinado nos escritos do evangelho da prosperidade, mas muitos crentes do evangelho da prosperidade já ouviram o ensino em suas igrejas e pelos televangelistas.

Tudo isso é tratar Deus como uma “máquina de venda automática”, na qual a pessoa deposita sua “verdadeira fé” e da qual deve advir bem-estar físico e prosperidade financeira. Em vez disso, o Deus da Bíblia é soberano e não pode

ser manipulado. Alguns hebreus pensavam que Deus tinha de abençoá-los porque eram o seu “povo escolhido”. Interpretaram as promessas de bênção de Deus de forma incondicional. Os profetas criticaram a atitude, assim como Jesus. Os livros de 1 Samuel 15.22 e Oseias 6.6 relatam Deus dizendo que Ele deseja “misericórdia” mais do que “sacrifício”. Deus não abençoou e fez seu povo prosperar quando lhe desobedeceram pela idolatria, ou indiferença espiritual, ou opressão dos pobres entre eles. Todas as promessas de Deus são condicionais, e Ele permanece livre. Deus não pode ser manipulado para fazer qualquer coisa. Pensar que Ele pode é banalizá-lo e colocá-lo à mercê das criaturas. Trata-se de uma visão pobre e triste de Deus.

Outro motivo pelo qual o evangelho da prosperidade é heresia é que ele oferece falsas esperanças para as pessoas desesperadas. O fato claro é que os seguidores do evangelho da prosperidade morrem na mesma proporção de que as outras pessoas — uma morte por pessoa. Até os fundadores e líderes dos movimentos (a versão pentecostal e a versão da Nova Era) morreram. Todos morreram de alguma doença, quer seus seguidores assim o chamem, quer não. Quando o principal líder pentecostal do evangelho da prosperidade morreu na velhice, seus seguidores gabaram-se de que ele nunca estivera doente um dia sequer na vida — desde sua conversão e cura quando era adolescente. Os críticos naturalmente zombaram da afirmação e apontaram para o dia em que ele morreu! Mesmo que ele tivesse expirado sem dor, sua morte foi causada por alguma doença. O que estava escrito na certidão de óbito? “Morte sem motivo”? Não é provável. Um diagnóstico comum de morte na terceira idade é “choque cardiogênico”, que é o jargão médico para “insuficiência cardíaca”. Os seguidores do evangelho da prosperidade podem ter uma vida com mais saúde e ser mais prósperos financeiramente do que seus colegas que não são do evangelho da prosperidade. Não conheço nenhum estudo que comprove que assim é ou não. Contudo, estudos mostram que ter uma atitude positiva afeta o bem-estar físico e a prosperidade financeira até certo ponto. Mas, por si só, não cura o câncer, não adia a morte indefinidamente e nem paga carros caros comprados a crédito, sem renda suficiente para quitar.

O evangelho da prosperidade é extremamente popular entre os segmentos mais pobres da sociedade. É compreensível. E é compreensível quando uma pessoa com doença terminal volta-se para o evangelho da prosperidade em busca de esperança. O problema é que ele não cumpre o que promete. O outdoor que vi perto de minha casa que promovia uma igreja do evangelho da prosperidade, dizendo: “Sempre rico, nunca pobre. Sempre saudável, nunca doente: Com

certeza!” é uma promessa falsa. A Bíblia não faz essa promessa, e as pessoas que creem nela sempre são decepcionadas. É cruel oferecer falsas esperanças para as pessoas, e é exatamente isso o que o evangelho da prosperidade faz.

Mais outra razão pela qual o evangelho da prosperidade é heresia está estreitamente relacionada ao precedente: o evangelho da prosperidade necessária e logicamente culpa as vítimas de doenças e pobreza por suas condições. A maioria dos pregadores e mestres do evangelho da prosperidade não o diria tão descaradamente quanto o televangelista que proclamou: “Você não pode ser testemunha de Jesus sentado em uma cadeira de rodas”, mas é o que está logicamente implícito no próprio sistema de crenças. Se a cura física é garantida por Deus em resposta à fé verdadeira, então a pessoa que não é curada não deve estar exercitando a fé verdadeira. Se a prosperidade financeira é garantida por Deus em resposta à fé verdadeira, então a pessoa que está na pobreza não deve estar exercitando a fé verdadeira. A lógica é rígida, mesmo que os promotores do evangelho da prosperidade tenham relutância em segui-la. Portanto, o que os mestres do evangelho da prosperidade dizem quando os seguidores cheios de fé não são curados ou não saíram da pobreza? Geralmente, essas pessoas são incentivados a “perseverar na fé” e a “reivindicar” até que a saúde ou a bênção financeira apareça. Depois de um tempo, algo mais deve ser dito, sobretudo quando o crente no evangelho da prosperidade que continua na doença ou na pobreza demonstra ter uma fé forte e verdadeira “declarando e reivindicando” a bênção. Então, o promotor do evangelho da prosperidade culpa a família, os amigos e/ou a comunidade de fé da pessoa em sofrimento. Alguém além de Deus deve ser responsável. Alguns pentecostais culparão Satanás e até encorajarão que sejam ditas declarações contra ele, como, por exemplo, “Satanás, tire suas mãos dessa pessoa que sofre!”. (Certa vez, como já dito, ensinei em uma universidade cristã onde muitos que palestraram na capela eram promotores do evangelho da prosperidade e ouvi-os falar mais com Satanás do que com Deus!) Seja qual for o esquivo que usem para aliviar o sofrimento da culpa, a lógica do evangelho da prosperidade faz com que a culpa recaia forçosamente na pessoa que sofre. Ela acabará concluindo que o sofrimento é devido à falta de fé verdadeira.

Por fim, o evangelho da prosperidade é heresia porque trata a oração como magia e a fé como presunção. São pontos intimamente relacionados com o anterior concernente a Deus ser soberano. É absolutamente essencial reconhecer a diferença entre oração e magia. Aqui, “magia” não significa “truques de salão” ou o que os mágicos famosos realizam para o público. Uso “magia” aqui em

sentido mais técnico, como qualquer técnica para manipular a realidade por meios paranormais. Magia, nesse sentido, não é oração. Oração é pedir a Deus que faça algo. A oração reconhece a soberania de Deus ao lado do poder de Deus. Não tenta “manipular” Deus e, assim que “manipula”, torna-se magia e não oração.

A “lei da atração”, quando posta em prática, é uma forma de magia. Baseia-se na ideia de que, por exemplo, agir de maneira adequada ou próspera atrairá automaticamente bem-estar ou prosperidade à pessoa. Muitos gurus de autoajuda e seminários “motivacionais para o sucesso” ensinam alguma forma disso. Pode até ajudar, mas não é oração. Muitas pessoas da Nova Era chamam de “oração” suas práticas de meditação quando não incluem a crença em um Deus pessoal. É mau uso da palavra oração. As práticas de meditação são, na verdade, formas de magia. Podem ajudar, mas não são oração. “Declare e reivindique” é magia, mesmo que seja rotulado de oração. É a tentativa de ganhar poder sobre Deus, de forçá-lo a cumprir suas supostas promessas. Tenta manipular Deus. A oração que termina com “seja feita a tua vontade” nunca está errada, e, no entanto, muitos mestres do evangelho da prosperidade desencorajam a prática. Dizem que terminar a oração dessa maneira enfraquece a força que ela tem. Isso prova que sua ideia de oração é transformar a oração em magia. Qualquer tentativa de obter poder sobre Deus é quase, por definição, heresia, senão blasfêmia.

Alguém pode estar se perguntando sobre algumas orações na Bíblia. Moisés, por exemplo, não lutou com o Senhor em oração, argumentando sobre o povo hebreu e o que Deus planejava fazer por causa da idolatria deles? Sim, mas, ao longo de todo o processo, Moisés reconheceu a autoridade, a liberdade e a soberania de Deus. Ele nunca questionou o direito de Deus de fazer o que considerava adequado e nunca tentou manipulá-lo. Argumentar com Deus não é errado; não constitui magia. A linha entre a oração e a magia é cruzada assim que alguém tenta forçar a mão de Deus por meio de palavras manipuladoras que supostamente induzem Deus a fazer alguma coisa. Assim, Deus está sendo tratado como uma força ou poder impessoal, que é como a magia concebe a realidade última.

Outra distinção muito importante é entre fé e presunção. Fé é essencialmente confiança; presunção é essencialmente desconfiança. Em seu sentido bíblico, fé em Deus é confiar nEle para ser bom e sábio. A presunção é sempre evidência de desconfiança na bondade de alguém. Presumir em um relacionamento é ultrapassar um limite e impor a própria vontade, porque não confia na boa

vontade ou sabedoria da outra pessoa. “É sempre mais fácil obter perdão do que permissão”, por exemplo, é um ditado comum que expressa e justifica a presunção. Agir de acordo com esse princípio em uma rede de relacionamentos (família, organização, etc.) é agir presunçosamente. É presumir que a própria vontade é mais importante do que a dos outros. É presumir que a própria sabedoria ou desejo supera a dos outros. A presunção é o oposto da fé. Mostrar fé em uma rede de relacionamentos (ou um relacionamento individual) é confiar na boa vontade e na sabedoria dos outros.

Às vezes, a presunção é melhor do que a fé, como quando alguém sabe que a outra pessoa não tem boa vontade ou sabedoria e compreende que o seu próprio curso de ação é melhor do que o que o outro permitiria. No entanto, em relação a Deus, a presunção é sempre um insulto à sua bondade e à sua sabedoria. Nesse relacionamento, a fé como confiança é sempre apropriada, e a presunção é sempre inapropriada por causa de quem Deus é. Pedir a Deus algo como cura ou prosperidade com fé é reconhecer que a sabedoria de Deus é maior, além de deixar espaço para Ele dizer “não” (como no caso do apóstolo Paulo em relação ao espinho na carne e no caso de Jesus quando orava no jardim do Getsêmani). A presunção aparece assim que alguém trata a oração como meio de manipular Deus. Aparece sempre que a oração deixa para trás a confiança em Deus e tenta fazer com que Ele faça alguma coisa. A presunção também aparece quando alguém age, de certa maneira, a “atrair” o poder de Deus. Então, a presunção e a magia fundem-se.

A evidência de que o evangelho da prosperidade é heresia, no sentido descrito no início do capítulo anterior, é esmagadora. Claro que existem crenças e ensinamentos sobre saúde e riqueza que não são heréticos. A Bíblia encoraja, ou pelo menos não proíbe, desejar o bem-estar e pedir a Deus por isso. Há fortes evidências de que Deus deseja que seu povo esteja bem, mas isso está muito longe de crer que Deus deve fornecer saúde e riqueza a todos que têm fé para isso. Os fatores que tornam o evangelho da prosperidade heresia são foco e ênfase. As pessoas costumam dizer para mim: “Mas há verdade nisso”. O que querem falar é que o pensamento positivo e a oração pelo bem-estar são bons. Acontece que o evangelho da prosperidade vai muito além do pensamento positivo corriqueiro e da oração fiel. Ele cruza a linha entre a ortodoxia bíblica e a heresia sempre que coloca a saúde e a riqueza no centro do evangelho e da vida cristã, tratando Deus como objeto de manipulação, pois trata a oração como magia e incentiva a presunção (por exemplo, jogar fora os tão necessários remédios) ou implica que os doentes ou pobres são os culpados por suas condições.

A História do Evangelho da Prosperidade

De onde veio o evangelho da prosperidade? Como chegou a tal importância de modo que muitos dos televangelistas, senão sua maioria, promovem-no? Por que as prateleiras de algumas livrarias cristãs e até seculares estão cheias de livros que promovem alguma versão desse evangelho? Por que igrejas inteiras dedicam-se a ele?

Não há respostas simples e fáceis para as perguntas. No entanto, podemos estudar e entender a gênese do evangelho da prosperidade e remontar seu desenvolvimento na vida religiosa americana. Previsivelmente, suas origens estão às margens da religião americana — em certos cultos e novas seitas religiosas que apareceram no século XIX e no início do século XX.

A partir de meados do século XIX, um filósofo da Nova Inglaterra chamado Phineas Parkhurst Quimby (m. 1866) começou a ensinar que o pensamento positivo poderia curar as pessoas de praticamente qualquer doença. Ensinou que o poder de Deus residia no indivíduo pela fé, que ele tratava como pensamento positivo. Tornou-se o primeiro “praticante” do que mais tarde passou a ser conhecido como “Novo Pensamento”, que é uma filosofia americana quase religiosa de “a mente sobre a matéria”. Segundo Quimby e os seus seguidores, a mente humana é capaz de explorar o poder infinito de Deus por intermédio do pensamento positivo. Um de seus “pacientes” mais famosos foi Mary Baker Eddy, fundadora da Igreja de Cristo, Cientista (“Ciência Cristã”). Eddy cria que fora curada de uma doença terrível por intermédio da terapia de Quimby, que tinha a ver com o pensamento positivo.

Eddy, que morreu em 1910, fundou sua igreja em Boston e ainda é a igreja mãe de todo o movimento da Ciência Cristã em todo o mundo. Ela escreveu um comentário sobre a Bíblia intitulado *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, que expressa sua interpretação do cristianismo baseada em Quimby e focada na cura física. Para ela e seus seguidores, a matéria é ilusão; logo, a doença e a morte não são reais. “Não há pecado, doença ou morte” é um enunciado comum da Ciência Cristã. O pecado, a doença e a morte acontecem, mas o seu acontecimento é ilusão. Se a mente for capaz de negá-los com força

suficiente, eles não terão realidade ou poder. A negação do pecado, da doença e da morte é “fé”, e o pensamento positivo que se afasta da ilusão dessas coisas e vai em direção à perfeita conscientização de Deus, que é “Tudo”, a Mente do Universo, o único ser que realmente existe, é “oração”.

A Ciência Cristã tornou-se muito popular no final do século XIX e permaneceu assim durante grande parte do século XX. Sua popularidade declinou no final do século XX, apesar de ainda existir como denominação. Muitos cristãos conservadores chamam-na de “seita”, mas não no sentido em que a mídia popular entende. A maioria dos cientistas cristãos é caucasiana de classe média e idosa. Muitos deles são altamente educados.

A Ciência Cristã não é a forma mais influente de Novo Pensamento. Embora seja menor em número de membros, a Escola Unidade do Cristianismo (ou simplesmente Unidade) surgiu na mesma época que a Ciência Cristã e ganhou muitos seguidores. Muitas pessoas influenciadas pela Unidade nunca fizeram parte de uma igreja ou comunidade da Unidade, mas existe pelo menos uma em praticamente todas as cidades dos Estados Unidos.

A Unidade foi fundada em fins do século XIX por dois crentes e praticantes do Novo Pensamento chamados Charles e Myrtle Fillmore. Como Mary Baker Eddy, eles combinaram a filosofia do Novo Pensamento de Quimby e a terapia de cura com o cristianismo. Ao contrário de Eddy e da Ciência Cristã, eles não negaram a realidade da matéria ou do pecado, doença e morte, mas criam fortemente na mente sobre a matéria e acrescentaram a prosperidade financeira à ênfase da Ciência Cristã na cura. Ao longo das décadas, a Unidade transformou-se em uma espécie de movimento do pensamento positivo transdenominacional, embora tenha igrejas sem membros exclusivos. (As pessoas podem ser membros de outras igrejas — e costumam ser.) O casal Fillmore e a Unidade acrescentaram à ênfase da mente sobre a matéria do Novo Pensamento de Quimby e Eddy a prática de falar “declarações positivas”, que, segundo alegavam, atrairia saúde e prosperidade. Um exemplo de declaração da Unidade é “Deus é a minha fonte; eu reivindico um bem abundante”. Tais declarações são impressas em cartões e mantidas em uma caixa na mesa da cozinha ou da sala de jantar das pessoas da Unidade, muito semelhante às “caixinhas de promessa” dos evangélicos protestantes, que eram comuns nos lares cristãos do passado. No entanto, as “caixinhas de promessa” cristãs continham versículos bíblicos; as declarações de Unidade são declarações positivas que, quando repetidas com fé, “atraem” saúde e prosperidade. São uma forma de magia (embora as pessoas da

Unidade não as chamem assim).

Muitas igrejas e comunidades da Unidade tornaram-se refúgio para os cristãos influenciados pelo Movimento da Nova Era nas décadas de 1970 e 1980. Trouxeram consigo a crença na reencarnação, que a Unidade permite. O Movimento da Nova Era foi um grande estímulo para o crescimento da Unidade. A ideia que a Unidade faz de Deus não é ortodoxa. Para a Unidade, Deus é a “Mente” do Universo, presente em todos os seres cujo poder para o bem é infinito e sempre disponível a pensamentos e palavras positivas. Se Deus é pessoal na teologia da Unidade, é ponto discutível. Certamente, Deus não é a Trindade ortodoxa de Pai, Filho e Espírito Santo. Para a Unidade e outros grupos do Novo Pensamento, Jesus é o mestre e praticante supremo da fé e oração — interpretado como pensamento e declaração positivos.

O Novo Pensamento é a fonte básica do que chamei anteriormente de versão da Nova Era do evangelho da prosperidade. É não pentecostal e menos conhecido do que o evangelho da prosperidade pentecostal e carismático, porque este é representado por muitos ou pela maioria dos televangelistas.

O “guru” do evangelho da prosperidade pentecostal era o evangelista curador E. W. Kenyon (m. 1948). Kenyon esteve profundamente envolvido no “movimento de cura divina” de fins do século XIX e princípios do século XX entre os cristãos evangélicos. Começando em meados do século XIX e crescendo ao longo do século seguinte, houve uma infinidade de evangelistas pentecostais e da “Santidade” (ramificações avivalistas do metodismo) que oravam pelos enfermos e criam em milagres de cura física. Entre os mais notáveis, estavam A. B. Simpson, fundador da denominação Comunidade Mundial da Aliança; Aimee Semple McPherson, fundadora da Igreja Pentecostal do Evangelho Quadrangular; William Branham, Oral Roberts, T. L. Osborn e Kathryn Kuhlman. Esses evangelistas de cura eram, em geral, cristãos ortodoxos que criam que a cura física foi fornecida na expiação de Cristo e que Deus queria e curaria quando as pessoas orassem pela cura com fé. Todos também reivindicavam (ou seus seguidores reivindicaram por eles) possuir os “dons de curar” mencionados em 1 Coríntios 12. Milhares, talvez milhões de pessoas doentes e seus entes queridos reuniram-se em “cruzadas de cura” mantidas em tendas e auditórios. Oral Roberts fundou uma universidade cristã com um hospital, onde tentou “fundir a oração e a medicina”.

Kenyon cria que havia alguma verdade no Novo Pensamento e tentou uni-lo ao

ministério de cura da Santidade-Pentecostal. Seus numerosos livros contêm elementos do Novo Pensamento, mas sua teologia geral era ortodoxa. Cria na Trindade e na divindade única de Cristo. Contudo, popularizou entre os crentes da Santidade-Pentecostal a ideia do Novo Pensamento de que a verdadeira fé deve ser falada e que falar a cura e a prosperidade poderia criá-las. A mensagem de Kenyon não teve muito sucesso entre as massas, mas apresentou aos evangelistas de cura a mensagem da Unidade e do Novo Pensamento, e muitos deles absorveram aspectos do Novo Pensamento em seus ensinamentos sobre oração e prosperidade.

A pessoa que realmente lançou o movimento do evangelho da prosperidade pentecostal, também conhecido como Movimento Palavra de Fé, foi Kenneth Hagin (m. 2003), que fundou o Instituto Bíblico Rhema, que cresceu recebendo milhares de estudantes em Tulsa, Oklahoma. Por meio dele, de seu ministério e dos ministérios de Oral Roberts e T. L. Osborn, Tulsa tornou-se a sede do evangelho da prosperidade pentecostal.

Hagin começou como ministro e evangelista das Assembleias de Deus. (As Assembleias de Deus são uma grande denominação pentecostal “predominante” que repudiou o evangelho da prosperidade.) Mais tarde, ele adotou a mistura teológica que Kenyon fez entre a cura divina pentecostal e o Novo Pensamento e iniciou o Movimento Palavra de Fé. O Movimento Palavra de Fé é quase sinônimo de Hagin e seus seguidores. Alguns críticos afirmaram que Hagin plagiou de Kenyon alguns dos escritos sobre fé, saúde e prosperidade, especialmente a ênfase em declarar a Palavra de Fé. O próprio Hagin negou a crítica e atribuiu as semelhanças à inspiração e descoberta comuns. Não há dúvida de que as teologias de Kenyon e Hagin são muito semelhantes.

Hagin ensinou (e seu filho e sucessor ensina) que Deus deseja que cada um de seu povo, os cristãos, viva em perfeita saúde e prosperidade financeira. O caminho para ter essas bênçãos são as palavras de fé positivas, declarando-as para trazê-las à existência. É o que muitos de seus seguidores praticam, vivendo como se já fossem saudáveis e prósperos, o que implica a lei da atração.

Talvez mais conhecido que Hagin seja seu seguidor (também seguidor de Oral Roberts) Kenneth Copeland, que, junto com sua esposa Gloria, apresenta um programa de televisão, escreve livros sobre a mensagem da Palavra de Fé de cura e prosperidade financeira e fala em grandes conferências. Hagin, Copeland e os numerosos evangelistas pentecostais inspirados por eles atraem milhões de

pessoas em todo o mundo para o evangelho da prosperidade e para o Movimento Palavra de Fé.

Durante a última década do século XX e as primeiras décadas do século XXI, um novo promotor de uma versão moderada do evangelho da prosperidade apareceu em cena e é o mais famoso de todos: Joel Osteen, pastor da Igreja de Lakewood, em Houston, Texas, a maior igreja protestante nos Estados Unidos. Osteen sucedeu seu pai como pastor da Igreja Pentecostal de Lakewood e construiu-a para ser a sede de todas as megaigrejas. Seus sermões são televisionados; ele é convidado frequente em programas de entrevistas seculares, e seu rosto é familiar para quase todos os americanos. Seus livros são numerosos e bem anunciados. Muitos deles são best-sellers, até para leitores não cristãos. O evangelho que Osteen prega e promove é de bem-estar e sucesso pessoal, incluindo a saúde física por intermédio do pensamento positivo. A tensão do Novo Pensamento é notável em suas mensagens, embora sua teologia seja ortodoxa pelos padrões cristãos históricos. Os críticos dizem que o problema é a ênfase que ele coloca no sucesso e bem-estar pessoal por intermédio do pensamento e confissão positivos à custa do autossacrifício, sofrimento por Cristo (e com os doentes e os pobres) e crescimento em santidade.

Não é exagero dizer que o Novo Pensamento é uma filosofia quase religiosa distintamente americana que se impregnou na cultura americana. Sua influência pode ser vista em toda parte. É otimista e prático, duas características que são notavelmente americanas. O pentecostalismo também é um movimento espiritual distintamente americano. O que une os dois é a ênfase comum na fé e na cura. Contudo, o pentecostalismo histórico não interpretou a fé como magia; a versão Palavra de Fé do pentecostalismo pelo menos flerta com ele, e isso vem de seu encontro com o Novo Pensamento em Kenyon. A maioria das principais denominações pentecostais critica o Movimento Palavra de Fé e o evangelho da prosperidade. Entretanto, ambos têm-se infiltrado até onde não são bem-vindos. Numerosas igrejas pentecostais têm-se dividido e se separado quanto à questão do evangelho da prosperidade, gerando novas igrejas independentes da Palavra de Fé.

Respondendo ao Evangelho da Prosperidade

“Eu estava lá.” É um ditado comum entre pessoas que vivem o suficiente para olhar para trás no início de um movimento e descrever seu nascimento e crescimento. Eu estava lá quando o evangelho da prosperidade e o Movimento Palavra de Fé estavam rapidamente se espalhando entre os pentecostais e os carismáticos na década de 1970. Na verdade, eu estava lá antes disso. Quando eu era jovem estudante da Bíblia, ouvia muitas vezes Kenneth Hagin no rádio. O seu programa “Seminário de Fé pelo Rádio” era, no mínimo, fascinante. Durante meus anos no seminário bíblico (1975-1978), servi na equipe pastoral de uma igreja pentecostal independente que se debatia com o evangelho da prosperidade e o Movimento Palavra de Fé. Vários seguidores de Hagin, Copeland e outros evangelistas do Movimento Palavra de Fé tentaram inserir o evangelho da prosperidade na igreja por meio de aulas na Escola Dominical para adultos e grupos domésticos de estudo bíblico. Então, um formado pelo Instituto Bíblico Rhema do Movimento Palavra de Fé chegou à cidade e fundou uma igreja do Movimento Palavra de Fé. Muitas pessoas da nossa igreja que estavam fascinadas com o evangelho da prosperidade foram para lá. Depois de estudar Teologia na Alemanha (1982), assumi a posição de professor de Teologia na Universidade Oral Roberts, escola neopentecostal ecumênica de artes e ciências e pós-graduação. Durante os dois anos em que lá lecionei, lutei constantemente contra o evangelho da prosperidade em minhas aulas, assim como a maioria dos professores. Os que palestravam na capela costumavam promovê-lo, e o fundador-presidente e seu filho viam-no com bons olhos o tempo todo. Saí exatamente quando ingressaram em uma nova igreja do Movimento Palavra de Fé. (O próprio Oral criou-se pentecostal e conquistou a reputação de evangelista com dons de curar, mas, cerca de uma década antes de eu chegar à universidade, ele era metodista.)

Provavelmente, nunca me fizeram uma pergunta com mais frequência do que como lidar com o evangelho da prosperidade. Durante meus 32 anos em que lecionei em três universidades cristãs, encontrei inúmeros estudantes e membros de igreja tocados pelo evangelho da prosperidade que queriam meu conselho. Meu conselho sempre foi que fugissem disso para o mais longe e o mais rápido possível. Superficialmente, parece bom, mas por baixo é pernicioso. Tendo em vista que muitos de seus promotores e praticantes são verdadeiros cristãos “nascidos de novo” e que amam Jesus, as pessoas relutam em crer que a mensagem em si é perigosa ou seriamente errada.

Os pastores e líderes leigos de igrejas cristãs precisam tomar posição firme contra o evangelho da prosperidade em todas as suas formas, sem desperdiçar a

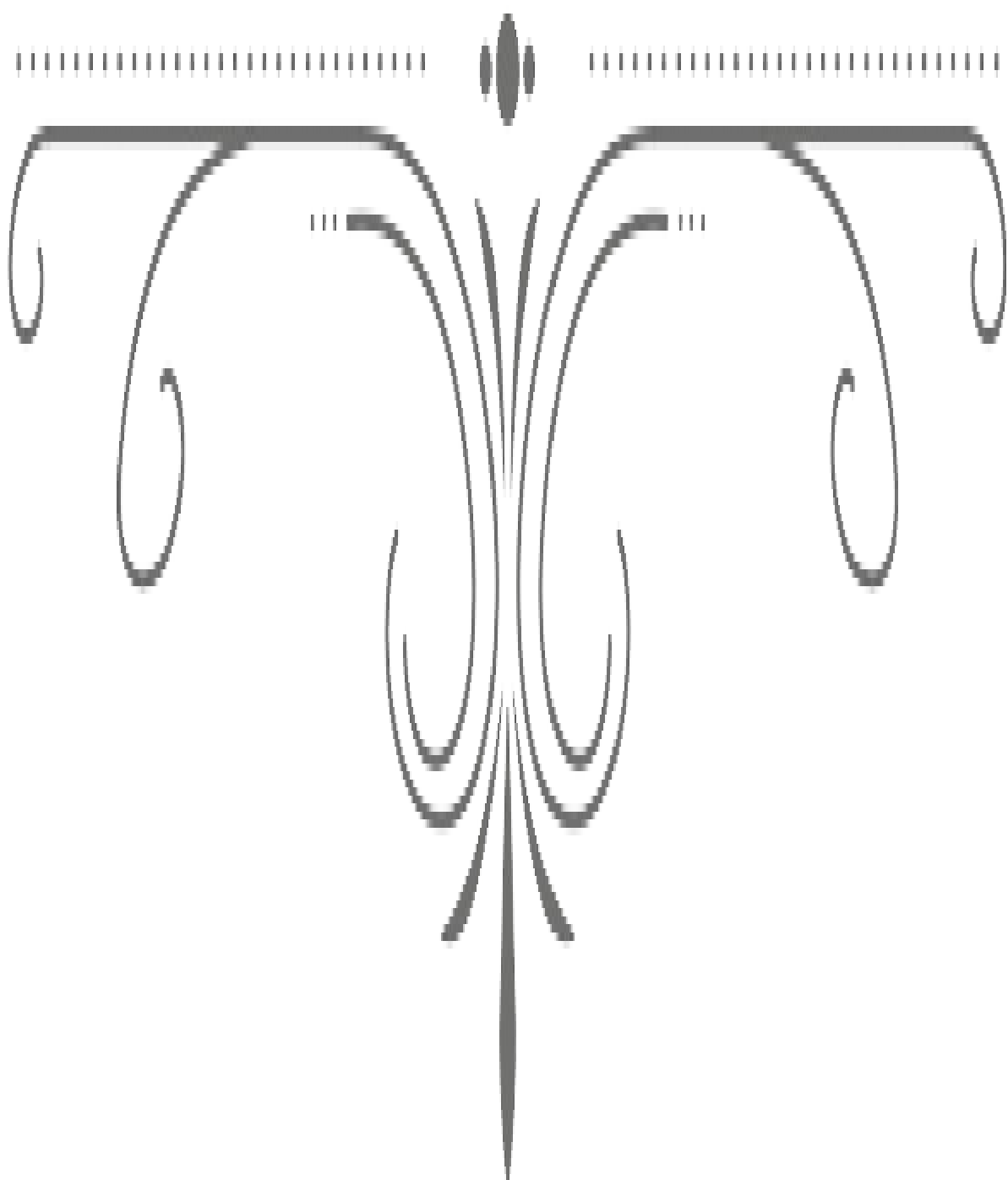
vontade benevolente de Deus, até pela cura física, por causa da ênfase distorcida e da magia e presunção. A reação exagerada é desnecessária. É verdade que Deus quer curar os doentes e não quer que as pessoas passem fome ou vivam na pobreza desumana. Muitas igrejas precisam descobrir ou redescobrir essa verdade. A oração pelos enfermos é bíblica, mas a “fé” presunçosa é fé falsificada. É necessário haver a forte ênfase na soberania de Deus em resposta ao evangelho da prosperidade, ao Movimento Palavra de Fé e ao Novo Pensamento.

Deixando mais Claro

1. Leia, estude e comente Jeremias 29.11, Malaquias 3.10, João 10.10 e 2 Coríntios 12.1-10. Que tipo de vida Deus quer que tenhamos? Qual é a diferença entre paz, saúde e bem-estar físico e econômico?
2. Descreva a distinção entre pedir e exigir ou reivindicar algo de Deus. Em sua experiência, Deus é uma espécie de “máquina de venda automática”?
3. Por que algumas pessoas acham o evangelho da prosperidade tão atraente? Como o evangelho da prosperidade rouba das pessoas a esperança? Por que o evangelho da prosperidade é popular em outras partes do mundo?
4. Talvez você já tenha ouvido pessoas dizerem: “Declare e reivindique”. Como você pode reagir quando o seu desejo não é atendido por Deus?
5. Ter uma atitude positiva é uma coisa boa, porém coisas ruins acontecem apesar e, às vezes, por causa da fé da pessoa. Como o evangelho da prosperidade oferece falsas esperanças? Você pode ser uma testemunha cristã sentado em uma

cadeira de rodas? Você conhece algumas pessoas que são testemunhas apesar ou mesmo por causa de suas doenças ou deficiências?

Notas



2. Entendendo a Ortodoxia

¹. Irenaeus, “Irenaeus against Heresies” 1.10, in *The Ante-Nicene Fathers: The Apostolic Fathers with Justin Martyr and Irenaeus*, ed. Alexander Roberts e James Donaldson (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985), vol. 1, p. 330, 331. [Edição brasileira: Irineu de Lyon, *Contra as Heresias*.]

². Tertullian, “On Prescription against Heretics” 2.13, in *The Ante-Nicene Fathers: Latin Christianity: Its Founder, Tertullian*, ed. Alexander Roberts e James Donaldson (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986), v. 3, p. 249. [Edição brasileira: Tertuliano, *Contra Heresias*.]

³. Há leitores que desejam saber a suposta diferença entre a teologia católica romana e a teologia protestante relacionadas à salvação. A teologia católica ensina a crença ortodoxa de que a salvação é unicamente pela graça de Deus. A graça de Deus é a única causa eficiente da salvação. As “obras de amor” são, com a fé, necessárias como “causa instrumental” da salvação. Os reformadores protestantes pensaram que isso tendia a minar a salvação somente pela graça, de modo que cunharam a frase “salvação somente pela graça, somente pela fé”. A Igreja Católica aceita a parte “somente pela graça”, mas rejeita a parte “somente pela fé”. Para os católicos, a salvação é somente pela graça, por meio da fé ativada nas obras de amor. Mas os protestantes também creem que a graça salvadora sempre produz obras de amor. Durante as últimas décadas do século XX e primeira década do século XXI, muitos líderes católicos e protestantes tomaram medidas para superar essa parte da divisão entre católicos e protestantes, argumentando que é uma diferença semântica. Contudo, enquanto os católicos continuarem a falar sobre o “mérito” associado às boas obras, alguns protestantes evitarão crer que eles querem dizer que a salvação é “somente pela graça”. No entanto, os católicos insistem que até o mérito é um produto da graça, não somente do esforço humano.

⁴. G. E. Lessing, “On the Proof of the Spirit and Power”, *Lessing’s Theological Writings*, ed. Henry Chadwick (Stanford, CA: Stanford University Press, 1956), pp. 51-56.

⁵. John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, livro 1, trans. Ford Lewis

Battles, ed. John T. McNeill (Philadelphia, PA: Westminster Press, 1960), p. 74. [Edição brasileira: João Calvino, Institutas da Religião Cristã, Livro 1.]

⁶. Citado em Lawrence A. Hoffman, *The Art of Public Prayer: Not for Clergy Alone* (Skylight Paths Publishing, 1999), p. 31.

3. O Pai de todas as Heresias: o Gnosticismo

¹. Essa história sobre João, contada por Policarpo, foi relatada por Irineu, discípulo de Policarpo e bispo de Lyon, em “Irenaeus against Heresies” 3.3, in *The Ante-Nicene Fathers*, vol. 1, p. 416. [Edição brasileira: Irineu de Lyon, *Contra as Heresias*.]

². “Irenaeus against Heresies” 4.20, in *The Ante-Nicene Fathers*, vol. 1, p. 490. [Edição brasileira: Irineu de Lyon, *Contra as Heresias*.]

³. Albert E. Brumley, “I’ll Fly Away” (Hartford Music Company, 1932; Albert E. Brumley and Sons, 1960).

⁴. Helen H. Lemmel, “Turn your Eyes upon Jesus” (1922, Singspiration Music, 1950).

4. Causando Problemas para a Revelação Divina: o Montanismo e o Marcionismo

¹. Friedrich Schleiermacher, *The Christian Faith*, ed. H. R. Mackintosh e J. S. Stewart, Philadelphia, PA: Fortress Press, 1976, p. 608.

². Os cinco critérios foram publicados pela primeira vez em “Testing the New Prophets”, *Christianity Today* (14 de janeiro de 1991).

5. Duvidando da Divindade de Jesus Cristo: o Adocionismo, o Arianismo e o Nestorianismo

¹. Tecnicamente, o slogan era: “Houve um tempo em que o Filho não era”, mas claramente tinha o significado de que o Filho de Deus foi criado no tempo por Deus Pai.

². Gregory of Nazianzus, “To Cledonius the Priest against Apollinarius”, The Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series, ed. Philip Schaff e Henry Wace (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983), vol. 7, p. 440. [Edição brasileira: Gregório de Nazianzo, A Cledônio, o Sacerdote contra Apolinário.]

³. Carta do papa Leão I a Flaviano, bispo de Constantinopla (449).

⁴. The United Methodist Hymnal (Nashville: The United Methodist Publishing House, 1989), p. 14. [Edição brasileira: Hinário Metodista Unido.]

6. Contestando a Trindade: o Subordinacionismo, o Modalismo e o Triteísmo

¹. Veja Gary Kinkel, Our Dear Mother the Spirit: An Investigation of Count Zinzendorf’s Theology and Praxis (Lanham, MD: University Press of America, 1990), pp. 79-131.

7. Pondo de Lado a Graça: o Pelagianismo e o Semipelagianismo

¹. Alguns argumentam que Agostinho sempre creu no livre-arbítrio, mas veio a definir o livre-arbítrio como algo compatível com o determinismo. A questão é que ele negou a capacidade dos pecadores, mesmo sob a pressão da graça preveniente, de resistir ou aceitar a graça salvadora sem a graça eficaz de Deus. Em outras palavras, ele aceitou a graça irresistível e redefiniu o livre-arbítrio sob

essa luz. Para Agostinho, em seus escritos posteriores, o livre-arbítrio é fazer o que você quer e não ser capaz de fazer o contrário.

². Se John Wesley foi influenciado diretamente por Armínio é ponto discutível, mas ele deu o nome de sua revista de O Arminiano; então, claramente foi influenciado por Armínio, mesmo que apenas indiretamente.

³. Bruce R. McConkie, *Mormon Doctrine*, 2nd ed. (Salt Lake City, UT: Bookcraft, 1979), p. 671.

⁴. James E. Talmage, *A Study of the Articles of Faith*, 12th ed. (Salt Lake City, UT: 1971), p. 107. [Edição brasileira: James E. Talmage, *Um Estudo das Regras de Fé* (São Paulo: SUD, 1964).]

⁵. *Ibid.*, p. 404.

⁶. Veja também *ibid.*, p. 89.

8. Fazendo de Deus um Monstro: o Determinismo Divino

¹. “On Grace and Free Will”, in *The Nicene and Post-Nicene Fathers: St. Augustine: Anti-Pelagian Writings*, series 1, ed. Philip Schaff, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988), p. 41. [Edição brasileira: Agostinho de Hipona, *Graça e Livre-Arbítrio*.]

². *Ibid.*, p. 45.

³. Ulrich Zwingli, *On Providence and Other Essays*, ed. William John Hinke (Durham, NC: Labyrinth Press, 1983), p. 176.

⁴. *Ibid.*, p. 182.

⁵. *Ibid.*

⁶. *Ibid.*

⁷. *Ibid.*

⁸. Ibid., p. 176.

⁹. Ibid., pp. 186,187.

¹⁰. John Calvin, Calvin: Institutes of the Christian Religion, trans. Ford Lewis Battles, ed. John T. McNeill, vol. 1 (Louisville: Westminster John Knox, 1960), p. 229. [Edição brasileira: João Calvino, Institutas da Religião Cristã, Livro 1.]

¹¹. Ibid., p. 209.

¹². Ibid.

¹³. Ibid., p. 234.

¹⁴. Ibid., p. 235.

¹⁵. Jonathan Edwards, The Works of Jonathan Edwards, A.M., vol. 1 (Londres: William Ball, Paternoster Row, 1839), p. 106.

¹⁶. Jonathan Edwards, Sermons of Jonathan Edwards (Peabody MA: Hendrickson Publishers, 2005), p. 162. [Edição brasileira: Jonathan Edwards, Sermões de Jonathan Edwards (Joinville, SC: Clube dos Autores, 2014).]

¹⁷. Ibid.

¹⁸. Ibid., p. 164.

¹⁹. Edwards, The Works of Jonathan Edwards, p. 87.

²⁰. Ibid., p. 76.

²¹. R. C. Sproul, What Is Reformed Theology? Understanding the Basics (Grand Rapids: Baker Books, 1997), p. 121. [Edição brasileira: R. C. Sproul, O que É Teologia Reformada (São Paulo: Cultura Cristã, 2010).]

²². Ibid., p. 172.

²³. Ibid., p. 132.

²⁴. John Piper, “Why I Do not Say, ‘God Did not Cause the Calamity, but He Can Use It for Good’”, Desiring God, Setembro 17, 2001. Disponível em:

<<http://www.desiringgod.org/articles/why-i-do-not-say-god-did-not-cause-the-calamity-but-he-can-use-it-for-good>>.

²⁵. John Wesley, *The Works of the Reverend John Wesley, A. M.*, vol. 6 (Nova York: J. Emory and B. Waugh, 1831), p. 41.

9. Reduzindo Deus a um Tamanho Gerenciável: o Deísmo Terapêutico Moralista

¹. Citado em Kenda Creasy Dean, *Almost Christian: What the Faith of Our Teenagers Is Telling the American Church* (Oxford: Oxford University Press, 2010), p. 3. Com permissão da Oxford University Press, USA.

². *Ibid.*, p. 14.

³. *Ibid.*

⁴. *Ibid.*

⁵. Veja John Pindar Bland, *President Roosevelt and Paine's Defamers* (Boston, MA: Boston Investigation Co., 1903), p. 9.

⁶. *Ibid.*, p. 5.

⁷. *Ibid.*

⁸. Michael Card, "I Have Decided" (New Spring, 1982).

⁹. Mark Galli, *Jesus Mean and Wild: The Unexpected Love of an Untamable God*, prefácio de Eugene Peterson (Grand Rapids: Baker Books, 2006).

¹⁰. H. Richard Niebuhr, *The Kingdom of God in America* (Nova York, NY: Harper & Row, 1959), p. 193.

¹¹. Karl Barth, "Church Dogmatics", vol. 2, *The Doctrine of God* (Edinburgh: T&T Clark, 1957), 1:141. [Edição brasileira: Karl Barth, *Dogmática Eclesiástica* (São Paulo: Fonte, 2014).]